



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Virginia Gomes de Luca

**CARÁTER DA PAISAGEM: FOTO-GRAFIA DO ANTIGO CAMINHO DOS
IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Dra. Alina Gonçalves Santiago

**Florianópolis
2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Luca, Virginia Gomes

Caráter da paisagem : foto-grafia do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de santa catarina / Virginia Gomes de Luca ; orientador, Alina Gonçalves Santiago - Florianópolis, SC, 2016.

398 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Inclui referências

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Caráter da paisagem. 3. Percepção. 4. Caminho dos Imigrantes Italianos. 5. Fotografia . I. Santiago, Alina Gonçalves. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Virginia Gomes de Luca

**CARÁTER DA PAISAGEM: FOTO-GRAFIA DO ANTIGO CAMINHO DOS
IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA**

Essa Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PosARQ).

Florianópolis, 14 de março de 2016.

Prof. Renato de Tibiriça Saboya, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

Profa. Alina Gonçalves Santiago, Dra.
Orientadora – Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Lucia Maria Sá Antunes Costa, Dra.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Eneida Maria Souza Mendonça, Dra.
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Soraya Nórr, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Vanessa Casarin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Renato de Tibiriça Saboya, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Ao papito (*in memoriam*) e à Luiza, com carinho.

Depois da curva da estrada
Tem um pé de araçá
Sinto vir água nos olhos
Toda vez que passo lá
Sinto o coração flechado
Cercado de solidão
Penso que deve ser doce
A fruta do coração
(Amora, Renato Teixeira)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Dorival e Leila que me apoiaram e incentivaram durante esse processo de crescimento pessoal e profissional e que fizeram as pesquisas de campo muito mais divertidas. Ao meu irmão Gabriel, pelos assessoramentos fraternos e por existir. Meu orgulho! Ao Junior agradeço pelo convívio diário, pela paciência e pela parceria! À minha filha Luiza, minha parceira de reta final, minha razão de viver!!!

À minha orientadora, professora Alina Gonçalves Santiago, pelo incentivo, por acreditar em mim e por não me deixar desistir diante de algumas dificuldades encontradas ao longo desses anos.

Aos membros da banca de qualificação e banca final, professores Lucia Maria Sá Antunes Costa, Eneida Maria Souza Mendonça, Soraya Nór, Vanessa Casarin e Renato de Tibiriça Saboya. Aos professores Jordi Juan i Tresseras e Leonardo Barci Castriota pelas contribuições na banca de qualificação.

Às colegas do Infoarq Márcia Escorteganha, Vanessa Casarin, Raquel Weiss, Talita Micheleti Honorato da Silva, Cláudia Mate e Luciana Noronha Pereira pelos assessoramentos, mapas e risadas coletivas. À Tibelle Rabello, parceira 'maix qui demaix'.

Aos membros da PROGOETHE, Prefeituras Municipais de Pedras Grandes e Urussanga, moradores e viajantes pelo rico material disponibilizado.

Aos colegas do IPHAN de Santa Catarina em especial às chefas Liliane Janine Nizolla e Maria Regina Weissheimer pelo apoio.

Ao cunhado Ricardo pela paciência e profissionalismo na correção de todo o texto.

Ao PosARQ, em especial aos coordenadores e às secretárias;

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudo durante a parte inicial da pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho, minha gratidão!

Admitindo-se que a paisagem é uma mistura de arte e ciência, é compreensível que sua construção, a renovação das formas antigas ou a criação de novas formas que atendam a novos estilos de vida sejam dependentes das conquistas em cada um desses campos, dependentes, sobretudo, do valor que lhes é atribuído em cada momento histórico. Seus critérios de organização são constantemente questionados e modificados pela evolução da sociedade, das ciências e das técnicas. Para que o contato com a paisagem se dê simultaneamente através do conhecimento e da experiência, é necessária uma aproximação maior entre seus lados artístico e científico.

(LEITE, 1994, pág. 29)

RESUMO

Virginia Gomes de Luca

CARÁTER DA PAISAGEM: FOTO-GRAFIA DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Paisagem, segundo a Convenção Europeia da Paisagem, é qualquer parte do território tal como é percebida pela população e cujo caráter seja resultado da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos. A paisagem pode ser interpretada por cada observador e, como tal, sujeita a sua percepção. Caráter da paisagem é entendido como conjunto ou combinação particular, reconhecível e consistente de elementos que distinguem uma paisagem da outra e confere a cada uma delas um particular senso de lugar. A principal contribuição desse estudo está na identificação dos elementos que caracterizam a paisagem da imigração italiana no sul de Santa Catarina a fim de garantir a manutenção do seu caráter. O recorte geográfico abrange o município de Pedras Grandes, no qual se localiza o trecho mais representativo do antigo caminho dos imigrantes italianos aberto em 1877 para a implantação da colônia Azambuja, considerada a colônia sede da imigração italiana no sul de Santa Catarina. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa utilizou-se de estudo fotográfico e textual a fim de reconhecer as transformações da paisagem e a percepção de moradores e visitantes do local em estudo. Para isso foram utilizados a iconografia histórica, os registros fotográficos e relatos de viajantes da internet publicado em seus *blogs* pessoais e aplicadas entrevistas com os moradores da área em estudo. A transformação da paisagem mais significativa deu-se pela desativação da linha ferra e pela remoção dos trilhos da antiga EFDTC no centro urbano do município de Pedras Grandes. Como resultado do estudo da percepção da paisagem,

identificou-se que os núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem, o ciclo econômico do carvão, o patrimônio natural e o patrimônio imaterial são os elementos que definem o caráter do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

Palavras chaves: Caráter da Paisagem, Percepção, Caminho dos Imigrantes Italianos, Fotografia, Arquitetura e Urbanismo.

ABSTRACT

Virginia Gomes de Luca

LANDSCAPE CHARACTER: PHOTOGRAPHY OF THE ANCIENT PATH OF ITALIAN IMMIGRANTS IN THE SOUTH OF SANTA CATARINA

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Landscape, according to the European Landscape Convention, is any part of the territory as the population perceives it, and whose character is a result of the action and interaction of natural and/or human factors. The landscape can be interpreted by each observer and, as such, subject to his or her perception. The landscape character is understood as a whole or a particular combination, recognizable and consistent of elements that distinguish a landscape from another and confers to each one of them a particular sense of place. The main contribution of this study is to identify the elements that characterize the landscape of Italian immigration in the south of Santa Catarina in order to ensure the maintenance of its character. The geographical coverage comprehends the municipality of Pedras Grandes, in which is located the most representative piece of the ancient path of Italian immigrants opened in 1877 for the implementation of Azambuja colony, considered the main colony for Italian immigration in southern Santa Catarina. The research used a photographic and textual study to achieve this goal and in order to recognize the transformation of the landscape and the perception of residents and visitors on the site under study. With this purpose the historical iconography, photographic records and reports from travelers on the internet published in their personal blogs were used, as well as interviews conducted with the residents of the area under study. The transformation of the most significant landscape was due to the deactivation of the railroad and the removal of the rails of the former

EFDTC in the urban center of the municipality of Pedras Grandes. The results of the landscape perception study found that the built historic cores and references from the landscape, the coal business cycle, natural and intangible heritages are the elements that define the character of the ancient path of Italian immigrants in the south Santa Catarina.

Key words: Landscape Character, Perception, Italian Immigrants Path, Photography, Architecture and Urbanism.

RESÚMEN

Virginia Gomes de Luca

CARÁCTER DEL PAISAJE: FOTO-GRAFIA DEL ANTIGUO CAMINO DE LOS INMIGRANTES ITALIANOS EN EL SUR DE SANTA CATARINA

Resúmen da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Paisaje, según el Convenio Europeo del Paisaje, es cualquier parte del territorio tal como la percibe la población, cuyo carácter sea el resultado de la acción y la interacción de factores naturales y/o humanos. El paisaje puede ser interpretado por cada observador y, como tal, está sujeto a su percepción. El carácter del paisaje se entiende como el conjunto o combinación particular, reconocible y consistente de elementos que distinguen un paisaje de otro y confiere a cada uno un particular sentido de lugar. La principal contribución de esta investigación está en la identificación de los elementos que caracterizan el paisaje de la inmigración italiana en el sur de Santa Catarina con el objetivo de salvaguardar su carácter. En ámbito geográfico, la investigación actúa sobre el municipio Pedras Grandes, donde se ubica el tramo más representativo del antiguo camino de los inmigrantes italianos abierto en 1877 para la implementación de la colonia Azambuja, considerada la sede de colonias italianas en el sur de Santa Catarina. Para lograr este objetivo, la investigación utiliza el estudio fotográfico y textual con el fin de reconocer las transformaciones del paisaje y la percepción de los residentes sobre el sitio en estudio. La transformación del paisaje más significativa fue debida a la desactivación de la línea de ferrocarriles y a la remoción de rieles de la antigua E.F.D.T.C en el centro urbano del municipio Pedras Grandes. Como resultado del estudio de la percepción del paisaje se ha identificado que los núcleos históricos y referenciales construidos del paisaje, el ciclo económico del carbón, el patrimonio natural y el

patrimonio inmaterial son elementos que definen el carácter del antiguo camino de los inmigrantes en el sur de Santa Catarina.

Palabras claves: Carácter del Paisaje, Percepción, Camino de los Inmigrantes Italianos, Fotografía, Arquitectura y Urbanismo.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Rio São Bento, município de Urussanga, s.d.	35
Figura 2: Roteiros Culturais Sul: caminho Tubarão – Urussanga, via Pedras Grandes.	47
Figura 3: Roteiros Culturais Sul: caminho Tubarão a Urussanga, via Pedras Grandes.	48
Figura 4: Mapeamento cultural – áreas de predominância de unidades produtoras de vinho.....	49
Figura 5: Mapeamento cultural – áreas de predominância de edificações com valor cultural.....	50
Figura 6: Primeira patola e caminhão de Pedras Grandes, 1964.....	53
Figura 7: Relação entre os bens naturais, culturais e mistos e o caso especial das paisagens culturais.....	66
Figura 8: Paisagem Cultural de Sintra. Foto: Fiona Starr.....	68
Figura 9: Paisagem Cultural de Lednice–Valtice, República Tcheca. Foto: Amos Chapple.	68
Figura 10: Røros Mining Town e entorno, Noruega. Foto: Jiri Havran.	68
Figura 11: Antigas aldeias do norte da Síria. Foto: François Cristofoli..	68
Figura 12: Paisagem Cultural dos terraços de arroz das Cordilheiras Filipinas. Foto: FengJing.	69
Figura 13: Paisagem Cultural de Hallstatt–Dachstein em Salzkammergut, Áustria. Foto: Martin Gray.....	69
Figura 14: Paisagem Cultural do Parque Nacional de Uluru–KataTjuta. Foto: Emmanuel Pivard.....	69
Figura 15: Parque Nacional Tongariro,.....	69
Figura 16: Qhapaq Ñan (Caminho dos Incas). Foto: QÑ Bolívia.	101
Figura 17: Caminho de Santiago de Compostela. Foto: Patrice Thébault.	101
Figura 18: Estrada Urussanga – Estação Cocal, enchente de 1950.....	103
Figura 19: Diagrama da relação entre componentes da paisagem.....	106
Figura 20: Hierarquia espacial da Avaliação do Caráter da Paisagem: exemplo da relação entre os diferentes níveis.	108
Figura 21: Âmbitos de aplicação dos Catálogos da Paisagem.....	111
Figura 22: Exemplo de paisagem de atenção especial.....	114
Figura 23: Exemplo de camadas de informações utilizadas para a definição das unidades de paisagem.	128
Figura 24: Exemplo de mapa anotado da pesquisa de campo.....	135

Figura 25: Exemplo fictício de mapa de avaliação da paisagem.....	144
Figura 26: Exemplo de mapa dos objetivos de qualidade paisagística.	150
Figura 27: Normas, diretrizes e recomendações para cada unidade de paisagem.....	152
Figura 28: Foto sem identificação, s.d.	155
Figura 29: Imigrantes italianos em Santa Catarina.	157
Figura 30: Mapa da Itália.	158
Figura 31: Terras devolutas de parte da Província de Santa Catarina, 1872.	159
Figura 32: Croqui do território da Capitania de Santa Catarina no final do século XVIII: Vilas fundadas no litoral e a Serra do Mar e a Serra Geral que são consideradas o limite oeste da Capitania.	161
Figura 33: Serra do Rio do Rastro: antigo caminho dos tropeiros na Serra Geral de Santa Catarina.	163
Figura 34: A derrubada inicial da mata e as primeiras casas da Colônia Azambuja na praça em confluência do Rio Cintra e Rio Pedras Grandes, 1877.	165
Figura 35: Rua Vieira Ferreira, Colônia Azambuja, s.d.....	166
Figura 36: Parcial da planta geral da Colônia Azambuja, 1888.....	167
Figura 37: Origem da uva Goethe.....	171
Figura 38: Indústria J. Caruso Mac Donald & Cia. Ltda, 1972.	172
Figura 39: Vinhos Cadorin, 1942.	172
Figura 40: Rótulo dos Vinhos Cadorin.....	173
Figura 41: Parreirais de Uva Goethe em Azambuja, município de Pedras Grandes/ SC.	179
Figura 42: Vales da Uva Goethe: municípios produtores.	180
Figura 43: Vales da Uva Goethe: área de plantio de uva.....	180
Figura 44: Logomarca da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe.	181
Figura 45: Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, s.d.....	183
Figura 46: Esquema síntese da pesquisa.	185
Figura 47: Modelo de Quadro Iconográfico.....	190
Figura 48: Estrada Urussanga – Estação Cocal – Morro da Fumaça, 1950.	205
Figura 49: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 01, s.d. .	206
Figura 50: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 04, s.d. .	206

Figura 51: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 02, 1948.	207
Figura 52: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 03, s.d... 207	
Figura 53: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 05, década de 1960.....	208
Figura 54: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 07, década de 1960.....	209
Figura 55: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 09, década de 1970.....	209
Figura 56: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 06, 1948.	210
Figura 57: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 08, s.d....	210
Figura 58: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 10, 1906.	210
Figura 59: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 11, s.d... 211	
Figura 60: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 12, s.d... 211	
Figura 61: Parte da SC-440 no trecho em estudo margeia o Rio Tubarão.	212
Figura 62: Ponte sobre o Rio Pedras Grandes, sede do município.	213
Figura 63: Ocupação urbana às margens o Rio, sede do município....	213
Figura 64: Localidade de Pedrinhas e Rio Tubarão.	214
Figura 65: Sede de Pedras Grandes e Rio Tubarão.	214
Figura 66: Ponte pênsil.....	214
Figura 67: Ponte pênsil.....	214
Figura 68: Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes.....	217
Figura 69: Casa dos Arcos, Bairro Ilhota (PEG011).....	217
Figura 70: Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes.	217
Figura 71: Clube XII de Outubro (PEG016), sede de Pedras Grandes. 217	
Figura 72: Torre da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes.	219
Figura 73: Casa Taquini (PEG022) e vista da torre da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024).	219
Figura 74: Vinícola Felipe (PEG040) com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo, Distrito de Azambuja.....	219
Figura 75: Vinícola Felipe (PEG040) com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo, Distrito de Azambuja.....	219
Figura 76: Paisagem rural vista da estrada.	220

Figura 77: Paisagem rural vista da estrada.	220
Figura 78: Vista de um parreiral.....	220
Figura 79: Moderno parreiral.....	220
Figura 80: Fecularia.....	220
Figura 81: Pomar de pessegueiros.....	220
Figura 82: Vista geral da Serra do Rio do Rastro.....	221
Figura 83: Vista da Serra do Rio do Rastro.....	221
Figura 84: Estrada às margens do Rio Tubarão.....	222
Figura 85: Estrada geral de acesso ao município de Pedras Grandes.	222
Figura 86: Estrada rural.....	222
Figura 87: Estrada rural.....	222
Figura 88: Gruta Nossa Senhora da Salete, Pedras Grandes.	224
Figura 89: Oratório no Distrito de Azambuja.	224
Figura 90: Distrito de Azambuja e vista da Igreja de São Marcos.	225
Figura 91: Distrito de Azambuja e vista da torre de Igreja de São Marcos.	225
Figura 92: Vista geral da sede de Pedras Grandes.....	227
Figura 93: Vista geral da sede de Pedras Grandes.....	227
Figura 94: Festa do Vinho Goethe, Distrito de Azambuja, 2015.....	228
Figura 95: Festa do Vinho Goethe, Distrito de Azambuja, 2015.....	228
Figura 96: Torre da Igreja de São Marcos (PEG036).	228
Figura 97: Artefato ornamental de ferro, cemitério da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes.....	229
Figura 98: Remanescentes da estrada de ferro, sede de Pedras Grandes.....	229
Figura 99: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 01, s.d. .	234
Figura 100: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 02, 1948.	234
Figura 101: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 03, 1940.	234
Figura 102: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 04, s.d.	234
Figura 103: Núcleo histórico de Azambuja.	235
Figura 104: Igreja de São Marcos vista da Rua São Marcos.....	235
Figura 105: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 09, década de 1970.	236
Figura 106: Vista da Igreja do Arcanjo São Gabriel.....	236
Figura 107: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 06, s.d.	236

Figura 108: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 08, 1920.	236
Figura 109: Avenida Arcanjo Gabriel (antigo leito da EFDTC)	237
Figura 110: Avenida Arcanjo Gabriel (antigo leito da EFDTC)	237
Figura 111: Avenida Arcanjo Gabriel e Clube XII de Outubro.	237
Figura 112: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 10, 1906.	238
Figura 113: Rio Pedras Grandes.	238
Figura 114: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 11, s.d.	239
Figura 115: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 12, s.d.	239
Figura 116: Registro atual no mesmo ângulo da cena do Quadro Iconográfico n.º 11.	239
Figura 117: Remanescente da ponte da antiga EFDTC	239
Figura 118: Localidade de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes.....	241
Figura 119: Distrito de Azambuja, Pedras Grandes.....	241
Figura 120: Sede do município de Pedras Grandes.....	241
Figura 121: Plantação de vegetação exótica vista ao longo da estrada.	246
Figura 122: Plantação de vegetação exótica vista ao longo da estrada.	246
Figura 123: Áreas de cultivo vistas ao longo da estrada.	247
Figura 124: Área de pastagens vistas ao longo da estrada.	247
Figura 125: Crescimento urbano às margens do rio, sede de Pedras Grandes.	247
Figura 126: Áreas de cultivo e reflorestamento vistas ao longo da estrada.....	247
Figura 127: Fragmentos de trilho e antiga Estação Ferroviária, sede do município de Pedras Grandes.	256
Figura 128: Remanescentes da infraestrutura da antiga ponte da EFDTC sobre o rio.	256
Figura 129: Vista geral da sede de Pedras Grandes.	257
Figura 130: Estrada rural seguindo o alinhamento do rio.....	257
Figura 131: Plantação de uva às margens da estrada.	258
Figura 132: Vegetação vista da estrada.	258
Figura 133: Placa de sinalização do Parque Ecológico.	259
Figura 134: Placa de sinalização do Parque Ecológico.	259

Figura 135: Placa de sinalização do Parque Ecológico.....	259
Figura 136: Placa de sinalização do Parque Ecológico.....	259
Figura 137: Vista do Rio Tubarão.....	266
Figura 138: Serra do Rio do Rastro.....	266
Figura 139: Paisagem natural às margens do antigo caminho dos imigrantes.....	266
Figura 140: Parreiral à beira da estrada.....	267
Figura 141: Parreiral à beira da estrada.....	267
Figura 142: Foto sem identificação, s.d.....	269
Figura 143: Família Feltrin, s.d.....	279
Figura 144: Ponte sobre o Rio Urussanga, estrada Urussanga – São Pedro, s.d.....	303
Figura 145: Mapa dos caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina no período colonial.....	395

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Componentes da paisagem.....	40
Quadro 2: Abrangência do conceito de Paisagem Cultural na UNESCO, <i>Council of Europe</i> e IPHAN.	54
Quadro 3: Critérios culturais e naturais para inscrição do bem como Patrimônio Mundial.	63
Quadro 4: Comparação entre os critérios culturais da Convenção do Patrimônio Mundial e as categorias de paisagem cultural.	66
Quadro 5: Definição de proteção, gestão, ordenamento e intervenção da paisagem.	74
Quadro 6: Distinções entre a Convenção da UNESCO e a CEP.....	76
Quadro 7: Valor universal excepcional de um Itinerário Cultural.....	85
Quadro 8: Distintas denominações de Rotas Turísticas.....	89
Quadro 9: Independência conceitual dos Itinerários Culturais em relação à Paisagem Cultural.	94
Quadro 10: Tipos específicos para inscrição de bens na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.....	98
Quadro 11: Categorias de Itinerários Culturais do ICOMOS.	100
Quadro 12: Categorias de Itinerário Cultural da UNESCO.	101
Quadro 13 – Evolução das metodologias de estudo da paisagem no Reino Unido.....	104
Quadro 14: Conceitos auxiliares para avaliação do caráter da paisagem.	106
Quadro 15: Distinção entre tipo e área de caráter da paisagem.....	107
Quadro 16: Principais estágios e etapas da avaliação do caráter da paisagem.	109
Quadro 17: Distinção entre unidade de paisagem e unidade de atenção especial nos Catálogos da Paisagem da Catalunha.	113
Quadro 18: Quadro Resumo dos procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem.....	119
Quadro 19: Procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem que compõem o Estágio 1.....	120
Quadro 20: Características da paisagem rural.	126
Quadro 21: Fatores que influenciam o caráter da paisagem.....	128
Quadro 22: Elementos constituintes da paisagem.	130
Quadro 23: Componentes da decomposição estrutural da paisagem.	131

Quadro 24: Critérios da avaliação visual e perceptiva na avaliação do caráter da paisagem.....	138
Quadro 25: Matriz SWOT.....	143
Quadro 26: Matriz SWOT aplicada à avaliação da paisagem.....	143
Quadro 27: Procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem que compõem o Estágio 3: Valoração e Propostas.	145
Quadro 28: Conceitos abordados na etapa de qualificação da paisagem.	146
Quadro 29: Valores da paisagem.....	147
Quadro 30: Objetivos de qualidade para os tipos e áreas da paisagem.	149
Quadro 31: Propostas para ordenamento do território.....	151
Quadro 32: Formato de apresentação dos indicadores de seguimento.	153
Quadro 33: Espécies ou modalidades de Indicação Geográfica.	176
Quadro 34: Relação dos Quadros Iconográficos desenvolvidos na pesquisa.	189
Quadro 35: Pesquisa dos <i>blogs</i> no Google.....	191
Quadro 36: Número de cenas publicadas em cada <i>post</i>	192
Quadro 37: Sigla atribuída para cada <i>blog/ website</i>	193
Quadro 38: Critérios de catalogação das Categorias Iniciais dos registros fotográficos.....	193
Quadro 39: Agrupamento das Categorias Finais a partir das Categorias Iniciais (Quadros Iconográficos).....	198
Quadro 40: Categorias Finais a partir das Iconografias históricas e dos registros fotográficos de viajantes da <i>internet</i>	199
Quadro 41: Roteiro da Entrevista Semiestruturada com moradores.	201
Quadro 42: Categorias das entrevistas com os moradores.....	203
Quadro 43: Listagem das edificações históricas registradas nos <i>posts</i>	215
Quadro 44: BERKA, 2011: <i>blog</i> Diários dos Caminhos.....	335
Quadro 45: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: <i>blog</i> Alê e Lisi Viajando pelo Sul.....	336
Quadro 46: Salvan, 2012: <i>blog</i> Genealogia da Família Salvan.	339
Quadro 47: Ice Climber, 2006: <i>website</i> Skyscrapercity.....	342
Quadro 48: Mariot, 2012: <i>blog</i> Santana Mineração.....	346
Quadro 49: Caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina no período colonial.	395

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das cenas por categoria inicial.	195
Gráfico 2: Distribuição das cenas por categoria final.....	196

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP – Área De Preservação Permanente
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP – Convenção Europeia da Paisagem
CIIC – Comitê Internacional de Itinerários Culturais
CNTP – Companhia de Terras Norte do Paraná
DO – Denominação de Origem
DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
EFDTC – Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina
EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural
FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa Científica e Tecnológica em Santa Catarina
FCC – Fundação Catarinense de Cultura
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
ICOMOS – Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios
ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
IG – Indicação Geográfica
INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IP – Indicação de Procedência
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPVUG – Indicação de Procedência Vales da Uva Goethe
MEC – Ministério da Educação e Cultura
POSARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
PROGOETHE – Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas
SIG – Sistema Geográfico de Informação
SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UP – Unidade de Paisagem

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 INTRODUÇÃO.....	35
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	36
1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO.....	38
1.3 PROBLEMATIZAÇÃO.....	41
1.4 PRESSUPOSTO DA PESQUISA.....	42
1.5 OBJETIVOS	45
1.5.1 Objetivo Geral.....	45
1.5.2 Objetivos Específicos	45
1.6 ASPECTOS DE INEDITISMO	45
1.7 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	47
1.8 ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS DA TESE.....	51
CAPÍTULO 02 APORTE TEÓRICO	53
2.1 PAISAGEM E CULTURA NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO	55
2.2 PAISAGEM E LISTA DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO.....	62
2.3 CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM	72
2.4 PAISAGEM NO BRASIL.....	76
2.5 ITINERÁRIOS E ROTAS CULTURAIS.....	84
2.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	102
CAPÍTULO 03 AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM.....	103
3.1 O CARÁTER DA PAISAGEM E A CEP.....	104
3.2 ETAPAS DE PROCEDIMENTOS DA AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM.....	118
Estágio 1: Identificação e Caracterização	119
Estágio 2: Avaliação.....	142
Estágio 3: Valoração e Propostas	144
3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	153
CAPÍTULO 04 A OCUPAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA PELO IMIGRANTE ITALIANO E OS VALES DA UVA GOETHE.....	155
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	156

4.1.1 Primeiro período (anterior a 1773 até 1876): dos tropeiros ao início da colonização italiana	160
4.2.1 Segundo período (1823 a 1876): colonização estrangeira da Província de Santa Catarina	164
4.3.1 Terceiro período (1877 a 1883): imigração italiana no sul de Santa Catarina E construção da estrada de ferro	164
4.2 OS VALES DA UVA GOETHE	168
4.2.1 Indicação de Procedência vales da Uva Goethe (IPVUG)	174
4.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	182

CAPÍTULO 05 | PROCEDIMENTOS DE PESQUISA..... 183

5.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	184
5.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	186
5.2.1 Etapa 01: Aporte teórico	186
5.2.2 Etapa 02: Iconografia Histórica	187
5.2.3 Etapa 03: Registros fotográficos e relatos de viajantes na internet	190
5.2.4 Etapa 04: comentários de internautas nos <i>blogs</i> pesquisados	197
5.2.5 Etapa 05: Comparativo da iconografia histórica e dos registros fotográficos de viajantes na internet.....	197
5.2.6 Etapa 06: Entrevista com moradores.....	199
5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	203

CAPÍTULO 06 | O ESTUDO DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA 205

6.1 INTERPRETAÇÃO DOS QUADROS ICONOGRÁFICOS	206
6.1.1 Transformações da paisagem do núcleo histórico de Azambuja	206
6.1.2 Transformações da paisagem da sede do município de Pedras Grandes.....	207
6.2 INTERPRETAÇÃO DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS E RELATOS DE VIAJANTES NA INTERNET.....	212
6.3 CONTEÚDO DOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS NOS <i>BLOGS</i> PESQUISADOS.....	230
6.3.1. Comentários de internautas no <i>post</i> de Alê e Lisi Viajando pelo Sul.....	230

6.3.2 Comentários de internautas no <i>post</i> de Ice Climber no Skyscrapercity.....	231
6.4 INTERPRETAÇÃO DAS ICONOGRAFIAS HISTÓRICAS E DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE VIAJANTES NA INTERNET.....	233
6.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES.....	240
6.6 AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM E O CARÁTER DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA.....	253
6.6.1 As transformações da paisagem.....	253
6.6.2 Confrontamento das opiniões de moradores, viajantes e internautas.....	256
6.6.3 O caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de santa catarina.....	260
6.7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	267
CAPÍTULO 07 CONSIDERAÇÕES FINAIS	269
7.1 DAS ABORDAGENS TEÓRICAS DA PESQUISA E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	270
7.2 DO ALCANCE DOS OBJETIVOS.....	273
7.3 O CARÁTER DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES.....	274
7.4 RECOMENDAÇÃO PARA PESQUISAS FUTURAS.....	277
BIBLIOGRAFIA	279
APÊNDICES E ANEXOS.....	303
Apêndice 01: Mapa do antigo caminho dos imigrantes no sul de Santa Catarina.....	305
Apêndice 02: Ficha de registro de campo.....	306
Apêndice 03: Quadros Iconográficos	311
Apêndice 04: Conteúdo escrito dos cinco <i>blogs</i> pesquisados.....	323
Apêndice 05: Levantamento das legendas e das cenas que ilustram os <i>posts</i>	335
Apêndice 06: Categorização das cenas postadas pelos viajantes nos <i>blogs</i>	353

Apêndice 07: Cruzamento das cenas dos quadros iconográficos com as postadas pelos viajantes nos <i>blogs</i>	361
Apêndice 08: Transcrição das entrevistas com os moradores.....	365
Anexo 01: Inventário do Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, município de Pedras Grandes	373
Anexo 02: Caminhos de Santa Catarina no Período Colonial	395
Anexo 03: Relação de Indicações Geográficas agropecuárias brasileiras registradas até 21 de julho de 2016.....	397

CAPÍTULO 01 | INTRODUÇÃO

Figura 1: Rio São Bento, município de Urussanga, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Perder-se também é caminho!
(Clarice Lispector)

Este capítulo da tese apresenta o tema da pesquisa, sua justificativa e relevância do estudo proposto, os pressupostos da pesquisa e a problematização. Também são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos, aspectos de ineditismo e a delimitação do objeto de estudo. A estrutura dos capítulos da tese é apresentada ao final do capítulo.

1.1 | APRESENTAÇÃO DO TEMA

A paisagem retrata a história, a ação do homem na ocupação e uso do espaço e do território. Representa o território, enquanto suporte de atividades, e reflete, na sua organização e expressão, a vida econômica e social das comunidades (FADIGAS, 2007, p. 143).

O estudo da **paisagem** permite perceber a ação humana sobre o território¹, sendo fundamental para a interpretação das etapas de tempos posteriores que as sociedades viveram e ainda vivem. Revela também aspectos da identidade de um povo e de uma região em constante construção através dos tempos. O interesse pelo tema, concebido como um elemento cotidiano, está relacionado ao fato de que a paisagem também representa aspectos identitários. A paisagem também possui significados estabelecidos através da relação entre as pessoas e o lugar, sendo abordada por órgãos de preservação como representativa das identidades e símbolos do território.

Na década de 80 e no início da década de 90, já se verifica um interesse pela paisagem e seus valores culturais. Esse interesse repercute no desenvolvimento de trabalhos e investigação, a exemplo do esforço desenvolvido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na definição de instrumentos de políticas e estratégias de atuação ao nível de

¹ 'É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia ou informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder' (RAFFESTIN, 1980, p. 143).

salvaguarda do caráter particular das paisagens. Pode-se afirmar que, nessa fase, começa a evidenciar-se o conceito de paisagem cultural.

Segundo Nunes, Santiago e Rebolo Squera (2007), a **paisagem cultural** surge quando é conferido valor aos bens agenciados pelas pessoas sobre o seu espaço. Esse tipo de paisagem expressa sua relação com o meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A interação entre os grupos humanos e o ambiente natural resulta na criação da paisagem cultural e de um conjunto de características relacionadas entre si que conferem o diferencial de cada localidade. Ao estabelecer seus próprios valores e significados aos locais que ocupa, o ser humano inevitavelmente os transforma, imprime nos elementos nativos a sua marca, seja modificando-os ou criando novos elementos e introduzindo-os no ambiente original, o que, como consequência, cria novas relações e dinâmicas.

Como dito anteriormente, a paisagem como representação de uma sociedade guarda aspectos identitários. Nela está marcada cada parte da história e da natureza do local, sendo fundamental que a sua abordagem considere a dinâmica e a complexidade de sua formação e constituição. Dessa maneira, cada estrada molda uma paisagem diferente constituída por meio de elementos que as tornam reconhecíveis e distinguíveis de outra: o denominado **caráter da paisagem**.

O caráter da paisagem é definido como um padrão distinto e reconhecível de elementos que ocorre de forma consistente e sistemática, num determinado tipo de paisagem. Combinações específicas entre substrato geológico, formas de relevo, solos, vegetação, uso do solo, estrutura fundiária e sistema de povoamento produzem um determinado caráter de paisagem. Desde a última década do século passado o caráter da paisagem ganhou uma relevância crescente como conceito-chave para a avaliação da paisagem. Simultaneamente, é atribuída uma ênfase cada vez maior à importância da caracterização da paisagem histórica, expressa na evolução do uso do solo, como uma ferramenta independente para explorar a profundidade do tempo da paisagem. Conforme apontam Clark, Darlington e Fairclough (2004, p. 10), em uma paisagem o arranjo entre seus elementos possibilita sua diferenciação e sua distinção. Esse arranjo é modelado pelas ações culturais e naturais do caráter da

paisagem, e estes elementos podem ser: geomorfologia, topografia e associação com o assentamento, processo de desenvolvimento histórico, componentes históricos e arqueológicos, raridade, permanências, evidências da passagem do tempo, potencial para pesquisa histórica e arqueológica, valores e percepções, tendência de mudança, entre outros.

No âmbito dessa pesquisa também se considera que todas as paisagens podem ser culturais, resultando, portanto, o termo paisagem cultural em um pleonasma. Neste estudo, denomina-se apenas paisagem aquelas que possuem determinados valores culturais ou estéticos de um acontecimento ou atividade histórica, pessoa ou grupo que se apresentem associados à paisagem. Como todas as paisagens são importantes, não se considera nesta pesquisa que a paisagem cultural seja um tipo especial de paisagem, senão apenas uma maneira especial de vê-la, na qual é enfatizada a interação entre o ser humano e a natureza ao longo do tempo.

1.2 | JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO PROPOSTO

A paisagem se encontra no interior de cada pessoa que observa, que contempla e que interpreta com toda sua própria cultura e toda sua sensibilidade, por isso se diz que há tantas paisagens como pessoas que as interpretam (BLANCO, 2010, p. 11-12).

A Convenção Europeia da Paisagem (CEP) do Conselho da Europa, firmada em Florença em 20 de outubro de 2000, tem como propósito geral estabelecer um marco para a proteção, gestão e planejamento das paisagens europeias, no qual os conceitos de patrimônio natural e cultural se fundem em uma visão integral de paisagem. Estas medidas consistem basicamente em manter as paisagens em razão de seu valor patrimonial (proteção), guiar e harmonizar as transformações da paisagem para garantir sua manutenção regular (gestão) e levar a cabo ações com vistas a melhorar, restaurar ou criar paisagens (ordenação). A paisagem adquire uma significação histórica e com isso reforça seu caráter

cultural. Se a paisagem é também a história dos povos, então lhes confere identidade (GÓMEZ MENDOZA, 2008, p. 17).

A CEP afirma que todo o território é paisagem. A paisagem assim entendida apresenta uma evidente dimensão social, pois é um elemento de bem-estar. Pode ser interpretada por cada observador e, como tal, sujeita à sua percepção. Na CEP é apresentado o seguinte conceito de paisagem: *'Landscape means an area, as perceived by people; whose character is the result of the action and interaction of natural and/or human factors'*. Esse conceito da CEP reforça o pensamento que remete a paisagem a um plano físico (dimensão física): 'paisagem é uma porção do território resultante da interação dos fatores naturais e humanos', mas realça também o domínio da percepção, na medida em que afirma que aquela 'é percebida pelas pessoas'.

No domínio da percepção, o ser humano cria um significado de paisagem, de acordo com os seus valores, sensibilidade e conhecimentos. A paisagem é atribuída uma dimensão afetiva, um valor estético e um valor simbólico. A natureza reage diante de qualquer alteração antrópica que tenha efeitos sobre o sistema biofísico, criando novas dinâmicas. As paisagens resultam então de uma combinação de traços biofísicos e humanos, que conferem ao território uma fisionomia própria, ou seja, um caráter cultural. Uma visão alargada das perspectivas de análise adotadas inclui, para além de questões de avaliação estética, o estudo dos processos cognitivos de percepção.

Na temática paisagem é de realçar também a produção de vários documentos legais, de diferentes níveis de atuação (com particular interesse para o nível europeu), que alertam para a necessidade de proceder a um trabalho mais consistente e articulado. Na proposta metodológica que se apresenta no CAPÍTULO 03 | Avaliação do caráter da paisagem, consideram-se, com particular atenção, os princípios e objetivos expressos nesses documentos que têm a CEP como linha norteadora.

Segundo apresenta Fadigas (2007), são os aspectos físicos, biológicos e humanos do território diferenciáveis à vista que dão à paisagem expressão e individualidade. Mas, para além da sua constituição por diferentes componentes, a paisagem é uma estrutura que agrega, articula e se inter-relaciona com as pessoas, o que lhe

permite expressar as suas características e identidade. Os componentes da paisagem podem dividir-se em três grupos distintos:

Quadro 1: Componentes da paisagem.

Componente	Definição
Físicos	O relevo e suas formas, a composição litológica, os cursos e superfícies d'água.
Biológicos	A vegetação, espontânea e cultivada, em grupos ou isoladamente e a fauna.
Humanos	Construções (edifícios, isolados ou em grupo e infraestrutura) e as formas de cultivo e de cadastro que assinalam a ação humana sobre a paisagem, em diferentes tempos e momentos civilizacionais e que são expressão da cultura.

Fonte: Fadigas, 2007, p. 159.

A área de estudo dessa pesquisa trata-se, efetivamente, de um território que detém valores de interesse natural e cultural. Propõe-se que o presente estudo assente uma pesquisa sobre os vários componentes humanos da paisagem e dinâmicas presentes e, acima de tudo, conhecer as relações de interdependência estabelecidas entre os grupos humanos e o meio, compreender a sua evolução e caracterizar o padrão resultante. Pretende-se identificar os traços que determinam o seu caráter cultural, o qual reflete a capacidade narrativa da paisagem e o seu significado em termos históricos e culturais.

A percepção da paisagem que vemos hoje depende de muitos elementos que juntamos ao longo da vida. E, como a percepção muda em cada indivíduo, muitas construções de paisagem podem ser possíveis, seja a partir de imagens, sons, leituras, entre outras. Simon Schama escreve sobre a construção da paisagem enquanto formas de percepção humana e também de memória:

Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de extratos de rochas (SCHAMA, 1996, p. 17).

A paisagem é considerada aqui como uma expressão do território, superando uma possível visão estética ou ornamental que considera simplesmente seu aspecto formal. A percepção da paisagem se valora por sua capacidade em mostrar a realidade do território, em fazê-lo entendível e apreciável pelas pessoas que desfrutam desse bem coletivo. As estradas têm um papel crucial porque transportam as pessoas pelo território e aproximam seu entendimento da paisagem.

1.3 | PROBLEMATIZAÇÃO

Como aponta Maderuelo (2010), seguindo a experiência e a mecânica desenvolvida por aqueles que se dedicam à conservação do patrimônio, a paisagem é considerada como um bem patrimonial. Em sendo assim, este deve ser protegido, conservado e restaurado de forma parecida a como se faz com um quadro ou talvez, por aproximação, com um monumento arquitetônico ou um conjunto monumental. Mas conservar supõe uma vontade de deter, enquanto a paisagem tem implícita a ideia dinâmica de transformação contínua. O mesmo autor aponta ainda:

Se tem insistido na ideia de que a paisagem não é nem natureza, nem território, senão construção humana, e também se tem insistido que é uma dupla vertente: enquanto construção mental que interpreta o que se percebe e enquanto construção física que altera, modela e transforma o território (MADERUELO, 2010, p. 6).

Desta forma, torna-se fundamental reconhecer os valores do passado, mas também considerar a evolução futura das paisagens. Esta é, sem dúvida, uma condição essencial para garantir uma gestão adequada, não se devendo correr o risco de cair em atitudes suportadas em pressupostos estritamente nostálgicos que defendem a conservação estática das paisagens. As intervenções na paisagem devem contribuir para a criação de paisagens de elevada qualidade, quer ao nível do equilíbrio ecológico, quer da qualidade estética e cultural, potenciando o surgimento de um caráter marcado pela harmonia estabelecida na relação ser humano-meio.

Como se pode perceber, a partir da concepção ampliada de seu próprio objeto, a conservação vai apontar para uma dimensão mais dinâmica, passando da ideia da manutenção de um bem cultural no seu estado original para a da conservação de suas características que apresentem uma significação cultural. Desta forma, enquanto a preservação pressupõe a limitação da mudança, a conservação refere-se à inevitabilidade da mudança e à sua gestão (CASTRIOTA, 2007, p. 18).

Não existe uma teoria ou método estandardizado para a avaliação da paisagem, verificando-se mesmo diferentes conotações sobre o próprio termo. Porém, considera-se que os estudos de avaliação da qualidade da paisagem devem assegurar uma visão holística e integrada, pelo que importa sublinhar a necessidade da integração equilibrada dos fatores de ordem ecológica, socioeconômica, mas também a expressão dos aspectos visuais e culturais. Para a identificação dos valores culturais, perceptivos ou interpretativos, ou seja, de valoração mais subjetiva de uma paisagem, é importante conhecer a opinião das pessoas que vivem ou viveram em um território. A percepção de um turista não é a mesma de uma pessoa nativa, porque suas experiências e vivências são diferentes. Portanto, cada um percebe o mundo à sua maneira.

1.4 | PRESSUPOSTO DA PESQUISA

Não há dúvida que a paisagem é dinâmica e mutável e que é preciso intervir constantemente de forma equilibrada. O estudo e a análise da paisagem permitem conhecer as condicionantes físicas e as diferentes relações dos seres humanos ao longo do tempo. Em relação ao patrimônio, a paisagem é uma herança recebida dos antepassados e, sobretudo, um conjunto intangível de percepções, imagens, mitos, símbolos e aspirações que participam da memória e identidade coletivas.

Devemos insistir que a ideia de dinâmica da paisagem é chave, pois este é um cenário que transcorre, é um assunto. É ativo como conjunto no tempo e no espaço e está composto por constituintes não inertes, senão também ativos. É

afetado por dinâmicas: a paisagem é constitutivamente dinâmica. Sua forma, que pode às vezes parecer fixa, é efeito de uma estrutura geográfica em evolução (MARTINEZ DE PISÓN, 2003, p. 2).

A paisagem tem se convertido em um tipo particular de patrimônio enquanto expressão morfológica, funcional e simbólica de determinados territórios. Sua preservação, por esse motivo, se difere da preservação do patrimônio cultural edificado. Mata Olmo (2010, p. 33) também defende que paisagem e patrimônio são noções que compartilham, em sua essência, a relação entre objeto e sujeito, entre a realidade material dos feitos artísticos, históricos e geográficos, e suas representações culturais e simbólicas. Desenvolvem-se, pois, em um mesmo terreno de simultaneidade, ideias e sentimentos. O mesmo se pode dizer da paisagem, tanto daquela a que atribuímos valores patrimoniais, como das paisagens comuns, cotidianas.

Esta pesquisa surge em um momento em que é importante analisar algumas características e implicações acerca da forma como a categoria de paisagem pode ser aplicada na identificação e preservação do patrimônio cultural. Há estreitas relações entre paisagem e patrimônio, que, por sua vez, surgem da necessidade de uma política paisagística que supere os limites de uma concepção restritiva do patrimônio e aborde a gestão das paisagens dinâmicas, vivas e funcionais. Longe de constituir uma limitação ou impedimento, a gestão dos valores da paisagem (salvaguarda de sua identidade e aproveitamento econômico dos recursos paisagísticos ligados à produção) aparece hoje como uma oportunidade para a agricultura e para o meio rural como uma garantia para o futuro de muitas paisagens.

Conforme aponta Castriota (2013):

A significação e a autenticidade dessas paisagens vão envolver também elementos que se relacionam com a dimensão imaterial do patrimônio, dependendo frequentemente da continuidade e da vitalidade de sistemas tradicionais de cultura e de produção, que criaram ao longo do tempo padrões

característicos de uso da terra e um sentido único de lugar. Hoje muitos desses usos tradicionais da terra – e os produtos a eles relacionados – que eram largamente aceitos sem maior reflexão, correm o perigo de serem desestabilizados e destruídos. Mudanças demográficas, o aumento do valor da terra, a industrialização da produção agrícola e a competição dos mercados mundiais, estão revolucionando as relações sociais e econômicas tradicionais com a terra. A velocidade e o alcance dessas mudanças são inéditos e têm implicação significativa na gestão do patrimônio cultural, que incluem a fragmentação e a mudança de paisagens culturais, a perda de mercado dos produtos tradicionais e mesmo a erosão da identidade e distinção regionais. Assim, preservar as paisagens culturais vai ser, muitas vezes, defrontar-se com as formas tradicionais de agricultura (CASTRIOTA, 2013).

O território é um palimpsesto, isto é, um documento em contínua transformação, onde encontramos alguns traços, mas não todos, que as diferentes épocas deixaram e que se misturam com os traços que o presente deixa à sua volta e que o modifica continuamente, de maneira contrária a uma simples estratificação. Considerando as paisagens vivas, no sentido de que continua sendo explorada através dos mesmos métodos e instrumentos de outrora até os dias atuais, é frequente a presença de ameaças diversas e a necessidade de se permitir um desenvolvimento adaptado à sua sobrevivência.

As paisagens são suscetíveis de serem transformadas, destruídas, melhoradas, recompostas, feitas e refeitas porque esse é o traço marcante da ação humana sobre o seu próprio meio. Na essência, a paisagem surge enquanto resultado de um processo histórico e cultural no qual é perceptível a marca das tecnologias que sucessivamente sobre ela atuam e surge evidenciada nos padrões das paisagens, nas malhas e texturas que lhe conferem identidade. Correspondendo a cada situação geográfica, ecológica e cultural, um tipo específico de paisagem demonstra o caráter identitário do local.

Esta pesquisa possui como pressuposto que as paisagens sempre mudaram e continuarão a mudar, tanto sob o efeito dos processos naturais como da ação humana. Esse trabalho justifica-se, pois, enquanto busca dos elementos que constituem o caráter da paisagem da imigração italiana no sul do estado de Santa Catarina, de modo que as mudanças da paisagem não causem a perda dos elementos que lhe dão identidade.

1.5 | OBJETIVOS

1.5.1 | OBJETIVO GERAL

Reconhecer os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina, com recorte no município de Pedras Grandes.

1.5.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Sistematizar metodologias de avaliação do caráter da paisagem a partir do exemplo britânico e espanhol com base na CEP.
- b) Reconhecer as transformações da paisagem em estudo.
- c) Identificar a percepção da paisagem dos moradores e dos visitantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

1.6 | ASPECTOS DE INEDITISMO

As estradas já não conduzem a lugares, são lugares. E, como sempre, desempenham dois papéis importantes: como promotoras do crescimento e da dispersão, e como ímãs ao redor dos quais podem se agrupar novos tipos de desenvolvimento. Nenhum outro espaço da paisagem moderna resulta tão versátil (JACKSON, 2011, p. 11).

As **estradas históricas** são estruturadoras da paisagem marcada pela alternância entre áreas de ocupações recentes e antigas, rurais e urbanas, vistas através da associação de formas culturais e naturais experienciadas por aqueles que nelas vivem e por elas transitam. Nas regiões de imigração do estado de Santa Catarina, as estradas são o

eixo da colonização e possibilitam identificar as sobreposições das diversas camadas do tempo que marcam a ação humana sobre os territórios.

Sob esse enfoque, as estradas da imigração no estado de Santa Catarina podem ser classificadas como culturais², uma vez que são definidas por fatores como as tradições e as necessidades humanas, formadas a partir de trilhas de animais, caminhos de ligação entre vilas e outras formas espontâneas de deslocamento. Para o seu completo conhecimento, é necessário o reconhecimento de pontos, elementos e locais significativos. As estradas não são compostas apenas por seus elementos físicos, uma vez que a ação das associações reforça seus aspectos culturais, incorporando a memória no resgate da importância e da história das estradas.

Alguns trabalhos acadêmicos já estudaram o conceito de paisagem em Santa Catarina, como as dissertações de mestrado de Luca (2007), Martins (2008), Cittadin (2010) e as teses de doutorado de Heidtmann Junior (2013), Nór (2010) e Pistorello (2015), cujos objetos de estudo foram: a paisagem cultural; os sítios históricos rurais de imigração italiana; os cartões postais de São Francisco do Sul de 1900 – 1930; o município de Laguna; os núcleos rurais de Rio da Luz, em Jaraguá do Sul e Testo Alto, em Pomerode; referências culturais do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis e o Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, respectivamente.

Com a abordagem dos temas caráter da paisagem e estradas históricas, Anhesim (2010) trabalhou o conceito de caráter da paisagem através do estudo de caso da antiga Estrada Mestre nas terras do empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). A pesquisa identificou os atributos como qualidade cênica, estudou a transformação da paisagem, resgatou os elementos de caráter e definiu a fragilidade da paisagem da estrada em estudo.

A presente pesquisa estuda as estradas históricas do sul do estado de Santa Catarina sob o enfoque do **caráter da paisagem** do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Como apresentado anteriormente, tanto o tema, a abordagem quanto a

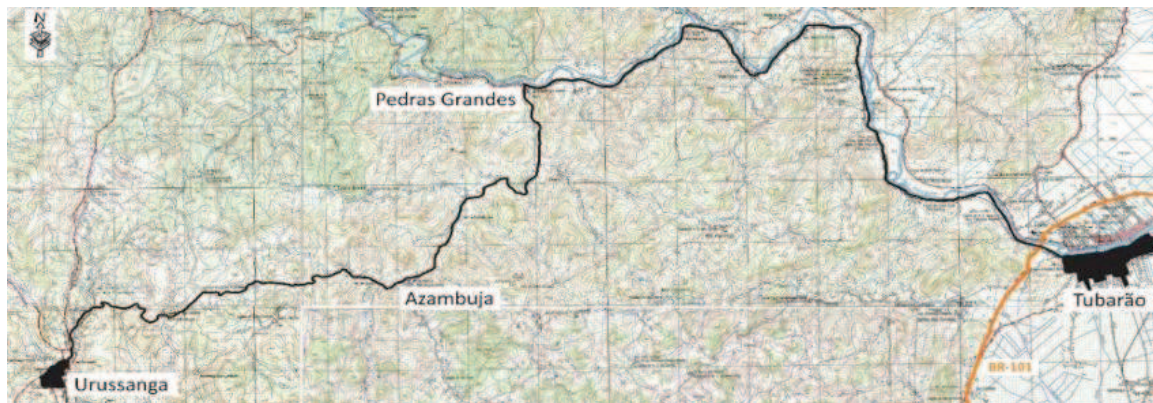
² Estradas históricas que evoluíram por necessidade ou tradição. Evoluíram a partir de caminhos antigos, trilhas coloniais ou picadas de animais. Geralmente, apresentam o maior número de períodos históricos (*Historic Roads*, 2016).

amostra e o recorte de pesquisa ainda não foram abordados em pesquisas acadêmicas. O interesse em estudar as antigas estradas de penetração no interior do território de Santa Catarina justifica-se pela importância que as mesmas tiveram como vetor do povoamento e desenvolvimento da região. Parte significativa da história da ocupação do território do sul catarinense foi escrita ao longo desses caminhos.

1.7 | DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A delimitação do objeto de estudo também é um diferencial. Essa pesquisa está sendo realizada na região mais representativa da imigração italiana no sul do estado de Santa Catarina, onde os estudos estão focados principalmente no patrimônio cultural edificado. A estrada escolhida como recorte desta pesquisa segue a trajetória dos imigrantes italianos que se destinaram às colônias do sul de Santa Catarina. Desembarcados em Laguna, se dirigiram costeando o rio Tubarão até Azambuja e Urussanga.

Figura 2: Roteiros Culturais Sul: caminho Tubarão – Urussanga, via Pedras Grandes.



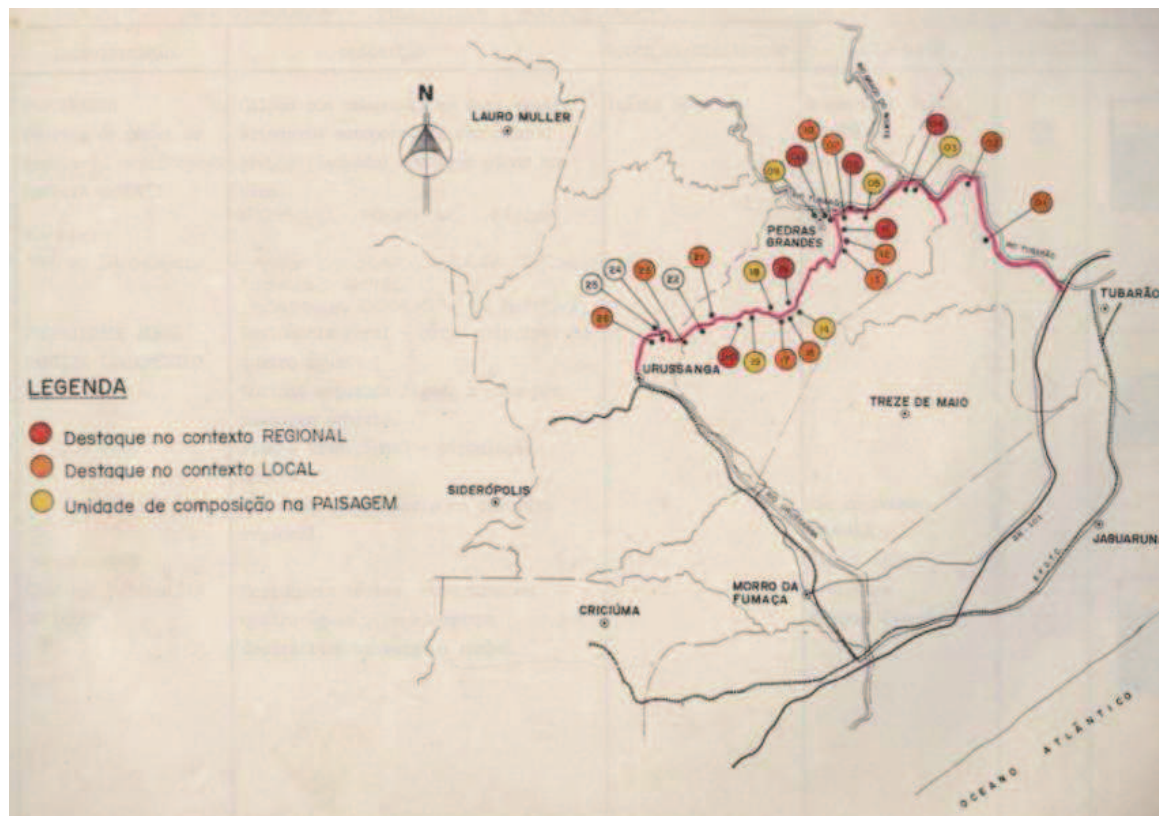
Fonte: autora sobre base IBGE (1974).

Os imigrantes italianos chegavam até Tubarão de barco e eram levados a pé até a colônia sede da imigração italiana: o núcleo rural de Azambuja fundado em 1877. Em 1878, fundaram o núcleo central de Urussanga e a partir daí os demais núcleos rurais, promovendo assim a efetiva ocupação do território do sul de Santa Catarina.

Em um mapeamento cultural realizado por técnicos da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), datado da década de 1980, foram identificadas vinte e seis edificações de destaque ao longo do caminho

Tubarão a Urussanga, via Pedras Grandes, conforme apresenta o mapa da Figura 3. Esse inventário foi feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2008 (ver Anexo 01).

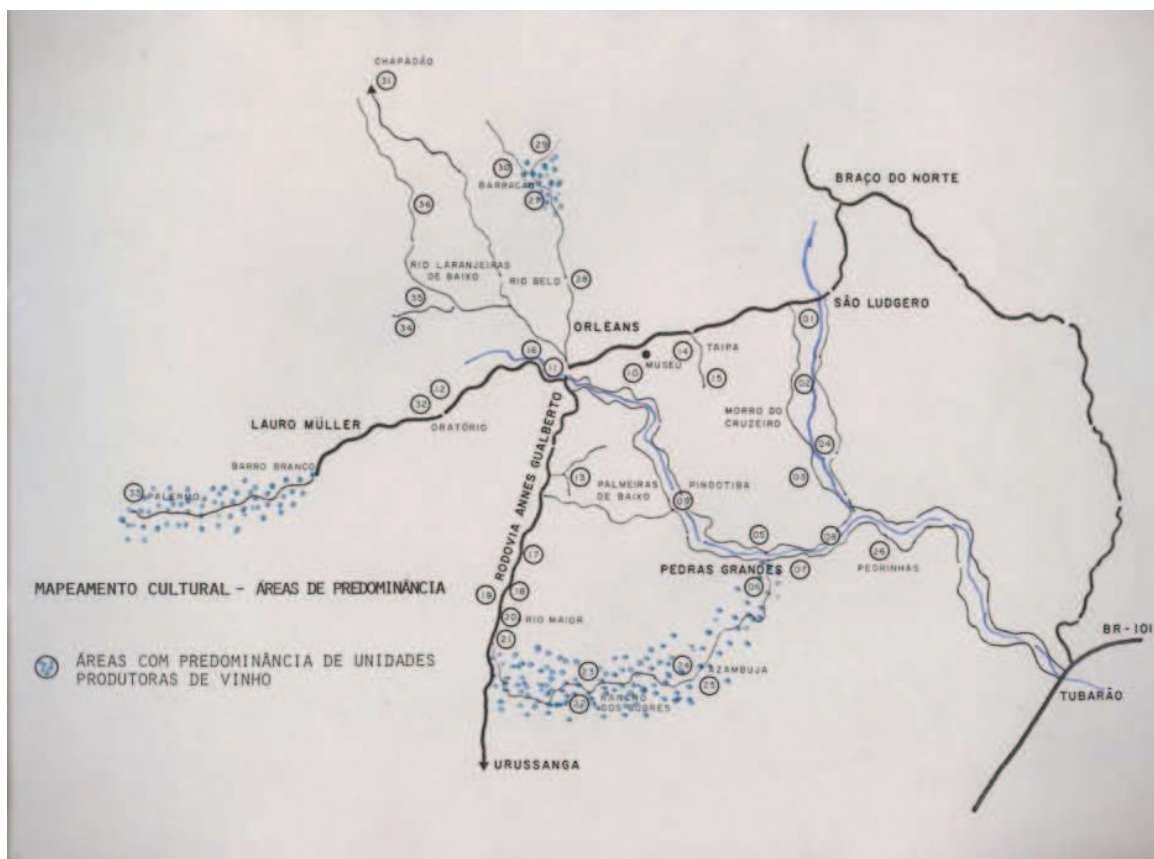
Figura 3: Roteiros Culturais Sul: caminho Tubarão a Urussanga, via Pedras Grandes.



Fonte: FCC, 1980 [?].

Em outro mapeamento cultural realizado por técnicos da FCC, provavelmente também na década de 1980, foram identificadas trinta e seis edificações de interesse e unidades de produção desativadas ou ainda em funcionamento em uma área que englobava os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, São Ludgero, Orleans, Braço do Norte e Lauro Müller. O mapa da Figura 4 aponta a predominância de unidades produtoras de vinho em uma parte do antigo caminho dos imigrantes do trecho da sede de Pedras até Urussanga, passando pelas localidades rurais de Azambuja e Rancho dos Bugres (pontilhada em azul), além de outro trecho fora do recorte de estudo localizado no município de Lauro Müller.

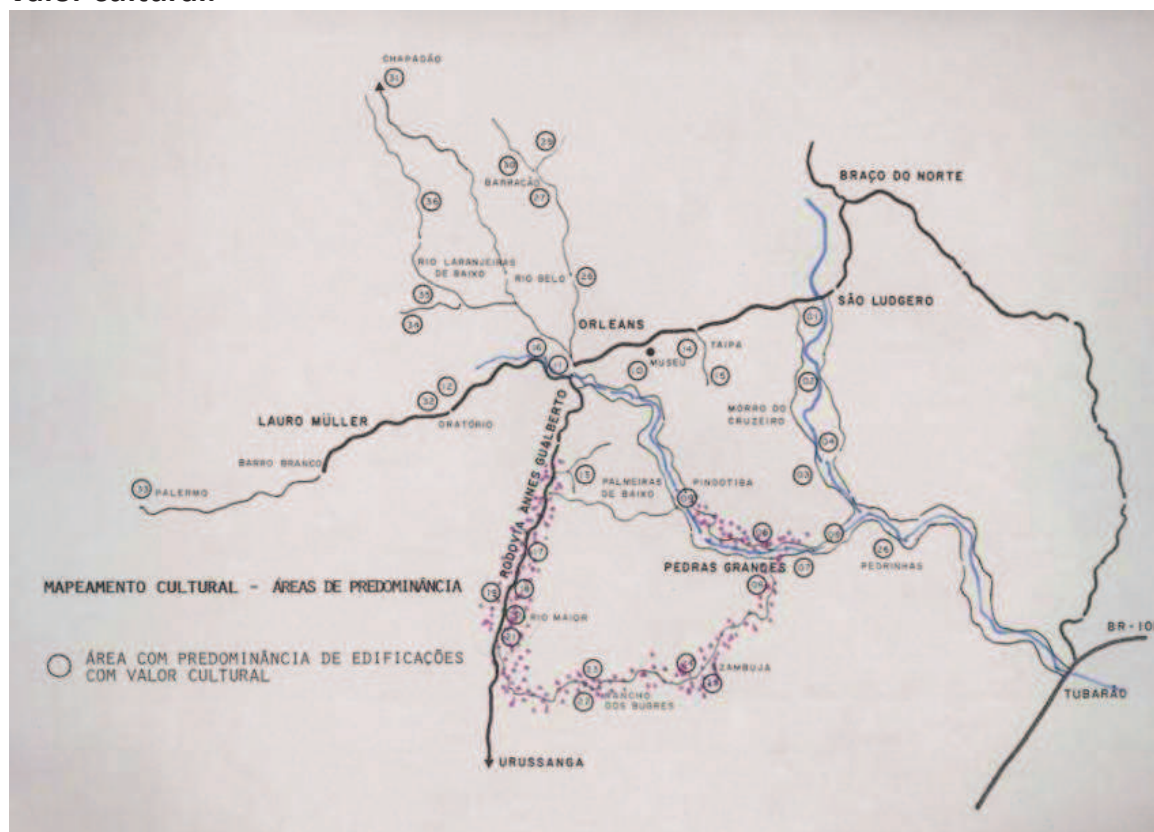
Figura 4: Mapeamento cultural – áreas de predominância de unidades produtoras de vinho.



Fonte: FCC, 1980 [?].

Além desse, o mapa da Figura 5 aponta a predominância de edificações de valor cultural em uma área correspondente à sede do município de Pedras Grandes, a parte do antigo caminho dos imigrantes do trecho da sede de Pedras Grandes até Urussanga, passando por Azambuja e Rancho dos Bugres e o trecho da Rodovia Annes Gualberto, na localidade rural de Rio Maior, em Urussanga (pontilhada em roxo).

Figura 5: Mapeamento cultural – áreas de predominância de edificações com valor cultural.



Fonte: FCC, 1980 [?].

A escolha do estudo da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina deu-se em função de esta estrada ter sido aberta nos primeiros tempos da colonização italiana do sul de Santa Catarina. O trecho mais representativo do antigo caminho dos imigrantes italianos está localizado no município de Pedras Grandes, conforme demonstra mapa do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina (ver Apêndice 01). O recorte no município de Pedras Grandes justifica-se pela maior concentração de unidades próprias da cultura italiana estar situada dentro do município. Essas unidades vão desde unidades produtoras de vinho, com uma paisagem própria da viticultura, unidades de produção como vinícolas e atafonas, conforme apresentado nas Figuras 4 e 5. Esta estrada dentro dos limites do município também atravessa importantes núcleos, como a sede do município de Pedras Grandes, o núcleo de Zambuja – considerado a colônia sede da imigração italiana no sul de Santa Catarina e a pequena localidade de Rancho dos Bugres, na divisa com o município de Urussanga.

1.8 | ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS DA TESE

O presente trabalho está organizado segundo uma estrutura que busca apresentar a aplicação do aporte teórico e metodológico na construção das bases dos procedimentos utilizados para comprovar os pressupostos da pesquisa e para atingir os objetivos a que se propõe.

O **CAPÍTULO 01 | INTRODUÇÃO** apresenta o tema da pesquisa, justificativa e relevância do estudo proposto, os pressupostos da pesquisa, problematização, o objetivo geral e os objetivos específicos, aspectos de ineditismo e a delimitação do objeto de estudo.

O **CAPÍTULO 02 | APORTE TEÓRICO** trata das questões teóricas da paisagem dentro do campo da Geografia, disciplina que desde o final do século XIX dedica-se à paisagem como fruto do agenciamento humano. Apresenta também a atribuição de valor patrimonial à paisagem por meio das experiências no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da Convenção Europeia da Paisagem (CEP) e do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Embora tratem de contextos, objetivos e escalas distintas, estes estudos foram essenciais para a construção dos fundamentos teóricos utilizados nesta pesquisa. O Capítulo também trata do tema Itinerários Culturais cujo conceito está baseado na dinâmica de movimento e na ideia de trocas contínuas no tempo e no espaço.

No **CAPÍTULO 03 | AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM** são apresentados os embasamentos teóricos e metodológicos fornecidos principalmente por Swanwick (2002), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006). O Capítulo resulta em uma reflexão metodológica a partir dos embasamentos teóricos e metodológicos estudados.

O **CAPÍTULO 04 | A OCUPAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA PELO IMIGRANTE ITALIANO E OS VALES DA UVA GOETHE** apresenta um breve panorama do processo de colonização dos imigrantes italianos no território do sul de Santa Catarina e também aborda o contexto dos Vales da Uva Goethe.

O **CAPÍTULO 05 | PROCEDIMENTOS DE PESQUISA** apresenta a abordagem e os procedimentos metodológicos utilizados em cada uma das etapas dessa pesquisa.

O CAPÍTULO 06 | O ESTUDO DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA

apresenta os resultados e discussões resultantes da aplicação dos procedimentos metodológicos aplicados no capítulo anterior para o estudo da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. As transformações da paisagem foram reconhecidas pelo estudo da iconografia histórica e o caráter da paisagem foi identificado pelos registros fotográficos e relatos de viajantes na internet, comentários de internautas e entrevistas com moradores de um trecho do antigo caminho dos imigrantes italianos.

As conclusões resultantes da pesquisa, bem como as recomendações para pesquisas futuras são apresentadas no **CAPÍTULO 07 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**.

Por fim, são apresentados a **Bibliografia**, os **Apêndices** e os **Anexos** da pesquisa.

CAPÍTULO 02 | APORTE TEÓRICO

Figura 6: Primeira patrula e caminhão de Pedras Grandes, 1964.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
vacante, a semear
de paisagem retrospectiva. (...)

Paisagem, país

feito de pensamento da paisagem,
na criativa distância espacitempo,
à margem de gravuras, documentos,
quando as coisas existem com violência
mais do que existimos: nos povoam
e nos olham, nos fixam. Contemplados,
submissos, delas somos pasto
somos a paisagem da paisagem.

(Paisagem: como se faz, Carlos Drummond de Andrade)

Neste capítulo são apresentadas algumas abordagens do conceito de Paisagem. Inicialmente, dentro da Geografia, pois desde o final do século XIX foi a disciplina que mais se dedicou à ideia da **Paisagem Cultural** como fruto do agenciamento do homem. Apresenta também os trabalhos da UNESCO (1992), *Council of Europe* (2000) e às iniciativas realizadas pelo IPHAN (2009) para elaboração de normatizações que utilizam a Paisagem Cultural como uma categoria operacional para identificação e preservação do patrimônio cultural.

Por meio do aporte teórico montado ao longo do capítulo são apresentadas as estratégias de estudo dos conceitos de diferentes âmbitos que se diferenciam tanto pela abordagem quanto pela escala de abrangência, conforme demonstrado abaixo:

Quadro 2: Abrangência do conceito de Paisagem Cultural na UNESCO, *Council of Europe* e IPHAN.

Âmbito	Legislação	Ano	Abrangência
UNESCO	Convenção do Patrimônio Mundial	1992	Valor universal excepcional
<i>Council of Europe</i>	Convenção Europeia da Paisagem	2000	Todas as paisagens
IPHAN	Portaria nº 127	2009	Paisagem peculiar

Fonte: autora.

A componente cultural, comum a todas as abordagens, é o fator que melhor identifica as paisagens como produto e expressão da presença humana no território. Por meio da paisagem, é possível apreender os diferentes valores culturais que se expressam na paisagem enquanto resultado das relações estabelecidas entre os grupos sociais e a natureza.

Também é apresentado neste capítulo o conceito de **Itinerários Culturais** no âmbito do Comitê Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), vinculado a UNESCO. Este conceito reconhece o potencial e o valor patrimonial de determinados conjuntos de bens, assim como os caminhos que os relacionam e emolduram, através dos quais se constata fenômenos de mobilidade e trocas culturais.

2.1 | PAISAGEM E CULTURA NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Trata-se a paisagem cultural de um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço: como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza (CORRÊA, 1997, p. 289).

A paisagem é um tema estudado por diferentes disciplinas, como a Geografia, a Arquitetura, a Ecologia, a Arqueologia, a Arte, entre outras. Cada disciplina apropria-se do termo de maneira diferenciada, o que resulta em correntes de pensamento que tratam o conceito de modos distintos. Para Meneses (2002, p. 29), esse caráter movediço do tema deriva, em grande parte, da própria polissemia da palavra paisagem. Essa dificuldade de consenso também é apresentada por Ribeiro (2007), ao indicar que alguns críticos até negam o valor da paisagem enquanto conceito científico. Este autor sublinha ainda que as escolhas na definição da noção de paisagem influenciam o resultado final de qualquer trabalho, uma vez que a adoção de uma abordagem em detrimento de outra levará a diferentes conclusões sobre um mesmo objeto.

A Geografia é a ciência que, ao longo do tempo, mais se dedicou a estudar a paisagem como conceito e foi capaz de fornecer unidade e identidade num contexto de afirmação da disciplina. Para Corrêa e Rosendahl, a importância da paisagem no pensamento geográfico tem variado ao longo dos tempos³. A dimensão cultural da sociedade estava presente na Geografia europeia desde o final do século XIX. Um

³ A retomada do conceito de paisagem, que se verificou após 1970, trouxe novas acepções fundadas em outras matrizes epistemológicas. Na realidade, a paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004, p. 8).

significativo subcampo da Geografia, conhecido como Geografia Cultural, reconhece e investiga as variadas, antigas e novas práticas sociais em seus resultados no espaço geográfico, assim como as interpretações que se fazem deles (Corrêa, 2010). Este subcampo emergiu no final do século XIX e ganhou novas ampliações temáticas durante o último quartel do século XX, resultando em uma diversidade conceitual e metodológica, cujos temas relacionavam-se tanto com a materialidade da cultura quanto com os aspectos não materiais. Segundo Wagner e Mikessel (2011 [1962], p. 27-28) os temas preferenciais na tradição da Geografia Cultural foram: cultura, história da cultura, paisagem cultural⁴, área cultural e ecologia cultural.

O geógrafo americano Carl Otwin Sauer, influenciado pela geografia alemã do início do século XX, pode ser considerado o fundador da Geografia Cultural norte-americana. A Escola que se formou em sua volta, em Berkeley, representou um dos mais ricos aportes teórico-metodológicos da Geografia norte-americana no século XX, e ainda hoje influencia diferentes trabalhos.

No conceito de Sauer, a paisagem natural é formada por fatos morfológicos e existe antes da ação humana:

A área, anterior à introdução da atividade humana, é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são outro conjunto. Podemos chamar as primeiras, com referência ao homem, de paisagem natural, original. No seu todo ela não existe mais em muitas partes do mundo, mas sua reconstrução e compreensão são a primeira parte da morfologia (SAUER, 2004 [1925], p.42).

A **Escola de Berkeley** ou **Geografia Cultural Saueriana** adota uma visão positivista calcada no historicismo e trata a paisagem cultural como um conceito científico, restrito essencialmente aos aspectos visíveis, excluindo assim todos os fatos não materiais da

⁴ Paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos membros de uma comunidade cultural (Wagner e Mikessel, 2011 [1962], p. 36).

atividade humana. Nessa corrente de pensamento Sauer deixa explícito que as dimensões estética e subjetiva da paisagem existem e são reconhecidas, mas não fazem parte do interesse científico, na medida em que não podem ser classificadas e mensuradas.

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural, ou seja, **a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado** (SAUER, 2004 [1925], p. 29). A paisagem cultural centraliza o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como o resultado da ação humana alterando a paisagem natural, embora, na realidade, toda a ação humana que altera a natureza produz cultura:

A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana (SAUER, 2004 [1925], p. 29).

O livro *The Morphology of the Landscape*, publicado em 1925, demonstra o caminho percorrido por Sauer para romper com o determinismo ambiental. O método indutivo proposto pelo autor, plenamente empiricista e à procura de generalizações, considera aspectos genérico e funciona por comparação. A constituição do método morfológico dá-se agregando e ordenando os fenômenos como formas integradas em estruturas e realizando o estudo comparativo dessas estruturas. A paisagem possui uma identidade baseada numa constituição reconhecível, em limites e em uma relação genérica com outras paisagens, constituindo parte de um sistema geral. Sauer propõe, como síntese, os seguintes postulados:

[...] 1. Que há uma unidade orgânica ou quase orgânica, isto é, uma estrutura na qual certos componentes, chamados de “formas”, são necessários; 2. A similaridade de formas em diferentes estruturas é reconhecida por causa de sua equivalência funcional, sendo então homólogas; 3. Que as unidades estruturais

possam ser colocadas em série, especialmente em uma unidade que tenha seu desenvolvimento ao longo do tempo valorizado, partindo do incipiente até o final ou estágio completo (SAUER, 2004 [1925], p. 31).

A mais importante dessas formas constituintes é a cultura, vista como o conjunto de instrumentos e artefatos usados pelos grupos humanos na apropriação do espaço e as associações que modificam o ambiente natural e o tornam mais produtivo. Segundo Claval (2011 [2002], p. 148), para os geógrafos desse período que se estende até o fim dos anos sessenta, os fatos geográficos apareciam como dados objetivos, como se fossem feitos a partir do mundo físico e a disciplina não tinha que estudar a dimensão subjetiva da ação humana.

Para Corrêa (1997), a cultura é entendida na Geografia Cultural como uma entidade superorgânica, estando, portanto, acima dos grupos humanos. Essa é a crítica mais profunda à definição de Carl Sauer, que considera a cultura uma entidade independente da realidade externa ao indivíduo, reduzindo-o a um mero agente de forças culturais. A cultura é vista como uma entidade acima dos grupos humanos, uma realidade superior homogênea que se impõe aos grupos, os condiciona e paira sobre a sociedade sem ser construída por ela, não considerando a mudança, os conflitos internos, as transformações e o progresso.

O movimento de ruptura com o positivismo surge no início dos anos de 1960. A nova corrente intitulada **Geografia Humanista** adota filosofias ligadas ao humanismo e também refuta a Geografia Cultural. Os geógrafos dessa corrente entendiam a paisagem como algo mais do que simplesmente o visível e os remanescentes físicos da atividade humana sobre o solo. Neste período, destacam-se autores como David Lowenthal e Yi-Fu Tuan, que dão mais valor ao conceito de lugar que ao de paisagem, uma vez que aquele demonstra mais fortemente a ideia de pertencimento, de individualidade do ser humano e do apego a determinados espaços (RIBEIRO, 2007).

Rosendahl e Corrêa (1999) e Ribeiro (2007) relatam que nas décadas de 1980 e 1990 a Geografia tratou de conciliar essas duas abordagens, revisando os conceitos de Geografia Cultural de Sauer e da

Geografia Humanista. Dentro desse contexto de renovação⁵, surgiu uma abordagem de fundo marxista, na qual os autores refutam a vertente de Carl Sauer e passam a chama-la **Geografia Cultural Tradicional**. Como visto anteriormente, o interesse dessa abordagem limita-se às paisagens naturais, e descrevê-las ou retratá-las era uma forma de resguardá-las da ação eminentemente humana, assim como de promover uma espécie de catalogação da natureza em suas formas na superfície da Terra. Contudo, não tardou para que a ideia de interação entre os grupos humanos e a natureza da qual a paisagem era reflexo, se tornasse atraente aos geógrafos. Essa segunda abordagem, conhecida como **Nova Geografia Cultural**, ganha força a partir do final da década de 1970 ao analisar não apenas a dimensão material, mas também a dimensão não material da cultura. Essa corrente é adotada por geógrafos influenciados por matrizes não positivistas da ciência para o estudo de temas como a religião e o significado das manifestações culturais.

Crosgrove (2004 [1984]) destaca que se anteriormente cultura era algo que pairava sobre a sociedade como uma entidade autônoma, agora o conceito de cultura aparece como algo que necessita dos seres humanos para funcionar. Trata-se de algo que é constantemente reproduzido em suas ações, transformado por mudanças rápidas e lentas, ao nível da reflexão consciente e da comunicação. A cultura é, portanto, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas.

Essas distinções da paisagem no pensamento geográfico serão apresentadas no texto que se segue, nas quais destacam-se os autores James Duncan, Denis Cosgrove, Paul Claval e Augustin Berque, sendo os primeiros da tradição anglo-saxônica e os dois últimos representantes da tradição francesa.

Segundo Ribeiro (2007), a metáfora de ler a cultura e a paisagem como um texto é utilizada por James Duncan em *The City as Text*, publicado em 1990. No texto, o autor defende a interpretação

⁵ Esse debate é enriquecedor e seus impactos estendem-se a toda a comunidade geográfica, ciente de que as explicações em voga, que embora parcialmente objetivas, são resultantes de diferentes intersubjetividades e fortemente calcadas em uma perspectiva econômica, não são capazes de dar conta dos processos, formas e interações espaciais (ROSENDAHL e CORRÊA, 1999, p. 8-9).

subjetiva da paisagem que deve ser interpretada diferentemente conforme o conjunto de símbolos de cada grupo. Assim, o trabalho do geógrafo transforma-se em um esforço de interpretação limitado, pois ele próprio também lê a paisagem segundo suas simbologias.

Para Denis Cosgrove, um dos principais representantes da abordagem simbólica, a paisagem revela significados que os grupos humanos atribuem às áreas e aos lugares, permitindo relacionar estes significados a outros aspectos e condições da existência humana. Seu discurso está associado ao estudo da paisagem por meio de vários meios e superfícies: pintura sobre tela, escrita sobre papel, imagens gravadas em filmes, entre outras:

Ao reconstruir os conceitos de paisagem e de cultura com novas referências conceituais, os estudos recentes de geografia cultural enfatizam o caráter de construção cultural sofisticada do próprio conceito de paisagem. [...] Assim, as qualidades simbólicas da paisagem, que produzem e sustentam seu significado social, tornaram-se objeto de pesquisa, ampliando as fontes disponíveis para a geografia cultural. [...] O conceito de paisagem como configuração de símbolos e signos leva a metodologias mais interpretativas do que morfológicas. [...] **A linha interpretativa dentro da geografia cultural recente desenvolve a metáfora da paisagem como texto, a ser lido e interpretado como documento social** (grifo nosso) (COSGROVE e JACKSON, 2011 [1987], p.137).

Entre os geógrafos de tradição francesa, Paul Claval é defensor da abordagem cultural na geografia⁶. Em alguns de seus textos, o autor percorre os caminhos do pensamento geográfico e entende que a

⁶ Para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia é um subcampo da Geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria – e eu faço parte dela – todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural (CLAVAL, 2011 [2002], p. 147).

renovação cultural⁷ não é uma ação recente, mas um processo que levou muitos anos. Claval (2001 [2000]) coloca a paisagem como principal temática da Nova Geografia Cultural, mas não a trata como realidade objetiva na vida dos grupos humanos, mas sim como um suporte de mensagens e símbolos. Esse distanciamento da perspectiva material, que a geografia trazia até então, é, para o autor, o grande avanço das pesquisas dos últimos trinta anos.

Os estudos realizados pelo geógrafo francês Augustin Berque apontam na mesma direção, principalmente no que diz respeito à simbologia da paisagem. Para Berque, além de expressar a associação passada entre os grupos humanos e a natureza, a paisagem também é uma matriz, uma vez que a partir dela os grupos humanos planejam a ocupação do território:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação (BERQUE, 2004 [1984], p.84).

Esta abordagem geográfica da paisagem enquanto integração dos grupos humanos e da natureza influenciou estudos e reflexões acerca da preservação do patrimônio cultural. Tanto os estudos de Sauer quanto os da Geografia Cultural renovada estão presentes nas estratégias de preservação da paisagem que são apresentadas a seguir.

⁷ A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos a partir do início da década de 1970 repousa sobre uma mudança completa de atitudes e nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informações e de ideias. As relações dos grupos humanos com o meio ambiente e com o espaço tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nasce das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Expressam-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são objeto de discursos e de uma reflexão sistemática (CLAVALL, 2001 [2000], p.39)

2.2 | PAISAGEM E LISTA DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO

A primeira tentativa de aproximação entre natureza e cultura, no domínio oficial dos técnicos, foi efetuada com a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural aprovada pela Conferência Geral da UNESCO, em 1972. Para Mitchell, Rössler e Tricaud (2009), sua finalidade é garantir a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do patrimônio cultural e natural de Valor Universal Excepcional⁸. A Convenção fixou que compete aos Estados signatários o dever de identificação e preservação de possíveis sítios, cabendo a estes a responsabilidade da inscrição de seus bens candidatos a Patrimônio Mundial.

A Convenção estabeleceu os critérios que classificam a inscrição dos bens nas categorias: patrimônio cultural⁹ e patrimônio natural¹⁰, conforme quadro apresentado a seguir.

⁸ O Valor Universal Excepcional significa uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo caráter inestimável para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade. Assim sendo, a proteção permanente deste patrimônio é da maior importância para toda a comunidade internacional (UNESCO, 2012, p. 12).

⁹ Artigo 1.º: Para fins da presente Convenção são considerados como patrimônio cultural: os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos: grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os locais de interesse: obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os sítios arqueológicos, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 2012, p. 11).

¹⁰ Artigo 2.º: Para fins da presente Convenção serão considerados como patrimônio natural: os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçados, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural (UNESCO, 2012, p. 11).

Quadro 3: Critérios culturais e naturais para inscrição do bem como Patrimônio Mundial.**Critérios Culturais**

- (i) representar uma obra-prima do gênio criador humano;
- (ii) ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, do desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens;
- (iii) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;
- (iv) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana;
- (v) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;
- (vi) estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comitê considera que este critério deve de preferência ser utilizado conjuntamente com outros);

Critérios Naturais

- (vii) ser exemplo excepcionalmente representativo dos grandes estádios da história da Terra, nomeadamente testemunhos da vida, de processos geológicos em curso no desenvolvimento de formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado;
- (viii) ser exemplo excepcionalmente representativo de processos ecológicos e biológicos em curso na evolução e desenvolvimento de ecossistemas e comunidades de plantas e de animais terrestres, aquáticos, costeiros e marinhos;
- (ix) representar fenômenos naturais notáveis ou áreas de beleza natural e de importância estética excepcionais;
- (x) conter os habitats naturais mais representativos e mais importantes para a conservação *in situ* da diversidade biológica, nomeadamente aqueles em que sobrevivem espécies ameaçadas que tenham um Valor Universal Excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Fonte: UNESCO, 2012, p. 16-17.

Essa concepção refletia a própria origem antagônica da preocupação com o Patrimônio Mundial oriunda de dois movimentos

distintos: a preocupação com os sítios culturais e a conservação da natureza. Fowler (2003) reforça que essa divisão refletia a ideia de que para muitos dos conservacionistas da natureza, quanto menos interferência humana houvesse numa área, melhor esta seria qualificada. Assim, também para muitos arquitetos, historiadores de arte e outros cientistas das áreas humanas, os monumentos e estruturas, prédios e ruínas eram vistos como fenômenos isolados.

Os critérios, porém, continuavam vagos e de difícil aplicação uma vez que a Convenção de 1972 estabeleceu definições muito gerais de patrimônio cultural e natural. Posteriormente, foi criada a classificação de bem misto¹¹ para a inscrição de bens que poderiam ter sua inscrição justificada tanto em critérios naturais quanto culturais. Foi em resposta a esse contexto que a categoria de Paisagem Cultural começou a ser pensada pela UNESCO, como explica Fowler:

A categoria Paisagem Cultural foi criada pelo Comitê do Patrimônio Cultural para permitir a inclusão dos locais que não poderiam ser selecionados pelos critérios existentes. Significou ser uma adição aos mecanismos de disposição do Comitê, não uma recolocação, conceitual ou metodológica, para os já existentes (FOWLER, 2003, p. 15).

Durante a 16.^a Sessão do Comitê, ocorreu um encontro preparatório a convite do ICOMOS e do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO. A intenção era libertar a inscrição de bens naturais e culturais da divisão imposta pelos critérios existentes e pensar uma forma de incluir a categoria Paisagem Cultural na Lista do Patrimônio Mundial. Realizado em La Petite Pierre (França), em 1992, os critérios para definição das categorias culturais foram revistos e finalmente adotada a categoria de Paisagem Cultural. Dessa forma, através da qualificação como Paisagem Cultural seria possível incluir na Lista do Patrimônio Mundial os aspectos da integração entre o homem e a natureza, entre o patrimônio material e imaterial na definição e na

¹¹ São considerados patrimônio misto cultural e natural os bens que respondem a uma parte ou à totalidade das definições de patrimônio cultural e natural que constam dos artigos 1.^o e 2.^o da Convenção (UNESCO, 2012, p. 11).

listagem dos bens que pertenceriam a esta categoria. Segundo o texto da Convenção do Patrimônio Cultural:

As paisagens culturais são bens culturais e representam as «obras conjugadas do homem e da natureza» a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas (UNESCO, 2012, p. 11).

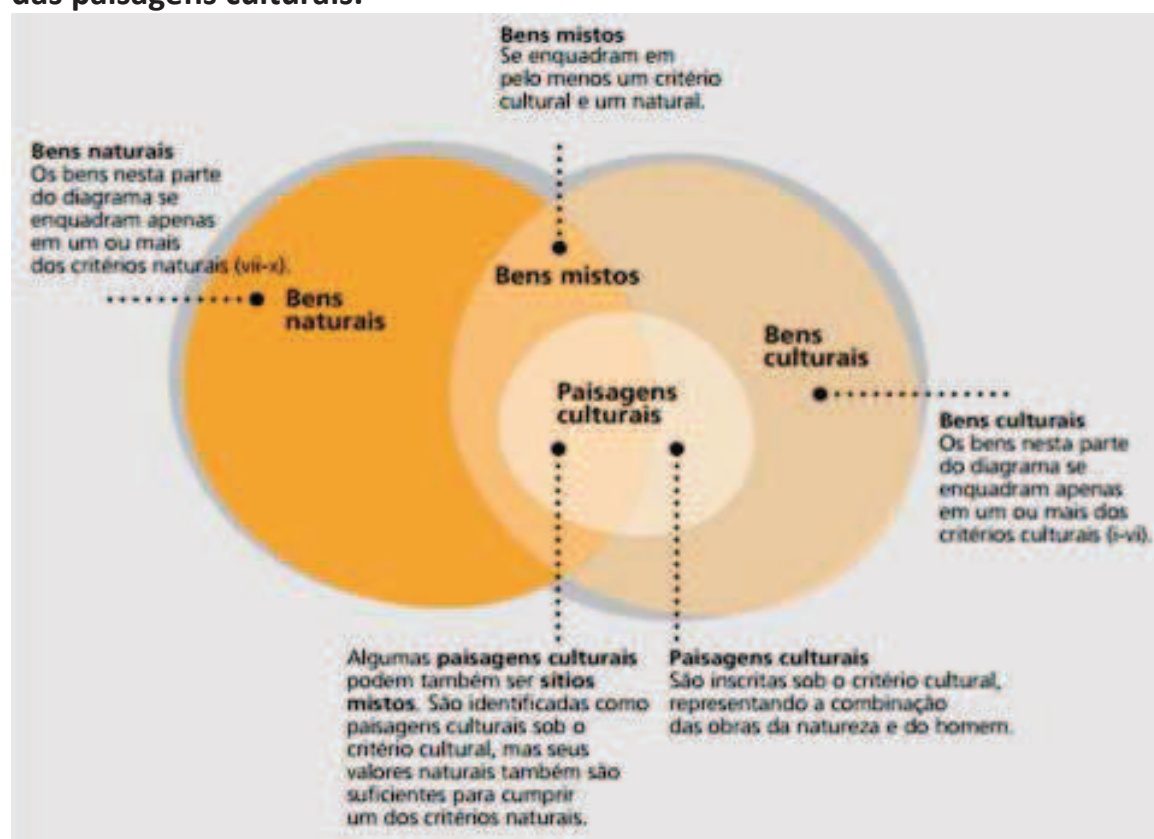
Para Ribeiro (2007), a concepção de paisagem cultural adotada pela UNESCO rompeu com os modelos anteriores por enxergar a paisagem como o próprio bem, não mais como a sua ambiência. Ainda segundo o autor, para serem incluídas na Lista do Patrimônio Mundial as paisagens culturais devem ser selecionadas pelo seu valor universal, pela sua representatividade em termos de uma região geocultural claramente definida e pela sua capacidade de ilustrar elementos culturais distintos dessa região, perpetuando os conceitos de pertencimento, significado, valor e singularidade do lugar.

Do ponto de vista patrimonial, a inserção na Lista do Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural é uma das principais vias de atribuição de valor de uma paisagem. Mitchell, Rössler e Tricaud (2009), apontam que a Convenção do Patrimônio Mundial tornou-se o primeiro instrumento jurídico internacional a reconhecer e proteger paisagens culturais em uma escala global, levando em consideração as várias expressões da interação cultural das pessoas com seu ambiente natural em qualquer contexto geocultural.

É necessário, no entanto, não confundir bens mistos com paisagens culturais. Os bens mistos são inscritos segundo pelo menos um dos critérios de (i) a (vi) e pelo menos um dos critérios de (vii) a (x), porque se enquadram em ambos os critérios independentemente. O Valor Universal Excepcional das paisagens culturais vem não de suas qualidades culturais ou naturais quando avaliadas independentemente, mas da inter-relação entre cultura e natureza. Paisagens culturais são identificadas sob o critério cultural. Esses bens muitas vezes têm

valores naturais, mas normalmente não em um nível que justifique a inscrição sob critérios naturais. Nos casos em que elas atingem esse nível, o bem será inscrito como sítio misto e paisagem cultural (UNESCO, 2013, p. 35). Esse conjunto de relações é demonstrado na Figura 7:

Figura 7: Relação entre os bens naturais, culturais e mistos e o caso especial das paisagens culturais.



Fonte: UNESCO, 2013, p. 36.

As categorias de paisagens culturais propostas na reunião de La Petite Pierre possuem relação direta com os critérios culturais para inscrição do bem como Patrimônio Mundial, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 4: Comparação entre os critérios culturais da Convenção do Patrimônio Mundial e as categorias de paisagem cultural.

Critérios Culturais	Categoria de Paisagem Cultural
(i) representar uma obra-prima do gênio criador humano;	Paisagem Claramente

<p>(ii) ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, do desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens;</p> <p>(iii) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;</p> <p>(iv) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana;</p> <p>(v) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas) ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;</p>	<p>Definida. Paisagem Evoluída Organicamente (Paisagem Relíquia ou Fóssil ou Paisagem Contínua).</p>
<p>(vi) estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comitê considera que este critério deve de preferência, ser utilizado conjuntamente com outros).</p>	<p>Paisagem Cultural Associativa.</p>

Fonte: Rössler, 1998, p. 49.

Para serem inscritas como Patrimônio Mundial, as paisagens culturais devem ser enquadradas segundo as seguintes categorias de classificação:

A **Paisagem Claramente Definida** (*clearly defined landscape*): engloba as paisagens de jardins e parques criadas por razões estéticas que estão muitas vezes (mas não sempre) associadas a construções ou conjuntos religiosos (ver Figuras 8 e 9).

A **Paisagem Evoluída Organicamente** (*organically evolved landscape*) resulta de uma exigência de origem social, econômica, administrativa e/ou religiosa e atinge a sua forma atual por associação

e em resposta ao seu ambiente natural. Estas paisagens refletem o processo evolutivo na sua forma e composição e dividem-se em:

a) **Paisagem Relíquia ou Fóssil** (*relict or fossil landscape*): paisagem que sofreu um processo evolutivo que foi interrompido abruptamente ou por algum tempo num dado momento do passado, porém, as suas características essenciais mantêm-se materialmente visíveis (ver Figuras 10 e 11).

Figura 8: Paisagem Cultural de Sintra.
Foto: Fiona Starr.



Fonte: whc.unesco.org.

Figura 9: Paisagem Cultural de Lednice–Valtice, República Tcheca.
Foto: Amos Chapple.



Fonte: whc.unesco.org.

Figura 10: Røros Mining Town e entorno, Noruega. Foto: Jiri Havran.



Fonte: whc.unesco.org.

Figura 11: Antigas aldeias do norte da Síria. Foto: François Cristofoli.



Fonte: whc.unesco.org.

b) **Paisagem Contínua** (*continuing landscape*): conserva um papel social ativo na sociedade contemporânea, intimamente

associado ao modo de vida tradicional. O processo evolutivo continua. Ao mesmo tempo, mostra provas manifestas da sua evolução ao longo do tempo (ver Figuras 12 e 13).

Figura 12: Paisagem Cultural dos terraços de arroz das Cordilheiras Filipinas. Foto: FengJing.



Fonte: whc.unesco.org.

Figura 13: Paisagem Cultural de Hallstatt–Dachstein em Salzkammergut, Áustria. Foto: Martin Gray.



Fonte: whc.unesco.org.

A **Paisagem Cultural Associativa** (*associative cultural landscape*): justifica-se pela força da associação dos fenômenos religiosos, artísticos ou culturais do elemento natural, mais do que por sinais culturais materiais que podem ser insignificantes ou mesmo inexistentes (ver Figuras 14 e 15).

Figura 14: Paisagem Cultural do Parque Nacional de Uluru–KataTjuta. Foto: Emmanuel Pivard.



Fonte: whc.unesco.org.

Figura 15: Parque Nacional Tongariro, Nova Zelândia. Foto: S. A. Tabbarum.



Fonte: whc.unesco.org.

Conforme visto anteriormente, a Paisagem Cultural tem sido amplamente discutida e estudada desde o final do século XIX. Tem a sua origem conceitual na Geografia, mas também no campo do patrimônio cultural, através da adoção do conceito pela UNESCO em 1992. A UNESCO seguiu a linha traçada por Sauer, que entendia que a paisagem geográfica é resultado da ação da cultura ao longo do tempo sobre a paisagem natural. Esta definição tem como referência o conteúdo elaborado na Convenção de 1992 e também o conceito clássico de Sauer, presente em vários documentos da UNESCO: *The cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a culture group. Culture is the agent, the natural area the medium, the cultural landscape the result*¹².

Ribeiro (2007, p. 114) afirma que o estabelecimento das categorias pela UNESCO buscou englobar diferentes correntes do pensamento geográfico: a paisagem claramente definida está mais ligada à tradição do paisagismo e da arquitetura da paisagem; a paisagem evoluída organicamente possui uma forte matriz saueriana em sua perspectiva evolucionista e historicista, construída pelos grupos humanos, que a constrói ao longo do tempo, enquanto a paisagem associativa – valorizada a partir da renovação da Geografia Cultural, que teve início no final da década de 80 – aborda a valorização das associações culturais de determinadas paisagens.

Com o fim de proteger zonas já mencionadas, o Comitê de Ministros do Conselho da Europa estabeleceu em 1995 a **Recomendação R (95) 9 – Conservação Integrada das áreas de paisagens culturais**, cuja contribuição, como reconhecido pelo Conselho da Europa, 2004 [1995], está ligada à proteção das áreas de paisagem cultural e à assistência às paisagens para preservar a memória do povo e a identidade cultural das comunidades humanas. A Recomendação reconhece que o meio ambiente é um sistema dinâmico que engloba elementos naturais e culturais, interagindo num determinado tempo e espaço. Também reconhece que é passível de ter efeitos diretos ou indiretos, imediatos ou a longo prazo, sobre os seres vivos, as comunidades humanas e sua descendência em geral e ainda

¹² A paisagem cultural é um resultado da ação de um grupo social sobre a paisagem natural. A cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural, o resultado (tradução nossa).

que as áreas de paisagem cultural nem sempre se constituem apenas de bens culturais, mas de valores paisagísticos que podem necessitar de uma particular proteção legal. Seu objetivo é propor meios teóricos e operacionais para a conservação e evolução controladas das áreas de paisagem cultural, cuja estrutura inclua as políticas de uso da terra e da paisagem como um todo (CONSELHO DA EUROPA, 2004 [1995]).

A paisagem deve ser alvo das estratégias de evolução controlada que consistem em identificar, conservar e valorizar as estruturas paisagísticas. Conforme a Recomendação R (95) 9, paisagem é entendida como:

Expressão formal dos numerosos relacionamentos existentes em determinado período entre o indivíduo ou uma sociedade e um território topograficamente definido, cuja aparência é resultado de ação ou cuidados especiais, de fatores naturais e humanos e de uma combinação de ambos (...) é definida, caracterizada da maneira pela qual determinado território é percebido por um indivíduo ou comunidade (...) dá testemunho ao passado e ao presente do relacionamento existente entre os indivíduos e seu meio ambiente (...) ajuda a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições (CONSELHO DA EUROPA, 2004 [1995], p. 331–332).

Nesse sentido, todas as paisagens são consideradas segundo um triplo significado cultural. Em primeiro lugar, elas são definidas e caracterizadas segundo a maneira pela qual determinado território é percebido. Em segundo lugar, a paisagem é um testemunho do passado do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente. Por último, a paisagem ajudaria a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições.

A Recomendação faz distinção entre paisagens e áreas de paisagem cultural, esta última entendida como um recorte especial da primeira:

Áreas de paisagem cultural – partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representação em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haver ocorrido fatos históricos (CONSELHO DA EUROPA, 2004 [1995], p. 332).

Conforme refere Ribeiro (2007), nota-se deste modo que a paisagem cultural é investida de um caráter especial em relação à paisagem. O autor aponta para uma definição diferenciada daquela da Geografia Tradicional, na qual a paisagem cultural é toda e qualquer paisagem alterada pela ação humana. Isso reflete uma visão diferenciada do adjetivo cultural na paisagem. Segundo a antiga definição da Geografia, o qualificativo cultural parece estar mais ligado à noção de bem cultural. Ela se diferencia daquelas que salientam o valor ecológico e natural, mas, tal como estas últimas, também estabelece que merece proteção legal¹³. Trata-se de um instrumento que visa a identificação de paisagens e paisagens culturais com o objetivo principal de dar subsídios à gestão integrada do território.

2.3 | CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM

A CEP, aprovada em 2000 em Florença, também compreende a relação entre aspectos naturais e culturais da paisagem com foco no desenvolvimento sustentável e na relação equilibrada e harmoniosa entre as necessidades sociais, econômicas e ambientais.

¹³ Assim como se justifica atribuir proteção legal a locais de particular valor ecológico ou natural, as paisagens culturais, tal como definidas no artigo 1 desta recomendação, deveriam ser objeto de medidas específicas de preservação (CONSELHO DA EUROPA, 2004 [1995], p. 339).

Paisagem, segundo a CEP, é qualquer parte do território tal como é percebida pela população, cujo caráter seja resultado da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos. Esta definição busca compreender a paisagem de maneira global, de modo a contribuir para a qualidade do lugar no qual vive uma população e a reconhece como condição essencial para o bem-estar individual e social, para o desenvolvimento sustentável e como recurso que favorece a atividade econômica (*Council of Europe, 2008*). Ribeiro (2007), salienta que, deste modo, a CEP considera que as paisagens evoluem no tempo, sob efeito das forças naturais e da ação humana, sublinhando igualmente a ideia de que a paisagem forma um todo, no qual elementos naturais e culturais são considerados simultaneamente.

A CEP tem o objetivo de promover a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem, além de organizar a cooperação europeia nesses aspectos. Os países signatários comprometem-se a reconhecer legalmente as paisagens enquanto componente do ambiente humano e base da sua identidade; estabelecer políticas de paisagem visando proteção, gestão e ordenamento das paisagens por meio de medidas específicas; estabelecer procedimentos para participação da sociedade civil e autoridades públicas e integrar a paisagem nas políticas de ordenamento do território que impactem direta ou indiretamente na paisagem (*Council of Europe, 2008*). Ribeiro (2007) faz interessantes considerações acerca dos objetivos gerais da CEP, quando afirma que:

Os ideais da Convenção Europeia da Paisagem estão intimamente ligados aos de desenvolvimento sustentável. Sua intenção é a de garantir o usufruto das paisagens para as populações atuais e futuras, permitindo também, na medida do possível, o desenvolvimento dos meios de produção. [...] A Convenção reconhece que, na procura por um justo equilíbrio entre proteção, gestão e organização de uma paisagem, é necessário levar em conta o fato de que não se procura preservar ou “congelar” as paisagens em um estado dado na sua longa evolução. As paisagens sempre mudaram e continuarão a mudar, tanto sob efeito dos processos naturais, como da ação humana. Na

verdade, o objetivo é acompanhar as mudanças que ocorrerão, reconhecendo a grande diversidade e a qualidade das paisagens que serão herdadas, se esforçando em preservar, talvez enriquecer, essa diversidade e essa qualidade (RIBEIRO, 2007, p. 54–55).

A intervenção sobre a paisagem é entendida como uma combinação entre proteção, gestão e ordenamento sobre um mesmo território: certas partes e elementos podem ser protegidos, outros aspectos, em particular os processos, geridos e outros transformados voluntariamente (*Council of Europe*, 2008). Essas definições são abordadas pela CEP:

Quadro 5: Definição de proteção, gestão, ordenamento e intervenção da paisagem.

Conceito	Definição
Proteção da paisagem	Ações encaminhadas para conservar e manter os aspectos significativos ou característicos de uma paisagem, justificados pelo valor patrimonial derivado de sua configuração natural e/ ou da ação humana. O conceito de proteção integra a ideia de que a paisagem está submetida à evolução aceitável dentro de certos limites. As ações de proteção, objeto de numerosas experiências, não podem deter o tempo nem reconstruir as características naturais ou antrópicas desaparecidas. Sem dúvida, podem orientar a evolução dos lugares para transmitir às gerações futuras suas características específicas, materiais ou imateriais. As características de uma paisagem dependem de fatores econômicos, sociais, ecológicos, culturais e históricos, cuja origem frequentemente é externa aos próprios lugares. A proteção da paisagem deveria tratar não somente das características presentes nos lugares, mas também de fatores externos numa escala apropriada.
Gestão da paisagem	Ações encaminhadas a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável para garantir a manutenção regular de uma paisagem, com a finalidade de guiar e harmonizar as transformações induzidas pelos processos sociais, econômicos e ambientais. A gestão da paisagem é uma ação contínua no tempo, destinada a qualquer atividade suscetível de modificar a paisagem. Pode ser

vista como uma forma de ordenação adaptada, que evolui por si mesma à medida que as sociedades transformam seu modo de vida, seu desenvolvimento e seu entorno. Consiste também em um projeto do território que leva em consideração as novas aspirações sociais, as previsões de modificação das características biofísicas e culturais e o acesso aos recursos naturais.

Ordenamento da paisagem	Ações que apresentam um caráter prospectivo particularmente acentuado com vistas a melhorar, restaurar ou criar paisagens. (Artigo 1 da CEP – Definições). A ordenação da paisagem é assimilável à noção de projeto do território e compreende formas de transformação que tenham a capacidade de antecipar novas necessidades sociais, mediante a consideração das evoluções em curso. Deveria prever os processos ecológicos e econômicos a médio e longo prazo. A ordenação implica também em reabilitação de espaços degradados para que possam responder aos objetivos de qualidade paisagística formulados.
Intervenção da paisagem	Combinação de proteção, gestão e ordenamento sobre um mesmo território: certas partes e elementos podem ser protegidos; outros aspectos, em particular os processos, geridos; e outros transformados voluntariamente.

Fonte: *Council of Europe*, 2000, p. 2; *Council of Europe*, 2008, p. 8-9.

Para a proteção, a preservação e a gestão, é necessário identificar as paisagens no conjunto do seu território, sendo esta responsabilidade de cada Estado Membro. O inventário avalia as paisagens assim identificadas tomando em consideração os valores específicos que lhes são atribuídos pelos intervenientes e pela população interessada. Sendo assim, é possível que os tomadores de decisão estabeleçam os instrumentos que visem à proteção, gestão e/ou o ordenamento da paisagem.

Assim, a CEP categoriza as paisagens em três tipos (que incluem as áreas naturais, rurais, urbanas e periurbanas, bem como as áreas terrestres, águas interiores e marítimas): **paisagens de considerável importância**, **paisagens ordinárias** e **paisagens degradadas**. Deste modo, segundo Ribeiro (2007, p. 54), poderiam ser definidas quais as paisagens que necessitariam de proteção pela sua importância, atribuída em função de diferentes valores, e quais as paisagens que

necessitariam de políticas de remodelação e transformação. Os aspectos patrimoniais atribuídos à paisagem pela CEP podem ser encontrados ao longo de todo seu texto, designando as ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem.

O Quadro 6 demonstra as distinções entre as abordagens da UNESCO e da CEP sobre o tema:

Quadro 6: Distinções entre a Convenção da UNESCO e a CEP.

Contexto	UNESCO	CEP
Escala territorial de atuação	Mundial	Regional (União Europeia)
Foco de atuação	Paisagem de valor excepcional único	Todas as paisagens identificadas como cruciais para a qualidade do ambiente dos cidadãos (paisagens que possam ser consideradas excepcionais, da vida cotidiana e degradadas)
Objetivo principal	Lista de ativos de valor excepcional único	Introduzir regras de proteção, gerenciamento e planejamento para todas as paisagens

Fonte: autora, com base em Ribeiro, 2007, p. 52-53.

A CEP não reconhece a distinção entre os termos paisagem natural e paisagem cultural, uma vez que a natureza e a cultura são dois aspectos indissociáveis; portanto utiliza unicamente o termo paisagem. A grande contribuição da CEP em relação à UNESCO, é que a primeira não tem a intenção de selecionar paisagens específicas pelo seu valor cultural a fim de que se tornem cada vez mais prestigiadas, mas sim de conhecer e qualificar todas as suas paisagens através de políticas públicas comuns. Com esse posicionamento, os europeus podem estabelecer critérios de intervenções para todas as paisagens, mesmo com diferenciados estados de conservação.

2.4 | PAISAGEM NO BRASIL

Há muito tempo, a paisagem é objeto da atenção para valorização do patrimônio, principalmente a que ressalta a natureza e a beleza cênica. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (SPHAN) em 1937¹⁴ previa a inscrição de bens em um dos quatro Livros do Tombo¹⁵ instituídos pelo **Decreto-Lei n.º 25**, que em seu artigo 1.º considera:

Art. 1.º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (...).

§ 2.º Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os **sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana** (grifo nosso) (IPHAN, 2006, p. 99–100).

No âmbito da preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, Delphim e Anastácio (1992) apontam que a preocupação com o patrimônio natural manifestou-se, inicialmente, em relação à paisagem agenciada pela ação do humana (áreas verdes urbanas, parques e jardins históricos). Mais tarde, o conceito de patrimônio estendeu-se à paisagem ou área natural relacionada com edificações

¹⁴ A Instituição Federal encarregada da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional foi criada em 1936 (ainda em caráter experimental) com o nome de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Em 1946 passou a se chamar Departamento (DPHAN) e, em 1970, se transformou em Instituto (IPHAN). Com a reforma institucional ocorrida no MEC em 1979, é criada a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que com a criação da Secretaria de Cultura em 1981, se converteu em Subsecretaria. Com a criação do Ministério da Cultura em 1985 voltou a ser Secretaria, e foi extinta por decreto no governo Collor em 1990. Foi então criado o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) que em 1994, voltou a se chamar IPHAN (FONSECA, 2009, p. 32).

¹⁵ **O Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico**, às coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular; **Livro do Tombo Histórico**, às coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica; **Livro do Tombo de Belas Artes**, às coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira e o **Livro do Tombo das Artes Aplicadas**, às obras que se incluírem na categoria de artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras (IPHAN, 2006, p. 100-101).

ou conjuntos de valor histórico e artístico (entorno de monumentos, áreas internas ou circundantes de núcleos históricos, sítios históricos ou arqueológicos). Raramente essa preocupação se voltou para os monumentos, sítios e paisagens naturais, cuja salvaguarda teria sido proposta segundo critérios formais, ou, mais especificamente, pelas qualidades plásticas dos sítios e paisagens por sua excepcionalidade panorâmica, sua função visual de quadro ou cenário para outros bens protegidos.

Ribeiro (2007) corrobora esta posição ao apontar que a Instituição nas suas primeiras três décadas de funcionamento pouco explorou essa possibilidade, limitando-se a agir sobre a paisagem tratando-a como ambiência do bem arquitetônico. Ainda segundo o autor, apenas a partir da década de 1970, o tombamento de conjuntos no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico viria a ser uma prática mais comum, visto que até então a maior parte das cidades havia sido inscrita no Livro de Belas Artes, cabendo ao Livro Paisagístico o tombamento de jardins, de monumentos junto à natureza, de panoramas e de alguns poucos exemplares de conjuntos urbanos. Nos anos 80 surge uma preocupação ainda maior com a integração dos conjuntos arquitetônicos e o espaço físico que estes ocupam, procurando ultrapassar a antiga ideia de paisagem apenas como moldura. É também na década de 1980 que a discussão sobre a proteção do patrimônio natural começa a encontrar espaço dentro do IPHAN, cuja associação com a preservação da paisagem toma forma a partir da proposta de tombamento dos morros do Rio de Janeiro, justificada pela ideia de excepcional valor natural.

Na Constituição Federal de 1988, a preservação do patrimônio natural e cultural foi tratada em dois capítulos distintos. O Capítulo VI – Meio Ambiente¹⁶ – trata da conservação da natureza do ponto de vista biológico, atribuindo a competência de sua preservação aos órgãos ambientais. Foi, no entanto, no Capítulo III – Da Cultura – que o conceito de patrimônio cultural brasileiro apresenta sua evolução:

¹⁶ Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 2006 [1988], p. 21).

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à nação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – As formas de expressão;
- II – Os modos de criar, fazer e viver;
- III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – **Conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico** (grifo nosso).

§ 1.º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de preservação (BRASIL, 2006 [1988], p. 20).

Como visto, o Capítulo sobre Cultura estendeu a preservação cultural ao patrimônio imaterial bem como ao natural, atribuindo sua gestão às entidades culturais. Este fato trouxe consigo um problema implícito, pois a separação entre o patrimônio cultural e o natural resulta em um vazio quanto à concepção do patrimônio cultural de forma integrada. Dessa forma, o manejo, a preservação e a gestão também são feitos por instituições distintas.

Uma grande contribuição para a integração entre meio ambiente e cultura se deu com o **Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000**, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Dessa forma, os bens de natureza imaterial passam a ser reconhecidos com o patrimônio cultural nacional por meio da inscrição em um dos quatro Livros de Registros¹⁷, o que abriu espaço para a discussão de

¹⁷ **Livro de Registro dos Saberes**, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; **Livro de Registro das Celebrações**, onde serão

mecanismos diferentes, de maior abrangência e mais adequados à preservação cultural, como o conceito de Paisagem Cultural.

Para Ribeiro (2007), o conceito de paisagem cultural pode ser útil à atribuição de valor, identificação e proteção do patrimônio cultural, até como uma categoria operacional nas instituições de preservação do patrimônio cultural brasileiro. No Brasil, dois importantes documentos contribuíram para a discussão sobre a paisagem cultural: a Carta de Bagé, de 2007, e a Portaria 127, de 2009, que estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.

Um dos primeiros documentos brasileiros a propor uma conceituação e o estabelecimento de procedimentos para a preservação da paisagem cultural foi a **Carta de Bagé** ou **Carta da Paisagem Cultural Brasileira**. O documento foi elaborado em 2007, na cidade que lhe dá nome, como conclusão do Seminário Semana do Patrimônio – Cultura e Memória na Fronteira, cujo objetivo era a defesa das paisagens culturais, especialmente do território dos Pampas e de fronteira.

Em seu Artigo 1.º, a Carta de Bagé argumenta que a definição de Paisagem Cultural Brasileira fundamenta-se na Constituição de 1988 e traz entre os seus primeiros artigos uma visão bastante inspirada naquela preconizada por Carl Sauer na década de 1920:

Art. 2. A paisagem cultural é o meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultando em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com homem, passíveis de leituras espaciais e temporais (IPHAN, 2007, p.2).

inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; **Livro de Registro das Formas de Expressão**, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas e o **Livro de Registro dos Lugares**, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (IPHAN, 2006 [2000], p. 129).

Contudo, o documento traz alguns avanços na preservação da paisagem cultural quando indica que esta deve ser tratada como um bem cultural em si:

Art. 3. A paisagem cultural é um bem cultural, o mais amplo, completo e abrangente de todos, que pode apresentar todos os bens indicados pela Constituição, sendo o resultado de múltiplas e diferentes formas de apropriação, uso e transformação do homem sobre o meio natural (grifo nosso) (IPHAN, 2007, p.2).

Outra inovação trazida pela Carta de Bagé é a utilização de um certificado¹⁸ com valor de proteção legal como instrumento de proteção das paisagens. Estas, por sua vez, deveriam ser monitoradas quanto à qualidade de suas modificações e evoluções, implicando na obtenção ou não deste certificado, mais à frente denominado de chancela. No Brasil, é a primeira iniciativa quanto à preservação da paisagem desassociada do tombamento, a fim de ser um instrumento que pudesse se apresentar mais eficaz na gestão desses bens de inquestionável dinâmica:

Art. 4 – A paisagem cultural é, por isto, objeto das mesmas operações de intervenção e preservação que recaem sobre todos os bens culturais. Operações como as de identificação, proteção, inventário, registro, documentação, manutenção, conservação, restauração, recuperação, renovação, revitalização, restituição, valorização, divulgação, administração, uso, planejamento e outros (IPHAN, 2007, p.3).

¹⁸ Art. 5 – A preservação da paisagem cultural brasileira deve ser reconhecida mediante certificação concedida pelos órgãos de patrimônio cultural e aprovada por seus conselhos consultivos, de forma conjunta com outros órgãos públicos, organismos internacionais, organizações não governamentais e a sociedade civil, sob a forma de um termo de compromisso e de cooperação para gestão compartilhada de sítios de significado cultural; Art. 6 – Tal certificado deve ter valor de proteção legal, por incluir toda a legislação incidente sobre cada paisagem declarada como paisagem cultural e por envolver todos os órgãos públicos que sobre ela detenham responsabilidade e dos quais será exigido rigoroso cumprimento de suas atribuições (IPHAN, 2007, p.3).

Assim como a Carta de Bagé, a interação dos grupos humanos com o meio natural e as marcas e os valores resultantes deste encontro são o fio condutor para o estabelecimento do conceito de Paisagem Cultural pelo IPHAN. Em 2009, herdando a concepção difundida pela UNESCO, é criada a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira por meio da **Portaria n.º 127, de 30 de abril de 2009**. No documento:

Art. 1.º. Paisagem Cultural Brasileira é **uma porção peculiar do território nacional representativa do processo de interação do homem com o meio natural**, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores (grifo nosso) (IPHAN, 2009, p. 17).

Segundo Weissheimer (2012), a partir da qualificação dada pelo adjetivo **peculiar**, se ressalta ou se particulariza a porção do território que será alvo da chancela¹⁹. A existência e a compreensão desta diferenciação são necessárias para que não se caia no generalismo de que tudo é ou pode ser compreendido como paisagem cultural, e é nesse ponto que reside a necessidade de distinguir a abordagem científica do conceito de sua aplicação prática proposta pela chancela. Contudo, no campo patrimonial, é função dos órgãos de proteção definir a estratégia e os limites da aplicação da paisagem cultural como instrumento de preservação. É preciso selecionar, mediante o estabelecimento de critérios de valoração e diferenciação, o que é passível de ser chancelado como Paisagem Cultural Brasileira e o que não é.

Pode-se dizer que a Carta de Bagé teve grande influência sobre a Portaria n.º 127/2009, tanto na definição de paisagem cultural como na forma de proteção – a partir da Chancela – e da gestão compartilhada entre poderes públicos e comunidades. A proposta de criação de Planos de Gestão para orientar e acompanhar as ações de preservação

¹⁹ O resultado e as ações propostas para as Paisagens Culturais Brasileiras variam de lugar para lugar, pois em cada contexto existe uma série de fatores específicos que devem ser considerados. A finalidade da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira é atender o interesse público por determinado território que faz parte da identidade cultural do Brasil (IPHAN, 2009, p.17).

de uma paisagem chancelada é a grande inovação apresentada pela Portaria n.º 127/2009. Frequentemente, as comunidades são chamadas apenas para conhecer os planos de preservação de sítios tombados, não sendo convidadas a participar na sua elaboração. Em comum ainda, dão maior liberdade para a seleção dos critérios a serem apontados na triagem das paisagens a receberem esta Chancela.

Ressalta-se que a concessão da Chancela implica um pacto entre os atores envolvidos na conservação da paisagem, tais como o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada, visando estabelecer um plano de gestão a ser acompanhado pelo IPHAN. Compreendendo a dinâmica da paisagem²⁰, a chancela deve ser revalidada a cada dez anos e, nesse intervalo, deverá ser acompanhada através de relatórios de monitoramento das ações previstas e da avaliação das qualidades atribuídas ao bem.

Como se pode ver, o conceito de paisagem cultural no Brasil está muito ligado à instituição federal de preservação, que tem utilizado o pensamento mundial a respeito do tema e vem se esforçado para difundir e utilizar este conceito. Em relação à sua concepção, este conceito está mais próximo das definições estabelecidas pela UNESCO do que pela CEP. No que tange à forma de proteção, apresenta-se mais abrangente, uma vez que propõe a participação das comunidades na elaboração dos instrumentos de gestão e preservação.

Como signatário da Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial e Natural de 1972, o Brasil tem o compromisso de preservar os bens inscritos na Lista de Patrimônio Mundial. O mapeamento cultural²¹ delineado pela lista contempla, além do patrimônio luso-brasileiro (trabalho que iniciou em 1937, com o

²⁰ Art. 3º. A chancela da Paisagem Cultural Brasileira considera o caráter dinâmico da cultura e da ação humana sobre as porções do território a que se aplica, convive com as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social sustentável e valoriza a motivação responsável pela preservação do patrimônio (IPHAN, 2009, p.17).

²¹ **Missões Jesuíticas Guarani, Ruínas de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul e Argentina**, inscritos em 1983; **Centro Histórico de Salvador (BA)**, inscrito em 1985; **Centro Histórico de São Luiz (MA)**, inscrito em 1997; **Plano Piloto de Brasília (DF)**, inscrito em 1987; **Cidade Histórica de Olinda (PE)**, inscrita em 1982; **Cidade Histórica de Ouro Preto (MG)**, inscrita em 1980; **Centro Histórico da Cidade de Goiás (GO)**, inscrito em 2001; **Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo (MG)**, inscrito em 1985; **Centro Histórico da Cidade de Diamantina (MG)**, inscrito em 1999; **Praça de São Francisco, na cidade de São Cristóvão (SE)**, inscrita em 2010 (UNESCO, 2015).

SPHAN), as obras da arquitetura modernista brasileira, representadas por Brasília e pelos sítios naturais²².

Ribeiro (2007) aponta que, ao ser estabelecida a categoria de Paisagem Cultural pela UNESCO, o Brasil demonstrou seu interesse em figurar na Lista do Patrimônio Mundial a partir da Candidatura de Diamantina/MG. Porém, a proposta estava permeada pela ideia de paisagem como entorno, portanto não foi aceita sua inserção na Lista por não ter conseguido comprovar seu caráter enquanto Paisagem Cultural. O país seguiu então concorrendo com mais duas candidaturas para a inscrição na Lista como Paisagem Cultural: o Caminho do Ouro de Paraty e a Paisagem Cultural do Rio de Janeiro. No dia 1 de Julho de 2012, na 36.^a Reunião do Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO, foi dado parecer favorável à inscrição do Rio de Janeiro como Paisagem Cultural (*Rio de Janeiro: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea*²³), o que certamente é um importante reconhecimento para o país.

2.5 | ITINERÁRIOS E ROTAS CULTURAIS

O reconhecimento dos Itinerários Culturais como tema de estudo tem sua origem na inscrição do Caminho de Santiago de Compostela na Lista de Patrimônio Mundial, em 1993²⁴. Da inscrição desse complexo bem cultural sem precedente até então, surgiu a necessidade de discutir o conceito de Itinerários Culturais com maior profundidade. Conforme aponta Capel (2005) e Tresserras Juan (2006), o interesse motivado pela inscrição do Caminho de Santiago de

²² **Parque nacional do Iguaçu, em Foz do Iguaçu (PR)**, inscrito em 1986; **Costa do descobrimento e reservas da mata atlântica (BA e ES)**, inscritas em 1999; **Complexo de Áreas Protegidas da Amazônia Central**, inscrito em 2000; **Ilhas atlânticas brasileiras: Reservas de Fernando de Noronha e Atol das Rocas (PE e ES)**, inscritas em 2001; **Mata Atlântica: Reservas do Sudeste (PR e SP)**, inscritas em 1999; **Complexo de Áreas Protegidas do Pantanal (MT e MS)**, inscrito em 2000; **Áreas protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas (GO)**, inscritas em 2001; **Parque Nacional da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato (PI)**, inscrito em 1991 (UNESCO, 2015).

²³ UNESCO. **Rio de Janeiro: paisagens cariocas entre a montanha e o mar**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1100>>. Acesso em 20 nov. 2013.

²⁴ O Caminho de Santiago de Compostela foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 1993 (percursos pela Espanha) e 1998 (percursos pela França).

Compostela e a iniciativa de discussão do tema foi aprovado pelo Comitê do Patrimônio Mundial na reunião de julho de 1994, em Paris e ratificado pelo Comitê do Patrimônio Mundial na 18.^a sessão celebrada em Phuket, Tailândia, de 12 a 17 de novembro de 1994.

A primeira discussão sobre o tema ocorreu nos dias 24 e 25 de novembro de 1994, em Madri, com colaboração do ICOMOS e patrocínio do Ministério de Cultura da Espanha. Desse encontro, no qual participaram representantes do ICOMOS e da UNESCO, resultou um documento denominado 'O itinerário como parte do nosso patrimônio cultural'²⁵. O conceito de Rota Cultural está baseado na dinâmica de movimento e na ideia de trocas contínuas no tempo e no espaço. O documento também aponta que a Rota Cultural pode ser considerada um tipo específico e dinâmico de paisagem cultural. Sendo assim, sua identificação é baseada em um conjunto de elementos tangíveis, testemunhos da significância da referida rota e, por fim, a autenticidade deve ser aplicada em razão de sua significância e outros elementos que compõem a rota do patrimônio (UNESCO, 1994, p. 2-3).

O documento também aponta que deve ser reconhecido o valor universal excepcional do Itinerário Cultural para que este seja incluído como parte do Patrimônio Mundial. O valor universal excepcional de um Itinerário Cultural deve tomar como base as seguintes categorias:

Quadro 7: Valor universal excepcional de um Itinerário Cultural.

Categorias	Classificação
Categoria Espacial	O comprimento e a diversidade da rota refletem o interesse das trocas e a complexidade das relações que mantém.
Categoria Temporal	O tempo de sua existência e sua frequência de uso, que pode ser multianual, anual ou sazonal.
Categoria Cultural	Inclui aspectos culturais ao relacionar remotos grupos culturais e étnicos e promover o progresso mútuo através de trocas. Capacidade de unir diferentes povos.
Propósito	Ter sido utilizado para trocas espirituais (religiosas ou filosóficas) ou necessidade básica de sobrevivência das comunidades. Ter contribuído para seu desenvolvimento (comércio de alimentos, minerais, produtos

²⁵ UNESCO. *Route as part of our cultural heritage*. Madri, 1994. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/routes94.htm>>. Acesso em: 17 maio 2015.

manufaturados).

Fonte: UNESCO, 1994, p.3.

Essas três categorias podem ser utilizadas para delimitar uma Rota Cultural, uma vez que as categorias espacial e temporal estabelecem a exata natureza material e a categoria cultural define os efeitos e consequências decorrentes de seu uso.

Nos dias 5 a 8 de setembro de 1998, ocorreu um encontro em San Cristóbal de la Laguna²⁶ (Tenerife, Ilhas Canárias, Espanha). O documento resultante apontou, entre outras, as seguintes conclusões: apoiar a formação do **Comitê Internacional de Itinerários Culturais** (CIIC) como instrumento válido de ação coordenada pelo ICOMOS, no sentido de compreensão, universalidade e reconhecimento dos vínculos culturais da humanidade. O documento reconhece que um itinerário ou rota cultural acarreta necessariamente uma série de elementos e objetos materiais unidos a outros valores intangíveis, através de um fio condutor de um processo civilizador determinante de um movimento histórico para uma sociedade ou grupo determinado. Por fim, aponta que os itinerários culturais, como conceito, se fundamentam nos valores culturais e em sua proteção. Também recomenda tomar a **Carta Internacional do Turismo Cultural**²⁷ para prevenir o uso equivocado ou destrutivo do patrimônio material e imaterial e reconhecer a grande complexidade e variedade cultural, material, geográfica e intelectual subjacente à definição de Itinerário Cultural, apoiando os trabalhos do CIIC na elaboração de doutrinas e definições conceituais pertinentes.

Graças ao impulso do Comitê Espanhol do ICOMOS, foi criado o CIIC, que é considerado o promotor do debate sobre o tema que se

²⁶ ICOMOS. II Jornada Iberoamericanas y del Mediterráneo de ICOMOS: **Canarias encrujilada cultural entre continentes**. San Cristóbal de la Laguna (Islas Canarias, España), 5-8 de setembro de 1998a. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/INDEX_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

²⁷ Adotada pela Assembleia Geral do ICOMOS na Bélgica em 1976 e revisada no México em 1999. Abre-se o conceito de patrimônio tanto pelos aspectos naturais como culturais, quanto às paisagens, sítios históricos, entornos construídos, à biodiversidade, às tradições, conhecimentos e experiências vitais reconhecendo o direito de reconhecer este patrimônio de qualquer lugar ou região, ao mesmo tempo que busca sua conservação através da comunicação de seu significado tanto à comunidade anfitriã como à comunidade visitante (ICOMOS, 1999a).

desenvolveu ao longo de diversos encontros, em 1998. Os estatutos do CIIC foram aprovados na reunião nas Ilhas Canárias, em setembro de 1998, e estabelecem os procedimentos para:

Promover a identificação, o estudo e a valorização das rotas ou itinerários culturais e o significado que entrarão como um conjunto que reside seu principal valor, assim como a proteção, manutenção e conservação de seus monumentos, grupos de edifícios, restos arqueológicos, paisagens culturais e sítios, conectados entre si através de valores culturais e laços históricos (ICOMOS, 1998b).

Uma boa sistematização a respeito do consenso sobre a definição de Itinerários Culturais ocorreu durante o Seminário Internacional sobre 'Metodologia, definições e aspectos operativos dos Itinerários Culturais', organizado pelo CIIC em Ibiza (Espanha) nos dias 21 e 22 de maio de 1999 em ocasião do Seminário sobre as fortificações abaluartadas hispano-portuguesas²⁸. Segundo este Seminário, Itinerários Culturais

Constituem recompensas aos intercâmbios materiais, culturais ou espirituais, gerados pela mobilidade dos homens durante períodos longos e contínuos, um fio condutor que produziu ao longo de seu percurso espacial uma interfecundação cultural entre países e regiões (ICOMOS, 1999b).

²⁸ Durante os dias 18 a 20 de maio de 1999, o ICOMOS celebrou em Ibiza (Espanha) o Seminário Internacional sobre 'Fortificações abaluartadas hispano-portuguesas, uma rota cultural através dos cinco continentes' (ICOMOS, 1999c). O Seminário ressaltou a importância das fortificações como herança global e universal e seu valor para compreender as trocas culturais e a história da comunicação humana. As fortalezas e cidades fortificadas foram consideradas uma vasta rede de rotas culturais de grande complexidade técnica e interpretação diversa ao longo de sua história. Uma das recomendações apontava a necessidade de promoção da investigação histórico-cultural para incentivar e justificar adequadamente os inventários preliminares dos Itinerários Culturais.

Também no mês de maio de 1999 foi celebrado no Caminho de Santiago, na localidade de Santo Domingo de La Calzada (La Rioja, Espanha), uma reunião para estudar 'O itinerário cultural da vida e do vinho nos povos Mediterrâneos'. Estimou-se que a referida rota é um instrumento idôneo para realizar investigações que coloquem em evidência as trocas que tenham sido geradas e para favorecer as visitas e estudos e o turismo cultural, assim como programas de sensibilização do público e de educação dos jovens (ICOMOS, 1999d). Aponta ainda que a proteção e promoção desse itinerário cultural requerem um bom tratamento de sua gestão e de seu uso turístico, assim como a participação dos habitantes que vivem nos territórios pelos quais transcorre, sendo igualmente necessário estabelecer uma política de planejamento do território dentro de uma perspectiva de desenvolvimento duradouro.

No encontro de outubro de 1999, ocorrido em Guanajuato, no México, alguns pontos abordados procuraram reconhecer a polivalência universal dos itinerários culturais²⁹. O encontro ainda aponta ainda que o CIIC constitui um veículo universal e científico idôneo para aprofundar e fixar os princípios metodológicos do tratamento dos itinerários culturais. Nesse encontro, considerou-se que o CIIC ficaria responsável por confeccionar fichas que serviriam de base para realizar um pré-inventário dos itinerários que deveriam ser incluídos na lista das rotas que se estimem merecedoras de proteção e conservação, além de outras fichas específicas para inventariar de forma detalhada os elementos integrantes de cada itinerário.

O Congresso Internacional do CIIC foi realizado em Pamplona (Navarra, Espanha) em junho de 2001. Considerou-se que os Itinerários Culturais representam uma troca qualitativa da noção de conservação do patrimônio. Pouco a pouco se ampliou a noção de monumento,

²⁹ 1) Seu caráter testemunhal de encontros e confraternizações entre povos, de transferência de conhecimento e interfecundação de culturas no espaço e no tempo é o resultado da interação de seus componentes físicos, materiais e espirituais; ao longo dos séculos, a comunidade humana tem valorizado este resultado, seu significado de conjunto e seus componentes antropológicos, etnográficos, estruturais, arquitetônicos, ambientais e imateriais que constituem hoje valores incontestáveis de caráter universal; 2) Neles se combinam de forma harmônica as diferentes disciplinas da conservação do patrimônio cultural internacionalmente reconhecidas pelo ICOMOS como: a arqueologia, as paisagens culturais, as cidades históricas, a arquitetura vernácula, os materiais construtivos, o turismo cultural e as questões jurídicas, entre outras (ICOMOS, 1999e).

inicialmente considerada como obra isolada em seu contexto, sendo ampliado aos centros, bairros, populações históricas e paisagem cultural. O novo conceito abarcado pelos itinerários pode dotar a política de preservação de uma amplitude territorial, uma integridade cultural e uma harmonização de ações e conteúdos que poucas vezes se tem conseguido até agora.

Um Itinerário Cultural, desde o ponto de vista científico, requer que se trate de um caminho real (quer dizer, físico e determinado), de ida e também de volta, que tenha tido vigência durante um longo período histórico. É também necessário que através desse caminho se tenha produzido uma interfecundação cultural, fruto de sua própria dinâmica e funcionalidade e que tenha gerado resultados patrimoniais certos e evidentes, tanto tangíveis como intangíveis que evidenciem o intercâmbio e mobilidade ao longo de seu percurso e do tempo em que tenha sido utilizado.

Deve-se evitar cair no senso comum de confundir os Itinerários Culturais com outros tipos de viagens ou itinerários. A formulação e a promoção de outros tipos de rotas fora da definição científica do CIIC podem ser realizadas por outras instituições, cujas abordagens conceituais nem sempre coincidem com as do CIIC.

Autores como Martorell Carreño (s.d.), Tresserras Juan (2006); Suárez-Inclán (2005) também chamam a atenção para a divergência conceitual existente entre **Itinerário Cultural** e **Rota Turística**. Martorell Carreño (s.d) salienta especificamente que um Itinerário Cultural é muito mais do que uma rota turística. Sua definição implica um processo de investigação científica e responde a critérios de autenticidade, de continuidade, de trocas, entre outros. Ramirez (2011) esclarece que as Rotas Turísticas recriam o território através de novos atrativos que pouco ou nada têm a ver com a realidade histórica e cultural dos destinos, mas que são incorporados como valores adicionados que são imaginados ou criados artificialmente. O autor apresenta distintas denominações que estão sistematizadas no Quadro que segue:

Quadro 8: Distintas denominações de Rotas Turísticas.

Corredores

Definição	O visitante percorre um périplo em que predomina uma determinada categoria patrimonial, sejam manifestações culturais,
-----------	--

testemunhos do passado arqueológico ou histórico, patrimônio artístico, industrial ou espaços naturais.

Exemplos Rotas gastronômicas ou enológicas, que baseiam suas ofertas no aproveitamento turístico dos recursos agropecuários do território; rotas minerais e industriais que traçam seu percurso por antigas explorações; rotas que orientam a viagem ao descobrimento de um estilo arquitetônico abundante e característico de uma área ou a contemplação e desfrute de paisagens povoadas por espécies autóctones.

Rotas literárias, televisivas, cinematográficas ou míticas

Definição Rotas que recriam o território através de novos atrativos que pouco ou nada têm a ver com a realidade histórica ou cultural dos destinos, mas que incorporam de valores adicionados aos mesmos.

Exemplos Rotas literárias ou cinematográficas (locações de filmes célebres, séries televisivas ou de novelas); rotas que exaltam determinadas figuras históricas ou personagens de ficção (Caminho de Cid; Rota Dom Quixote em Castilla la Mancha; Bandoleiros de Andaluzia); desenho baseado em lendas e mitos (presença de restos pré-históricos e medievais juntamente com acidentes geológicos chamativos, aos quais se atribuem propriedades curativas e/ou mágicas). Locais apresentados como insólitos ou carregados de lendas que se referem a acontecimentos, personagens históricos, inclusive fantásticos (templários, duendes, magas, fadas, fantasmas, bruxas), combinados com interpretações esotéricas sobre as propriedades do local (Guadalajara mágica e o xamanismo de Huancabamba (Piura, Peru).

Circuitos

Definição Diferenciam-se de rotas por necessitar de um eixo temático definido ou por responder a uma oferta territorial genérica. São rotas ecléticas nas quais, seguindo determinadas propostas de marketing, o produto turístico se forma a partir da soma de alguns componentes, que são dispensáveis ou substituíveis por outros. São concebidos artificialmente mediante a seleção de uma série de feitos patrimoniais e recreativos. São desenhados arbitrariamente sob uma etiqueta ou lema comum na qual se mesclam propostas de visita ou atividade heterogênea. O resultado é a criação de uma geografia turística imaginada e fabricada onde se estabelecem novos vínculos territoriais a partir da promoção de um mosaico de recursos. A maior parte das iniciativas são geridas pelo setor privado sem a intervenção direta dos poderes públicos nem dos atores locais, de modo que a sua

rentabilidade é externada e periférica. Geralmente tomam como cenário espaços reconhecidos institucionalmente como patrimoniais, estando todos eles inscritos em catálogos públicos e especialmente os declarados patrimônio da humanidade. A oferta dos circuitos é similar à do turismo de massas, pois geralmente combina em um 'tudo incluso' o alojamento, a manutenção, a mobilidade e a visita dos atrativos da zona em itinerários programados em um período de tempo específico.

Exemplos Rota da Prata, uma antiga via que discorre pela zona mais ocidental da Espanha que em suas distintas tramas e com o apoio público de uma rede de cidades associadas, é explorada por agências de viagens atacadistas que oferecem pacotes turísticos orientados para o consumo simultâneo de atrativos turísticos tão diversos como a gastronomia, o meio ambiente, os conjuntos históricos, os costumes e tradições populares juntamente com atividades lúdicas e desportivas.

Caminhos históricos

Definição Os trajetos são promovidos geralmente por organismos públicos com o objetivo de reconhecimento institucional como itinerários culturais através da sua inscrição em catálogos oficiais de bens culturais. Este fenômeno se produz em um marco de competência territorial onde os gestores da rota trabalham para dar a conhecer seu produto no mercado turístico internacional. A realização desta meta supõe um importante respaldo político e notável impulso promocional, que se traduz quase automaticamente no incremento dos fluxos turísticos. Isto é mais evidente quando o produto se integra em inventários internacionais como o Conselho Europeu e, mais claramente, como a Lista de Patrimônio Mundial, sobretudo após o reconhecimento por parte da UNESCO, em 2005, das Rotas Patrimoniais (ou Itinerários Culturais) como categoria específica. Rotas Patrimoniais reconhecidas ou aspirantes à categoria de Itinerários Culturais são denominadas caminhos históricos por sua maior ênfase nos testemunhos do passado que marcam o percurso.

Exemplos A Rota Dom Quixote foi concebida em 2004 para formar parte da rede de Itinerários Culturais Europeus, a qual integra desde 2007.

Fonte: autora com base em RAMIREZ, 2011, p. 227-228.

Suárez-Inclán (2005) explana que o Conselho da Europa promoveu a criação de vias que impulsionaram a consciência e identidade europeia, a cooperação internacional e o fomento do

desenvolvimento econômico, para o qual se criou em 1997 o Instituto Europeu de Itinerários Culturais. O Conselho da Europa promove o *slogan*: ‘Crie seu próprio Itinerário Cultural’, cujas propostas de rotas não possuem as premissas científicas nas quais a categoria do CIIC está baseada. Diferentemente do UNESCO e do CIIC, que considera como patrimônio cultural aqueles que têm um valor universal excepcional desde o ponto de vista da história, da arte e da ciência, a prioridade do Conselho da Europa é o vínculo que une o patrimônio e a comunidade, ao mesmo tempo que considera o patrimônio como recurso para o desenvolvimento sustentável.

Ramirez (2011) corrobora com Suárez-Inclán ao apontar que a definição de Itinerário Cultural é controversa entre os organismos supracitados. A proposta do ICOMOS está apoiada em feitos históricos reais e nas vias que favoreceram a interfecundação de culturas no espaço e no tempo, enquanto o Conselho da Europa adota uma definição mais aberta que inclui todo o tipo de traçado que contribua para a aproximação e cooperação entre os povos, difunda a cultura, memória e identidade europeia e promova o desenvolvimento turístico. O ICOMOS critica a definição do Conselho da Europa, pois não entende Itinerário Cultural enquanto proposta artificial na qual prevalece a imaginação e a vontade de estabelecer conjuntos associativos de bens culturais que possuam recursos comuns que estabelecem ligações entre três ou quatro pontos geográficos próximos entre si por meros motivos de oportunidade político-cultural-mercantil. A proposta do ICOMOS é fomentar o reconhecimento dos itinerários culturais que valorizem caminhos nos quais historicamente tenha existido uma dinâmica habitual de percursos com um caráter funcional, quer dizer, conexões históricas destacáveis e permanentes através de um itinerário comumente praticado.

Em outra distinção conceitual importante realizada durante o Congresso em Pamplona afirma que:

Os itinerários culturais e as paisagens culturais são conceitos científicos diferentes. Os itinerários se caracterizam por sua mobilidade e entram em uma dinâmica espacial e intangível de ida e volta que não possui a paisagem cultural, a qual obedece a um critério mais estático e restrito,

ainda que também possua características evolutivas. O itinerário cultural normalmente abarca numerosas paisagens culturais diversas entre si. Uma paisagem não é uma dinâmica em um contexto geográfico tão vasto como potencialmente pode abarcar um itinerário cultural, que pode ter gerado ou continuar gerando paisagens culturais. Porém, o mesmo não ocorre na ordem inversa (ICOMOS, 2001).

A reunião científica do CIIC, ocorrida durante a XIII Assembleia Geral do ICOMOS, nos dias 4 e 5 de dezembro de 2002, em Madri (Espanha), tratou 'Da independência conceitual e substantiva entre os Itinerários Culturais e as Paisagens Culturais'³⁰.

A respeito das distinções entre ambos os conceitos, Martorell Carreño (s.d.b) explana que a relação grupo humano-natureza em uma determinada paisagem se estende em toda sua riqueza por determinadas obras, como as de cultivo, formas de construção adequada e as condições e materiais do meio, etc., uma vez que o fator cultural imprime uma característica fundamental ao ambiente. Ali surge uma paisagem cultural propriamente dita, uma vez que nos fala de um meio natural no qual o ser humano desenvolve uma obra com o objetivo de agir sobre a sua morfologia com diversas finalidades práticas: fazer o solo mais produtivo, adequar o meio à vida humana, etc. Um itinerário cultural, por sua vez, nos fala basicamente de uma obra humana cuja essência é a comunicação, o transporte de pessoas e bens, com tudo o que isso implica.

³⁰ 1. Os Itinerários Culturais revelam uma nova aproximação conceitual da noção de patrimônio e se inscrevem em uma dimensão imaterial e dinâmica que excede seu conteúdo material; 2. Os Itinerários Culturais não são gerados e nem se geram a partir dos elementos patrimoniais incluídos no seu entorno: monumentos, cidades históricas, paisagens culturais, etc. - ao contrário são o motor dinamizador cujo movimento ou fio condutor histórico tem gerado - e segue gerando - tais bens culturais; 3. Portanto, de acordo com a lógica e o rigor científico, não se pode admitir que os itinerários culturais sejam paisagens lineares ou não lineares, já que as paisagens, ainda que no caso de estarem dentro de um itinerário cultural, podem ser muito diversas ou geograficamente isoladas e muito distantes entre si. Recomendação: Para tanto se recomenda que a XIII Assembleia Geral do ICOMOS reconheça que uma rota cultural não é simplesmente a soma de muitos elementos - cidades e sítios históricos, paisagens culturais, etc. - senão que realmente incorpora o espírito histórico intangível que aglutina esses elementos em um todo único e singular (ICOMOS, 2002).

Por fim, este autor apresenta um quadro que resume as razões que sustentam a independência conceitual dos itinerários culturais em relação às paisagens culturais:

Quadro 9: Independência conceitual dos Itinerários Culturais em relação à Paisagem Cultural.

	Paisagem Cultural	Itinerário Cultural
Por sua origem	O trabalho do ser humano é determinado pelo ambiente natural e incide sobre as suas características básicas.	O itinerário cultural é claramente o trabalho do ser humano desenhado como meio de comunicação ou de transporte.
Por sua essência	Revela (e é resultado) a relação entre o ser humano e um determinado meio ambiente.	É um meio e um testemunho de complexas relações de comunicação e intercâmbios entre grupos culturais distintos.
Por sua função	Explica o funcionamento ecológico e cultural de um determinado ambiente, no qual o componente humano é entendido em função do grau de impacto no meio natural.	A rota cultural é uma via histórica de comunicação.
Por sua extensão	Ainda no caso dos elementos lineares, as paisagens culturais são compreendidas dentro de um contexto de ecossistema.	A extensão da rota cultural é definida por seus limites historicamente determinados, independente de limites naturais.
Por sua estrutura	Deve ser entendida em termos de um modelo 'mancha-corredor-matriz', que abrange o elemento cultural. No caso de uma paisagem linear ou corredor a conectividade natural é essencial.	A estrutura das rotas culturais está em conformidade com os múltiplos desenhos de vias de comunicação. A coleção de bens patrimoniais de natureza diversa que compõem as rotas culturais foi criada por interações ou intensas relações, que produziram distintas configurações estruturais das vias, tais como lineares, cinturões, corredores, formas

		transversais, redes, etc.
Por sua importância	Embora sejam conceitos igualmente importantes, as paisagens culturais são ideais para explicar a relação do ser humano com a natureza.	Rotas culturais são importantes para entender as relações, trocas e interinfluências entre dois ou mais grupos culturais unidos pela rota cultural estabelecida. Desde o ponto de vista da compreensão do patrimônio cultural que tenha raízes e influências comuns, é um termo chave.
Pelos elementos que o formam	O elemento chave é um ambiente natural ecologicamente determinado. As obras do ser humano estão confinadas neste ambiente e influenciam suas características principais.	O elemento-chave é a própria via de comunicação. Muitas outras manifestações de patrimônio relacionado com a estrada e sua função podem ser encontradas ao longo de seu caminho: pousadas, locais de armazenamento, portos, construções defensivas, centros urbanos, as paisagens culturais, etc.
Por seu estudo	Os elementos-chaves para entender a paisagem cultural são suas características ecológicas e o grau de intervenção humana sobre eles ³¹ . São importantes elementos como obras de irrigação, construções, centros rituais relacionados com o valor do sítio, etc.; em particular, os elementos relacionados à utilização do meio ambiente, sua transformação, sua proteção,	Os elementos-chaves para entender uma rota cultural são: o próprio percurso físico, as propriedades associadas à função, as manifestações tangíveis e intangíveis do patrimônio relacionadas com o processo de comunicação e de diálogo entre os povos envolvidos, etc.

³¹ Nós não estamos necessariamente nos referindo às obras visíveis. Mesmo a taxa de renovação da planta em áreas onde houve intervenção humana, ou outras intervenções igualmente sutis, podem ser consideradas. Assim, muitos agora afirmam que cada paisagem é uma paisagem cultural, porque, quer pelo valor que lhe coloca na apreciação ou por sua intervenção em maior ou menor grau, o ser humano tem participado em sua definição.

	etc.	
Pelos indicadores aplicáveis	Os principais indicadores incluem elementos como a biodiversidade, a presença de espécies ameaçadas de extinção, os fluxos bióticos e abióticos e suas mudanças, a ação do ser humano nestas mudanças, a criação de animais domésticos, os padrões tradicionais de uso do solo, as atividades tradicionais, os materiais e os tipos de construção tradicionais, a gestão das águas e etc.	Os indicadores fundamentais incluem: a estrutura da rede viária e seu substrato material, os dados históricos de seu uso, a existência de manifestações culturais de origem compartilhada ao longo (ou em dados pontos) da estrada, as construções associadas com a função da estrada, os usos linguísticos e culinários comuns, etc., a interinfluência em atividades como a música, os elementos de comunicação, etc.
Pela sua dinâmica	A dinâmica própria da paisagem cultural deve ser entendida em termos das equações de vida que ocorrem no interior do ecossistema com uma dada matriz. A obra humana tem impacto sobre essas equações. Este ecossistema tem limites naturais, logo que os elementos da matriz cessem de ser predominantes no território. Obedece às leis naturais e à influência humana sobre eles.	A dinâmica de uma rota cultural é dada por idas e vindas de pessoas ao longo do seu trajeto. É determinada e delimitada mediante a investigação histórica desse processo. Mesmo quando as condições ambientais possuem uma influência significativa em determinadas rotas (por exemplo, pela relação com a navegação marítima), a dinâmica da rota não segue as leis naturais e, os processos humanos são compreendidos como fenômenos culturais.

Fonte: Martorell Carreño (s.d.b), p. 19-20.

O autor refere ainda que um Itinerário Cultural normalmente abarca numerosas paisagens culturais diversas entre si. Uma paisagem cultural não é dinâmica em um contexto geográfico tão vasto como o que potencialmente pode abarcar um Itinerário Cultural.

Durante a VI Reunião Extraordinária do Comitê do Patrimônio Mundial, ocorrida em Paris entre os dias 17 e 22 de março de 2003, foi

solicitado ao CIIC³² a elaboração de uma proposta de texto para a possível inclusão dos Itinerários Culturais entre os diferentes bens culturais contemplados nas Diretrizes da Convenção do Patrimônio Mundial como um novo conceito específico. Diante disso, uma reunião ocorreu durante os dias 30 e 31 de maio em Madri (Espanha) com a participação de representantes do ICOMOS e da UNESCO. Durante esse encontro, a denominação Rotas do Patrimônio (*Heritage Routes*) foi alterada para Itinerários/ Rotas Culturais (*Cultural Routes*).

O resultado das discussões se baseou na doutrina desenvolvida pelo CIIC ao longo dos anos, tendo sido definido que:

Um itinerário cultural é uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou de outra natureza, fisicamente determinada e caracterizada por ter sua própria e específica dinâmica e funcionalidade histórica, manifestada em trocas contínuas multidimensionais e recíprocas de pessoas, bens, ideias, conhecimentos e valores do interior de um país ou entre vários países e regiões durante um período significativo de tempo. Os itinerários culturais têm gerado desta maneira uma interfecundação das culturas no tempo e no espaço que se reflete tanto em seu patrimônio tangível como intangível (ICOMOS, 2003a).

Outros eventos científicos foram registrados pelo CIIC além dos apresentados acima: em Victoria Falls (Zimbábue), em outubro de 2003, durante a XIV Assembleia Geral do ICOMOS, no qual a principal conclusão foi a elaboração de um primeiro esboço da Carta dos Itinerários Culturais; em Ferrol (Espanha), em outubro de 2004, cujo resultado foi a publicação do livro 'O Patrimônio intangível e outros

³² A respeito do artigo C.12 da Sessão II do rascunho de revisão das Diretrizes da Convenção do Patrimônio Mundial, relativo ao Estabelecimento da Lista do Patrimônio Mundial (que se refere a paisagens culturais, cidades históricas e outros bens), a delegação oficial de México apontou que determinados bens de importância, como os itinerários culturais, deveriam ser incluídos. Ao que se refere ao Anexo IV, relativo às Diretrizes sobre a inclusão de tipos específicos de bens na Lista do Patrimônio Mundial, a delegação mexicana opinou que era necessário que o texto fosse mais explícito quanto às diferentes categorias de bens culturais (SUÁREZ-INCLÁN, 2003).

aspectos dos Itinerários Culturais’, distribuído na XV Assembleia Geral do ICOMOS e o Simpósio Científico em Xi’an (China), ocorrido em outubro de 2005 durante a XV Assembleia Geral do ICOMOS.

Segundo alguns autores como Suárez-Inclán (2003); Suárez-Inclán (2005) e Martínez Yáñez (2010), os numerosos encontros científicos internacionais resultaram na identificação, promoção e investigação sistemática de alguns Itinerários Culturais de grande importância. Além disso, os encontros científicos internacionais contribuíram na concretização dos fatores conceituais e operativos que determinam a adoção dos Itinerários Culturais como nova categoria específica no texto das Diretrizes da Convenção do Patrimônio Mundial de 2005. Como resultado do esforço dos especialistas, foram criados o ‘Registro de Projeto de Promoção de um Itinerário Cultural’³³ e uma ‘Ficha de Identificação de um Itinerário Cultural’³⁴.

O reconhecimento dos Itinerários Culturais como categoria específica foi incluído no Guia Operacional para implementação na Convenção do Patrimônio Mundial, aprovado pelo Comitê do Patrimônio Mundial em fevereiro de 2005. Segundo o Guia Operacional da UNESCO, o conceito de rotas do patrimônio é rico e fértil, oferecendo um enquadramento privilegiado no qual é possível desenvolver uma compreensão mútua, uma abordagem plural da história e uma cultura da paz.

O Apêndice 03 do Guia Operacional da UNESCO apresenta as propostas de inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial, a saber:

Quadro 10: Tipos específicos para inscrição de bens na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

Tipos	Categorias
Paisagens Culturais	Paisagem Claramente Definida; Paisagem Evolutiva Organicamente (Paisagem Relíquia ou Fóssil, ou Paisagem Contínua); Paisagem Cultural Associativa.

³³ ICOMOS. **Ficha de identificación de un itinerario cultural**. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/INDEX_esp.htm>. Acesso em: 21 set. 2014.

³⁴ ICOMOS. **Registro de proyecto de promocion de un itinerario cultural**. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/INDEX_esp.htm>. Acesso em 21 set. 2014.

Cidades e Centros Históricos	Cidades mortas ³⁵ ; Cidades históricas vivas ³⁶ ; Cidades novas do século XX ³⁷ .
Canais do Patrimônio ³⁸	Podem ser estudados à luz de fatores tecnológicos, econômicos, sociais e paisagísticos.
Rotas do Patrimônio	Compostas por elementos materiais que devem o seu valor cultural às trocas e a um diálogo multi-dimensional entre países ou regiões, e que ilustram estas interações e movimentos, ao longo de toda a rota, no espaço e no tempo.

Fonte: UNESCO, 2005, p. 106-113.

Martínez Yánez (2010) apresenta uma comparação entre as conceituações sobre o tema propostas pelo CIIC, a Carta Internacional de Itinerários Culturais e a redação do Guia Operacional da UNESCO. A autora aponta que o Comitê do Patrimônio Mundial não levou em conta a maioria das recomendações do CIIC ao solicitar um tratamento menos ambíguo sobre os Itinerários Culturais no texto da UNESCO de 2005. O Guia Operacional tomou como base o encontro ocorrido em Madri, em 1994, para embasar o conceito de Itinerários Culturais que foi apresentado, resultando, portanto, em um conceito carente dos avanços doutrinários. Além disso, menciona ainda a incompreensível ausência dos trabalhos do CIIC na lista de estudos temáticos realizados pelos organismos consultivos ao longo de muitos anos e a manutenção da referência como paisagens culturais dinâmicas, entre outros. Ao

³⁵ (i) testemunhos arqueológicos inalteráveis do passado que geralmente satisfazem o critério da autenticidade, e cujo estado de conservação é relativamente fácil de controlar (UNESCO, 2005, p. 108).

³⁶ (ii) pela sua própria natureza, foram e continuarão a ser levadas a evoluir sob o efeito de mudanças socioeconômicas e culturais, o que torna mais difícil qualquer avaliação em função do critério de autenticidade e mais aleatória qualquer política de conservação (UNESCO, 2005, p. 108).

³⁷ (iii) paradoxalmente têm algo de comum com as duas categorias mencionadas anteriormente: a sua organização urbana original continua bem visível e a sua autenticidade é certa, mas o seu futuro está comprometido por uma evolução em grande parte incontrolável (UNESCO, 2005, p. 108).

³⁸ Um canal é uma via navegável construída pela mão do homem. Pode possuir um Valor Universal Excepcional do ponto de vista da história ou da tecnologia, intrinsecamente ou enquanto exemplo excepcional representativo da categoria de bens culturais. O canal pode ser uma obra monumental, a característica distintiva de uma paisagem monumental linear, ou parte integrante de uma paisagem cultural complexa (UNESCO, 2005, p. 111).

considerar um Itinerário Cultural um tipo de paisagem específico e dinâmico, o Guia Operacional da UNESCO de 2005 não considera a diferenciação conceitual já apontada na XIII Assembleia Geral de ICOMOS, celebrada em Madri, em 2002.

Após décadas de decisão e evolução conceitual, resultado dos esforços do CIIC em identificar as diferenças existentes entre os Itinerários Culturais e outros elementos temáticos, surge a **Carta Internacional sobre Itinerários Culturais**. Esse documento foi apresentado pelo CIIC na XV Assembleia Geral do ICOMOS em Xi'an, na China, em fevereiro de 2006 e ratificado pela XVI Assembleia Geral do ICOMOS, em Québec (Canadá), no dia 4 de outubro de 2008. A Carta Internacional sobre Itinerários Culturais contém os conceitos básicos definidores de um Itinerário Cultural e sua definição científica, assim como uma metodologia de estudo, critérios de identificação, integridade e autenticidade, tipologias e instrumentos mais apropriados para sua conservação, gestão, financiamento e uso estabelecidos anteriormente pelo CIIC. A Carta aponta os Itinerários Culturais como resultado e reflexo de um movimento interativo de pessoas, assim como das trocas multidimensionais, contínuas e recíprocas de bens, ideias, conhecimentos e valores entre povos, países e regiões. A Carta Internacional de Itinerários Culturais distingue duas categorias de itinerários, conforme o seguinte quadro:

Quadro 11: Categorias de Itinerários Culturais do ICOMOS.

Categoria	Exemplo
Surgiram como um projeto traçado <i>a priori</i> por vontade humana para atingir um fim determinado	Caminho dos Incas (Figura 16), Estradas do Império Romano.
Resultado dum longo processo evolutivo no qual intervêm de forma conjunta diferentes fatores humanos que se dirigem para um mesmo fim.	Caminho de Santiago (Figura 17), Rotas das caravanas comerciais da África, Rota da Seda.

Fonte: CIIC, 2008, p. 1.

Figura 16: Qhapaq Ñan (Caminho dos Incas). Foto: QÑ Bolívia.



Fonte: whc. unesco.org.

Figura 17: Caminho de Santiago de Compostela. Foto: Patrice Thébault.



Fonte: whc. unesco.org.

A Carta aponta que o contexto, o conteúdo, o valor de conjunto partilhado, o caráter dinâmico e o entorno como elementos definidores e apresenta os tipos de classificação dos Itinerários Culturais:

Quadro 12: Categorias de Itinerário Cultural da UNESCO.

Categorias	Classificação
Dimensão territorial atual	Local, regional, nacional, internacional ou continental.
Dimensão cultural	Dentro de uma região cultural determinada ou ao longo de diversas áreas culturais que comportam um processo de influências recíprocas na formação ou evolução de seus valores culturais
Objetivo ou função	Social, econômico, comercial, administrativo, cultural, espiritual ou um contexto multidimensional.
Duração temporal	As que não se utilizam , mas proporcionam uma evidência arqueológica do passado e as que permanecem em uso.
Configuração estrutural	Linear, circular, cruciforme, radial ou em rede.
Marco histórico-geográfico	Terrestres, aquáticos, mistos ou de outra natureza física.

Fonte: ICOMOS, 2008, p.3-4.

Como visto, a evolução do conceito de Itinerários Culturais sofreu rupturas e contradições ao longo dos anos. Essa evolução foi fruto do trabalho do CIIC que, por meio de numerosos encontros científicos internacionais, da identificação e investigação sistemática de alguns itinerários de grande importância, resultou em uma definição precisa não apenas desta categoria patrimonial como também dos fatores conceituais e operacionais que a determinam.

Um itinerário cultural se converte frequentemente numa trama de caminhos que pode ter um eixo central e o trajeto seguido pode se deslocar em diversos pontos ao longo do tempo. Dessa forma, seu desenvolvimento no tempo e no espaço permite uma interpretação mais precisa da história enquanto realidade de conteúdo patrimonial.

2.6 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este capítulo buscou abordar dois conceitos relevantes para o objeto de estudo desta pesquisa: **Paisagem Cultural** e **Itinerários Culturais**. Conforme visto ao longo do capítulo, estes conceitos são distintos e resultam da atuação das organizações que os desenvolveram e os aprimoraram enquanto instrumentos para o processo de preservação do patrimônio cultural.

O próximo capítulo apresenta o conceito de **caráter da paisagem** que apresenta os elementos que distinguem uma paisagem da outra. Defende-se, nessa pesquisa, uma visão global que enquadra ações tanto em paisagens de valor excepcional, como também nas mais comuns ou mesmo degradadas, as quais merecem as medidas apontadas pela CEP relacionadas com a identificação e a avaliação das paisagens, a definição dos objetivos e das estratégias para garantir a qualidade das paisagens.

A partir do estudo de autores e manuais de instituições baseados nas abordagens da CEP, é apresentada, no capítulo que se segue, uma proposta metodológica para a avaliação do caráter da paisagem.

CAPÍTULO 03 | AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM

Figura 18: Estrada Urussanga – Estação Cocal, enchente de 1950.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem mais sabia aonde ia...

Era um caminho
velhinho,
perdido...

Não havia traços
de passos no dia
em que por acaso o descobri:
pedras e urzes iam cobrindo tudo.

O caminho agonizava, morria
sozinho...

Eu vi...

Porque são os passos que fazem os caminhos!

(Caminho, Mário Quintana)

O presente capítulo divide-se em duas etapas. A primeira apresenta um breve embasamento teórico e metodológico a respeito do conceito de caráter da paisagem, principalmente baseado em Swanwick (2002a) no âmbito britânico, *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006) no âmbito espanhol. A segunda etapa apresenta a sistematização dos procedimentos teóricos e metodológicos estudados, o que resulta em uma proposta metodológica que busca contribuir com uma abordagem integrada à gestão e ordenamento das paisagens. Ambas buscam responder ao objetivo específico a) Sistematizar metodologias de avaliação do caráter da paisagem a partir do exemplo britânico e espanhol com base na CEP.

3.1 | O CARÁTER DA PAISAGEM E A CEP

A paisagem é um tema tradicionalmente valorizado por parte da sociedade britânica desde a década de 60 e até hoje é objeto de atenção. Distintas ferramentas e abordagens surgiram tanto no âmbito técnico quanto científico, ao longo dos anos. Além disso, novas demandas sociais em relação ao meio ambiente e ao uso sustentável dos recursos resultaram em modificações conceituais e metodológicas no tratamento da paisagem especificamente no Reino Unido, que podem ser sintetizadas no Quadro abaixo:

Quadro 13 – Evolução das metodologias de estudo da paisagem no Reino Unido.

Metodologia	Características da abordagem
Avaliação da Paisagem (<i>Landscape Evaluation</i>) - início de 1970	<ul style="list-style-type: none"> • O valor da paisagem é o objeto central; • Objetividade e base científica; • Comparação do valor das paisagens; • Medições quantitativas dos elementos da paisagem;
Avaliação da paisagem (<i>Landscape Assessment</i>) - metade de 1980	<ul style="list-style-type: none"> • Começa-se a considerar também os aspectos subjetivos da paisagem; • Acentuam-se as diferenças entre inventário, classificação e avaliação da paisagem; • Progressiva consideração das percepções sociais da paisagem;
Avaliação do caráter	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito central no caráter da paisagem;

da paisagem (<i>Landscape Character Assessment</i>) - metade de 1990	<ul style="list-style-type: none"> • Distingue claramente os processos de caracterização e valoração; • Aplicação em diversas escalas; • Estabelece relação com a Caracterização Histórica da Paisagem; • Especial ênfase na participação dos agentes sociais.
--	--

Fonte: Swanwick, 2002b, p. 2.

No ano de 2002, a *Countryside Agency* e a *Scottish Natural Heritage* publicaram o *Landscape Character Assessment: Guidance for England and Scotland*³⁹, de autoria de Carys Swanwick. Trata-se de um manual que visa a sistematização dos procedimentos necessários à avaliação do caráter da paisagem como um processo que auxilia na identificação das características culturais e naturais presentes na localidade e é utilizado no planejamento e no desenvolvimento sustentável da paisagem.

Segundo Swanwick (2002a), **paisagem** é definida como a relação entre as pessoas, o lugar e o resultado da maneira como diferentes componentes naturais (geologia, solo, clima, fauna e flora) e culturais (uso do solo histórico e atual, assentamentos e outras intervenções humanas) interagem juntos e são percebidos. Atualmente, tanto a dimensão objetiva ou morfológica, em suas formas físicas e materiais, quanto a dimensão subjetiva ou simbólica da paisagem subsidiam as discussões acerca da configuração e análise das paisagens, cuja relação entre os componentes é apresentada na Figura 19.

O manual apresenta o conceito de **caráter da paisagem** que é entendido, portanto, como conjunto ou combinação particular, reconhecível e consistente de elementos que distinguem uma paisagem da outra e confere a cada uma delas um particular senso de lugar. Não se trata de quantificar o caráter das paisagens identificadas, mas sim de identificar quais os fatores, dentre as combinações particulares de relevo, solo, vegetação, usos do solo, padrão de assentamentos e parcelamento do solo contribuem para diferenciar uma paisagem da outra (SWANWICK, 2002a, p. 3 e 8).

³⁹ Avaliação do caráter da paisagem: guia para a Inglaterra e a Escócia (tradução nossa).

Figura 19: Diagrama da relação entre componentes da paisagem.



Fonte: Swanwick, 2002a, p. 2.

Além do caráter como fator de diferenciação entre as paisagens, alguns outros conceitos auxiliares também são utilizados durante o processo:

Quadro 14: Conceitos auxiliares para avaliação do caráter da paisagem.

Conceito	Descrição
Caráter	Padrão de elementos singular, consistente e reconhecível que faz uma paisagem diferente da outra;
Características	Elementos ou combinação de elementos que fazem uma especial contribuição na distinção paisagística;
Elementos	Componentes individuais que configuram as paisagens, como árvores e cercas;
Feições/ Traços	Elementos atraentes ou particularmente relevantes, como aglomerados de árvores ou torres de igreja;
Caracterização	Processo de identificação de áreas de caráter similar, classificação, mapeamento e descrição.

Fonte: Swanwick, 2002a, p. 8.

O caráter aparece na definição de paisagem da CEP⁴⁰ e abarca um importante conteúdo patrimonial, uma vez que o caráter de cada paisagem é resultado da ação de fatores naturais, humanos e de suas inter-relações. A paisagem é, em sua configuração formal, o elo da sociedade sobre a natureza e sobre as paisagens anteriores, a marca ou sinal que imprime caráter a cada território, o palimpsesto paisagístico.

A **caracterização da paisagem** ocorre de dois modos distintos. Esta etapa, segundo o *Landscape Character Assessment*, concentra-se na identificação das características que diferem uma área da outra e que resultam normalmente nos tipos de áreas e do caráter da paisagem.

Quadro 15: Distinção entre tipo e área de caráter da paisagem.

Classificação	Conceituação
Tipo de caráter da paisagem (caráter tipo)	Tipo de paisagem de caráter relativamente homogêneo. São genéricos e podem ocorrer em diferentes regiões, compartilhando combinações similares de geologia, topografia, padrão de drenagem, vegetação, uso do solo histórico e padrão de assentamento.
Área de caráter da paisagem	São únicas e referem-se a áreas geográficas onde ocorrem tipos específicos de paisagem.

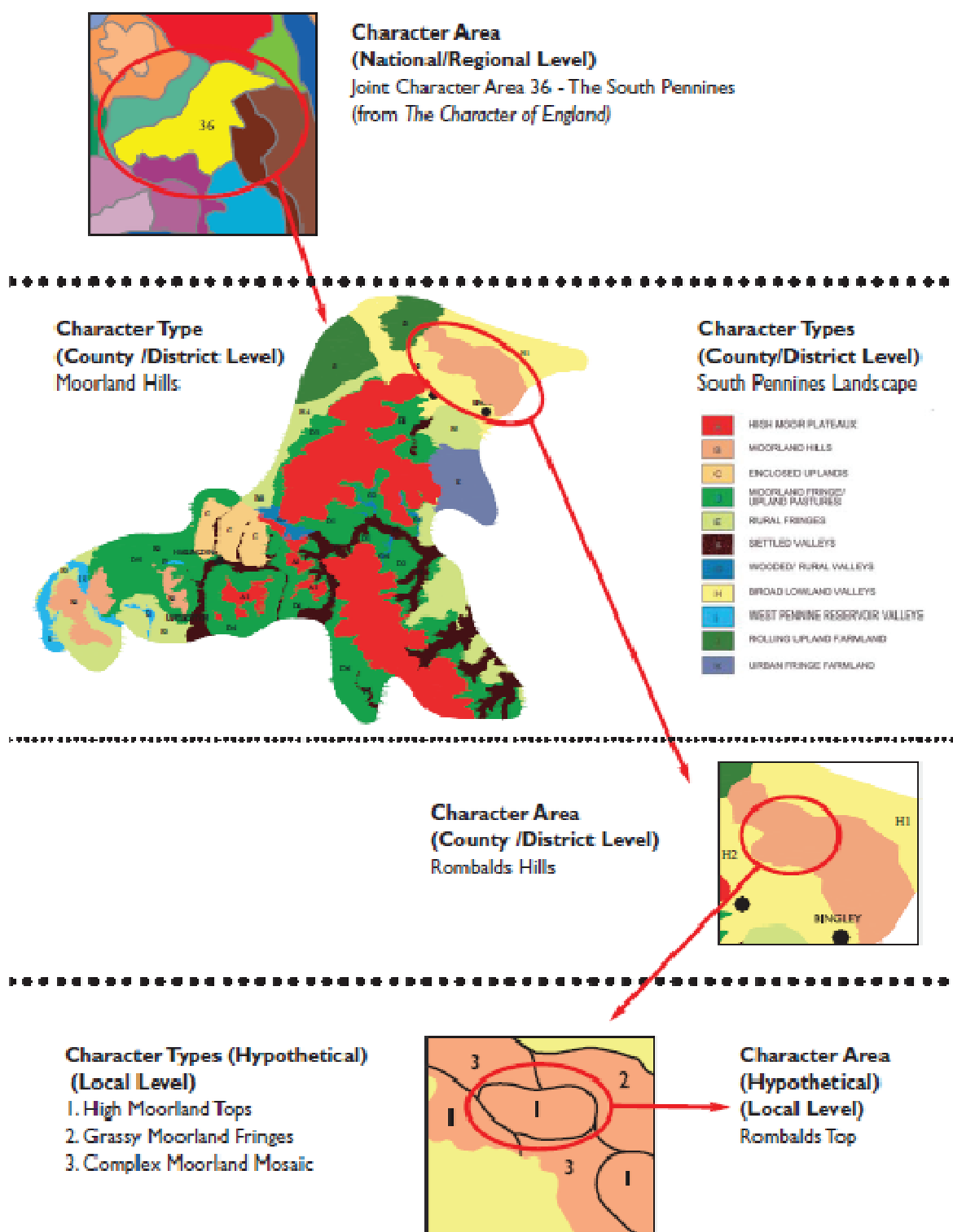
FONTE: Swanwick, 2002a, p. 9.

Conforme definem Swanwick (2002a) e Zotano e Chueca (2010), o **tipo de caráter da paisagem** ou **caráter tipo** designa padrões similares de geologia, relevo, solo, vegetação, uso do solo e ocupação em toda a área de ocorrência. Não significa que toda a área seja idêntica, mas que exista um padrão comum que possa ser reconhecido nos mapas e na pesquisa de campo. Nas avaliações locais, a ênfase está na identificação em menor escala, na qual tipos de caráter mais refinados da paisagem representam padrões mais locais de caráter e muito contribuem para um senso de lugar mais local. Esta classificação é mais abstrata e demonstra a homogeneidade e como a sua distribuição pode ser desconexa. Por sua vez, as **áreas de caráter da paisagem** possuem características genéricas com outras áreas do

⁴⁰ Artigo 1 – Definição. Para efeito do presente Convênio: a) por paisagem se entenderá qualquer parte do território tal como o percebe a população, cujo caráter seja o resultado da ação e interação de fatores naturais e/ou humanos.

mesmo tipo, mas com identidade própria, nas quais o caráter tipo ocorre mais detalhadamente.

Figura 20: Hierarquia espacial da Avaliação do Caráter da Paisagem: exemplo da relação entre os diferentes níveis.



Fonte: Swanwick, 2002a, p. 12.

A **avaliação**⁴¹ do caráter da paisagem adota uma abordagem holística que considera a paisagem como um mosaico de diferentes tipos e áreas. O primeiro estágio engloba o processo de **caracterização** que se divide em identificação, mapeamento, classificação e descrição do caráter da paisagem. O segundo estágio engloba a **tomada de decisão**⁴² que se baseia no processo de caracterização da paisagem e informa o alcance das diferentes decisões relativas aos tipos de aplicação, superando assim as questões meramente estéticas e ecológicas da paisagem. Cada estágio, por sua vez, apresenta diversas etapas no intuito de cumprir seus objetivos:

Quadro 16: Principais estágios e etapas da avaliação do caráter da paisagem.

Estágio	Etapas da avaliação do Caráter da Paisagem
Caracterização	<p>Definição do escopo do objetivo da avaliação do caráter da paisagem tem uma influência decisiva na escala e no nível de detalhe da avaliação, dos recursos necessários, dos agentes envolvidos. Normalmente, é necessário uma visita de familiarização dos envolvidos ao local;</p> <p>Trabalho de gabinete: envolve a revisão dos relatórios, outros dados e informações mapeadas e o uso da informação para desenvolver uma série de sobreposições de mapas para auxiliar na identificação dos tipos e áreas de caráter comum;</p> <p>Pesquisa de campo: modo rigoroso de testar e refinar os rascunhos dos tipos e áreas da paisagem para desenvolver uma série de mapas de sobreposição para identificar áreas de caráter comum;</p> <p>Classificação e descrição: etapa que refina e finaliza os resultados do processo de caracterização pela classificação da paisagem em tipos ou áreas e o mapeamento das informações coletadas, seguidas da clara descrição dessas características;</p>
Tomada de decisão	<p>Abordagens da decisão: é necessário decidir as abordagens dos julgamentos que cumprirão os objetivos da avaliação, bem como o desempenho de cada agente;</p>

⁴¹ Por uma questão semântica, utiliza-se avaliação no sentido de apreço e estima de algo (segundo o termo em inglês *evaluation*) e não no sentido de valoração (segundo o termo em inglês *assessment*) que dá título ao manual.

⁴² Do inglês, *making judgements*.

Tomada de decisão: a natureza do julgamento e os resultados do processo variam de acordo com o propósito da avaliação. As principais abordagens são: estratégias da paisagem, guia da paisagem, estatuto da paisagem e capacidade da paisagem.

Fonte: Swanwick, 2002a, p. 14.

Conforme enfatiza Swanwick (2002a), especificamente em relação ao enfoque metodológico, a avaliação do caráter da paisagem apresenta quatro princípios: ênfase no caráter da paisagem, clara distinção entre o processo de caracterização e a tomada de decisão, utilização de abordagens objetiva e subjetiva durante o processo e aplicação em diferentes escalas.

A avaliação do caráter da paisagem reúne informações relativas ao ambiente físico, natural e histórico e permite uma abordagem mais integrada para auxiliar no planejamento e na gestão das paisagens. Desse modo, o planejamento e a gestão podem ser realizados de modo a salvaguardar a peculiaridade e o caráter local, melhorados e aprimorados por meio do processo de desenvolvimento. Pode auxiliar em processos que buscam identificar as características ambientais e culturais presentes em uma localidade; monitorar as alterações no ambiente e entender a sensibilidade de um local para o desenvolvimento (STATHAM, 2011, p. 14).

No âmbito espanhol, os Catálogos da Paisagem aparecem como um instrumento para a introdução dos objetivos paisagísticos no planejamento territorial da Catalunha. Os Catálogos da Paisagem estão definidos no Artigo 10 § 1 da Lei 8/2005⁴³ como documentos de caráter descritivo e prospectivo que determinam a tipologia das paisagens da Catalunha, identificam seus valores e seu estado de conservação e propõem os objetivos de qualidade que devem cumprir. Em outras palavras:

Os Catálogos da Paisagem são as ferramentas que nos permitem conhecer como é a nossa paisagem e que valores tem, que fatores

⁴³ DIARI OFICIAL DE LA GENERALITAT DE CATALUNYA. **Llei 8/2005, de 8 de juny, de protecció, gestió i ordenació del paisatge.** Catalunya, 2005. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/fitxers/llei_paisatge.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

explicam que tenhamos um determinado tipo de paisagem e não outro, como a paisagem evolui em função de suas dinâmicas econômicas, sociais e ambientais, definem que tipo de paisagem queremos e como podemos consegui-la (Nogué e Sala, 2006, p.10).

O Observatório da Paisagem é o órgão do Departamento de Política Territorial e Obras Públicas do Governo da Catalunha responsável por elaborar os Catálogos da Paisagem das sete regiões em que se organiza a estrutura político administrativa da Catalunha (ver Figura 21). A elaboração dos Catálogos coincidiu com os trabalhos de redação e revisão dos Planos Territoriais Parciais (Planos Diretores Parciais) realizados pelo Departamento. O Observatório da Paisagem desenvolveu o *Prototipus de catàleg de paisatge*⁴⁴, documento que fornece orientações de maneira semelhante a um guia e estabelece as bases metodológicas e critérios comuns para a elaboração de cada um dos sete catálogos de forma coerente e coordenada.

Figura 21: Âmbitos de aplicação dos Catálogos da Paisagem.



Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 11.

⁴⁴ Protótipo de Catálogo da Paisagem (tradução nossa).

Segundo Nogué e Sala (2006), não existe nenhum método reconhecido universalmente para estudar, identificar e avaliar as paisagens e sua diversidade, ainda que na Europa exista uma importante base de conhecimento a esse respeito. Os autores ressaltam a experiência acumulada em países europeus como o Reino Unido (principalmente a *Countryside Agency*), Bélgica, França, Eslovênia e Espanha, com seus respectivos atlas paisagísticos que buscam identificar e avaliar as paisagens na sua totalidade. São experiências de grande interesse, mas a principal diferença em relação ao Catálogo da Paisagem da Catalunha encontra-se em seu objetivo final e na sua integração no processo de apropriação dos planos territoriais parciais, uma das suas principais funções.

Os Catálogos partem de uma visão integrada da paisagem, tomando seus componentes naturais e culturais conjuntamente, nunca em separado. Os autores destacam ainda que o enfoque metodológico é qualitativo em função da existência de dificuldades metodológicas e de diferenças perceptivas que dificultam a definição de um método quantitativo de valoração da qualidade da paisagem válido e aceito por todos. Por esta razão, os Catálogos da Paisagem evitam a hierarquização de níveis de qualidade da paisagem e a quantificação de seus valores, uma tarefa muito complexa, para não dizer impossível, uma vez que a maioria dos valores responde a percepções ou sensações subjetivas e incomensuráveis da população.

Também baseados nos postulados da CEP, a metodologia dos Catálogos da Paisagem é clara e de fácil compreensão, uma vez que apresenta os passos a serem seguidos, a cartografia a ser gerada, bem como os resultados a serem alcançados. A elaboração dos catálogos é dividida em cinco fases: Identificação e Caracterização da Paisagem; Avaliação da Paisagem; Definição de Objetivos de Qualidade Paisagística; Estabelecimento de Medidas e Propostas de Atuação e Estabelecimento dos Indicadores de Seguimento.

O principal objetivo dos catálogos encontra-se na fase de **caracterização**, cujo processo engloba a identificação, mapeamento e descrição das áreas que apresentam uma certa coesão interna e um caráter próprio. A primeira etapa do processo de caracterização é a **identificação**, que busca definir o caráter da paisagem e determina os elementos naturais, culturais (materiais e imateriais) e visuais que diferenciam uma paisagem em relação a outra. A caracterização

permite, portanto, mapear as porções do território que possuem caráter próprio e inclui as etapas de delimitação de unidades de paisagem (hierarquizada em níveis de análise: unidades de paisagem e unidades de atenção especial); estudo da sequência evolutiva da paisagem; identificação dos valores da paisagem; identificação das dinâmicas atuais da paisagem; estudo da possível evolução da paisagem e descrição dos resultados obtidos para cada unidade de paisagem.

Assim como o *Landscape Character Assessment*, os Catálogos da Paisagem trabalham com tipos distintos de classificação de paisagem. A distinção é feita entre unidades de paisagem (UP) e unidades de atenção especial, porém, ambos são conceitualmente semelhantes ao apresentado no manual do Reino Unido, como demonstram o Quadro 17 e a Figura 22:

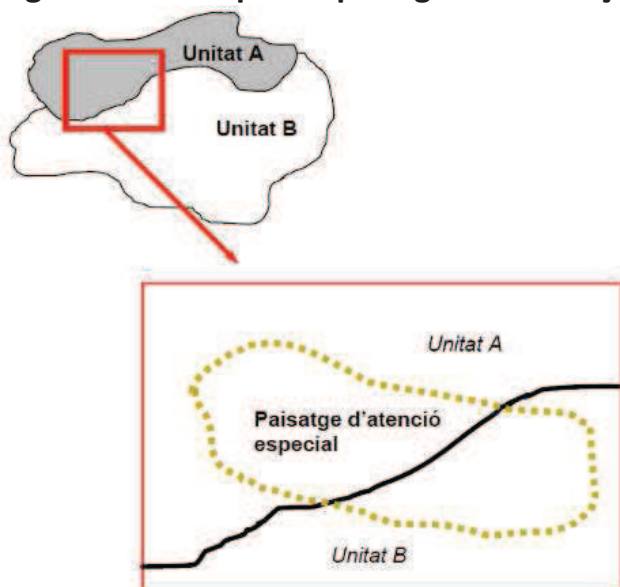
Quadro 17: Distinção entre unidade de paisagem e unidade de atenção especial nos Catálogos da Paisagem da Catalunha.

Classificação	Conceituação
Unidade de paisagem	Parte do território caracterizada por uma combinação específica de componentes paisagísticos de natureza ambiental, cultural e estética e de dinâmicas claramente reconhecíveis que configuram uma idiossincrasia diferenciada do restante do território. As UPs baseiam-se principalmente nos elementos que estruturam o território (as montanhas, os rios, a rede viária) e na sua organização (áreas agrícolas, florestas ou urbanas). O caráter da UP vai depender, portanto, da combinação de formas de relevo, da cobertura do solo, da organização do espaço, da dimensão histórica, da percepção, das alterações imediatas e das relações entre a população e a paisagem (proximidade, laços emocionais, sentimento de pertencimento).
Unidades de atenção especial	Setores da paisagem com características muito singulares, porém de pequena extensão territorial. São porções do território que apresentam uma determinada heterogeneidade, complexidade ou singularidade do ponto de vista paisagístico (por exemplo, zonas periurbanas em transformação ou outros âmbitos de intensa e rápida transformação de

seus usos) e que, portanto, necessitam de diretrizes e critérios específicos para a sua proteção, gestão e ordenamento.

Fonte: Swanwick, 2002a, p. 30 e 33.

Figura 22: Exemplo de paisagem de atenção especial.



Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 34.

A segunda etapa é a **avaliação** da paisagem, na qual são analisadas as ameaças e oportunidades da paisagem. Para isso, são considerados os quatro aspectos analisados anteriormente: organização da paisagem; valoração da paisagem; dinâmicas da paisagem e estudo de uma possível evolução. Essa análise é extremamente útil para as fases seguintes dedicadas ao planejamento da paisagem, definição dos objetivos de qualidades da paisagem e medidas e ações para alcançá-los.

A terceira etapa denominada **objetivos de qualidade paisagística**, assim como estabelece a CEP, corresponde à realização por parte das autoridades públicas das aspirações da comunidade no que diz respeito às características da paisagem e de seu entorno, depois de conhecer o seu estado, valores e riscos, tanto no âmbito territorial como para cada unidade de paisagem.

O **estabelecimento de medidas e propostas de atuação** corresponde à quarta etapa e determina para cada UP ou unidade de atenção especial as diretrizes de paisagem que seriam integrantes dos planos territoriais parciais, assim como critérios e ações específicos que

devem empreender as administrações para alcançar os objetivos de qualidade da etapa anterior.

Por fim, a quinta etapa corresponde ao **estabelecimento de indicadores de seguimento** que define uma grade de indicadores de paisagem compreensível pela população, políticos e gestores públicos, formulada a partir dos objetivos de qualidade paisagística com o objetivo de monitorar o estado da paisagem da Catalunha e sua evolução num contexto de desenvolvimento sustentável.

Dentro do mesmo tema, o Conselho da Europa também lançou, em 2008, a **Recomendación CM/Rec (2008) 3 del Comité de Ministros a los Estados miembro sobre las orientaciones para la aplicación del Convenio Europeo del Paisaje**⁴⁵. A Recomendação compreende um conjunto de orientações teóricas, metodológicas e práticas para a aplicação da CEP, cujos princípios gerais buscam considerar o território em sua totalidade; reconhecer o papel fundamental do conhecimento – a identificação, a caracterização e a qualificação das paisagens constituem a fase preliminar de qualquer política de paisagem; promover a sensibilização; formular estratégias para a paisagem; integrar a paisagem nas políticas territoriais e setoriais; colocar em prática a participação pública; respeitar os objetivos de qualidade paisagística e desenvolver a assistência mútua e a troca de informações (COUNCIL OF EUROPE, 2008, p. 4-6).

Segundo a Recomendação, a **identificação, caracterização e qualificação das paisagens** constituem a fase preliminar de qualquer política de paisagem. Este processo implica uma análise da paisagem nos planos morfológico, histórico, cultural e natural de suas inter-relações e a análise de suas transformações. A percepção da paisagem deve também ser analisada desde o ponto de vista de seu desenvolvimento histórico, bem como do seu significado recente. Outra etapa fundamental no processo que conduz à ação paisagística é a formulação dos objetivos de qualidade paisagística e o alcance desses objetivos mediante ações de proteção, gestão e ordenamento da paisagem no tempo – medidas e ações excepcionais e medidas e ações ordinárias (COUNCIL OF EUROPE, 2008, p. 12).

⁴⁵ Recomendação CM/Rec (2008)3 do Comitê de ministros dos estados membros sobre as orientações para aplicação do Convênio Europeu da Paisagem (tradução nossa).

O termo **identificação** é considerado em um sentido amplo e é constituído por uma fase de compreensão e análise das características específicas (**caracterização**) e por uma fase de individualização dos problemas de qualidade (**qualificação**), que pode variar segundo a complexidade das situações e os objetivos. Fica garantida ainda a formulação dos **objetivos de qualidade paisagística**, uma vez que certos elementos naturais e históricos podem ser objeto de atenção particular para preservar seu papel específico, seu significado histórico particular, suas potencialidades ambientais, entre outras. Esta etapa está fundamentada no conhecimento das características e qualidades específicas dos lugares, dinâmicas e percepção da população e é pautada pela geração de conhecimento, consulta à população, formulação de políticas, estratégias de ação e seguimento.

Ainda no âmbito espanhol, no manual *Estrategia da Paisaje de Andalucía*⁴⁶, da Junta de Andalucía (2012), estabelece que a etapa de **identificação** consiste em designar e delimitar uma determinada paisagem a partir de uma série de recursos gerais que justificam sua consideração diferenciada e que está baseada em informação geográfica que permite o reconhecimento de padrões e estruturas. Em último caso, a identificação de uma determinada paisagem é uma operação interpretativa, na qual se alcança um elevado grau de abstração e síntese da realidade paisagística. A **caracterização** consiste na descrição dos recursos da paisagem atual e das causas dessa configuração. Requer um ponto de vista holístico e integrado das informações de procedência diversa e deve ser de caráter multidisciplinar. Também faz-se necessárias aproximações mais específicas centradas em questões concretas, principalmente os fundamentos naturais, bem como o processo histórico que tem levado à situação atual e às dinâmicas existentes. A **qualificação**, por sua vez, implica um tipo de interpretação diferente. Trata-se, sobretudo, de ler a paisagem como um cenário portador de significados que são transmitidos culturalmente de forma recorrente e que, portanto, merecem ser preservados e adequadamente geridos. Esses valores ou significados procedem de diversas vias de transmissão: as próprias interações entre a sociedade e o meio em que vivem e a percepção social expressa nos discursos locais ou na tradição interpretativa e

⁴⁶ Estrategia da Paisagem da Andaluzia (tradução nossa).

criativa de uma paisagem manifestada em obras literárias, pictóricas ou cinematográficas.

Idealmente, o processo de avaliação do caráter da paisagem deve incorporar as conclusões da **caracterização histórica da paisagem**⁴⁷. Esta etapa consiste em fornecer uma visão geral da dimensão histórica da paisagem, sendo utilizada geralmente para ampliar a descrição e a recomendação das áreas de caráter próprio, explicar sua história e medir as mudanças do passado para guiar a gestão futura. Conhecida como **profundidade do tempo (*time depth*)**, é uma das características mais importantes da paisagem e pode ser definida como a longa interação entre a atividade humana e o processo natural. Segundo Fairclough e Macinnes (2002), o objetivo da profundidade do tempo é reconhecer os modos como a paisagem tem sido influenciada pela atividade humana, além de adicionar a dimensão histórica ao processo de avaliação do caráter da paisagem por meio da leitura de componentes reconhecíveis da influência humana que pode ser traçada mesmo onde a paisagem parece natural.

De acordo com Went e Dyson-Bruce (2003) e Clark, Darlington e Fairclough (2004), a abordagem da caracterização histórica da paisagem oferece um entendimento abrangente, no qual a ênfase concentra-se nos processos humanos e nos remanescentes evidentes na paisagem atual, cujo objetivo principal é produzir um consistente modelo histórico da paisagem. Tem início com a sistemática identificação e descrição de muitos dos atributos históricos da paisagem rural contemporânea. Envolve, geralmente, um nível elevado

⁴⁷ Princípios norteadores da caracterização histórica da paisagem: **Presente, não passado**: é a paisagem atual o principal objeto de estudo enquanto história e não geografia: a característica mais importante da paisagem é a profundidade do tempo; as mudanças e as paisagens anteriores existem na paisagem presente; **Paisagem, não sítios**: caracterização histórica da paisagem está baseada na pesquisa e no entendimento das áreas e não de dados pontuais; **Todos os aspectos da paisagem**, não importa quão modernos, são tratados como parte da paisagem, não como áreas especiais; **Paisagem humana – a biodiversidade é um fenômeno cultural**; **Interpretação, não fatos**; entender a paisagem como ideia, não apenas como uma coisa objetiva; **Opinião das pessoas**: é importante considerar as percepções coletivas e públicas da paisagem, assim como a opinião de especialistas; **Gestão da mudança, não preservação**; paisagem é e sempre será dinâmica; o processo de caracterização deve ser transparente, com registros claros dos dados da pesquisa e métodos utilizados; mapas e textos devem ser de fácil entendimento, **livre de jargões** e de **fácil acesso** aos usuários; resultados devem ser **integrados** ou outros registros ambientais e de gestão do patrimônio (Clark, Darlington e Fairclough, 2004, p. 6).

de generalização ao proporcionar um entendimento das características essenciais da área de estudo escolhida. O produto inicial é descritivo, isento de valor e fundamentado sobre as dimensões históricas e arqueológicas da paisagem atual e resulta em um quadro analítico para um estudo mais aprofundado para a gestão da paisagem.

A avaliação histórica da paisagem é complementar à avaliação do caráter da paisagem. Deve, porém, ser realizada separadamente devido à exigência de diferentes capacidades, ser uma operação em diferentes escalas e a geralmente possuir uma maior duração. Idealmente, deve ser realizada em primeiro lugar, de modo a que os resultados possam ser utilizados na avaliação do caráter da paisagem. No entanto, se necessário, a avaliação histórica da paisagem pode também ser utilizada para enriquecer *a posteriori* e aprofundar as avaliações do caráter da paisagem existente. Também tem uma ampla gama de usos quando utilizada separadamente da avaliação do caráter da paisagem.

O embasamento teórico apresentado forneceu subsídios para sistematizar os procedimentos teóricos e metodológicos propostos, os quais são apresentados a seguir e pretendem contribuir para o estudo e a gestão com base na conservação integrada das paisagens.

3.2 | ETAPAS DE PROCEDIMENTOS DA AVALIAÇÃO DO CARÁTER DA PAISAGEM

Lembre-se sempre: a paisagem muda
(McCLELLAND et al, 1999, p. 12).

Com base nas orientações teóricas e metodológicas já descritas, são propostas nessa pesquisa alguns procedimentos para a **Avaliação do Caráter da Paisagem**. Estes procedimentos estão divididos em três estágios: **Estágio 1: Identificação e Caracterização**, **Estágio 2: Avaliação** e **Estágio 3: Valoração e Propostas**, que, por sua vez, são decompostos em uma série de etapas que visam contribuir para o cumprimento dos objetivos a que se propõe um estudo de avaliação do caráter da paisagem.

Consciente da ambição e da complexidade de propor um estudo que pretende manter um diálogo entre os fatores naturais e culturais e os aspectos estéticos e perceptivos, faz-se necessário apresentar uma

síntese dos procedimentos metodológicos desenvolvidos por meio da integração dos métodos e conceitos apresentados. O método de estudo da paisagem proposto utiliza materiais de diversas origens, resultantes do cruzamento e da sistematização da avaliação do caráter da paisagem, elaborados por Swanwick (2002); os Catálogos da Paisagem da Catalunha, de Nogué e Sala (2006); *Council of Europe* (2008) e *Council of Europe* (2000) e estão resumidos no Quadro abaixo:

Quadro 18: Quadro Resumo dos procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem.

Avaliação do caráter da paisagem
Estágio 1: Identificação e Caracterização
Etapa 1: Definição do alcance e âmbito do estudo
Etapa 2: Trabalho de Gabinete
Etapa 3: Pesquisa de campo
Etapa 4: Identificação e caracterização
Estágio 2: Avaliação
Etapa 5: Identificação das ameaças e oportunidades
Estágio 3: Valoração e Propostas
Etapa 6: Qualificação
Etapa 7: Definição dos objetivos de qualidade paisagística
Etapa 8: Seguimento

Fonte: autora, a partir de Swanwick (2002), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006).

O procedimento metodológico proposto para a avaliação do caráter da paisagem será explicado mais detalhadamente no decorrer desse capítulo. Por razões didáticas, as cores utilizadas para marcar os estágios, bem como as etapas e seus desdobramentos apresentados nos Quadros Resumo foram utilizadas na marcação dos subtítulos, que são descritos no decorrer do texto.

ESTÁGIO 1: IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

O **Estágio 1: Identificação e Caracterização** consiste na identificação dos tipos e das áreas de caráter e possui como resultado a confecção de mapas contendo os tipos e as áreas da paisagem, bem como a caracterização da paisagem por meio da descrição e identificação das características chaves mais importantes definidoras

do caráter. Esse estágio, por sua vez, divide-se em quatro etapas que estão descritas no texto que segue, bem como as fases que as compõem.

Quadro 19: Procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem que compõem o Estágio 1.

Avaliação do caráter da paisagem
Estágio 1: Identificação e Caracterização
Etapa 1: Definição do alcance e âmbito do estudo
1.1. Definição dos objetivos
1.2. Delimitação da área de estudo
1.3. Fontes de informação
1.4. Estabelecimento de calendário
1.5. Identificação dos recursos
1.6. Identificação dos agentes
Etapa 2: Trabalho de Gabinete
2.1. Análise dos fatores naturais da paisagem
2.2. Análise dos processos históricos e socioeconômicos da paisagem
2.3. Análise da estrutura visual e cênica da paisagem
2.4. Definição prévia das áreas e tipos da paisagem
2.5. Estabelecimento da metodologia de trabalho de campo e preparação das entrevistas
2.6. Estudo das representações sociais e diretrizes culturais
Etapa 3: Pesquisa de campo
3.1. Visita aos tipos e áreas identificados na definição prévia
3.2. Estabelecimento das posições de observação
3.3. Preenchimento da ficha de registro de campo para cada posição de observação
3.4. Identificação dos aspectos estéticos e perceptivos
3.5. Realização de entrevistas
Etapa 4: Identificação e caracterização
4.1. Identificação e denominação dos tipos e áreas da paisagem
4.2. Mapa definitivo dos tipos e áreas da paisagem
4.3. Caracterização dos tipos e áreas da paisagem
4.4. Identificação das características chaves
4.5. Dinâmicas da paisagem
4.6. Descrição da possível evolução da paisagem
Estágio 2: Avaliação
Etapa 5: Identificação das ameaças e oportunidades
Estágio 3: Valoração e Propostas
Etapa 6: Qualificação

Etapa 7: Definição dos objetivos de qualidade paisagística**Etapa 8: Seguimento**

Fonte: autora, a partir de Swanwick (2002), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006).

Etapa 1: Definição do alcance e âmbito do estudo

A etapa de definição do alcance e âmbito do estudo consiste na demarcação da área de estudo em função de parâmetros utilizados para sua delimitação. Tais parâmetros, sejam administrativos ou naturais, pré-estabelecidos ou de nova determinação, objetivam embasar futuras atuações em relação às políticas de ordenação do território. O propósito desta etapa é determinar a escala e o nível de detalhe mais apropriado para cada realidade em estudo, tendo em vista que alguns estudos são finalizados na etapa de caracterização, cujo objetivo é fornecer apenas um inventário e descrição do caráter da paisagem.

Para esta etapa faz-se necessária uma familiarização com a área de estudo por meio de visitas exploratórias com o objetivo de conhecer a paisagem, entender sua geografia e obter impressões gerais da variação do caráter. Como a paisagem muda com as estações do ano, tanto em seu aspecto físico e quanto perceptivo, deve-se realizar avaliações que abranjam mais de uma estação durante o ano.

1.1. Definição dos objetivos

Nessa etapa é definido o objetivo principal ao qual o estudo se propõe. Faz-se importante também considerar os objetivos específicos enquanto finalidade concreta do trabalho, possíveis de serem obtidos com os recursos disponíveis e as atividades previstas no período de execução.

1.2. Delimitação da área de estudo

Trata-se de demarcar o âmbito do estudo em função dos parâmetros utilizados para sua delimitação, sejam naturais ou administrativos. É conveniente estabelecer a extensão, forma, limite e grandes conjuntos geográficos que englobam a área em estudo, além

da divisão administrativa e dos grandes eixos de comunicação. Faz-se necessária a confecção de mapas que demonstrem a situação da área em estudo em um contexto espacial mais amplo, preferencialmente regional, e mapas que apresentem a área de estudo. O texto deve conter uma descrição clara e concisa da informação básica do âmbito do trabalho.

1.3. Fontes de informação

Esta atividade consiste na busca e compilação bibliográfica e cartográfica, resultando na compilação e reestruturação da informação existente por meio da busca sistemática em bibliotecas e instituições que possam conter informações a respeito do objeto de estudo.

1.4. Estabelecimento de calendário

O calendário de trabalho – cronograma – deve conter as atividades que serão desenvolvidas e o seu prazo de execução previsto.

1.5. Identificação dos recursos

São identificados os recursos necessários para a correta execução do trabalho. Aconselha-se uma infraestrutura básica composta por: câmara fotográfica, videocâmara, base cartográfica, fotos aéreas, computador, impressora/ plotter, GPS, programa de SIG e veículo.

1.6. Identificação dos agentes

Deverão ser identificados os agentes sociais que participarão no processo de pesquisa representados pela população local, estudiosos e eruditos locais, associações não governamentais, prefeituras, universidades, entre outros.

Etapa 2: Trabalho de Gabinete

Esta etapa busca construir uma base de dados para fornecer o contexto da avaliação do caráter da paisagem em estudo. São

realizadas as buscas e o tratamento da cartografia e das fotografias aéreas que estabelecerão e delimitarão os tipos e áreas da paisagem e produzirão ainda mapas. Também é realizada a análise dos fatores naturais da paisagem (geologia, relevo, clima, hidrologia, solo e cobertura vegetal), dos fatores culturais (uso e cobertura do solo, tipologia de assentamento, permanências, sistema de exploração vigente, pressões e dinâmicas), a caracterização histórica da paisagem e da estrutura visual e cênica.

A partir da informação cartográfica e da fotografia aérea é iniciado o processo de sobreposição de mapas com o objetivo de identificar ou estabelecer um caráter de paisagem comum, ou seja, tipos e áreas onde certo nível de detalhes se estabelece com clara correlação de fatores, a ser testado e validado durante a pesquisa de campo. Como resultado final, obtém-se uma predefinição de tipos e áreas de paisagem do local de estudo.

2.1. Análise dos fatores naturais da paisagem

O **relevo** é considerado um componente abiótico de primeira magnitude no estudo da paisagem. Junto com o clima, resultam cruciais a visibilidade e a compreensão das estruturas paisagísticas, dada a repercussão que o relevo tem no desenvolvimento dos elementos bióticos e antrópicos. A **cobertura vegetal**, junto com o relevo, destaca-se como um dos fundamentos naturais da paisagem mais diverso e singular. Pode ser interpretada como resultado do potencial ecológico do território e da capacidade para a exploração biológica que leva diretamente a uma vegetação potencial (o mapa da vegetação potencial dá-se pela delimitação da área potencial dos agrupamentos vegetais). Por sua vez, a intervenção antrópica dos fatores físicos ou, mais comumente, da vegetação originária nos dá a chave da vegetação atual e dos usos antrópicos do solo. O **solo** é considerado como o resultado da decomposição de rochas e estabelece uma relação com os elementos abióticos e bióticos do meio. Dada a sua característica sistêmica, permite completar a análise dos fundamentos naturais da paisagem. A clara compreensão da **geologia** aponta a maneira através da qual as diferentes formações geológicas influenciaram a paisagem. A **hidrografia**, por sua vez, pode exercer

uma influência direta ou indireta na paisagem e nas atividades humanas (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 257-268).

2.2. Análise dos processos históricos e socioeconômicos da paisagem

O **uso e cobertura do solo** é um complexo estudo dos fundamentos naturais pela quantidade de fatores que intervêm em sua explicação (naturais, históricos, sociais, políticos e econômicos) e o mais dinâmico (a consideração histórica das formas e funções da paisagem é fundamental). O estudo do uso do solo deve ser feito seguindo três aspectos fundamentais: a cobertura natural, a cobertura antrópica que se sobrepõe à natural e às atividades econômicas e o modelo socioterritorial que explica a sua distribuição na superfície. O estudo das **tipologias de assentamentos** deve, em primeiro lugar, distinguir as formas básicas dos mesmos, seguido do estudo dos condicionantes físicos e humanos que o originaram. O estudo pode iniciar utilizando mapas topográficos e fotografias aéreas, bem como as informações fornecidas pela bibliografia especializada. As **permanências** apontam o legado histórico-cultural do patrimônio edificado que perdura na paisagem. O **sistema de exploração vigente** constitui um fator de importante configuração da paisagem que se refere às sociedades rurais e sua organização, com destaque para a tipologia do parcelamento do solo, a propriedade e o regime de tendências de exploração e o sistema de cultivo. As **pressões e dinâmicas** apresentam os processos de mudança atualmente em curso, apontando os principais tipos de risco, pressões e dinâmicas, cuja distribuição permite identificar os âmbitos espaciais que requerem atenção preferencial, levando em conta a importância dos processos de mudança analisados (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 272-284).

Uma das principais utilidades da **caracterização histórica da paisagem** na avaliação do caráter da paisagem é a definição dos tipos e áreas de caráter. Segundo McClelland et al (1999), mapas históricos e registros do solo fornecem informações sobre limites históricos, propriedades, redes de circulação, agrupamentos e uso do solo. As onze características da paisagem apresentadas pelos autores descrevem o contexto histórico de diversas maneiras, ao passo que as quatro características dos processos (uso do solo e atividades; padrão de organização espacial; resposta ao ambiente natural; tradições

culturais) refletem diretamente os temas em que os contextos estão baseados. Conhecer o padrão de assentamentos da região, a topografia natural, as influências culturais e o uso do solo histórico fornecem um entendimento de como a região foi organizada e desenvolvida historicamente.

McClelland et al (1999, p. 1-2), apontam que a **paisagem histórica rural** é uma área geográfica que historicamente tem sido utilizada pelas pessoas, moldada ou modificada pela atividade humana e que possui uma concentração significativa, junção ou continuidade de áreas de uso do solo, vegetação, edificações e estruturas, estradas, hidrovias e características naturais. A organização espacial, concentração de características históricas e evidência de período histórico de desenvolvimento distinguem uma paisagem rural do seu entorno imediato. Na maior parte dos casos, o ambiente natural tem influenciado o caráter e a composição das áreas rurais, bem como o modo como as pessoas têm usado a terra. Por sua vez, as pessoas através de tradições, gostos, tecnologias e atividades, têm consciente e inconscientemente modificado o ambiente natural. Políticas, costumes sociais, economia e recursos naturais têm determinado a organização das comunidades rurais e as propriedades históricas que elas contêm. Os autores desenvolveram um sistema de **classificação de onze características da paisagem rural** para a leitura da paisagem rural e para a compreensão das forças culturais e naturais que a moldaram. Este sistema de classificação é uma ferramenta que reúne e organiza as informações e é utilizado no desenvolvimento dos contextos históricos para áreas rurais:

Características da paisagem são evidências das atividades e hábitos das comunidades que ocuparam, desenvolveram, usaram e moldaram o solo para servir as necessidades humanas (McCLELLAND et al, 1999, p. 3).

As quatro primeiras características demonstram o processo que contribui para a modelagem da paisagem enquanto as outras sete demonstram aquilo que é evidente na paisagem, conforme apresentado no Quadro 20:

Quadro 20: Características da paisagem rural.

Estágio	Conceituação
Processo	Uso do solo e atividades, padrão de organização espacial, resposta ao ambiente natural, tradições culturais.
Componentes físicos	Rede de circulação; demarcação de fronteiras; vegetação relativa ao uso do solo, edifícios, estruturas e objetos; agrupamentos; sítios arqueológicos; elementos de pequena escala.

Fonte: McClelland et al, 1999, p. 4-6.

A pesquisa histórica deve ser realizada por meio da **cartografia histórica** e tem como objetivo revelar a mudança da paisagem e indicar a localização de estradas históricas e assentamentos, entre outros componentes da paisagem. Os **registros históricos** indicam a propriedade histórica da terra, padrões de divisão do solo e limites históricos. O censo fornece informações sobre o tamanho das famílias, ocupação e associações étnicas, os registros censitários da agricultura e da indústria fornecem dados e estatísticas do uso do solo histórico, propriedades e produção de uma área. Entrevistas com os residentes mais velhos para identificar suas experiências e memórias sobre os tempos passados, uma vez que o padrão das propriedades e matrizes de uso apresentados pode ter se alterado ao longo das gerações. Para McClelland et al (1999) e Lampton (2007), a **fotografia histórica** fornece as pistas mais úteis sobre os antigos usos da terra e pontos visuais da paisagem ao longo da estrada e indicam as mudanças nas práticas do uso do solo, divisão do solo, vegetação e agrupamentos.

2.3. Análise da estrutura visual e cênica da paisagem

A determinação da **estrutura cênica** é estabelecida a partir de mapas topográficos ou de modelos digitais do terreno. Essa etapa da análise tem por objetivo a identificação dos elementos que definem as condições gerais de visibilidade do território e permitem a definição de medidas para favorecer a leitura e a apreciação visual do território, bem como a identificação e a definição de marcos reconhecidos por sua significação, considerados como referenciais básicos do território apreciados pela comunidade como registro da evolução histórica ou da

identidade local. Geralmente, os marcos apresentam grande capacidade de atração visual ou contribuem para a caracterização da paisagem de um determinado âmbito cênico. Após identificados, deve-se determinar a bacia visual para conhecer o âmbito visual dos marcos e posterior estabelecimento dos espaços de proteção e gestão (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 287).

Nogué e Sala (2006) e Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez (2002) defendem que a **análise das visibilidades** consiste na determinação das áreas visíveis desde cada ponto ou conjunto de pontos, simultaneamente ou em sequência, com vista a uma posterior avaliação do grau em que cada área contribui para a percepção da paisagem e para a obtenção de certos parâmetros globais que permitam caracterizar um território em termos visuais. A determinação de pontos de vistas mais importantes em virtude de seu alcance visual e o mapeamento dos cones visuais (conjunto de pontos conectados visualmente em um determinado ponto de observação) são requisitos essenciais na delimitação dos tipos e áreas de caráter da paisagem, já que permitem delimitar a medida que cada setor contribui para a percepção da paisagem.

2.4. Definição prévia das áreas e tipos de paisagem

A **definição prévia das áreas e tipos de paisagem** resulta da análise dos fatores naturais, culturais e visuais. Inicialmente, cruza-se o mapa das unidades dos fatores naturais com o mapa dos fatores culturais. Após a sistematização da informação, introduz-se a variável visual, que facilita a identificação de novas discontinuidades espaciais. Obtém-se, assim, uma série de áreas e tipos de paisagens possíveis (até três níveis de integração) que deve ser conferida na pesquisa de campo (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 290).

Mapas e fotografias aéreas contribuem para compreender como diferentes fatores moldam a paisagem e interagem para criar padrões de caráter que fornecem a base para a identificação de áreas de caráter similar: fatores naturais (geologia, relevo, rios e sistemas de drenagem, solo, cobertura vegetal) e fatores culturais/ sociais (uso do solo, padrão de assentamentos, padrão de parcelamento do solo, profundidade do tempo – dimensão histórica da paisagem). O processo

inclui fatores divididos em duas categorias, as quais são apresentadas abaixo:

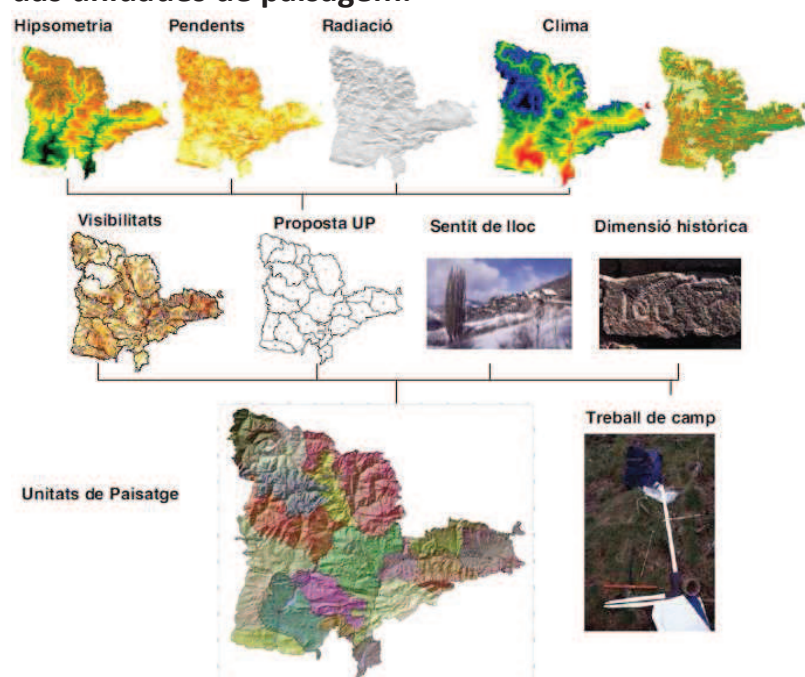
Quadro 21: Fatores que influenciam o caráter da paisagem.

Fatores naturais	Fatores culturais
Geologia	Uso do solo (incluindo tipos de plantio);
Relevo	Padrão de assentamento
Rio e sistema de drenagem	Padrão de parcelamento do solo
Cobertura do solo	Dimensão histórica da paisagem (profundidade do tempo)

Fonte: Swanwick, 2002a, p. 21.

O cruzamento da topografia com a hidrografia constitui o primeiro passo para a determinação das unidades de relevo (áreas que apresentam uma certa unidade do ponto de vista da topografia). Uma vez analisada e mapeada a informação dos fatores naturais, socioculturais e visuais, elabora-se o rascunho dos tipos e áreas de paisagem, que deve ser completado na pesquisa de campo (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 290). Também devem ser estabelecidas as áreas nas quais existe um certo nível de detalhe, no qual se estabelecem claras correlações entre os fatores listados acima.

Figura 23: Exemplo de camadas de informações utilizadas para a definição das unidades de paisagem.



Fonte: Molina e Pèlachs, 2013, p. 21.

2.5. Estabelecimento da metodologia de trabalho de campo e preparação das entrevistas

Essa etapa estabelece a metodologia que será aplicada na terceira etapa de estudo. Para a realização da pesquisa de campo devem-se executar as seguintes tarefas: **estabelecimento dos itinerários** a serem percorridos com vista ao planejamento de visitas aos tipos e áreas definidos previamente; formatação da ficha de registro de campo na qual deve estar incluída a descrição das vistas; desenho e croquis; lista de elementos significativos; lista de fatores estéticos e perceptivos; fotografias georreferenciadas com GPS e **entrevistas**.

A **ficha de registro de campo** tem como objetivo a observação sistemática e o registro consistente. Normalmente, a ficha de registro de campo inclui espaços para escrever a descrição do caráter da paisagem observado em pontos particulares ou em certas áreas, esboços anotados das vistas, lista de elementos significativos da paisagem e sua significância, lista de fatores estéticos e perceptivos, espaço para observação sobre a sensibilidade e gestão necessária da paisagem. Com base nessas informações, a ficha de registro de campo proposta (ver Apêndice 02) foi estruturada e adaptada ao local de estudo, segundo procedimentos de registro de campo apresentado por alguns dos autores estudados, como Swanwick (2002a); McClelland et al (1999); Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez (2002) e Statham (2011).

Os trabalhos de Swanwick (2002a) e McClelland et al (1999) forneceram campos de preenchimento referentes à descrição das características da paisagem, assim como dos aspectos estéticos e perceptivos da paisagem (ver item 3.4. Identificação dos aspectos estéticos e perceptivos). O trabalho de Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez (2002) forneceu campos de preenchimento referentes aos fatores de visibilidade, análise da estrutura e dos elementos constituintes da paisagem, corroborados pela aplicação das fichas propostas nos trabalhos de Pérez et al (2007-2013) e da Junta de Andalucía (2011). Por fim, foram inseridos os campos relativos à avaliação e à sensibilidade da paisagem, fornecidos pelo trabalho de Statham (2011).

O estudo de Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez (2002) apresenta uma série de procedimentos relativos às condições de visibilidade do ponto de observação. Assim, os autores caracterizam a imagem da paisagem e permitem o reconhecimento dos valores e conflitos paisagísticos existentes, assim como a potencialidade que apresenta a imagem do local de estudo. As informações referem-se à **condição de visibilidade** com anotações da tipologia das vistas como distância/ profundidade (fator com capacidade de modificar a percepção do observador); amplitude, entendida como a profundidade que alcança a visão em ambos os lados do eixo visual, completada com a representação cartográfica das bacias visuais do ponto de observação; fotografia representativa do ponto de observação e zonas não visíveis ou de sombras. A **análise dos elementos constituintes** da paisagem propõe por meio da decomposição gráfica e descritiva da cena a identificação dos elementos mais significativos, tais como descrito abaixo:

Quadro 22: Elementos constituintes da paisagem.

Elemento	Condição de análise
Relevo	Base sobre a qual se organiza visual e funcionalmente a paisagem. Descreve-se a forma (plana, ondulada, escarpa), disposição (suave, pronunciada), formas singulares e afloramentos que aparecem na cena.
Hidrografia	Constituem elementos de notável incidência visual, sendo necessário refletir seu caráter (corrente, estancada), dimensões, características de fluxo (lento, rápido, com saltos), formas e graus de conservação.
Vegetação	Sendo natural ou associada a cultivos e plantações, a vegetação tem importância na configuração das características essenciais de grande número de paisagens. Sua variedade, formas, cores e texturas são circunstâncias essenciais para descrever a aparência da cena.
Núcleos urbanos/ bordas	Descrição das relações entre núcleos urbanos e elementos naturais, localização, características formais das edificações e limites urbanos/ relação com a topografia.
Outros usos/ elementos construídos	Determinadas atuações humanas (habitat rural disperso, construções isoladas relacionadas ao uso agrário, industrial, comercial ou determinados serviços coletivos, obras de engenharia, linhas elétricas e telefônicas) possuem um importante papel na configuração visual das paisagens.

Conflitos significativos	Elementos que aparecem no entorno próximo e podem ser considerados como focos de contaminação visual.
--------------------------	---

Fonte: autora com base em Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez, 2002, p. 12.

A **análise estrutural da paisagem** é realizada por meio da decomposição da imagem do ponto de vista estrutural, segundo os componentes descritos no Quadro 23.

Quadro 23: Componentes da decomposição estrutural da paisagem.

Áreas	
Descrição	Elementos estruturais e formais de grande extensão.
Características estéticas formais	Alto efeito visual de áreas com estruturas homogêneas; Escala de grande distância; Afastamento visual e vistas de grande amplitude.
Exemplos	Ladeiras, planaltos, vinhedos, parcelas cultivadas de grande extensão.
Bordas	
Descrição	Fenômenos que se manifestam visualmente na forma de linhas, rupturas ou margens.
Características estéticas formais	Áreas e zonas de fronteira com alto efeito visual; Função de fechar ou abarcar visualmente o espaço; Enquadramento visual e demarcação de vistas.
Exemplos	Linhas de bosques, bosques escarpados, limite de uso agrícola.
Linhas	
Descrição	Elementos estruturais e formais que se manifestam visualmente como linhas desenhadas ou franjas, contornos ou perfis;
Características estéticas formais	Linhas diretoras com intenso efeito visual (linhas de força) com função de estruturar e tornar o espaço acessível e legível; Vistas ou perspectivas orientadas para determinadas direções; Escalonamento e gradação de sequências rítmicas de elementos formais estruturados ao longo da linha diretora; Sensação de profundidade.
Exemplos	Linhas do horizonte, vias, estradas, muros de pedra, silhuetas de povoados.
Pontos	
Descrição	Pontos de importante atração visual a longa e curta distância

(marcos visuais)	
Características estéticas formais	Ponto de atração das vistas; Ponto de orientação visualmente atrativo e identificado de longe; Ponto de referência dentro dos campos visuais.
Exemplos	Cumes com formas características, castelos, capelas, árvores isoladas.

Fonte: autora com base em Junta de Andalucía, 2011, p. 18.

Também faz parte da ficha de registro de campo a **avaliação cênica da paisagem**, cujo objetivo é avaliar o valor da paisagem ao longo da estrada. Utiliza-se uma abordagem quantitativa a partir da definição de um conjunto de critérios de avaliação das vistas da paisagem para determinar a existência de certos atributos, conhecidos por criarem valor cênico:

Contraste: Elementos dispostos lado a lado que se diferenciam claramente na paisagem; (...)

Ordem: Características naturais e culturais que formam um sentido na paisagem; (...)

Camadas: Sucessão de elementos da paisagem que permitem a criação de senso de profundidade;

(...) **Ponto focal:** ponto dominante na paisagem que atrai o olhar do observador; (...)

Singularidade: Excepcionalidade, elementos únicos ou simbólicos da região; (...)

Integridade: atributos naturais ou culturais que se mantêm inalterados com o passar do tempo (LAMPTON, 2007, p. 11).

Nesse procedimento adaptado de Lampton (2007, p. 12), as vistas selecionadas para aplicação da ficha de registro de campo serão marcadas em cada categoria e ser-lhes-á atribuída uma pontuação numérica para determinar seu valor geral. A classificação das vistas de acordo com a pontuação pode ajudar nos estudos da paisagem e permite identificar recursos cênicos chave ao longo da estrada que poderão beneficiar da avaliação da sensibilidade da paisagem, que identificará as ameaças causadas pelas mudanças e desenvolvimento da paisagem.

A **avaliação da sensibilidade da paisagem**, conforme a proposta de Statham (2011), também foi inserida na ficha de registro de campo. Segundo Swanwick (2002c, p. 5), a sensibilidade do caráter da paisagem requer julgamento profissional sobre o grau de robustez da paisagem, entendida como a capacidade de acomodar mudanças sem impactos adversos em seu caráter. Isso significa decidir que elementos da paisagem devem ser mantidos ou quais podem ser perdidos, além de considerar que a adição de novos elementos pode influenciar decisivamente o novo caráter. No entanto, essas decisões devem ser tomadas de forma clara e consistente, levando-se em conta três fatores: i) os elementos individuais que contribuem para o caráter, significado e vulnerabilidade a alterações; ii) condição da paisagem em termos de preservação e representatividade do caráter e iii) a condição de conservação dos elementos que contribuem para o caráter e o aspecto estético da paisagem.

Segundo Swanwick (2002c, p. 8), a probabilidade de mudança de um cenário está relacionada com a sua visibilidade, que é grandemente influenciada pela natureza do seu relevo e pela extensão da sua cobertura vegetal, e pelo número de pessoas que poderão perceber quaisquer mudanças e suas razões.

Como a definição do caráter também está ligada à opinião das pessoas que vivem, trabalham ou visitam a paisagem, faz-se necessário a realização de **entrevistas diretas** com agentes da paisagem: instituições, especialistas, sindicatos, associações culturais, entre outros. Essa consulta fornecerá um banco de dados com informações sobre os principais agentes implicados na proteção, gestão e ordenação da paisagem.

2.6. Estudo das representações sociais e diretrizes culturais

Como atividade transversal, o processo de consulta coloca ênfase na valorização e percepção que o cidadão tem da paisagem (sobretudo dos aspectos mais intangíveis) e nas suas ameaças e oportunidades ao longo de todo o processo.

A **estratégia de participação e sensibilização** pode contemplar três níveis: i) aproveitamento de materiais como livros de viagem, notícias, coleção de fotografias históricas e postais, literatura local e ensaios; ii) definição do caráter ligado ao conceito de recurso

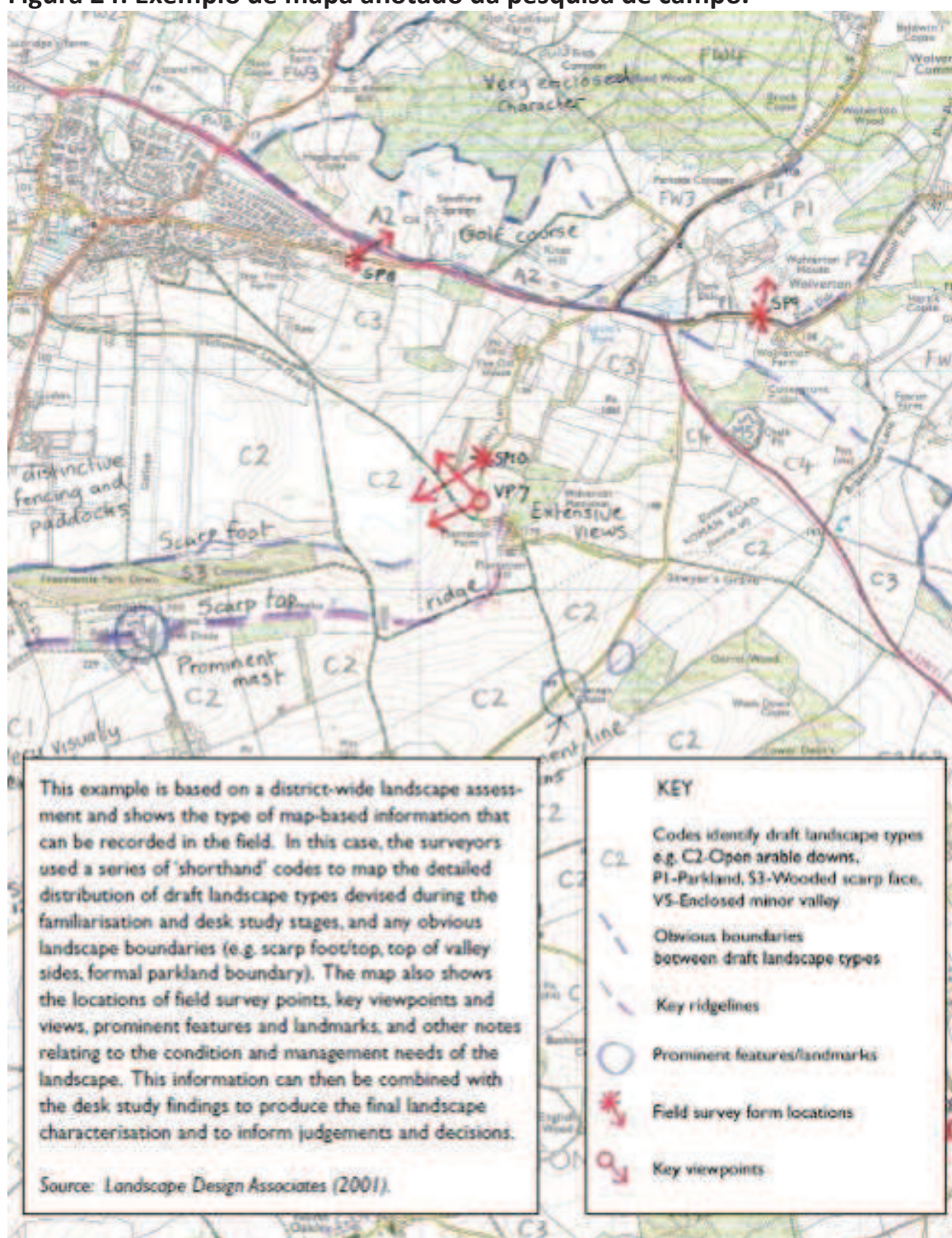
paisagístico e à estratégia de participação na integração da avaliação do caráter e sensibilização dos cidadãos por meio de entrevistas diretas com agentes da paisagem (instituições, especialistas, empresários, sindicatos, associações culturais, entre outros) e, por fim, iii) a criação de uma base de dados com informações atuais sobre os principais agentes implicados na proteção, gestão e ordenamento da paisagem.

Etapa 3: Pesquisa de campo

Esta é a fase em que se realiza o reconhecimento *in loco*, na qual é possível identificar elementos e características não identificáveis nas fontes cartográficas e documentais, assim como se realiza a análise dos aspectos estéticos e perceptivos que as pessoas possuem da paisagem. O reconhecimento *in loco* da paisagem é essencial para identificar a diversidade de possíveis visões da escala da percepção humana, uma vez que o sentido de lugar dificilmente pode ser compreendido a partir do trabalho de gabinete. As observações obtidas no trabalho de campo fornecem apreciações e valorações – correspondentes ou complementares – que contribuem para caracterizar a paisagem em sua diversidade. As observações obtidas a partir da estrada serão documentadas, contrastadas e confrontadas com a análise de dados de outras fontes (fotografias aéreas, fotografias terrestres, cartografia, bibliografia, etc.).

Os objetivos dessa etapa do trabalho buscam: i) descrever o caráter dos tipos e áreas da paisagem; ii) identificar qualidades estéticas e perceptivas; iii) auxiliar na decisão final sobre a divisão entre tipos e áreas; iv) ampliar a base de dados inicialmente estabelecida e contribuir para o processo de valoração (SWANWICK, 2002a, p. 30).

Figura 24: Exemplo de mapa anotado da pesquisa de campo.



Fonte: Swanwick, 2002a, p. 33.

Esta etapa da pesquisa mostra como as pessoas veem a paisagem (vista no nível do solo). Também identifica elementos chaves que não são identificados no trabalho de gabinete. Deve capturar a impressão geral do caráter da paisagem, os elementos que a

compõem, o modo como interagem e as características estéticas e de percepção.

3.1. Visita aos tipos e áreas identificados na definição prévia

O trabalho consiste em uma série de itinerários previamente estabelecidos que permita visitar todos os tipos e áreas de caráter identificados previamente, estudando-se cada um deles em pelo menos três pontos que sejam representativos para obter informações e fotografias. Para cada um dos pontos de observação é elaborada uma ficha na qual são incluídos os seguintes aspectos: descrição das vistas; croquis; lista de elementos significativos; listagem dos fatores estéticos e perceptivos; observações sobre a sensibilidade/ fragilidade da paisagem e possíveis condições de gestão dos recursos da paisagem; fotografias georreferenciadas; mapas de campo que localizam ou delimitam os aspectos mais destacados (marcos, vistas, bordas infinitas), conforme explicitado no item 2.5. Estabelecimento da metodologia de trabalho de campo e preparação das entrevistas.

3.2. Estabelecimento das posições de observação

Nesta fase são visitados todos os tipos e áreas identificados no rascunho dos tipos e das áreas da paisagem, estudando-se cada um em pelo menos três pontos que sejam significativos para obter dados e fotografias (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 225).

Segundo Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez (2002), a seleção de pontos de observação, a partir de onde é realizada a análise da paisagem, deve seguir os seguintes critérios: i) reconhecer a imagem do conjunto do núcleo; ii) reunir as condições de visibilidade de um determinado trecho da estrada; iii) constituir uma vista histórica ou socialmente reconhecida pela população; iv) apresentar circunstâncias significativas do entorno da localidade (valores ou impactos na paisagem); v) oferecer novas perspectivas da localidade (vias de comunicação recentes) ou atravessar ou margear áreas de expansão urbana.

Os eixos de acessibilidade do percurso escolhido definem os limites da amostra, ao mesmo tempo que os toma como corredores

visuais que promovem as condições para a leitura da paisagem do conjunto estudado.

3.3. Preenchimento da ficha de registro de campo para cada posição de observação

Além do preenchimento de uma ficha de registro de campo para cada um dos pontos de observação, esta etapa do trabalho prevê: i) o registro fotográfico das vistas da paisagem a partir das posições de observação, ii) o registro em mapa dos pontos de interesse visual e/ou áreas com problemas, além da iii) anotação em mapa dos ajustes dos limites dos tipos e áreas de caráter, iv) o registro da visibilidade a partir da estrada, das características notáveis e outras informações relevantes como as condições dos elementos e a gestão da paisagem.

É ainda necessário prever um calendário de visitas no qual se registre as mudanças mais significativas do ciclo anual, conforme explicitado anteriormente no item 1.4. Estabelecimento de calendário.

3.4. Identificação dos aspectos estéticos e perceptivos

Conforme apresentam Zotano e Chueca (2010, p. 248), esta fase refere-se ao estudo das representações sociais e culturais para definir a **estratégia de participação e sensibilização** da sociedade na gestão e planejamento de sua paisagem, uma vez que está presente em cada uma das fases. É importante dar igual atenção aos aspectos mais experimentais da paisagem, como as dimensões estéticas e perceptivas. Com o objetivo de facilitar a descrição desses aspectos, são propostas escalas de descrição/ valoração principalmente se a avaliação for utilizada para influenciar decisões de planejamento.

A **percepção estética subjetiva** é um dos aspectos primordiais que diferenciam a valorização social da científica. Esta última é peneirada por filtros que escapam ao senso comum da população e que explicam a diferença entre a observação científica e a percepção comum. Não se trata de determinar de que paisagem se gosta mais ou menos, senão o que é paisagem em função de critérios pré-determinados, sistematizados e objetiváveis, obtendo-se mais ou menos valoração.

Os **aspectos perceptivos**, por sua vez, são mais subjetivos e têm como resposta as experiências individuais, incluindo: sensação de segurança, qualidade da luz, beleza e atratividade cênica, barulho ou tranquilidade. Consultar a população é importante na identificação da percepção da paisagem, pois esta possui um conhecimento especial da área.

O Quadro 24 apresenta alguns critérios da avaliação visual e perceptiva utilizada na avaliação no caráter da paisagem.

Quadro 24: Critérios da avaliação visual e perceptiva na avaliação do caráter da paisagem.

Visual Assessment Criteria:

PATTERN (2 Dimensional):	dominant	<u>strong</u>	broken	weak
SCALE:	intimate	<u>small</u>	<u>medium</u>	large
TEXTURE:	smooth	<u>textured</u>	rough	very rough
COLOUR:	monochrome	muted	<u>colourful</u>	garish
COMPLEXITY:	uniform	simple	<u>diverse</u>	complex
REMOTENESS:	wild	remote	<u>vacant</u>	active
UNITY:	unified	<u>interrupted</u>	fragmented	chaotic
FORM (3 Dimensional):	straight	angular	<u>curved</u>	sinuous
ENCLOSURE:	expansive	<u>open</u>	<u>enclosed</u>	constrained
VISUAL DYNAMIC:	<u>sweeping</u>	spreading	dispersed	channelled

Perception:

SECURITY:	intimate	comfortable	<u>safe</u>	unsettling	threatening
STIMULUS:	monotonous	bland	<u>interesting</u>	challenging	inspiring
TRANQUILLITY:	inaccessible	remote	<u>vacant</u>	<u>peaceful</u>	busy
PLEASURE:	unpleasant	pleasant	<u>attractive</u>	beautiful	

Fonte: Swanwick, 2002a, p. 31.

Segundo o *Council of Europe* (2008, p. 7), a percepção sensorial (visual, auditiva, olfativa, tátil e gustativa) e emocional que uma população tem de seu entorno, além do reconhecimento de suas diversidades e especificidades históricas e culturais, é essencial para o respeito e a salvaguarda da identidade da própria população e de seu enriquecimento individual e social. Isso implica um reconhecimento dos direitos e deveres da população para ter um papel ativo nos processos de aquisição de conhecimento, decisão e gestão da qualidade dos lugares. O envolvimento da população nas decisões de intervenção, implementação e gestão é considerado não como um ato formal, senão como parte integral do processo.

3.5. Realização de entrevistas

Nesta etapa são aplicadas as **entrevistas diretas** com agentes da paisagem: instituições, especialistas, sindicatos, associações culturais, entre outros, fornecendo informações que integrarão um banco de dados sobre os principais agentes implicados na proteção, gestão e ordenação da paisagem.

Etapa 4: Identificação e caracterização

Nessa fase, são identificados e denominados definitivamente as áreas e tipos de paisagem anteriormente esboçados, elaborando o mapa definitivo dos mesmos, podendo-se assim, proceder finalmente à sua caracterização. A identificação dos padrões de interação dos fatores naturais, culturais e visuais que geram a paisagem pode ser realizada em diferentes escalas.

A partir das informações recolhidas e analisadas anteriormente, realiza-se nessa fase a classificação da paisagem. Como classificação, entende-se o processo de dividir a paisagem em áreas distintas (singulares), reconhecíveis e consistentes com um caráter comum (**área de caráter da paisagem**) para posteriormente agrupá-las, em função de recursos paisagísticos compartilhados, em uma tipologia básica de paisagem (**tipo de caráter da paisagem**). O processo se sustenta na identificação de padrões que a interação de fatores naturais e culturais geram na paisagem, podendo ser realizada em diferentes escalas.

4.1. Identificação e denominação dos tipos e áreas da paisagem

Devem ser nomeadas por facilidade de identificação e referência. No caso dos tipos de paisagem, utilizam-se geralmente dois ou três termos que refletem as influências ou fatores dominantes na paisagem. Na escala de menor detalhe, os termos empregados fazem referência geralmente ao relevo ou a geologia, enquanto em escalas de maior detalhe o relevo, os usos e os assentamentos são os fatores que em maior medida se empregam para categorizar as tipologias. No caso das áreas da paisagem, as denominações fazem referência a topônimos concretos. Geralmente, envolvem os agentes sociais no estabelecimento dos nomes dos tipos e, sobretudo, das áreas para

fortalecer o sentido de identificação com a paisagem (SWANWICK, 2002a, p. 42).

4.2. Mapa definitivo dos tipos e áreas da paisagem

A partir da classificação paisagística realizada, procede-se à elaboração do mapa definitivo de tipos e de áreas caráter da paisagem. Na realidade, a paisagem é um contínuo e geralmente não muda abruptamente, sendo o mais comum a mudança gradual: o centro do tipo ou da área é mais claramente definido e, nas transições para as bordas, os padrões são menos consistentes. As características nas áreas de transição não são menos importantes, mas podem ser mais difíceis de precisar e, nesses casos, traçar uma linha como limite pode indicar uma mudança mais evidente do que realmente é.

4.3. Caracterização dos tipos e áreas da paisagem

Segundo Nogué e Sala (2006, p. 28), na etapa de caracterização da paisagem realiza-se a representação cartográfica das porções do território que têm caráter próprio, por meio da especificação das características internas, análise do estado atual e descrição das dinâmicas que formam a sua aparência atual e direcionam a sua transformação, e também dos processos evolutivos que a afetam.

Após o tipo e a área serem devidamente identificados e mapeados, os mesmos devem ser descritos de modo a que se capture a essência do seu caráter. Geralmente, é realizada uma descrição acompanhada das ilustrações apropriadas. Será a principal fonte de informação sobre a natureza da paisagem, na qual se deve fazer referência à geologia, relevo, uso do solo, tipologias de assentamentos e de parcelamento e descrever o modo como esses fatores interagem e são percebidos.

As descrições do caráter dos tipos e das áreas da paisagem são realizadas através da descrição geral do caráter paisagístico e da identificação das características chave e peculiaridades que singularizam um determinado tipo ou área. Podem incluir tanto aspectos negativos quanto positivos sempre que constituam combinações de elementos que dão um determinado caráter distinto;

a evolução recente da paisagem e as forças geradoras de mudança; as tendências e pressões presentes e futuras.

4.4. Identificação das características chaves

A descrição da paisagem deve ser acompanhada por uma lista que resume as características chaves de cada tipo ou área da paisagem, cuja combinação de elementos dá a uma área um distinto senso de lugar. Devem ser identificadas e descritas com cuidado pois se tornam referência para a tomada de decisão sobre o futuro da paisagem.

Segundo Swanwick (2002a), as características chaves podem ser tanto positivas quanto negativas, porém, são importantes para a descrição do caráter atual da paisagem. Essas características, caso mudem ou desapareçam, podem modificar significativamente o caráter da paisagem, sendo, portanto, os principais alvos de monitoramento.

4.5. Dinâmicas da paisagem

Esta etapa deve identificar e analisar as dinâmicas territoriais e de outra natureza, as atividades e processos que incidem notoriamente na configuração da paisagem atual partindo dos principais fatores de mudança (urbanização, turismo, atividades recreativas ou extrativistas). Deve descrever também a incidência na paisagem e nas unidades de paisagem: i) tendências evolutivas dominantes; ii) dos problemas causados pela intervenção humana e iii) das atividades que têm um impacto positivo – que não as degradam.

Deve-se identificar os elementos que causam pressão sobre a paisagem, nomeadamente: i) os processos de urbanização, ii) a dinâmica do turismo ou das políticas agrícolas e florestais; iii) as pressões resultantes sobre a paisagem, os efeitos sobre o meio; iv) os impactos sobre a população e a respectiva reação ou resposta da administração, entidades, proprietários e usuários do meio.

4.6. Descrição da possível evolução da paisagem

A caracterização da paisagem é completa quando se tenta delinear a futura paisagem do território. Trata-se de identificar os possíveis cenários da paisagem territorial por meio da análise e relação

estratégica entre os vários fatores, tais como a dinâmica natural (por exemplo: sucessão de vegetação, clima), as tendências socioeconômicas (por exemplo: o despovoamento, o envelhecimento, a imigração) e as consequências resultantes da implementação de políticas fundiárias, do planejamento e dos planos municipais. Alguns dos principais elementos a ser analisados são: agentes endógenos; agentes exógenos; dinâmica natural; outras dinâmicas (NOGUÉ e SALA, 2006, p. 50-51).

ESTÁGIO 2: AVALIAÇÃO

O Estágio 2 consiste na análise das ameaças e potencialidades da paisagem, considerando os aspectos estudados previamente: i) organização da paisagem (tipo e áreas da paisagem); ii) valoração da paisagem; iii) dinâmica da paisagem e iv) estudo da possível evolução da paisagem. Este estágio será extremamente útil para as fases de planejamento, notadamente para a definição dos objetivos de qualidade da paisagem e para a criação de medidas e propostas de atuação.

Etapa 5: Identificação das ameaças e oportunidades

A avaliação da paisagem pode ser realizada através da identificação das fraquezas, ameaças, pontos fortes e oportunidades por meio da aplicação da Matriz SWOT. Segundo Flores e Flores (2012), esta sigla corresponde às primeiras letras dos seguintes termos ingleses: Forças (*Strengths*) e Fraquezas (*Weaknesses*), na análise do cenário interno, e Oportunidades (*Opportunities*) e Ameaças (*Threats*), relativamente ao ambiente externo, como por exemplo questões de mercado e macroeconomia. Esta matriz é facilmente aplicada no planejamento estratégico.

Quadro 25: Matriz SWOT.

Fonte: autora.

A Matriz SWOT consiste em um resumo das vantagens e desvantagens com uma diferenciação entre fatores externos e internos. Para a aplicação proposta nesse estudo, o foco será deslocado para o espaço cênico e os diagnósticos dos elementos, fatores e processos que apresentam risco de alteração, perda dos valores ou possíveis melhorias na paisagem. Além disso, para a análise das variáveis externas, é necessário identificar quais são os fatores e dinâmicas a nível regional, nacional ou até mesmo internacional que têm efeito direto ou indireto sobre a região.

Quadro 26: Matriz SWOT aplicada à avaliação da paisagem.

Classificação	Conceituação
Forças	Indicação dos pontos fortes internos diagnosticados.
Oportunidades	Situações favoráveis geradas por causas externas, as quais podem ser aproveitadas junto às forças internas.
Fraquezas	Indicação dos pontos fracos internos diagnosticados.
Ameaças	Situações desfavoráveis geradas por causas externas, as quais podem ser amenizadas ou anuladas conforme o aproveitamento das forças, correção das fraquezas e desenvolvimento das oportunidades.

Fonte: autora, com base em Flores e Flores, 2012, p. 21.

Os mapas da avaliação da paisagem têm a particularidade de integrar todas as informações identificadas e mapeadas na etapa de

caracterização da paisagem. Desse modo, por meio da observação dos mapas, obtém-se uma visão global e integrada da organização de cada tipo ou área da paisagem, seus valores, riscos e impactos, conforme demonstra a Figura 25.

Figura 25: Exemplo fictício de mapa de avaliação da paisagem.



- Previsió de nova infraestructura viària
- ← ■ Tendència de creixement urbanístic segons el PTP
- ■ Nou desenvolupament industrial
- Àrea de valor històric i ecològic
- Turons d'alt valor estètic i identitari

Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 67.

Neste ponto, é necessário um esforço de síntese para registrar o que é verdadeiramente importante, com o fim de demarcar claramente os problemas e oportunidades identificados, mas sobretudo as ameaças e as potencialidades dos valores atuais da paisagem.

ESTÁGIO 3: VALORAÇÃO E PROPOSTAS

Para o Estágio 3, parte-se do diagnóstico prévio e, em função dos objetivos da pesquisa, é estabelecida uma série de medidas e propostas de caráter orientativo e geral que são elaboradas e adequadas às circunstâncias de cada lugar. Não obstante, tanto na adoção destas medidas como nas que possuem um planejamento espacial, é necessário buscar o consenso e a participação da população,

evitando cair em atitudes excessivamente protecionistas e o desenvolvimento socioeconômico da localidade.

O quadro abaixo apresenta as etapas que compõem o Estágio de Valoração e Propostas, que serão discutidas mais detalhadamente a seguir:

Quadro 27: Procedimentos propostos para a avaliação do caráter da paisagem que compõem o Estágio 3: Valoração e Propostas.

Avaliação do caráter da paisagem
Estágio 1: Identificação e Caracterização
Etapa 1: Definição do alcance e âmbito do estudo
Etapa 2: Trabalho de Gabinete
Etapa 3: Pesquisa de campo
Etapa 4: Identificação e caracterização
Estágio 2: Avaliação
Etapa 5: Identificação das ameaças e oportunidades
Estágio 3: Valoração e Propostas
Etapa 6: Qualificação
6.1. Identificação dos valores da paisagem
6.2. Sensibilidade da paisagem
Etapa 7: Definição dos objetivos de qualidade paisagística
7.1. Definição dos objetivos de qualidade paisagística
7.2. Estabelecimento de medidas e propostas de atuação
Etapa 8: Seguimento

Fonte: autora, a partir de Swanwick (2002), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006).

Etapa 6: Qualificação

Esta etapa busca obter um mapa da qualidade ou condição da paisagem atendendo a valores ecológicos, produtivos, históricos, usos sociais, culturais, religiosos e espirituais, simbólicos e identitários e estéticos. Elabora-se uma série de mapas da qualidade da paisagem que reflete a valoração do estado físico em relação aos graus de proteção, gestão e ordenamento de uma perspectiva visual, funcional, patrimonial e ecológica (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 249).

Considera-se também a **participação** como um instrumento que permite reforçar a identificação da população, assim como a sua influência na atividade de **qualificação**, entendida como uma comparação entre as análises técnicas e os valores atribuídos pela

população. Esse sistema de valores é qualitativo e não quantificável, sendo alguns destes valores opostos.

O diagnóstico da paisagem faz referência à valoração da qualidade dos recursos visuais e à determinação de sua fragilidade, mediante a valoração das possíveis transformações em função de tendências ou atuações previstas. Nessa etapa, é importante destacar alguns conceitos, que serão apresentados no quadro seguinte.

Quadro 28: Conceitos abordados na etapa de qualificação da paisagem.

Abordagem	Definição
Caráter da paisagem	Padrões de elementos distintos e reconhecidos que ocorrem consistentemente em um tipo particular de paisagem e o modo como estes são percebidos pelas pessoas. O caráter da paisagem reflete a combinação particular de geologia, relevo, solo, vegetação, uso do solo e assentamentos humanos em questão. Cria o senso de lugar das diferentes áreas da paisagem.
Qualidade da paisagem	Baseada na avaliação do estado físico da paisagem e da sua preservação (<i>intactness</i>) numa perspectiva visual, funcional e ecológica. Reflete o estado de conservação das características individuais e dos elementos que compõem o caráter de cada paisagem.
Valor da paisagem	Valor relativo ligado a diferentes paisagens. Em um contexto político, a base habitual para reconhecer certas paisagens de grande valor é conseguida por meio da aplicação da designação de paisagem local ou nacional. No entanto, a paisagem pode ser avaliada por diferentes comunidades de interesse, por muitas razões diferentes, sem qualquer designação formal, levando em consideração, por exemplo, os aspectos perceptivos, tais como a beleza e a tranquilidade, associações culturais especiais, a influência e a presença de outros interesses ou a conservação.
Capacidade da paisagem	Grau com que um tipo ou área de caráter da paisagem é capaz de acomodar mudanças no tipo de caráter da paisagem. É susceptível de variar em função do tipo e da natureza da alteração a ser prevista.

Fonte: autora com base em Swanwick, 2002a, p. 53.

6.1. Identificação dos valores da paisagem

Realiza-se a valoração da paisagem através do inventário, descrição e mapeamento dos valores paisagísticos presentes em cada um dos tipos e áreas da paisagem. A análise consiste em duas partes: identificação das paisagens reconhecidas, isto é, a identificação e mapeamento destas áreas, o valor que é reconhecido pela lei no caso de parques naturais, reservas naturais, entre outros, e identificação dos valores da paisagem, ou seja, aqueles que não são legalmente reconhecidos.

Os valores da paisagem são tratados em todas as suas dimensões por meio de uma ampla classificação escolhida de acordo com a riqueza e diversidade das paisagens. Sugere-se que a classificação dos valores da paisagem ocorra da seguinte maneira, conforme apresenta o Quadro 29:

Quadro 29: Valores da paisagem.

Valores da paisagem	Descrição
Estéticos	Relacionados com a capacidade da paisagem transmitir um determinado sentimento de beleza, em função do significado e apreciação cultural adquirido ao longo do tempo, assim como o valor intrínseco de cor, diversidade, forma, proporção, escala, textura e a unidade dos elementos que a compõe. No entanto, o valor estético possui uma base cultural profunda que associa a beleza a determinados padrões ou modelos e que não resulta simplesmente dos fatores primários como cor ou textura.
Naturais e ecológicos	Fazem referência aos fatores e elementos que determinam a qualidade do meio natural, como espaços de interesse natural e ecológico, paisagens reconhecidas legalmente por critérios estritamente ecológicos e conectividade ecológica entre espaços naturais (fluviais e terrestres).
Produtivos	Relacionados com a capacidade da paisagem em proporcionar benefícios econômicos, convertendo seus elementos em recursos obtidos por meio das atividades agrícolas, florestais, turísticas, industriais e minerais.
Históricos	Correspondem aos traços mais relevantes que a ação humana deixou na paisagem ao longo da história como tipologias construtivas; tipologias de assentamento; distribuição histórica das atividades dependentes das condições naturais do território; resquícios arqueológicos;

	centros históricos; conjuntos arquitetônicos; infraestruturas; sistemas de irrigação; rede de caminhos públicos; entre outros.
Usos Sociais	Relacionados com a utilização feita pelo indivíduo ou determinado grupo para passeio, repouso, observação panorâmica, educação, esporte ou funções terapêuticas.
Simbólicos e identitários	Correspondem à identificação que um determinado grupo possui em relação à paisagem. Carregam grande carga simbólica ou identitária por estabelecer relações de pertencimento.
Religiosos ou simbólicos	Relacionados a práticas e crenças religiosas e espirituais, como áreas de sepultamento, locais ou passeios onde ocorrem procissões e peregrinações e também espaços de celebração religiosa.

Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 43-46.

A valoração da paisagem conformará um elemento de juízo no momento de decisão a respeito do futuro da paisagem. Cada grupo de valores é mapeado para facilitar a análise, o que, deste modo, resultará em um mapa para cada valor da paisagem.

6.2. Sensibilidade da paisagem

Sensibilidade da paisagem é a capacidade para absorver impactos sem perder seu caráter e ocorre em função tanto da robustez de caráter como do tipo e natureza da mudança. O tratamento da sensibilidade nesta etapa é realizado por meio da análise das condições de visibilidade e intervisibilidade dos espaços que produzirão ou estão produzindo mudanças significativas. Para isso procura-se estabelecer as possíveis repercussões diretas e indiretas que as mudanças teriam sobre as imagens mais significativas da localidade.

Para Zotano e Chueca (2010, p. 314), a **exposição visual** faz referência ao número de vezes que cada ponto ou área do território é visto desde um conjunto de pontos de observação. Este pode ser interpretado como a probabilidade de uma atuação ou elemento localizado em um ponto concreto tornar-se visível de diferentes pontos de observação. A exposição visual tem peso na determinação da vulnerabilidade da paisagem incrementando ou minimizando a fragilidade potencial dos distintos setores do território. Assim,

consideram-se os pontos que apresentam maior sensibilidade visual frente a possíveis mudanças ou atuações do que as localidades com valores de exposição mais baixos.

Esta etapa do estudo resulta em um mapa realizado a partir de modelos digitais de elevação e ferramentas do SIG e tem impacto na determinação da vulnerabilidade da paisagem. Assim, considera-se que os pontos ou espaços que obtêm valor mais elevado de exposição visual são os que apresentam maior fragilidade visual frente a possíveis mudanças ou atuações do que as localidades com valores de exposição mais baixos.

Etapa 7: Definição dos objetivos de qualidade paisagística

Segundo Nogué e Sala (2006, p. 27), esta etapa busca identificar as aspirações da comunidade no que diz respeito às características da paisagem de seu entorno depois de conhecer o seu estado, valores e riscos, tanto no âmbito territorial como para cada unidade de paisagem. Na definição dos objetivos de qualidade, a participação dos agentes tem implicações nas transformações que ocorrem e o uso que fazem da paisagem desempenha um papel importante.

7.1. Definição dos objetivos de qualidade paisagística

Os objetivos de qualidade paisagística são definidos pelas equipes de trabalho e reconhecidos no processo de participação popular para cada unidade de paisagem, sendo classificados segundo a sua funcionalidade na paisagem, conforme Quadro que se segue.

Quadro 30: Objetivos de qualidade para os tipos e áreas da paisagem.

Classificação	Conceituação
Preservação da paisagem	Mecanismos destinados a salvaguardar os valores ambientais, culturais, visuais e perceptivos da paisagem.
Aprimoramento da paisagem	Evolução da paisagem para um estado melhor, por meio da introdução de novos elementos e recursos ou de uma gestão diferente da existente.
Restauração da paisagem	Conjunto de operações que visam tornar a percepção visual do espaço semelhante ou correspondente ao existente antes de ser alterada pela atividade humana.
Recuperação da	Mecanismos destinados a impedir a degradação ou o

paisagem	desaparecimento de um elemento ou grupo de elementos da paisagem e restaurá-los à sua condição original, garantindo a sua sobrevivência no futuro.
Valorização da paisagem	Valorizar as questões relacionadas com o ambiente, a cultura e a percepção visual da paisagem.
Criação da paisagem	Aceleração de mudanças para um novo caráter. Intervenção em uma porção de território com a finalidade de melhorar as condições da paisagem e criar um novo imaginário próprio e original.
Opções combinadas	Especialmente onde atividades de regeneração estão ocorrendo, envolvendo muito desenvolvimento e mudança.

Fonte: autora, com base em Nogué e Sala, 2006, p. 65.

Figura 26: Exemplo de mapa dos objetivos de qualidade paisagística.



Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 67.

Essa etapa estabelece as diretrizes de atuação para a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem com o intuito de: i) proteger aqueles elementos que apresentem valores naturais, culturais e estéticos, ii) orientar a sua gestão cotidiana mantendo seus valores ou

iii) propor a restauração das zonas degradadas (ZOTANO e CHUECA, 2010, p. 249).

7.2. Estabelecimento de medidas e propostas de atuação

Essa etapa busca estabelecer qual deve ser o enfoque do trabalho em relação às políticas públicas, ou seja, a inserção dos objetivos no marco de decisão vigente. Para isso, é necessário identificar os instrumentos de planejamento para a gestão, proteção e ordenamento do espaço contemplado. A título de orientação, os tipos de paisagem identificados podem ser muito úteis para o planejamento ambiental, assim como as áreas de caráter da paisagem podem ser úteis para o ordenamento do território.

As propostas de ordenamento do território devem se adaptar às regras estabelecidas pelos planos de zoneamento, que são de três tipos distintos:

Quadro 31: Propostas para ordenamento do território.

Classificação	Conceituação
Normas	Formulação precisa e de cumprimento obrigatório para o planejamento urbanístico, projetos de infraestrutura e outras atuações no território que são objeto de regulamentação.
Diretrizes	Definições de estratégias ou pautas de atuação que devem ser concretizadas em documentos normativos de menor escala, especialmente para o planejamento urbanístico.
Recomendações	Disposições consideradas adequadas para o desenvolvimento positivo do território, mas que estão sujeitas à avaliação de adequação ou conveniência por parte da administração no momento da atuação.

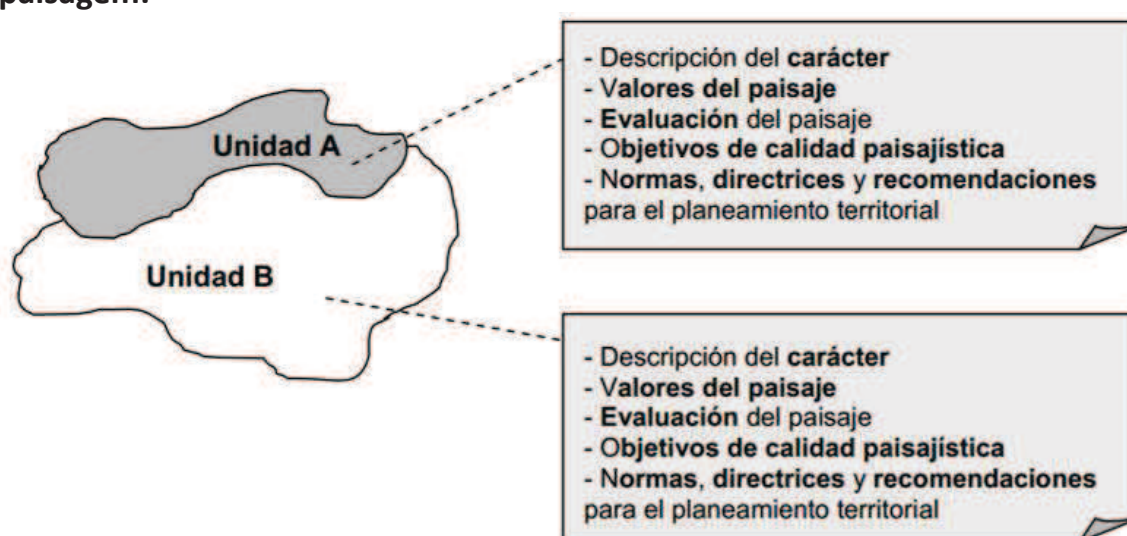
Fonte: autora, com base em Nogué e Sala, 2006, p. 69.

A proposta das normas, diretrizes e recomendações definidas na fase anterior deve atender a certos objetivos específicos, nomeadamente: i) evitar a transformação e degradação das áreas não urbanizadas que reúnem qualidades especiais como interesse natural, social, cultural ou de produção; ii) garantir a conectividade ecológica necessária para manter a biodiversidade e a saúde do ecossistema; iii) preservar os terrenos necessários para o ciclo hidrológico; iv) evitar

processos de urbanização em áreas de difícil acesso, ou topograficamente sujeitas a riscos; v) fornecer limites morfológicos e territoriais dos solos integrantes dos sistemas de espaços abertos; vi) estabelecer uma gradação de preferências em relação às alternativas de urbanização e construção.

As normas, diretrizes e recomendações para o planejamento urbanístico e territorial são fornecidas para cada unidade de paisagem, conforme apresenta a Figura 27.

Figura 27: Normas, diretrizes e recomendações para cada unidade de paisagem.



Fonte: Nogué e Sala, 2006b, p. 27.

Etapa 8: Seguimento

A etapa de seguimento da paisagem leva em consideração os objetivos de qualidade paisagística estabelecidos na fase anterior e define uma grade de indicadores de paisagem. Esta grade de indicadores deve ser compreensível pela população, políticos e gestores públicos e devem ser formulados com o objetivo de monitorar o estado da paisagem e a sua evolução num marco de desenvolvimento sustentável.

8.1. Estabelecimento de indicadores de seguimento

Um dos principais desafios desta etapa de estudo é a difusão da informação à sociedade, tendo em conta que a compreensão e atenção

da população da amostra são, muitas vezes, limitadas. Faz-se necessário encontrar indicadores que estabeleçam medidas compreensíveis de forma simples e eficaz relativamente a algum aspecto particular da paisagem e sua evolução.

Indicadores de proteção, gestão e planeamento da paisagem serão definidos com o objetivo final de criar uma lista que incluirá todo o território estudado, conforme apresenta o Quadro 32.

Quadro 32: Formato de apresentação dos indicadores de seguimento.

Indicador	Font i any	ÀMBITS TERRITORIALS							CATALUNYA
		Terres Ebre	Com. Girona	Com. centrals	Alt Pirineu i Aran	Plana de Lleida	Camp de Tarragona	RMB	
I.1									
I.2									
I.3									
I.4									
I.5									
I.6									
I.x									

Fonte: Nogué e Sala, 2006, p. 74.

3.3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A proposta metodológica apresentada resultou de uma pesquisa sistematizada sobre as várias componentes da paisagem e as dinâmicas relacionadas. Como visto ao longo do capítulo, a prática da avaliação da paisagem é tratada de forma mais sólida enquanto instrumento de apoio à decisão, ao planeamento e à gestão, tendo-se, por isso, acentuado uma abordagem mais integrada de aproximação aos estudos da paisagem. Em termos metodológicos, identifica-se como aspecto fundamental compreender e conhecer as características que individualizam cada tipo de paisagem (caráter) em oposição à abordagem que prossegue a intenção quase exclusiva de avaliar as qualidades cênicas e classificar uma paisagem como melhor do que outra. Esta perspectiva aponta uma visão mais ampla e inteirada sobre o significado de paisagem que garante vantagens aos processos de planeamento e gestão territorial.

CAPÍTULO 04 | A OCUPAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA PELO IMIGRANTE ITALIANO E OS VALES DA UVA GOETHE

Figura 28: Foto sem identificação, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Das utopias, Mário Quintana)

O presente capítulo apresenta a contextualização histórica da ocupação do sul de Santa Catarina pelo imigrante italiano. Também aborda o contexto dos Vales da Uva Goethe, região em que se encontra o local escolhido para o estudo de caso dessa pesquisa: o antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

4.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O processo migratório, presente em todo o Brasil a partir do século XIX, trouxe como resultado o crescimento populacional juntamente com o incremento etnográfico e o desenvolvimento econômico de muitas regiões que tinham ficado, até então, às margens do processo colonizador. O fluxo migratório iniciado a partir da abertura dos portos (1808) durou mais de um século e determinou definitivamente os traços econômicos e culturais da região sul do Brasil, opondo-se drasticamente àqueles existentes ao longo do período colonial. Em um século de imigração, estima-se que o Brasil tenha recebido um número aproximado de cinco milhões de imigrantes, a grande maioria nos estados do sul, multiplicando várias vezes o seu contingente populacional.

Em Santa Catarina, o processo migratório está expresso no surgimento de inúmeras cidades que se tornaram, em um curto espaço de tempo, pólos de desenvolvimento industrial e populacional, ao contrário da estagnação das vilas instaladas no litoral ainda no período colonial. Na visão da época, o território era pouco ocupado populacionalmente, uma vez que se desconsiderava totalmente a presença indígena e mesmo a cabocla. A primeira ocupação era fruto de um povoamento de aproximadamente cinco mil anos, e a segunda, com origem nas bandeiras paulistas, incrementara-se ao longo dos diversos e variáveis caminhos das tropas. Na visão oficial, consideravam-se apenas os moradores afro-luso-brasileiros que estavam concentrados na estreita faixa litorânea e na isolada vila de Lages fazendo com que praticamente todo o vasto interior do estado fosse colocado à disposição dos empreendimentos coloniais.

Conforme aponta Hobold (2005), inicialmente os imigrantes eram destinados às colônias já estabelecidas e depois passaram a ser direcionados para a instalação de novas colônias. Por volta de 1876, o Governo Imperial passou a incentivar a vinda de imigrantes para o sul

Ao sul de Santa Catarina, a corrente migratória de maior contingente foi a italiana nos vales do Tubarão e Araranguá. Apenas na vertente norte do rio Tubarão é que predominou a colonização de alemães provindos de Teresópolis (atual município de Águas Mornas). Núcleos de letos e poloneses não conseguiram radicar-se na região. Muitas dessas colônias fixaram-se isoladamente, formando as chamadas ilhas culturais e guardando muito do patrimônio dos imigrantes pioneiros e de seus descendentes (IPHAN, 2007).

A disponibilidade de terras férteis na Bacia do Rio Tubarão, a crescente quantidade de imigrantes de origem italiana nas colônias alemãs e a conseqüente ameaça da perda de homogeneidade étnica motivaram a criação de novas frentes de colonização. Diferentes companhias colonizadoras em diferentes épocas foram responsáveis pelo assentamento de imigrantes das regiões de Vêneto, Lombardia, Trentino, Friuli e Emiglia Romagna (ver Figura 30).

Figura 30: Mapa da Itália.



Fonte: Melo, 2013.

Isoladas em regiões de economia quase estagnada, sem ligações com os mercados externos ou internos, as colônias criaram ambientes próprios e decidiram por si próprias seus destinos. De início dedicaram-se à agricultura de subsistência por falta de centros consumidores

próximos e, aos poucos, evoluíram para uma economia articulada. Desse modo, o imigrante manteve costumes, tradições culturais, linguísticas e religiosas sem ser absorvido pelo elemento luso-brasileiro.

A colonização europeia para o sul do Estado de Santa Catarina foi organizada através de subsídios do Governo e posteriormente de concessões a companhias colonizadoras. Cabe lembrar que o espaço físico onde se situam hoje os municípios de Urussanga, Morro da Fumaça, Criciúma, Nova Veneza, Içara, Siderópolis, Forquilha, Maracajá e Meleiro era constituído por terras devolutas⁴⁸ até a segunda metade do século XIX.

Figura 31: Terras devolutas de parte da Província de Santa Catarina, 1872.



Fonte: Acervo IPHAN/SC.

Após a ocupação destes territórios, foram fundados os núcleos de Pedras Grandes, Treze de Maio, Acioli de Vasconcelos (hoje Cocal do Sul) e Jacinto Machado. A dispersão dos imigrantes destas primeiras

⁴⁸ Por terras devolutas eram entendidas as terras públicas que não tenham sido dadas por sesmarias ou outras concessões do governo revalidáveis, apesar de incursas em comissão, e que não se achassem ocupadas por posses legítimas, nem aplicadas a algum uso público (VIEIRA FERREIRA, 2001, p. 24).

colônias, bem como a entrada de migrantes de ascendência italiana vindos do Rio Grande do Sul e dos serranos, que, por vezes fixavam-se para fazer a troca de alimentos e mercadorias, caracterizam a população do sul do Estado.

Como visto, o processo de colonização do sul de Santa Catarina consistiu em etapas de ocupação do território. No caso em estudo, determinou definitivamente os traços econômicos e culturais da região e nesse processo, as estradas exerceram influência decisiva na integração, no desenvolvimento e na circulação de riqueza, rompendo o isolamento que envolvia a região sul do estado.

4.1.1 | PRIMEIRO PERÍODO (ANTERIOR A 1773 ATÉ 1876): DOS TROPEIROS AO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA

Devido às constantes expedições espanholas no século XVI pelo litoral catarinense e pelo sul do Brasil, Portugal utilizou largamente o direito de *uti possidetis* – o direito do primeiro possuidor – para a ampliação do território. Após a União Ibérica (1580 - 1640), os bandeirantes⁴⁹ alargaram cada vez mais as fronteiras das terras portuguesas. Na segunda metade do século XVII, teve início uma nova fase de atividade bandeirante: as bandeiras continuaram a percorrer as regiões centro e sul interessadas agora na procura de ouro e pedras preciosas, abrindo novos caminhos e dando início a núcleos de povoamento nas regiões dos atuais estados do Mato Grosso, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Criada pela Coroa Portuguesa no ano de 1738 por razões administrativas e estratégico-militares, a capitania de Santa Catarina teve seu povoamento vicentista iniciado efetivamente com a fundação de São Francisco do Sul por Manoel Lourenço de Andrade, em 1658. A ocupação do sul segue com a fundação de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) pelo bandeirante Francisco Dias Velho, em 1679. Em 1680, Portugal lança-se ao empreendimento da fundação da Colônia de Sacramento na margem direita do Rio da Prata em frente ao reduto espanhol de Buenos Aires, fundado no século XVI. A fundação da Vila de Santo Antônio dos Anjos de Laguna por Domingos Brito

⁴⁹ Bandeiras vicentistas (provenientes da Capitania de São Vicente - SP) de caça ao índio que varrem o Brasil meridional.

Peixoto por volta de 1684, assim como o povoamento do litoral do Rio Grande do Sul, ocorrem em virtude da necessidade de apoio à Colônia de Sacramento e do estabelecimento da ligação entre o litoral e o interior (Piazza e Hubener, 1997, p. 29-30).

Conforme apontam Boiteux (1998) e Brüggemann (2008), por outro lado, as escarpas da Serra Geral e da Serra do Mar, que marcavam a fronteira com a capitania de São Paulo, constituíam um obstáculo de vulto e dificultavam a penetração no território catarinense. Esse enorme paredão exerceu e ainda exerce grande influência sobre a compartimentação física de Santa Catarina fazendo surgir duas formas distintas de relevo: o litoral e o planalto. Isso refletiu-se, e muito, no processo de povoamento e colonização, dissociando durante séculos o litoral do interior e criando um imenso vazio demográfico entre a orla marítima e o planalto.

Figura 32: Croqui do território da Capitania de Santa Catarina no final do século XVIII: Vilas fundadas no litoral e a Serra do Mar e a Serra Geral que são consideradas o limite oeste da Capitania.



Fonte: Brüggemann, 2008, p. 167.

O final do século XVIII é marcado pela preocupação dos governadores de Santa Catarina em conhecer o interior da província e a Serra Geral deixa então de ser uma barreira intransponível. No entanto, conhecer não garantia a posse. Coube notadamente ao imigrante servir de traço unificador, corrigindo essa dissociação e propiciando o surgimento de pequenas propriedades de policulturas que hoje estão presentes, tanto na encosta quanto no oeste distante conferindo ao Estado uma fisionomia própria.

A fundação oficial da Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages pelos paulistas, em 1771, contribuiu bastante para isso. Desde então, os governadores da Capitania de Santa Catarina reivindicaram a posse das terras dessa Vila que até o ano de 1820 pertenciam à Capitania de São Paulo. Sendo assim, a Capitania de Santa Catarina já contava no final do século XVIII com dois importantes núcleos de povoamento: o litoral, com os açorianos (São Francisco do Sul, Desterro e Laguna) e o planalto serrano, com os paulistas (Lages). Em 1820, a Capitania de Santa Catarina anexou Lages, estendendo seu território para além da Serra Geral.

A falta de comunicação entre o litoral e o planalto da Capitania de Santa Catarina suscitou providências por parte da Administração Pública. Logo após a fundação de Lages, inicialmente um local de paragem, a Câmara da Vila de Laguna determinou a abertura de uma estrada ligando-a ao planalto (ver Anexo 02). A iniciativa da construção da via de comunicação pelo interior provocou desagrado aos comerciantes tanto de Laguna como da Ilha de Santa Catarina pelo prejuízo que tal caminho poderia causar-lhes, já que a atividade comercial era exercida exclusivamente através dos portos (PIAZZA E HUBENER, 1997, p. 41). À custa da Câmara da Vila de Laguna abriu-se pelos morros que margeiam o Rio Tubarão uma estrada de tropas que escalava a Serra Geral nas cabeceiras do Rio Oratório. Pela estrada da Serra do Oratório passavam os tropeiros que abasteciam a cidade de Lages e todo o movimento comercial de Campos de Cima da Serra até Curitiba. Com as melhorias do traçado e o seu alargamento no correr dos tempos, esta estrada é conhecida hoje como Serra do Rio do Rastro (ver Figura 32). Lottin (1988, p. 24) também aponta a importância desse caminho para a economia da região, uma vez que a estrada já existia e era muito utilizada por ser bastante intenso o movimento de tropas e cargueiros que passavam por Pedras Grandes.

Figura 33: Serra do Rio do Rastro: antigo caminho dos tropeiros na Serra Geral de Santa Catarina.



Fonte: Sul in Foco/Arquivo, 2015.

Os tropeiros negociavam diretamente com os imigrantes situados nos núcleos de imigração quando vendiam gado, mulas, cavalos, algum charque, queijo e em troca levavam farinha de mandioca e açúcar mascavo. Em geral, negociavam com as casas de comércio onde encontravam já acumulados os produtos que necessitavam, juntamente com sal, ferragens, arroz, tecidos e armas, com o comércio feito na base da permuta (Dall’Alba, 1986, p. 130).

Os caminhos abertos pelos tropeiros são referências importantes na história catarinense. Os tropeiros em muito influenciaram a formação de alguns núcleos coloniais do sul do estado em passagem para Tubarão e Laguna ou para abastecerem-se nas estações de trem, pequenas indústrias locais e nos engenhos de cana ou farinha. Assim como os lugares de pouso foram os embriões de muitas cidades, esses caminhos foram igualmente embriões de rodovias que hoje integram o estado catarinense.

4.2.1 | SEGUNDO PERÍODO (1823 A 1876): COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA

A colonização estrangeira foi iniciada em Santa Catarina ainda no 1º Império. A Provisão de 8 de abril de 1823 permitiu ao Governo Provincial ceder terras para agricultores e, com isso, abriu-se a possibilidade de iniciar a colonização com imigrantes europeus não portugueses. Assim, em 1828, o Governo Imperial determina ao Presidente da Província que recebesse e instalasse colonos alemães. O Governo Imperial, preocupado com a realidade da colonização exclusivamente alemã, procurou favorecer a vinda de outros colonos provenientes de diversas nacionalidades e, por meio de seus agentes especiais e da imprensa, iniciou uma assídua companhia de propaganda, especialmente na Itália. Esta propaganda deu bons resultados e, em princípio de 1877 chegaram a Desterro (então capital da Província) os primeiros vapores com colonos italianos. Bom número deles foi colocado ao norte entre os alemães. O imigrante italiano localizado em áreas periféricas às sedes de colônias de formação germânica passou a ser fornecedor de produtos agrícolas por excelência não só aqueles destinados à subsistência das populações urbanas, mas também e, principalmente, os de exportação.

4.3.1 | TERCEIRO PERÍODO (1877 A 1883): IMIGRAÇÃO ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA E CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO

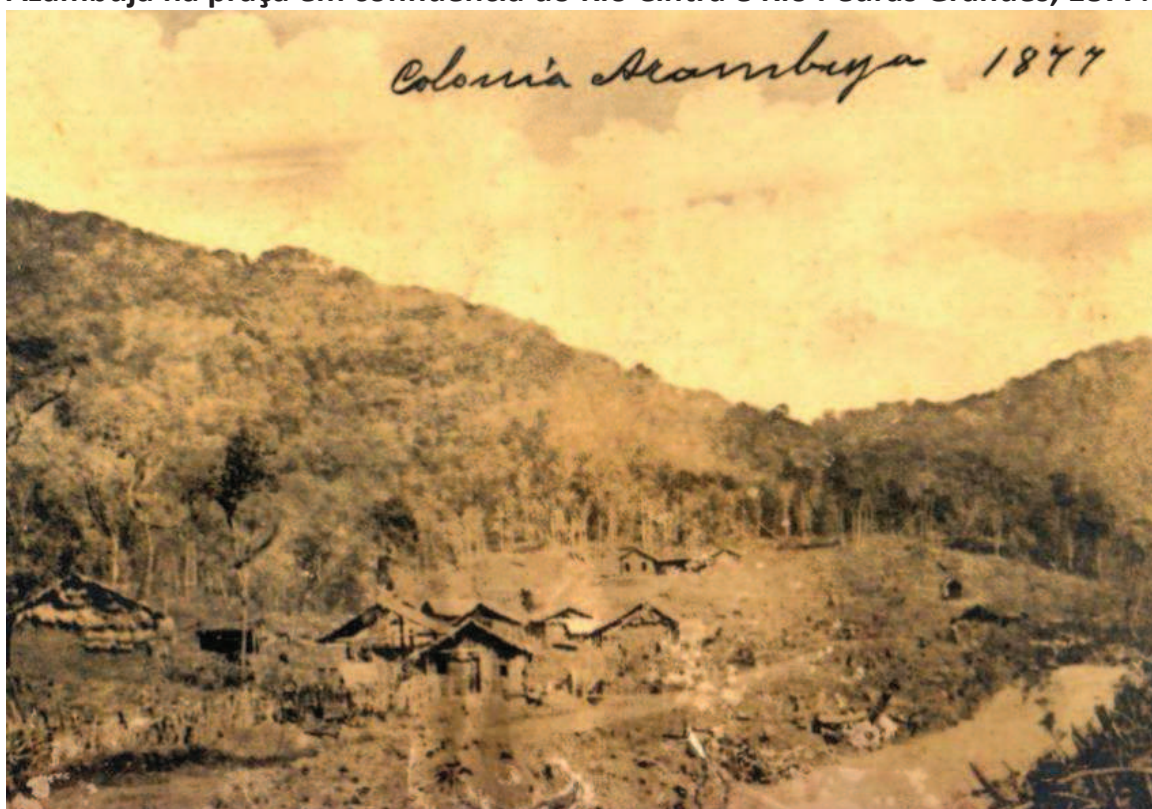
A partir de 1876, com a visita do presidente da Província de Santa Catarina Alfredo de Esgragnole de Taunay à região do Vale do Rio Tubarão, iniciou-se o movimento colonizador do sul do Estado para formação de núcleos coloniais. Admirado pela fertilidade e beleza da região, solicitou junto ao Governo Imperial a formação de colônias naquele vale e no do Araranguá.

O engenheiro Vieira Ferreira fora designado pelo Governo Imperial para dirigir a fundação e implantação das Colônias de imigrantes no sul do país. Em dezembro de 1876, a Comissão Imperial iniciou os trabalhos, escolhendo como ponto de partida o vale do Rio de Pedras Grandes, afluente do Rio Tubarão.

Essas terras, descritas como floresta virgem, eram atravessadas apenas por dois caminhos de tropeiros e contavam quase unicamente

com os rios como elementos de penetração do território. O local escolhido para ser fundado o primeiro núcleo colonial de imigrantes italianos no sul de Santa Catarina era uma porção de terras devolutas cobertas por matas e habitadas pelos índios botocudos que viviam da caça nos vales dos Rios Tubarão e Urussanga. Os imigrantes desembarcavam em Laguna, chegavam em barcas a Tubarão, e tendo como guia a margem do Rio Tubarão e as picadas⁵⁰ feitas pelos tropeiros que demarcavam os campos de Lages a Laguna, já também percorridos pelos imigrantes italianos que fundaram Azambuja em 28 de abril de 1877 – considerada a colônia sede da imigração italiana no sul de Santa Catarina (Baldessar, 1991; Dall'Alba, 1983; Baldin, 1999; Escaravaco, 1984; Mattos, 1956; Marques, 197-?).

Figura 34: A derrubada inicial da mata e as primeiras casas da Colônia Azambuja na praça em confluência do Rio Cintra e Rio Pedras Grandes, 1877.

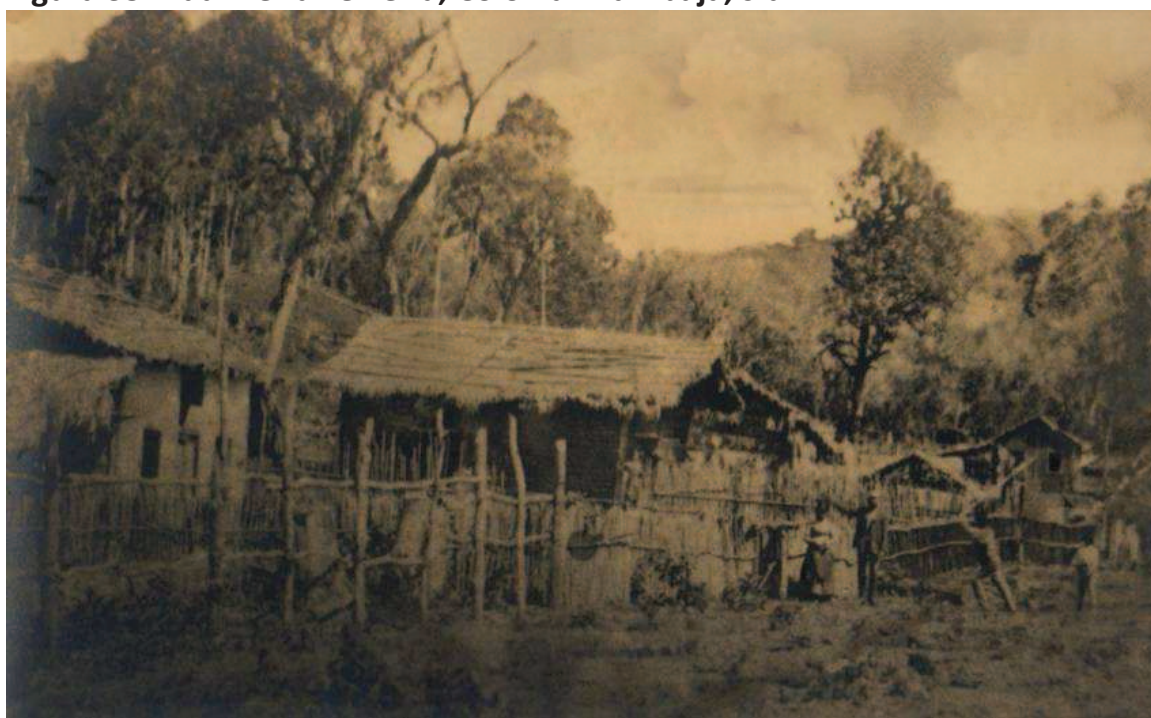


Fonte: Arquivo Histórico de Urussanga.

⁵⁰ Entende-se por picada uma trilha ou um caminho aberto precariamente, a facção, em um determinado local, e que facilita a passagem de pessoas ou animais e/ ou trânsito de produtos. Em Santa Catarina, as picadas ou picadas de mulas (como eram conhecidas) foram muito utilizadas, tanto no final do século XIX como no início do século XX por tropeiros de mulas de cargas comerciais (BALDIN, 1999, pág. 68).

Conforme relata Marques (197-?), demarcados 130 lotes rurais e 23 lotes urbanos, instalados escritórios, transferidos para a sede os empregados, sortidas e reabastecidas as três primeiras casas de comércio, Azambuja se torna logo uma pequena colmeia. Nas margens do Rio Cintra e de Pedras Grandes abrem-se as ruas principais, deixando-se no centro uma esplanada em triângulo destinada à praça pública. Os colonos, já em grande parte instalados em suas terras e morando em suas casas rudimentares de barro e pau a pique cobertas com esteiras de palha, passam a frequentar o povoado. Em Azambuja é instalado, um ou dois anos após a invenção de Graham Bell em 1876, um dos primeiros telefones do Brasil.

Figura 35: Rua Vieira Ferreira, Colônia Azambuja, s.d.



Fonte: Arquivo Histórico de Urussanga.

Da sede da colônia abriam-se caminhos vicinais ao longo do Rio Pedras Grandes e dos seus afluentes, onde se localizaram os imigrantes italianos. Assim, seguindo pelas picadas de mulas, por serras, montes e vales, atravessando rios e córregos através de trilhas de pedras, em plena floresta virgem, esses imigrantes faziam um grande percurso até chegarem às terras das colônias onde se estabeleceriam em definitivo (Vieira Ferreira, 2001; Baldin, 1999).

A partir de Azambuja, novas levas de colonos foram estendendo-se pelo vale do rio Urussanga, surgindo ali a sede secundária da colônia. A colônia Azambuja ramificou-se em cinco núcleos: Urussanga, em 1878; Criciúma, em 1880; Cocal, em 1885 e Nova Veneza, em 1891. Isto significa a ocupação do vale do Tubarão, a transposição do vale do Urussanga e a penetração nos vales dos Rios Mãe Luzia e Araranguá (Bortolotto, 1992; Piazza, 1976).

Figura 36: Parcial da planta geral da Colônia Azambuja, 1888.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

No ano seguinte à inauguração de Azambuja, o Engenheiro Vieira Ferreira voltou suas vistas para o vale do Urussanga. Demarcou os lotes e traçou a sede em forma triangular na confluência do Rio América com o Urussanga, aproveitando dessa forma a configuração favorável do terreno. No dia 26 de maio de 1878, instalou-se definitivamente o núcleo de Urussanga, sendo esta a data oficial da colonização no município (Colodel, 1987; Mattos, 1956). O principal problema dos primeiros tempos na construção e implantação das colônias era a falta de estradas. Além disto, a distância dos principais centros comerciais dificultava o escoamento dos produtos agrícolas.

A partir da década de 1880, deu-se início à construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina (EFDTC), idealizada e planejada com o objetivo de transportar o carvão de Minas (Lauro Müller) ao porto de Imbituba. Segundo Escaravaco (1984), além de facilitar o transporte às colônias do sul, os colonos italianos foram contratados para o trabalho de construção da estrada de ferro. Desta forma, os salários recebidos melhoraram suas condições de vida, além de lhes dar condições para transportar seus produtos pelo mar.

4.2 | OS VALES DA UVA GOETHE

Alguns historiadores da imigração (Baldessar, 1991; Colodel, 1987) contam que os italianos quando vieram se preveniram trazendo consigo nos navios ramos de videira envoltos em musgos úmidos, iniciando as lavouras da cultura da videira logo no início da colonização. Entretanto, maior desenvolvimento ocorreria no Vale do Rio Urussanga, que desde o início da colonização teve uma forte ligação com o cultivo da videira e a produção de vinho, como comprovou o missionário italiano Padre Luigi Marzano:

Os italianos habituados ao bom néctar de Baco, ao partirem da pátria, trouxeram plantas de videira e sementes que logo tiveram o cuidado de plantar após terem o terreno demarcado. Estas, porém, não adaptadas ao clima do Brasil, produziam muitos ramos, muitas folhas mas nada de uva. Recorreram então às qualidades ditas americanas, isto é, Dona Isabel e Klinton, que são mais adaptadas e mais resistentes ao clima tropical (MARZANO, 1985, p. 142).

Segundo Vettoretti (2001) e Baldessar (1991), a uva nas colônias de Azambuja e principalmente de Urussanga teve um papel de destaque. Maestrelli (2011) aponta que há documentação que atesta o plantio de uva e o cultivo de vinhedos desde 1878 na localidade de Rio Carvão, em Urussanga, concomitantemente com a presença dos imigrantes da localidade de Rancho dos Bugres⁵¹. A grande maioria dos colonos possuía seu parreiral e sua pequena cantina, localizada no porão de sua casa que servia de adega. Nesse local, o vinho era produzido para consumo doméstico e para comercialização, no caso de maior quantidade.

⁵¹ No sul do Estado é tido como certo que fora (a videira) introduzida primeiramente no Distrito de Rancho dos Bugres, no ano de 1878, mas outros asseveram haver sido realizado por Adão Ceron, residente no Rio Carvão, também pertencente ao município de Urussanga, em data anterior. Quantos aos primeiros cultivadores desta ampelídea no Rancho dos Bugres, resta dúvida entre as pessoas de Luis Búrigo, Chave e Bortolluzi, por haverem chegado neste local maios ou menos na mesma época. Pelo que vem sendo exposto é que a cultura foi sendo introduzida em vários pontos do Estado com a colonização (Ministério da Agricultura, 1932, p. 208).

As mudas de parreira trazidas pelos primeiros imigrantes inicialmente não se adaptaram de maneira completa. Os imigrantes então utilizaram as variedades americanas, como a Isabel⁵², mais resistentes ao clima tropical.

Conforme descreve Mariot (2003, p. 4), as videiras européias (*Vitis vinifera*) não se adaptaram muito bem à região de Urussanga uma vez que o clima apresenta características muito distintas. O excesso de umidade facilita a propagação de doenças fúngicas para as quais as variedades viníferas ou européias são mais suscetíveis. A solução para este problema de adaptação climática foi trazer material de origem americana (*Vitis labrusca*) ou seus híbridos (*Vitis vinifera* x *Vitis labrusca*) por apresentarem uma maior rusticidade e, conseqüentemente, uma maior resistência aos problemas fitossanitários mais comumente encontrados. Entre as variedades introduzidas, sejam americanas ou híbridas, merece destaque a uva Goethe que, com o decorrer dos tempos, mostrou possuir uma boa adaptação à região e também características próprias que diferenciam o seu vinho das demais cepas cultivadas na região.

Segundo Velloso (2008) e Cerdan (2009), além da região de Urussanga, a uva Goethe foi distribuída em todo sul do Brasil. Algumas mudas foram levadas para o Rio Grande do Sul, mas a variedade não foi amplamente difundida e nem obteve o mesmo sucesso registrado na região sul de Santa Catarina. A uva Goethe se adaptou muito bem às condições climáticas e aos solos ricos em enxofre da região, principalmente na região de Urussanga, onde ela expressa todo seu potencial, oferecendo um vinho de qualidade superior.

Segundo Rebolar et al. (2007, p. 25), a história da **uva Goethe** na região começa com o regente do consulado italiano Giuseppe Caruso MacDonald que chegou ao município de Urussanga no início do século XX. Sua atribuição era observar a evolução das colônias de imigrantes

⁵² A uva branca, variedade Martha, vinda do Rio Grande do sul em 1902, para o município de Urussanga, tem a elle se adaptado bem, onde a empregam para no preparo do vinho, da qualidade superior ao da Izabel, a mais antiga no Estado, e por esse facto chamada commum, creoula, e scientificamente vitis labrusca. O motivo da preferência da Izabel ou Izabelle, na linguagem dos colonos, e por haver se aclimado bem, apresentando sufficiente resistencia a moléstia. O seu inconveniente é na maturação dos cachos, que se dá muito irregularmente, e o vinho não ser de qualidade superior. Prospera bem nos terrenos argillo-silicosos e pedregosos (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1932, p. 211).

italianos em Santa Catarina, prestando auxílio à população e enviando relatórios à Itália.

Segundo Mariot (2003) e Maestrelli (2011), a uva Goethe é uma variedade híbrida, ou seja, ela surgiu de cruzamentos entre duas espécies de uva: *Vitis vinifera* (uvas européias) e *Vitis labrusca* (uvas americanas). A publicação de U.P. Hendrick 'The Grapes of New York' registra o criador da Goethe⁵³, também denominada Roger's 1, como sendo o botânico e ampelógrafo norte-americano Edward Stanniford Rogers (1826-1899) em 1850-1851 na cidade de Salem, Massachusetts/E.U.A. Conforme aponta Mariot (2003, p. 06), o fato de a Goethe ser conhecida como Roger's 1 e ter como progenitores a Carter e a Black Hamburg (Black Muscat), vem comprovar fortemente a sua origem, seu criador e a sua ascendência nos parentais Carter x Black Hamburg (Black Muscat). Entre os indivíduos parentais da Goethe encontram-se as seguintes variedades e espécies: Moscato de Alexandria (*Vitis vinifera*), Schiava Grossa (*Vitis vinifera*), Isabella (*Vitis vinifera* x *Vitis labrusca*), Black Muscat ou Muscat of Hamburg (*Vitis vinifera*) e Carter [seedling selecionado de uma variedade híbrida de Isabel] (*Isabel* x *Vitis vinifera*). A partir da identificação de seus parentais, Muscat of Hamburg (Black Muscat) e Carter, foi possível levantar toda a sua ascendência (Figura 37).

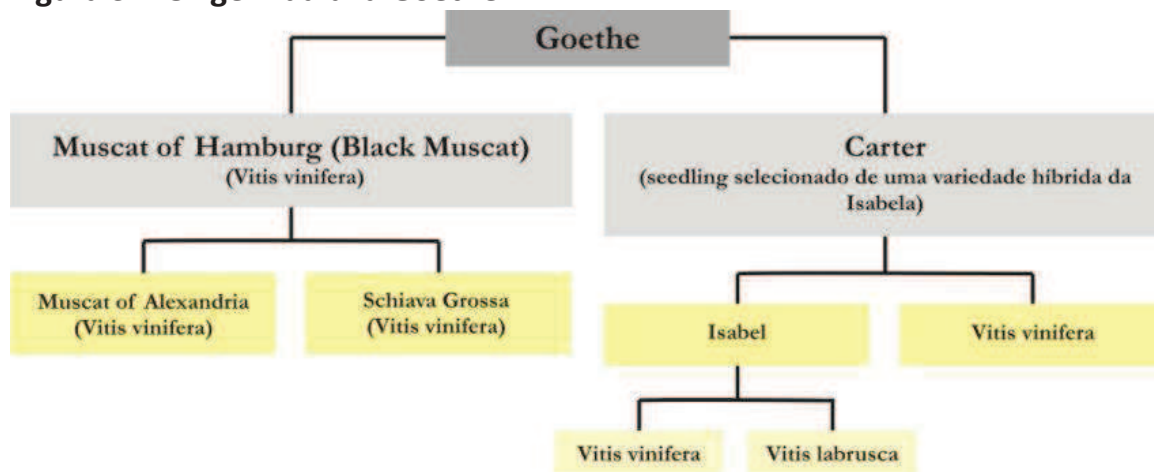
Maestrelli (2011) e Escaravaco (1984) apontam que a vitivinicultura no município teve reflexos positivos na economia⁵⁴. Em março de 1913, tem início à fabricação em escala industrial por

⁵³ Ainda segundo Mariot (2003, p. 06), a denominação Goethe pode ter origem no nome de Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832), poeta e romancista alemão, famoso apreciador de vinhos e conhecido por sua célebre frase: 'A vida é muito curta para se consumir vinhos ruins'. Outra hipótese para o nome Goethe é em homenagem ao estudioso da viticultura, também alemão, Hermann Goethe, cujo livro sobre ampelografia denominado '*Handbuch der Ampelographie, 2. Aufl*', foi publicado pela Editora P. Parey, em Berlim, Alemanha, no ano de 1887.

⁵⁴ A produção comercial de vinhos de uva Goethe foi sendo ampliada desde sua instalação. Várias vinícolas se estabeleceram, como as vinícolas Caruso MacDonald, com o vinho Urú e Urussanga; Lorenzo Cadorin, com o vinho Cadorin; Victório Bez Batti, com o vinho Samos, chamado depois de Santé; Antonio Ferraro, com o vinho Salute, e Domênico Fontanella, com o vinho Rosa, em homenagem às suas respectivas esposas; Silvio Ferraro, filho de Antonio, com o vinho Piemonte; Pietro Trevisol, com o Trevisol; Pietro Damian, com Lacrima Christi; Ernesto Bettiol, com o vinho Cometa, além dos vinhos Primaz e Lótus produzidos na vinícola Cadorin, mas engarrafados e comercializados por Gialdino Rosalino Pilo Damian (Rebollar et al, 2007, pag. 29).

Giuseppe Caruso MacDonald com a implantação das Indústrias J. Caruso MacDonald.

Figura 37: Origem da uva Goethe.



Fonte: autora com base em Mariot, 2003, p. 07.

Com o aumento da produção da uva e do vinho e a inauguração da estrada de ferro em 1919, o vinho começa a conquistar espaço fora da região, sendo comercializado para outras regiões do Estado, ou mesmo, mais tarde, para fora dele. Os vinhos rumavam para a Estação Ferroviária via carro de boi, pela Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina atingiam Laguna e de navio seguiam para vários estados brasileiros. Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e ainda outros estados das regiões norte e nordeste eram o destino de uma boa parcela do vinho, que viajava em carros de boi, trem e navio (Rebollar et al., 2007; Velloso, 2008).

As maiores eram as Vinícolas Caruso MacDonald (Figura 38) e Cadorin (Figura 39), localizadas na sede do município de Urussanga. Ainda hoje, ao longo das várias transformações históricas e da desativação dessas indústrias, a arquitetura das vinícolas desativadas faz parte do cenário urbano. A Vinícola Cadorin transformou-se no Museu do Vinho. Já a Vinícola Caruso MacDonald – ao menos a sua estrutura interna – apresenta-se praticamente em ruínas, embora ainda constitua um ícone histórico na paisagem urbana.

Figura 38: Indústria J. Caruso Mac Donald & Cia. Ltda, 1972.



Fonte: PROGOETHE, 2015.

Figura 39: Vinhos Cadorin, 1942.



Fonte: Acervo pessoal de Orlando Cadorin.

Junto à indústria do vinho, a exploração do carvão – com início já em 1917, com a abertura das minas – se torna uma das principais atividades econômicas da região. Com o passar dos anos, novas jazidas são abertas, mais empresas exploradoras de carvão surgem e a atividade ganha destaque, com efeito negativo sobre a produção de uvas e a indústria vinícola.

Porém, o apogeu da vitivinicultura no município ocorreu somente entre as décadas de 1950 e 1960. Nessa época, a produção era muito grande e a distribuição realizada para diferentes estados do Brasil. O produto chegou a ser até oferecido nas recepções diplomáticas no Palácio do Catete e no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, durante o Governo de Getúlio Vargas. A produção agrícola diminuiu e tornou-se necessária a importação de matéria-prima para as vinícolas e pela primeira vez desde o início da colonização, foi necessário importar uvas do Rio Grande do Sul. O Vinho Cadorin foi premiado com medalhas de ouro e prata em todo o país e também fora dele, como em Nova Iorque. Não só a Cadorin conquistou visibilidade, como outras vinícolas também foram responsáveis por tornar o município conhecido como a Capital do Bom Vinho (Pereira, 2011; Rebollar et al., 2007). Os vinhos da uva Goethe, que eram apreciados

em várias regiões do Brasil, eram conhecidos apenas como ‘vinho branco de Urussanga’ e assim ficaram conhecidos por décadas.

Figura 40: Rótulo dos Vinhos Cadourin.



Fonte: PROGOETHE, 2015.

Como visto anteriormente, os sinais de decadência do setor vitivinícola começaram a ocorrer quando o carvão e a cerâmica passaram a ofuscar a indústria vinícola, traça novos rumos para o município. A intensificação do carvão provocou um desinteresse nos colonos pela produção de vários produtos agrícolas, dentre os quais a uva e o vinho. Os excelentes salários proporcionados pela mineração e o curto caminho para a aposentadoria com apenas 15 anos de serviço tornaram-se atrativos irresistíveis (MAESTRELLI, 2011, p. 189).

Próximo da década de 1960, no entanto, a economia de Urussanga foi se diversificando, e o carvão, que estava sendo explorado no município já tinha atingido seu apogeu produtivo. Paralelamente ao sucesso e desenvolvimento da vitivinicultura urussanguense, surgia e desenvolvia-se rapidamente a indústria do carvão, que em pouco tempo viria a consagrar a cidade vizinha, Criciúma, como a Capital do Carvão. O minério alcança destaque na economia nacional quando, por determinação do Governo Federal de Getúlio Vargas, torna-se obrigatório o uso do carvão mineral nacional. Com atrativa oferta de trabalho e vantagens, como aposentadoria precoce e alta remuneração, a indústria do carvão, vai, além de explorar o minério, mudando também o cenário agrícola da região. O vitivinicultor abandona as vinhas e torna-se explorador de minério.

Neste contexto, Maestrelli (2011, p. 190) aponta que algumas cantinas por problemas de matéria-prima, mercado e também devido à

questão sucessória, entram em crise e encerram suas atividades produtivas citando como exemplo as cantinas Cadorin, Bez Batti, Caruso MacDonald. Cantineiros alegam que, num determinado período, a própria Estação de Enologia provocou certa estagnação e desestímulo em virtude das exigências técnicas e fiscalização excessiva. Contribuiu também para a decadência do setor a alteração nos hábitos de consumo do vinho que rapidamente migrou dos vinhos brancos para os vinhos tintos.

No entanto, o cultivo da uva e a produção do vinho Goethe, ainda que timidamente, permanecem na região de Urussanga, por meio dos produtores descendentes dos imigrantes colonizadores, conforme será demonstrado a seguir.

4.2.1 | INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA VALES DA UVA GOETHE (IPVUG)

A decadência da produção de uva e vinho, acompanhada do crescimento da indústria do carvão provocou uma forte mudança no perfil e na paisagem da região. Muitos hábitos, contudo, foram mantidos. A uva e o vinho Goethe sobreviveram mesmo timidamente durante o auge da indústria carbonífera, conforme apontam Flores e Flores (2012):

A uva Goethe tornou-se símbolo de resistência daqueles que queriam ficar no campo, manter sua vida e não se submeter às condições de trabalho nas carvoarias (FLORES e FLORES, 2012, p. 74).

Em sua dissertação de mestrado, Mariot (2002) identifica o vinho como o principal produto típico da região de Urussanga e a uva e o vinho Goethe como um fator diferenciador da região. No trabalho de Mariot, todas as pessoas entrevistadas apontam o vinho como um dos principais produtos agroalimentares típicos (coloniais) da região. A atividade vitivinícola e a valorização de seu produto – que carrega consigo toda uma história, tradição e saber-fazer consolidados ao longo do tempo, além das características edafoclimáticas da região que influem na sua qualidade – parecem ser um ponto de partida e de apoio para o desenvolvimento local e, na melhor das hipóteses, para o

fortalecimento da agricultura familiar. Mariot destaca o vinho de Urussanga como o principal produto típico também da esfera econômica. Dos principais produtos coloniais de Urussanga, onde está também inserido o vinho da uva Goethe, podem ser apontadas algumas ações: a melhoria da qualidade dos produtos, a criação de leis que beneficiem os pequenos produtores, a criação de um selo de Indicação Geográfica e o associativismo das organizações interessadas.

Outro personagem que contribuiu decisivamente para o resgate da uva e do vinho Goethe foi Sérgio Inglez de Sousa por meio do reconhecimento da qualidade e da tipicidade do vinho Goethe. Na coluna “Made in Brasil” da 52.^a edição da Revista Vinho Magazine, Sérgio Inglez de Sousa escreve o artigo intitulado ‘Urussanga, sob o romantismo de Goethe’⁵⁵. Em uma página e meia, o jornalista *sommelier* resgata aspectos históricos da colonização italiana, da introdução da uva Goethe na região por Giuseppe Caruso MacDonald, dos tempos áureos das vinícolas Caruso MacDonald e Cadorin, além de outras vinícolas da região. Ao final da reportagem, Inglez de Sousa enfatiza a tipicidade e a qualidade dos vinhos produzidos com a uva Goethe e os compara com outros tipos de vinhos brancos europeus⁵⁶.

Com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), é fundada em 2005 a Associação dos Produtores de Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga (PROGOETHE), formada por produtores industriais, produtores de uva e vinho colonial, atores ligados ao turismo, à pesquisa e ao comércio. É nesse ano também que tem início a busca pelo reconhecimento da Indicação Geográfica Vales da Uva Goethe. O projeto para a obtenção da

⁵⁵ Essa variedade, injustamente classificada como uva americana, vem de um cruzamento da vinífera Moscatel de Hamburgo com a Carter, uma híbrida vinífera-labrusca. Em números aproximados, trata-se de variedade 80% vinífera e 20% americana. Ela tornou-se emblemática da região vinícola catarinense de Urussanga [...] o Goethe de Urussanga [...] é um vinho branco, delicado, perfumado a frutas e flores, revelando traços de sua descendência da família dos Moscatéis. [...] Entre as variedades introduzidas, destacou-se a Goethe, que mostrou adaptação perfeita à região, de onde extraiu características e tipicidade. [...] Assim, Urussanga e seus típicos vinhos Goethe chegam na atualidade com um bom nível de qualidade, quer de produção artesanal, quer da industrial (Sousa, 2004, p. 30).

⁵⁶ Assim, Urussanga e seus típicos vinhos Goethe chegam na atualidade com um bom nível de qualidade, quer de produção artesanal, quer da industrial, opção para os apreciadores do italiano Frascati, do americano White Zinfandel e outros brancos do gênero (Sousa, 2004, p. 31).

Indicação Geográfica Vales da Uva Goethe foi desenvolvido com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC), além do apoio da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e das Prefeituras Municipais de Urussanga e de Pedras Grandes para promover o ressurgimento do vinho Goethe que havia consagrado Urussanga no passado.

O registro de Indicação Geográfica (IG) é conferido a produtos ou serviços que são característicos do seu local de origem, o que lhes atribui reputação, valor intrínseco e identidade própria, além de os distinguir em relação aos seus similares disponíveis no mercado. São produtos que apresentam uma qualidade única em função de recursos naturais como o solo, a vegetação, o clima e o saber fazer (*know-how* ou *savoir-faire*), conforme aponta Cerdan (2009):

As indicações geográficas não diferenciam, portanto, somente os produtos ou serviços, mas os territórios. Logo, em um primeiro momento, definiremos a IG como sendo um nome geográfico que distingue um produto ou serviço de seus semelhantes ou afins, porque este apresenta características diferenciadas que podem ser atribuídas à sua origem geográfica, configurando nestas o reflexo de fatores naturais e humanos (CERDAN, 2009, p. 281).

A Indicação Geográfica é um signo distintivo que permite que determinado lugar seja reconhecido ou pelos produtos e serviços que ali são produzidos ou prestados, como também pela qualidade destes produtos, que se deva, exclusivamente, àquele lugar. Existem duas espécies ou modalidades de Indicação Geográfica: Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO) definidas pelos Arts. 177 e 178, respectivamente, da Lei n.º 9.279 de 14 de maio de 1996, que regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial.

Quadro 33: Espécies ou modalidades de Indicação Geográfica.

Categoria	Descrição
Indicação de	É o nome geográfico do país, cidade, região ou localidade

Procedência (IP)	do seu território, que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou prestação de determinado serviço.
Denominação de Origem (DO)	É o nome geográfico do país, cidade, região ou localidade do seu território que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devem exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluindo fatores naturais e humanos.

Fonte: BRASIL, 1996.

Segundo apontam Velloso (2008) e Cerdan (2009), os dois conceitos apresentam diferenças nítidas, inexistindo hierarquia legal entre elas, desde as características do meio geográfico até o processo de produção e elaboração dos produtos dentro da área delimitada. No caso da IP, só é preciso que se comprove que a região se tornou conhecida por determinado produto ou serviço. No caso dos vinhos, por exemplo, a IP estabelece a obrigação da caracterização da área geográfica e da colheita da uva na área delimitada. Quanto às IPs, podemos desde já reconhecer dois conceitos que repousam sobre distintas interpretações dos textos oficiais. O primeiro considera a IP como um instrumento orientado para a preservação das tradições e do patrimônio, e estabelece uma forte ligação entre a região de origem, a sua notoriedade (reputação) e o seu patrimônio (produto, pessoas, cultura). Esta se baseia na construção histórica e nos conhecimentos locais (*savoir-faire*) herdados. Já a DO apresenta critérios mais exigentes para a sua implementação, como a obrigatoriedade das características qualitativas dos vinhos serem exclusivamente do meio geográfico. Por tal razão, a obtenção de uma DO requer muito mais tempo, esforço e trabalho.

Embora recente no Brasil, essa discussão já perdura há alguns séculos em países mais antigos. Existem atualmente no Brasil cinco Denominações de Origem e vinte e uma Indicações de Procedência, totalizando vinte e seis Indicações Geográficas (ver Anexo 03).

A noção de indicações geográficas está muito próxima do conceito de *terroir*⁵⁷, pois estabelece uma ligação entre qualidade e

⁵⁷ *Terroir* é um amplo conceito que reúne um conjunto de fatores que influenciam a qualidade do vinho. Solo e subsolo, clima geral e local (macro, meso e microclima), exposição ao sol,

território. Cabe lembrar, conforme aponta Cerdan (2009, p. 281), que a noção de indicação geográfica surgiu de forma gradativa, quando produtores e consumidores passaram a perceber os sabores ou qualidades peculiares de alguns produtos que provinham de determinados locais. Ou seja, qualidades – nem melhores nem piores, mas típicas, diferenciadas – jamais encontradas em produtos equivalentes feitos em outro local. Assim, começou-se a denominar os produtos, que apresentavam essa notoriedade, com o nome geográfico de sua procedência. Os vinhos foram os primeiros nos quais se observou a influência, sobretudo dos fatores ambientais (clima, solo, relevo etc.). As qualidades de produtos como estes – ligados à origem – devem-se, todavia, ao ambiente no seu todo, que vai muito além das condições naturais e inclui o fator humano e suas relações sociais como elemento importante.

Vinhos denominados de *terroir* são produzidos exclusivamente em uma determinada região vinícola com características da terra em que foram implantadas as videiras, denominação de origem que é muito difundida nas regiões vitícolas da França, Alemanha e Itália. Com a qualidade, tipicidade e identidade comprovadas, os vinhos Goethe são reconhecidos como verdadeiros *terroirs* devido a uma estreita relação com as condições específicas de clima-solos. Além disso, a produção dos vinhos Goethe está fortemente ligada à imigração italiana do século XIX, de especial importância cultural para a região. Para os produtores da região, a obtenção da IG possibilita o desenvolvimento sócio-econômico, agregando valor aos produtos e gerando empregos e, de forma mais ampla, movimenta a economia local (PROGOETHE, 2015). A uva e o vinho Goethe tornaram-se emblemáticos da região sul do Estado de Santa Catarina, apresentando história, especificidade de produção e tipicidade do vinho, características fundamentais para a implantação de uma Indicação Geográfica, e também podem ser denominados de *terroir* (SARTOR, 2009).

altitude e inclinação do terreno, variedade e idade das cepas, sistema de condução das parreiras, enfim, a intervenção do homem no plantio dos vinhedos e na elaboração do vinho, além dos aspectos socioeconômicos e culturais somam características que vão expressar o caráter do vinho, sua personalidade e qualidade (CHAVES, 2007, p. 84).

Figura 41: Parreirais de Uva Goethe em Azambuja, município de Pedras Grandes/ SC.



Fonte: HASSE, 2011.

A Indicação de Procedência dos vinhos dos Vales da Uva Goethe (IPVUG) compreende a seguinte área delimitada: Vales da Uva Goethe, localizada entre as encostas da Serra Geral e o litoral sul catarinense nas Bacias do Rio Urussanga e Rio Tubarão delimitada numa região de 458,9 km². Os Vales da Uva Goethe compreendem os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara no Estado de Santa Catarina, Brasil. A IPVUG apresenta-se hoje com uma identidade climática, cultural e histórica com os municípios de Urussanga e Pedras Brancas, denominada de Vales da Uva Goethe. É o reconhecimento da primeira indicação geográfica do Estado de Santa Catarina, com a concessão do registro a partir de 14 de fevereiro de 2012, publicado na Revista de Propriedade Industrial do INPI, sob o n.º 2.145. Dentre as características que resultaram desse reconhecimento, destacam-se a qualidade, tipicidade e identidade dos vinhos produzidos na região (Jenoveva-Neto, Freire, Vieira, 2014; Vieira, Pellin, 2014; Yamaguchi et al, 2013).

Conforme apontam Vieira, Maestrelli e Arcari (2014), os vinhos cuja qualidade foi determinada pelo Manual de Uso, autorizado pelo Conselho Regulado da IGVUG, poderão ser engarrafados com a identificação de um selo que será colocado no gargalo dos produtos com os dizeres Indicação de Procedência Vales da Uva Goethe.

Figura 44: Logomarca da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe.



Fonte: Vales da Uva Goethe, 2015.

Após o reconhecimento da IPVUG, foi possível observar algumas vantagens econômicas importantes. Após dois anos de concessão do registro, as vinícolas já começam a perceber um aumento nas vendas do vinho Goethe em cerca de 20% e, dos espumantes, por volta de 30%. Estes produtos colocados no mercado são a primeira safra controlados pelo Conselho Regulador a partir das normas implementadas pelo Manual de Uso, com os selos nas garrafas. Os consumidores que visitam as vinícolas, já têm solicitado diretamente os vinhos de uva Goethe, advindos da curiosidade em conhecer um produto diferenciado e com agregação de valor pela qualidade. Outro reflexo importante refere-se ao acesso a novos mercados. O reconhecimento da IG do vinho Goethe possibilitou que as vinícolas comercializem seus produtos nas gôndolas de importantes redes de supermercados na região, bem como fora do Estado (São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal).

Como visto, os produtos que carregam a certificação da Indicação Geográfica trazem consigo uma carga cultural, enraizada nas tradições da região, preservando desta maneira a identidade do local e valorizando o território (VIEIRA; PELLIN, 2014). Outro ponto importante é a possibilidade de desenvolver atividades complementares à vitivinicultura como, por exemplo, o turismo rural. Neste sentido, a

região prepara-se para elaborar um plano de desenvolvimento da atividade turística no espaço rural de maneira integrada com todos os municípios da região, contribuindo para o desenvolvimento territorial destes municípios. Segundo Pellin, Padilha e Mantovanelli Junior (2013), a literatura especializada tem demonstrado que, em muitos casos, as indicações geográficas podem contribuir para o fortalecimento do desenvolvimento territorial, principalmente em espaços rurais, seja através da agregação de valor aos produtos, do acesso a novos mercados ou da ampliação do consumo de determinados produtos ou serviços.

4.3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente capítulo apresentou o recorte do objeto em estudo, desde um breve panorama do processo de ocupação do território do sul de Santa Catarina pelos tropeiros até a chegada dos imigrantes italianos e também abordou a Indicação Geográfica dos Vales da Uva Goethe, ocorrida em 2012. A pesquisa histórica, apresentada ao longo do capítulo, foi importante para identificar o contexto histórico do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

CAPÍTULO 05 | PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Figura 45: Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

*Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.
(Para além da curva da estrada, Fernando Pessoa)*

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa a fim de alcançar os objetivos específicos b) Reconhecer as transformações da paisagem em estudo e c) Identificar a percepção da paisagem dos moradores e dos visitantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Os procedimentos apresentados nesse capítulo e utilizados nessa pesquisa são independentes da proposta metodológica apresentada no item 3.2 | Etapas de Procedimentos da Avaliação do Caráter da Paisagem que é resultado do estudo do aporte teórico e metodológico acerca do caráter da paisagem e extrapola os objetivos dessa pesquisa.

5.1 | ABORDAGEM DA PESQUISA

Estudar a paisagem é antes de tudo apresentar um problema de método (BERTRAND, 2004, p. 171).

Essa pesquisa utiliza um método misto, também conhecido como **abordagem quali-quantitativa**. Essa abordagem de pesquisa envolve observações e entrevistas como dados qualitativos, combinados com estudos envolvendo dados quantitativos. Nessa abordagem mista, a pesquisadora baseou a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garantiria um melhor entendimento do problema pesquisado por meio da união de métodos qualitativos e quantitativos devido aos seus aspectos complementares.

A pesquisa delinea-se como teórica e empírica realizada por meio das Pesquisas Bibliográfica e Documental que forneceu a base teórica para o **Estudo de Caso**. Minayo (2014), Severino (2007) e Yin (2001) descrevem que os estudos de caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações, as percepções a respeito da situação ou fenômeno em questão. Assemelha-se à focalização sobre um experimento que se busca compreender por meio de entrevistas, observações, uso de banco de dados e documentos. Se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo.

Como visto anteriormente, a CEP aponta que a paisagem é uma porção do território resultante da interação dos fatores naturais e

humanos, mas revela também o domínio da percepção na medida em que afirma que a paisagem é percebida pelas pessoas. Nesse sentido, essa pesquisa se propõe a reconhecer a percepção de moradores e visitantes a respeito da paisagem do antigo caminho dos imigrantes no município de Pedras Grandes. A identificação do caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos dá-se com a aplicação de entrevistas com moradores e da coleta de informações de viajantes e internautas e do estudo das transformações da paisagem utilizando a iconografia histórica, conforme sintetiza a figura abaixo:

Figura 46: Esquema síntese da pesquisa.



Fonte: autora.

Segundo Lakatos e Marconi (2003 e 2007), trata-se de **Pesquisa de Campo**⁵⁸ do tipo **Exploratória**. Trata-se de uma pesquisa que possui como objeto a formulação de questões ou de um problema com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. As visitas de campos ocorreram nos meses de janeiro de 2011, janeiro e outubro de 2012, fevereiro de 2013, outubro de 2014 e janeiro de 2015.

⁵⁸ Levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 83).

Os procedimentos de pesquisa e tratamento de dados são apresentados a seguir.

5.2 | PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

5.2.1 | ETAPA 01: APORTE TEÓRICO

Nessa etapa inicial da pesquisa, foi realizado um estudo teórico com o intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse (Lakatos e Marconi, 2003, p. 174) com o objetivo de embasar as demais etapas da pesquisa. Utilizou-se como fontes a **Pesquisa Documental (fontes primárias)**⁵⁹ de arquivos públicos como leis, relatórios, publicações parlamentares, documentos, projetos de lei, impressos, relatórios, material cartográfico, iconografia⁶⁰ e acervos de particulares – alguns deles disponíveis na internet. Outros documentos como jornais, meios audiovisuais e fotografias⁶¹ também foram utilizados. Para a **Pesquisa Bibliográfica (fonte secundária)**⁶² utilizou-se o conteúdo disponível em livros e trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, artigos científicos, bem como manuais e guias de estudos da paisagem.

⁵⁹ A coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 174).

⁶⁰ Abrange a documentação por imagem, compreendendo gravuras, estampas, desenhos, pinturas etc., porém exclui a fotografia. É fonte preciosa sobre o passado, pois compreende os únicos testemunhos do aspecto humano da vida, permitindo verificar tendências do vestuário e quem o vestia, a forma de disposição dos móveis e utensílios, assim como outros fatores, favorecendo a reconstituição do ambiente e estilo de vida das classes sociais do passado, da mesma forma que o cotidiano do dia a dia de nossos antepassados (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 182).

⁶¹ Têm a mesma finalidade da iconografia, porém referem-se a um passado menos distante (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 182).

⁶² Na pesquisa bibliográfica, o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar a problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa (KOCKE, 1991, p. 122).

5.2.2 | ETAPA 02: ICONOGRAFIA HISTÓRICA

Uma técnica qualitativa utilizada nesta pesquisa refere-se ao **uso da iconografia de diferentes períodos sob o viés da comparação visual**. Considera-se a imagem um importante instrumento de pesquisa e acredita-se que sua leitura possibilita a construção de uma interpretação enquanto registro de diferentes tempos e testemunhos das transformações da paisagem.

A paisagem pode ser compreendida como um fenômeno visível⁶³, pois expressa diferentes momentos da ação da cultura sobre o espaço e revela em vestígios as dinâmicas da paisagem e as acumulações de tempos. Como relatado pelos estudos da paisagem Geográfica, a mesma é entendida como resultado da ação da cultura sobre o meio, sendo a paisagem o resultado destas transformações ao longo do tempo. De acordo com Santos, paisagem é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão, sendo a paisagem transtemporal, uma vez que junta objetos passados e presentes (SANTOS, 2006, p. 67).

Segundo Loizos (2014), a imagem é um registro poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais. Trata-se de um dado primário que pode ser empregado na pesquisa social como informação e não pode ser ignorado como fatos sociais do seu tempo. O autor ainda aponta que a utilização de iconografia com a finalidade de registro da mudança histórica de paisagens 'antes' e 'depois', quando adequadamente atestado, testemunhado e controlado quanto ao tempo, lugar e circunstância, pode trazer poderosa evidência e valor persuasivo.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 107), o método comparativo considera o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos e contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente como no

⁶³ Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc (SANTOS e ELIAS, 1988, p. 61).

passado, ocupando-se da explicação dos fenômenos, o que permite analisar os dados concretos, deduzindo dos mesmos os elementos constantes, abstratos e gerais.

Esta etapa de pesquisa tem como objetivos comparar a iconografia histórica com a fotografia atual, identificar as transformações na paisagem e apontar os elementos escolhidos pelos fotógrafos antigos para registrar a imagem das localidades em estudo. Para alcançar os objetivos desejados, foram desenvolvidos os **Quadros Iconográficos** que são descritos a seguir.

5.2.2.1 | Quadros Iconográficos

Os Quadros Iconográficos foram desenvolvidos com base na iconografia histórica selecionada e fornecida pela Prefeitura Municipal de Pedras Grandes. Inicialmente constavam noventa e três iconografias históricas no acervo digital. Destas, dezenove imagens foram descartadas por repetição tendo-se ao final uma amostra de setenta e quatro iconografias históricas.

A seleção da amostra da iconografia histórica utilizada nos Quadros Iconográficos obedeceu a alguns critérios. A cena selecionada deveria possuir algum elemento referencial do local de registro para facilitar a tomada da cena no mesmo ângulo. A cena deveria estar ao nível do observado, o que fez com que fossem excluídas as iconografias aéreas ou as registradas dos morros e torres de igrejas. As cenas selecionadas da iconografia histórica, em sua maioria, não possuem legenda e não são datadas. A seleção da cena ocorreu quando se identificou o local de registro da mesma por meio de algum elemento existente – referencial arquitetônico, em sua maioria. Selecionadas as doze iconografias históricas, procedeu-se ao registro fotográfico atual, buscando os referenciais da paisagem presentes na iconografia histórica e o enquadramento da mesma cena para facilitar a comparação entre ambas. O registro fotográfico atual foi realizado pela autora no mês de janeiro de 2015.

A comparação descritiva entre cada iconografia histórica e o registro fotográfico atual foi realizada em cada um dos doze Quadros Iconográficos conforme apresentados no quadro abaixo:

Quadro 34: Relação dos Quadros Iconográficos desenvolvidos na pesquisa.

nº	Local da cena	Data
01	Azambuja (colônia sede da imigração)	s.d.
02	Azambuja (colônia sede da imigração)	1948
03	Azambuja (colônia sede da imigração)	s.d.
04	Azambuja (colônia sede da imigração)	s.d.
05	Pedras Grandes (sede)	Década de 1960
06	Pedras Grandes (sede)	s.d.
07	Pedras Grandes (sede)	Década de 1960
08	Pedras Grandes (sede)	1920
09	Pedras Grandes (sede)	Década de 1970
10	Pedras Grandes (sede)	1906
11	Pedras Grandes (sede)	s.d.
12	Pedras Grandes (sede)	s.d.

Fonte: autora.

O campo de preenchimento ‘Distrito’ é utilizado para identificar a localidade do município ao qual a cena se refere: Distrito de Azambuja (colônia sede da imigração) ou Distrito de Pedras Grandes (sede). O campo ‘Data’ é utilizado para o preenchimento referente à data (ano) do registro da iconografia histórica, quando disponível. Em caso de não haver datação da cena, procede-se ao preenchimento com a legenda s.d. (sem data). Fonte refere-se ao campo de preenchimento da fonte da iconografia histórica utilizada: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes. Todas as iconografias históricas utilizadas são de autoria desconhecida. ‘Descrição’ é o campo de preenchimento no qual é registrada por meio de texto descritivo a comparação entre ambos os registros – iconografia histórica e registro fotográfico atual – acrescida de informações coletadas durante a pesquisa de campo. A descrição das imagens buscou comparar os elementos naturais e construídos de ambas as cenas. Para a identificação dos elementos descritos no texto, utilizou-se a marcação numérica com a cor laranja sobre a iconografia histórica e/ou sobre o registro fotográfico atual. O código identificador das edificações de interesse à preservação presente na cena, quando existente, foi retirado do Inventário do Projeto Roteiros Nacionais de Imigração, realizado pelo IPHAN em 2008 (ver Anexo 01).

Figura 47: Modelo de Quadro Iconográfico.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 01	
Distrito	
Azambuja	
Foto: s.d.	Foto: 2015
	
Descrição	

Fonte: autora.

O estudo resultante do desenvolvimento dos Quadros Iconográficos é apresentado no Capítulo 6, item 6.1 | Interpretação dos Quadros Iconográficos.

5.2.3 | ETAPA 03: REGISTROS FOTOGRÁFICOS E RELATOS DE VIAJANTES NA INTERNET

Essa etapa da pesquisa busca identificar a percepção da paisagem dos viajantes que visitam o antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Paisagem é uma porção do território resultante da interação dos fatores naturais e humanos, mas revela também o domínio da percepção, na medida em que a paisagem é percebida pelas pessoas.

Para alcançar esses objetivos, foram coletadas **informações de viajantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no trecho Urussanga a Pedras Grandes, via Azambuja**. A coleta de informações

deu-se nos *blogs* pessoais dos viajantes a partir das fotografias publicadas nos *posts* e dos textos descritivos da viagem. A seleção dos *blogs* estudados e a sistematização dos dados para a pesquisa são descritas a seguir.

5.2.3.1 | Seleção e sistematização dos registros fotográficos

A utilização dos registros fotográficos e dos textos publicados nos *blogs* dos viajantes teve como objetivo identificar os elementos naturais e construídos da paisagem que contribuem para propagar a imagem da região em estudo pelos visitantes.

Foram selecionados os *blogs* de viajantes que percorreram total ou parcialmente o antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina e que tivessem publicado cenas e/ou textos na internet das suas impressões pessoais sobre a paisagem do local de estudo. A pesquisa de identificação dos *blogs* ocorreu no mês de agosto de 2014 por meio da busca de imagens no *website* de buscas Google Imagens. As buscas das cenas do antigo caminho ocorreram por meio de cinco expressões chaves que resultaram na identificação de cinco *blogs* de viajantes, conforme aponta o quadro abaixo:

Quadro 35: Pesquisa dos *blogs* no Google.

Expressão chave da busca	Nome dos <i>blogs</i> identificados
Caminho dos imigrantes italianos sul de Santa Catarina	Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Skyscrapercity, Santana Mineração
Caminho dos imigrantes italianos Tubarão a Urussanga	Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Skyscrapercity, Santana Mineração
Antigo caminho dos imigrantes Pedras Grandes	Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Skyscrapercity, Santana Mineração
Caminho Tubarão – Urussanga, via Pedras Grandes	Diário dos Caminhos , Skyscrapercity
Colônia Azambuja, Pedras Grandes	Diário dos Caminhos, Genealogia da Família Salvan , Skyscrapercity, Santana Mineração

Fonte: autora.

Sendo assim, foram considerados nessa pesquisa os registros fotográficos e os textos publicados nos *blogs* Diário dos Caminhos, Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Genealogia da Família Salvan, Skyscrapercity e

Santana Mineração. Somados, os registros fotográficos publicados nos cinco *blogs* selecionados resultaram em um total de cento e oitenta e nove cenas. O quadro abaixo apresenta o nome do *blog* pesquisado e o número de cenas do *post* de interesse para essa pesquisa:

Quadro 36: Número de cenas publicadas em cada *post*.

Nome do <i>blog</i>	Autor do <i>blog</i>	Número de cenas
Diário dos Caminhos	Maurício Berka	18
Alê e Lisi Viajando pelo Sul	Alessandro Martinello e Lisiane Potrikus Martinello	33
Genealogia da Família Salvan	Roque Salvan	30
Skyscrapercity	Ice Climber	52
Santana Mineração	Edson João Mariot	56
TOTAL		189

Fonte: autora.

A sistematização dos cento e oitenta e nove registros fotográficos publicados pelos viajantes na *internet* iniciou com a montagem de um quadro com as cenas e legendas dos cinco *posts* considerados de interesse (ver Apêndice 05). Para cada cena publicada, foi criada uma linha numerada (coluna 01 do quadro de sistematização dos registros fotográficos) que corresponde à mesma ordem de publicação da cena no *post*. O número de linhas, conseqüentemente, varia a cada *post*. As legendas das cenas atribuídas aos autores do *post*, quando existentes, também foram inseridas no quadro (coluna 02 do quadro de sistematização dos registros fotográficos). Quando não havia legenda atribuída pelo autor do *post*, a pesquisadora utilizou os dizeres ‘Sem legenda’ como preenchimento do campo.

A fim de facilitar a identificação do *blog* de origem da cena, convencionou-se nomear cada uma delas com a sigla do nome do *blog* seguida do mesmo número sequencial da publicação da cena no *post* (coluna 03 do quadro de sistematização dos registros fotográficos). A única exceção deu-se em função do *Skyscrapercity* se tratar de um fórum de debates e repositório de imagens. Sendo assim, optou-se por identificar as cenas publicadas pelo nome do autor do *post* e não pelo nome do *website*: Ice Climber (IC). As siglas utilizadas para identificar as cenas publicadas em cada *post* estão indicadas no quadro abaixo:

Quadro 37: Sigla atribuída para cada *blog/ website*.

Nome do <i>blog/ site</i>	Sigla
Diário dos Caminhos	DC
Alê e Lisi Viajando pelo Sul	ALVS
Genealogia da Família Salvan	GFS
Skyscrapercity	IC
Santana Mineração	SM

Fonte: autora.

Além da inserção da sigla do nome do *blog* para cada cena, foi atribuída pela pesquisadora uma nova legenda (coluna 04 do quadro de sistematização dos registros fotográficos) que corresponde ao conteúdo de cada uma delas a ser utilizado posteriormente na etapa de categorização. Informações complementares da localização da cena ou das edificações históricas inventariadas pelo IPHAN (ver Anexo 01) foram inseridas nessa legenda.

5.2.3.2 | Categorização dos registros fotográficos

Após a montagem dos quadros das cenas e legendas dos cinco *posts* considerados de interesse para esta pesquisa, foi realizada a categorização das cento e oitenta e nove cenas a partir do conteúdo principal de cada uma das cenas. Cada cena poderia ser categorizada em apenas uma única categoria. Obteve-se um total de **quinze categorias iniciais** numeradas sequencialmente: Categorias Iniciais 01 a 15. Os critérios de categorização das cenas em cada Categoria Inicial estão descritos no quadro a seguir:

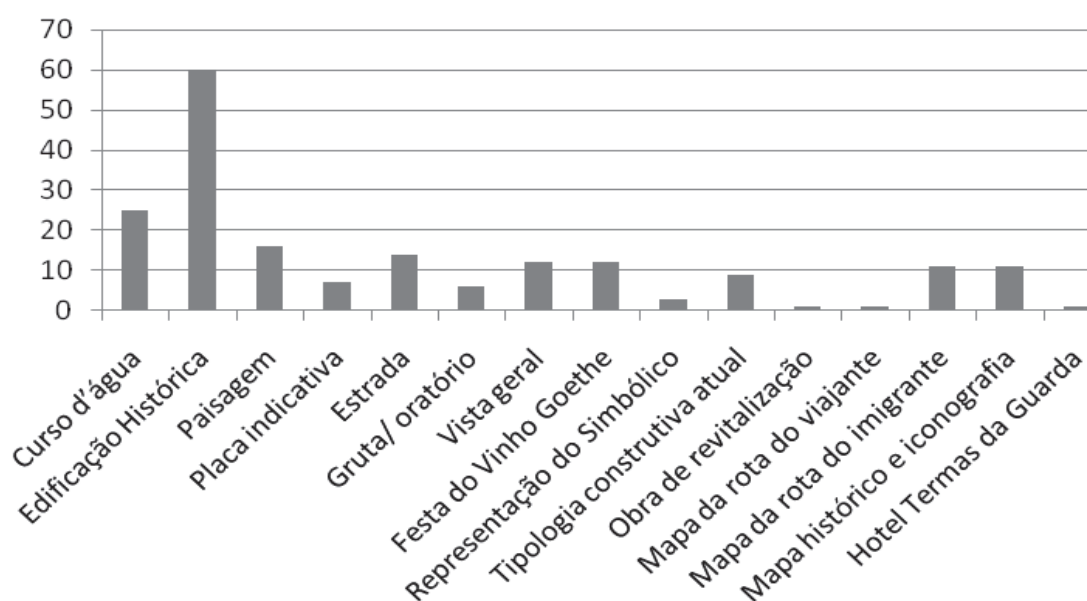
Quadro 38: Critérios de catalogação das Categorias Iniciais dos registros fotográficos.

Categoria inicial	Descrição da categoria inicial
01 'Curso d'água'	Cenas cujo conteúdo tenha um curso d'água como elemento principal.
02 'Edificação Histórica'	Categoria na qual foram classificadas cenas de edificação registradas isoladamente, em conjunto ou detalhes construtivos das edificações.
03 'Paisagem'	Categoria relacionada a cenas de vistas gerais das paisagens rurais registradas em sua maioria a partir de estradas rurais.
04 'Placa indicativa'	Cenas classificadas cujo conteúdo está

		relacionado a placas indicativas rodoviárias ou a placas de indicação dos núcleos históricos.
05	‘Estrada’	Catálogo de cenas que registram estradas como conteúdo principal.
06	‘Gruta/ oratório’	Cenas categorizadas cujo conteúdo principal é o registro de grutas ou oratórios existentes no caminho em estudo.
07	‘Vista geral’	Cenas que registram a vista geral dos núcleos urbanos e rurais visitados pelos autores dos blogs estudados. Difere da Categoria 02: ‘Edificação Histórica’, uma vez que nesta última categoria sobressai o elemento construído.
08	‘Festa do Vinho Goethe, 2015’	Categoria que registra a montagem das estruturas e os preparativos para a Festa do Vinho Goethe, 2015.
09	‘Representação do Simbólico’	Categorização de cenas representativas de locais simbólicos e remanescentes de obras de infraestrutura.
10	‘Tipologia Construtiva Atual’	Categoria de cenas que registram edificações não classificadas como edificações históricas ou de interesse à preservação.
11	‘Obra de Revitalização’	Categoria que registra cenas de obras de melhoria da infraestrutura urbana.
12	‘Mapa da Rota do Viajante’	Categorização de imagens editadas pelos autores dos <i>blogs</i> para deixar o conteúdo do <i>post</i> mais didático. Refere-se à rota feita pelo viajante do <i>post</i> .
13	‘Mapa da Rota do Imigrante’	Categorização de imagens editadas para deixar o conteúdo do <i>post</i> mais didático referente aos trechos da viagem feita pelos imigrantes.
14	‘Mapa Histórico e Iconografia’	Mapas, iconografias e fragmentos de mapas históricos publicados para deixar o conteúdo do <i>post</i> mais didático.
15	‘Hotel Termas da Guarda’	Categoria de cena que registra o Hotel visitado por um dos autores dos <i>blogs</i> estudados.

Fonte: autora.

Após definidos os critérios de categorização, as cento e oitenta e nove cenas foram distribuídas pelas quinze categorias iniciais (ver Apêndice 06), conforme revela o gráfico apresentado a seguir:

Gráfico 1: Distribuição das cenas por categoria inicial.

Fonte: autora.

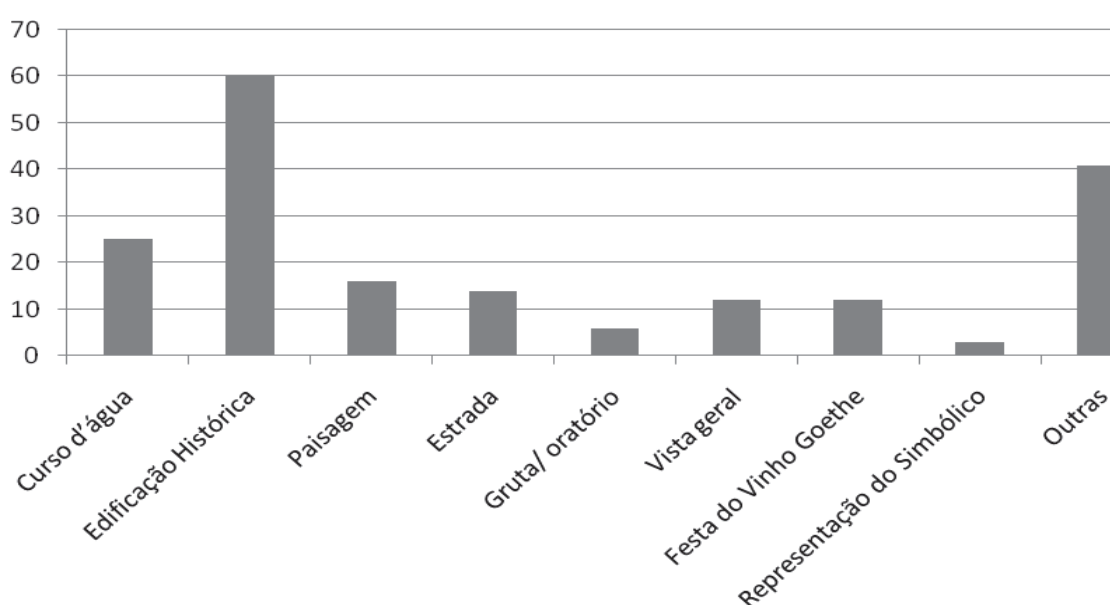
Os números de cena por cada categoria foram classificados, quantificados e analisados. A categoria inicial que mais apresenta cenas publicadas nos *blogs* estudados é a categoria 'Edificação Histórica', com sessenta cenas. Na categoria 'Curso d'água' foram catalogadas vinte e cinco cenas; 'Paisagem' com dezesseis; 'Estrada' com quatorze; 'Vista geral' e 'Festa do Vinho Goethe' com doze; a 'Gruta/Oratório' tem seis e 'Representação do Simbólico' conta com três cenas. Na categoria 'Placa Indicativa' foram catalogadas sete cenas; na 'Tipologia Construtiva Atual' nove cenas; 'Obra de revitalização' e 'Mapa da Rota do Viajante' contam com uma cena cada; 'Mapa da Rota do Imigrante' e 'Mapa Histórico e Iconografia' têm onze cenas cada e 'Hotel Termas da Guarda' apresenta apenas uma cena.

Os conteúdos de algumas dessas categorias iniciais, no entanto, não são de interesse para essa pesquisa. As categorias 'Placa Indicativa', 'Mapa da Rota do Viajante', 'Mapa da Rota do Imigrante', 'Mapa Histórico e Iconografia' são compostas por cenas cujos conteúdos foram editados pelos autores dos *blogs* ou foram inseridas para deixar o conteúdo dos *posts* mais didáticos. As categorias 'Tipologia Construtiva Atual', 'Obras de Revitalização' e 'Hotel Termas da Guarda' também foram criadas apenas para classificar as cenas publicadas nos *blogs* estudados. Essa etapa da pesquisa trata de analisar o conteúdo das cenas registradas da paisagem vista pelos

viajantes a partir do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina e, portanto, os conteúdos destas sete categorias fogem ao escopo dessa pesquisa. Sendo assim, essas sete categorias foram reagrupadas em uma única categoria denominada 'Outras', cujo conteúdo não será analisado.

O gráfico apresentado a seguir revela a **categorização final** resultante e a distribuição de todas as cento e oitenta e nove cenas pelas nove categorias finais:

Gráfico 2: Distribuição das cenas por categoria final.



Fonte: autora.

As oito Categorias Finais analisadas totalizam cento e quarenta e oito cenas (78,30% do total) e a categoria final 'Outras' conta com quarenta e uma cenas (21,70% do total). A interpretação dos registros fotográficos em cada uma das oito Categorias Finais é apresentada no Capítulo 6, item 6.2 | Interpretação dos registros fotográficos e relatos de viajantes na internet.

5.2.3.3 | Conteúdo dos relatos de viajantes na internet

Além dos registros fotográficos, os textos publicados nos *blogs* dos viajantes também foram considerados nessa pesquisa. O objetivo, como dito anteriormente, foi identificar, por meio da linguagem escrita publicada nos *posts*, os elementos naturais e construídos da paisagem

que contribuem para propagar a imagem da região pelos viajantes que a visitam.

As informações escritas pelos autores dos *blogs* pesquisados formam o Apêndice 04. Alguns dos registros textuais das viagens dos *posts* pesquisados são apresentados no Capítulo 6, item 6.2 | Interpretação dos registros fotográficos e relatos de viajantes na internet.

5.2.4 | ETAPA 04: COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS NOS *BLOGS* PESQUISADOS

Além do estudo dos textos e cenas publicados nos *blogs* estudados, os comentários dos internautas aos *posts* também foram considerados nessa pesquisa. Essa etapa tem como objetivo analisar, por meio da linguagem escrita publicada nos *posts*, a percepção dos internautas a partir da visualização das cenas publicadas pelos autores dos *posts* estudados. Apenas os *posts* pesquisados dos *blogs* Alê e Lisi Viajando pelo Sul e Skyscrapercity, de Ice Climber, receberam comentários de internautas.

Os comentários de ambos os *posts* estão registrados no Apêndice 04. Alguns dos comentários dos internautas publicados nos *posts* pesquisados são apresentados no Capítulo 6, item 6.3 | Conteúdo dos comentários de internautas nos *blogs* pesquisados.

5.2.5 | ETAPA 05: COMPARATIVO DA ICONOGRAFIA HISTÓRICA E DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE VIAJANTES NA INTERNET

Esta etapa da pesquisa busca identificar, por meio da comparação entre as duas épocas estudadas, quais os elementos da paisagem que são escolhidos pelos viajantes para representar os locais de estudo.

Para alcançar esses objetivos, foi realizado o cruzamento da iconografia histórica que compõe os Quadros Iconográficos e as cenas publicadas nos *blogs* estudados nesta pesquisa. O objetivo do cruzamento dessas informações é verificar se havia alguma relação entre os conteúdos das cenas publicadas nos *posts* estudados e os conteúdos das cenas apresentadas na iconografia histórica. A sistematização dos dados é descrita a seguir.

5.2.5.1 | Categorização da iconografia histórica e dos registros fotográficos de viajantes na internet

A categorização da iconografia histórica e dos registros fotográficos dos viajantes na internet iniciou-se com o agrupamento das iconografias históricas por temas (ver Apêndice 07). Esta estratégia visa a redução do número das categorias a serem trabalhadas, uma vez que para esta análise não é necessário o mesmo ângulo da cena como realizado nos Quadros Iconográficos. Como resultado, esse agrupamento contemplou o maior número possível de cenas publicadas nos *blogs* estudados. Assim, as **Categorias Iniciais** que, nessa etapa da pesquisa, correspondem cada uma a um Quadro Iconográfico, em um total de doze, foram reduzidas a cinco **Categorias Finais** relativas aos temas de cada cena. As Categorias Finais foram nomeadas com letras e seguem a ordem alfabética – Categoria Final A a E – são diferenciadas pelo conteúdo principal de cada cena e encontram-se descritas no quadro que segue abaixo:

Quadro 39: Agrupamento das Categorias Finais a partir das Categorias Iniciais (Quadros Iconográficos).

Categoria Inicial (Q.I.)	Tema da cena	Categoria Final
n.º 01	Distrito de Azambuja	A
n.º 02	Distrito de Azambuja	A
n.º 03	Distrito de Azambuja	A
n.º 04	Distrito de Azambuja	A
n.º 05	Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações	B
n.º 06	Avenida Arcanjo São Gabriel	C
n.º 07	Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações	B
n.º 08	Avenida Arcanjo São Gabriel	C
n.º 09	Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações	B
n.º 10	Rio Pedras Grandes	D
n.º 11	Ponte da EFDTC	E
n.º 12	Ponte da EFDTC	E

Fonte: autora.

A Categoria Final A, denominada ‘Distrito de Azambuja’, é o resultado do agrupamento dos Quadros Iconográficos n.º 01, n.º 02, n.º 03 e n.º 04. A Categoria Final B, denominada ‘Igreja do Arcanjo

Gabriel e imediações’, consiste no agrupamento dos Quadros Iconográficos n.º 05, n.º 07 e n.º 09. A Categoria Final C, denominada ‘Avenida Arcanjo São Gabriel’, é resultado do agrupamento dos Quadros Iconográficos n.º 06 e n.º 08. A Categoria Final D, denominada ‘Rio Pedras Grandes’, corresponde ao Quadro Iconográfico n.º 10. Por fim, a Categoria Final E, denominada ‘Ponte da EFDTC’, é o resultado do agrupamento dos Quadros Iconográficos n.º 11 e n.º 12.

Terminada a etapa de agrupamento das iconografias históricas por temas, procedeu-se à escolha dos registos fotográficos de viajantes da internet que pudessem ser catalogados dentro da temática de uma das cinco **Categorias Finais** citadas acima. Como resultado, obteve-se trinta e uma cenas, o que corresponde a 16,40% do total dos registos fotográficos de viajantes da internet considerados nessa pesquisa. As Categorias Finais, englobando as iconografias históricas e os registos fotográficos de viajantes da *internet* selecionados e distribuídos pelas diferentes categorias, são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 40: Categorias Finais a partir das Iconografias históricas e dos registos fotográficos de viajantes da *internet*.

Categoria Final	Tema da cena	Iconografia Histórica	Registos Fotográficos
A	Distrito de Azambuja	04	11
B	Avenida Arcanjo São Gabriel	03	04
C	Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações	02	05
D	Rio Pedras Grandes	01	10
E	Ponte da EFDTC	02	01
	TOTAL	12	31

Fonte: autora.

A interpretação dos dados resultante do agrupamento das Categorias Finais é apresentada no Capítulo 6, item 6.4 | Interpretação das iconografias históricas e dos registos fotográficos dos viajantes da *internet*.

5.2.6 | ETAPA 06: ENTREVISTA COM MORADORES

A **Entrevista** é uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitada aos sujeitos entrevistados. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p. 122-123).

Por meio de entrevistas com os moradores, esta etapa de pesquisa tem como objetivo formar a imagem dos núcleos de estudo daqueles que vivenciam a paisagem cotidianamente. O desenvolvimento e a aplicação das entrevistas são descritos a seguir.

5.2.6.1 | Teste piloto das entrevistas

Inicialmente, foi realizado um teste piloto com uma amostra de cinco sujeitos. Os objetivos da aplicação do teste piloto das entrevistas foram: identificar possíveis dificuldades nas respostas, o tempo médio de duração da entrevista e melhorias na aplicação das entrevistas.

A entrevista foi estruturada em um total de doze perguntas abertas e de escolha múltipla. Por se tratar de um teste piloto, as entrevistas ocorreram por telefone com uma duração média de quinze minutos. O tempo médio de resposta foi considerado alto, indicando que havia algumas dificuldades por parte dos entrevistados, principalmente em relação à estrutura da entrevista, o que exigiu da pesquisadora uma reformulação das perguntas.

O resultado do teste piloto foi apresentado no exame de qualificação desta tese e pôde ser melhor avaliado pelos membros da banca. Juntamente com as conclusões obtidas através do teste piloto e das sugestões da banca de qualificação, a entrevista foi reestruturada, e aplicada em sua forma final, conforme será descrito a seguir.

5.2.6.2 | Aplicação das entrevistas com os moradores e amostra de pesquisa

Segundo Minayo (2014, p. 191), a **Entrevista Semiestruturada** consiste em um roteiro para desdobrar os indicadores considerados essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas. Os tópicos devem funcionar apenas como lembretes, devendo, na medida do possível, servir de orientação e guia para o decorrer da interlocução.

As entrevistas foram aplicadas face a face com os moradores e tiveram a duração média de seis minutos. Foram realizadas em outubro de 2014 e a pesquisadora estava acompanhada de identificação estudantil. Antes da entrevista propriamente dita fez-se uma breve explicação da pesquisa, sublinhando a importância de ouvir a opinião dos moradores locais. As entrevistas foram gravadas, transcritas e tratadas por análise de conteúdo.

A determinação do objetivo e a escolha da amostra estão interligadas, por sua vez, ao problema da **representatividade da amostra**. A representatividade do grupo reflete-se na fala do indivíduo, porque tanto o comportamento social como individual obedece a modelos culturais interiorizados, ainda que as expressões pessoais apresentem sempre variações que entram em conflito com as tradições (Lakatos e Marconi, 2007; Minayo, 2014). Conforme dito anteriormente, foram entrevistados um total de seis moradores do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina, escolhidos aleatoriamente: quatro da localidade de Rancho dos Bugres e dois de Azambuja, no município de Pedras Grandes. Embora a pesquisadora tenha sido bem recebida pelos moradores, essa foi a amostra possível dentre os moradores abordados; foram os que aceitaram conceder as entrevistas. A amostra foi aleatória e considerou-se o número de opiniões relevantes e satisfatórias, tendo em vista o critério de **amostragem por saturação das respostas**.

O roteiro da entrevista semiestruturada aplicada nessa pesquisa é apresentado abaixo:

Quadro 41: Roteiro da Entrevista Semiestruturada com moradores.

Entrevista com moradores

Nome:

Idade:

Localidade rural:

Há quantos anos vive aqui?

Contato:

1. Você tem algum lugar favorito dentro desta área? Porquê?
2. Como você descreveria a paisagem do lugar onde você mora?
3. É importante conservar a paisagem do lugar onde você mora? Porquê?
4. Você mudaria alguma coisa na paisagem? Porquê?
5. Você está ciente de quaisquer ameaças ou mudanças na paisagem?
6. Você tem uma panorâmica visual favorita dentro dessa área?

7. O que você pode ver na paisagem que chama a sua atenção?
 8. Você conhece algum folclore, mitos, culinária ou histórias associadas ao município?
 9. Participa de alguma festa, ritual ou pratica algum ofício tradicional?
 10. Acha importante a preservação das edificações históricas?
 11. O que este lugar significa para você?
-

Fonte: autora.

As transcrições das entrevistas estão apresentadas no Apêndice 08.

5.2.6.3 | Observação Direta Extensiva (Análise de Conteúdo)

A **Análise de Conteúdo**, como técnica de tratamento de dados, possui a mesma lógica das metodologias quantitativas, uma vez que busca a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo. Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos no material (Minayo, 2014, p. 308).

Segundo Bardin (2011, p. 42), a análise de conteúdo deve obedecer às categorias de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida: homogêneas; exaustivas (esgotar a totalidade do texto); exclusivas (um mesmo elemento de conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes); objetivas (codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais); adaptadas e pertinentes (adaptadas ao conteúdo e ao objetivo).

Entre as diversas técnicas de análise de conteúdo, a mais antiga e a mais utilizada é por **categoria**. Como já foi visto, ela se baseia na decomposição de um texto em diversos elementos, os quais são classificados e formam agrupamentos análogos. Entre as possibilidades de categorização, a mais utilizada, mais rápida e eficaz, sempre que se aplique a conteúdos diretos (manifestos) e simples, é a análise por temas ou a análise temática. Consiste em isolar num texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira. Geralmente, escolhem-se dois tipos de temas: principais e secundários. O primeiro define o conteúdo da parte analisada de um texto; o

segundo especifica diversos aspectos incluídos no primeiro (RICHARDSON e PERES, 1999, p. 243).

A categorização das entrevistas com os moradores foi nominada com números romanos e é apresentada no quadro abaixo:

Quadro 42: Categorias das entrevistas com os moradores.

Categoria Final	Descrição
I	Lugar favorito
II	Referenciais
III	Conservação da paisagem
IV	Ameaças/ Mudanças da paisagem
V	Preservação do Patrimônio Cultural
VI	Apreço ao lugar
VII	Pontos negativos

Fonte: autora.

A análise de conteúdos das entrevistas realizadas com os moradores é apresentada no Capítulo 6, item 6.5 | Análise de conteúdo das entrevistas com os moradores.

5.3 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente capítulo apresentou os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa a fim de identificar as transformações da paisagem em estudo, bem como identificar a percepção da paisagem dos moradores e dos viajantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Os resultados obtidos serão apresentados no capítulo que segue.

CAPÍTULO 06 | O ESTUDO DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA

Figura 48: Estrada Urussanga – Estação Cocal – Morro da Fumaça, 1950.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!
(Poeminha do contra, Mário Quintana)

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através dos diferentes procedimentos metodológicos apresentados no capítulo anterior. O intuito desta etapa de pesquisa é responder aos objetivos específicos b) Reconhecer as transformações da paisagem em estudo e c) Identificar a percepção da paisagem dos moradores e dos visitantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

6.1 | INTERPRETAÇÃO DOS QUADROS ICONOGRÁFICOS

A interpretação das transformações da paisagem observáveis através do confronto das iconografias históricas e com os registros fotográficos atuais dos doze Quadros Iconográficos (ver Apêndice 03), conforme descrito no Capítulo 5, item 5.2.2 | Etapa 02: Iconografia Histórica, é apresentada a seguir.

6.1.1 | TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DO NÚCLEO HISTÓRICO DE AZAMBUJA

Nas cenas apresentadas pelos **Quadros Iconográficos n.º 01, n.º 02, n.º 03 e n.º 04** pode-se verificar o crescimento da colônia, que era a sede da imigração italiana no sul de Santa Catarina, e a inserção de novas edificações ao comparar as cenas da iconografia histórica entre si. Em uma breve comparação das iconografias históricas dos Quadros Iconográficos n.º 01 e n.º 04 (Figuras 49 e 50, respectivamente), ambas não datadas, é possível perceber o crescimento do núcleo histórico de Azambuja:

Figura 49: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 01, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 50: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 04, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Os Quadros Iconográficos n.º 02 e n.º 03 (Figuras 51 e 52, respectivamente) apresentam cenas da paisagem mais restritas vistas a partir do caminho de acesso à Igreja de São Marcos (PEG036). Nessas cenas, observam-se algumas especificidades do Distrito em estudo relativas à ocupação urbana ou às características arquitetônicas do núcleo histórico, como, por exemplo, a divisão dos lotes urbanos e a iluminação pública. Considerando que a iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 02 é datada de 1948 e não apresenta este elemento na cena, afirma-se que a iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 03 é posterior a esta data.

Figura 51: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 02, 1948.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 52: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 03, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

De modo geral, é possível apontar alguns elementos da paisagem que permanecem nas quatro cenas estudadas. Os elementos naturais, como os morros cobertos pela mata, o rio e as grandes extensões de áreas verdes, e os elementos construídos, como as edificações de interesse apontadas nos Quadros Iconográficos, bem como a malha urbana atual, são os elementos que foram preservados. As transformações são, portanto, representadas pelas dinâmicas da paisagem resultantes do crescimento urbano e de infraestrutura. Esse crescimento acabou por substituir algumas edificações preexistentes, mas contribuiu principalmente para uma maior densidade construtiva do núcleo histórico.

6.1.2 | TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA SEDE DO MUNICÍPIO DE PEDRAS GRANDES

Do mesmo modo, os outros oito Quadros Iconográficos também demonstram as mudanças ocorridas na paisagem da sede do município de Pedras Grandes. Com exceção dos Quadros Iconográficos n.º 05 e n.º 10, o correspondente a 75% da iconografia histórica datada entre as décadas de 1920 e 1970, é possível ver o antigo leito da ferrovia nas cenas estudadas. Nota-se, portanto, a força que a **antiga EFDTC (Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina)** possui na imagem iconográfica da sede do município de Pedras Grandes.

Nos **Quadros Iconográficos n.º 05, n.º 07 e n.º 09** (Figuras 53, 54 e 55, respectivamente), é possível observar cenas da Igreja do Arcanjo São Gabriel, registradas em diferentes ângulos na década de 1960 e 1970. A Igreja do Arcanjo São Gabriel foi construída em 1944 no mesmo local onde existia anteriormente uma igreja de duas torres (observada na iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 10). Não se observa nas três cenas nenhum registro de ampliação ou modificação mais significativa, concluindo que a Igreja da sede do município de Pedras Grandes está consolidada há algumas décadas. No **Quadro Iconográfico n.º 05** (Figura 53), além das permanências apontadas na descrição do Quadro, verifica-se a ocupação dos vazios urbanos que ocorreram, especificamente nessa cena, com a construção de um ponto de ônibus com data de construção desconhecida.

Figura 53: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 05, década de 1960.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Nos **Quadros Iconográficos n.º 07 e n.º 09** (Figuras 54 e 55, respectivamente) vê-se uma cena mais ampla da Igreja Matriz da sede do município com registro do antigo leito da estrada de ferro nas

décadas de 1960 e 1970, respectivamente. A grande modificação em ambas as cenas foi a remoção do antigo leito da EFDTC e a construção do principal eixo viário do município, também conhecido como SC-390, rodovia que faz a ligação entre o sul e o oeste catarinense, passando pela Serra do Rio do Rastro.

Figura 54: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 07, década de 1960.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 55: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 09, década de 1970.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Os **Quadros Iconográficos n.º 06 e n.º 08** (Figuras 56 e 57, respectivamente), apresentam cenas de outros locais da sede do município de Pedras Grandes: a sede do município nas proximidades da Antiga Estação Ferroviária de Pedras Grandes e as proximidades da Igreja do Arcanjo São Gabriel, com o Clube XII de Outubro ao fundo.

No comparativo de ambas as cenas, é possível verificar mudanças drásticas na paisagem. Além da renovação urbanística provocada pela remoção dos trilhos da EFDTC após a enchente de 1974, verifica-se a ocupação dos antigos vazios urbanos, conforme aponta o Quadro Iconográfico n.º 06. Verifica-se também a renovação arquitetônica de grande parte da cena do Quadro Iconográfico n.º 08 através de edificações térreas ou assobradadas de uso residencial ou comercial. Atualmente, o antigo leito da ferrovia transformou-se no principal eixo viário do município, conforme já apontado anteriormente. Das cenas da iconografia histórica, apenas o Clube XII de Outubro (PEG016) resistiu à renovação arquitetônica das últimas décadas.

Figura 56: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 06, 1948.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 57: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 08, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

A iconografia histórica do **Quadro Iconográfico n.º 10** (Figura 58), datada de 1906, mostra a ocupação das margens do Rio Pedras Grandes na sede do município por edificações térreas e assobradas. Algumas dessas edificações mantêm-se preservadas até os dias atuais.

Figura 58: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 10, 1906.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Os **Quadros Iconográficos n.º 11** e **n.º 12** (Figuras 59 e 60, respectivamente) apresentam como cena de iconografia histórica não datada um trecho da linha férrea sobre a ponte no Rio Pedras Grandes, na sede do município. Pode-se notar em ambas a ocupação do núcleo, ainda bastante rarefeito. Embora na fotografia atual a vegetação cubra parte da cena, é possível perceber com mais ênfase as mudanças urbanísticas ocorridas ao longo do tempo, principalmente em função da remoção dos trilhos da estrada de ferro e da substituição pelo eixo

viário atual. A fotografia atual do Quadro Iconográfico n.º 11 registra o remanescente do pilar da antiga ponte da estrada de ferro.

Figura 59: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 11, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 60: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 12, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Sendo assim, o estudo das iconografias históricas selecionadas para esta pesquisa concluiu que houve a manutenção dos elementos naturais, como os morros cobertos pela mata, o rio e as grandes extensões de áreas verdes. No núcleo histórico de Azambuja e na sede do município de Pedras Grandes, as alterações devem-se às dinâmicas da paisagem resultantes do crescimento urbano e das infraestruturas.

Tanto a Igreja de Igreja como a São Marcos (PEG036) e a Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) desempenham forte atração visual na paisagem de Azambuja e da sede de Pedras Grandes, respectivamente. É possível perceber parte do conjunto arquitetônico preservado, com destaque para as edificações de interesse à preservação em ambos os núcleos em estudo. Embora as malhas urbanas originais estejam ainda preservadas, no caso específico da sede do município de Pedras Grandes, a grande modificação deu-se pela substituição da antiga linha férrea da EFDTC pelo principal eixo viário da sede do município. Em ambas nota-se ao longo dos anos a construção de novas edificações de uso residencial e comercial nos vazios urbanos, além da renovação arquitetônica de edificações preexistentes.

6.2 | INTERPRETAÇÃO DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS E RELATOS DE VIAJANTES NA INTERNET

Conforme descrito anteriormente no Capítulo 5, item 5.2.3 | Etapa 03: Registros fotográficos e relatos de viajantes na internet, é apresentada a seguir a análise das oito categorias finais ‘Curso d’água’, ‘Edificação Histórica’, ‘Paisagem’, ‘Estrada’, ‘Gruta/Oratório’, ‘Vista geral’, ‘Festa do Vinho Goethe’ e ‘Representação do Simbólico’.

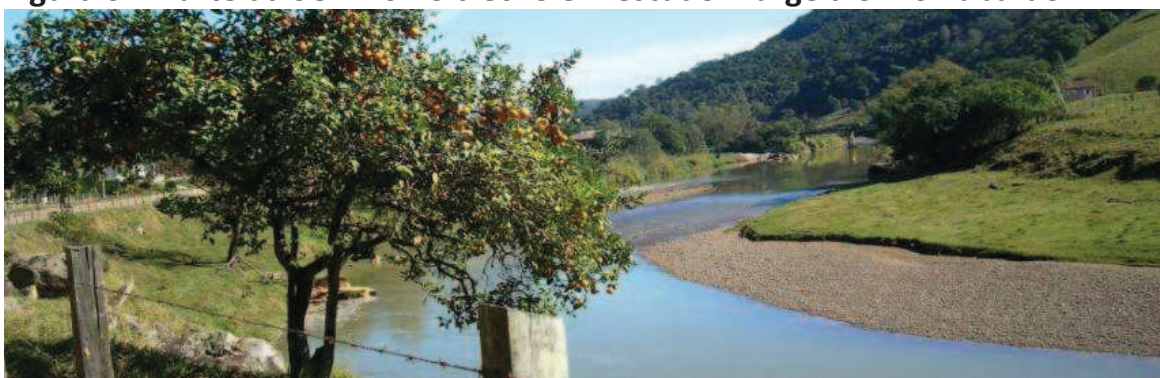
Categoria Final 01: ‘Curso d’água’

Dos cinco *blogs* pesquisados, quatro (Diários dos Caminhos, Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Skyscrapercity, de Ice Climber e Santana Mineração) publicaram cenas dos cursos d’águas que percorrem parte do trecho da estrada em estudo. As vinte e cinco cenas catalogadas na Categoria Final 01: ‘Cursos d’água’ correspondem a 13,22% do total das cenas estudadas.

Grande parte do antigo caminho dos imigrantes segue as margens dos Rios Tubarão e Pedras Grandes, conforme aponta o texto publicado em um dos *blogs* pesquisados:

– *Dirigimo-nos até a BR-101 onde tomamos o rumo sul e, logo após passarmos a ponte sobre o Rio Tubarão, tomamos a direita acessando a SC-440, que margeia o rio, numa bela paisagem* – grifo nosso (*blog* Diários dos Caminhos, de Mauricio Berka, 2015).

Figura 61: Parte da SC-440 no trecho em estudo margeia o Rio Tubarão.



Fonte: BERKA, 2011.

Cenas do Rio Pedras Grandes também foram bastante publicadas nos *blogs* e é possível perceber a existência de pedras em

seu leito – razão da pela qual o município possui esse nome. Também é possível notar a ocupação urbana nas margens do Rio Pedras Grandes na sede do município, conforme demonstram as imagens a seguir:

Figura 62: Ponte sobre o Rio Pedras Grandes, sede do município.



Fonte: BERKA, 2011.

Figura 63: Ocupação urbana às margens o Rio, sede do município.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Verifica-se que os rios são elementos de grande importância na paisagem da região de estudo, ocorrendo ao longo das vias de acesso às localidades rurais, distritos e na sede do município de Pedras Grandes. Os cursos d'água foram elementos decisivos não apenas na ocupação das colônias de imigração, mas também na demarcação dos lotes rurais, como já apontava o relatório do côsul italiano Caruso MacDonald de 1906 sobre a situação das colônias italianas do Sul de Santa Catarina:

As águas, como acenei, são abundantes. Não há lote colonial que não seja atravessado por um rio, um córrego, um regato (...) Veem-se bosques imensos, colinas cultivadas com parreirais, milho, cana de açúcar e frequentemente se ouve: '*... il múrmure di fresche acque cadenti giú per li Verdi trámiti dei monti...*' (MACDONALD, 1983 [1906], p. 151).

Conforme ilustram as Figuras 64 e 65, pode-se notar que ao longo da estrada que segue o curso do Rio Tubarão é possível identificar pequenos núcleos urbanos, como a localidade de Pedrinhas ou a sede do município de Pedras Grandes. Em ambos os registros

fotográficos também é possível identificar a importância das torres da Igreja São Pedro e Santo Antônio (PEG007) e da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), na localidade de Pedrinhas e na sede de Pedras Grandes, respectivamente, como marcos visuais na paisagem.

Figura 64: Localidade de Pedrinhas e Rio Tubarão.



Fonte: MARIOT, 2012.

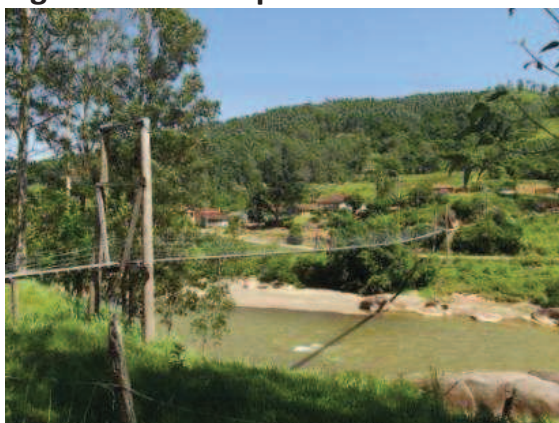
Figura 65: Sede de Pedras Grandes e Rio Tubarão.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Embora o foco dessa categoria seja o registro das cenas dos cursos d'água, não podem deixar de ser identificadas nessas cenas a presença das pontes pênséis. As pontes pênséis são pequenas obras de infraestrutura muito frequentes na região, utilizadas por pedestres na travessia de uma margem do rio à outra, conforme demonstram as figuras abaixo.

Figura 66: Ponte pênsil.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 67: Ponte pênsil.



Fonte: MARIOT, 2012.

Os cursos d'água são, portanto, eixos ao longo dos quais o povoamento foi sendo organizado enquanto espaços de estruturação do território constituído pelas bacias hidrográficas.

Categoria Final 02: Edificação Histórica

A Categoria Final 02: Edificação Histórica foi a que mais apresentou postagem de cenas, correspondendo a 31,74% do total e foram postadas pela totalidade dos cinco *posts* pesquisados. As sessenta cenas catalogadas nesta categoria final apresentam vinte e seis edificações históricas do local de estudo. Trata-se de edificações de uso religioso, institucional, recreativo ou civil situadas nos núcleos urbanos e rurais em estudo ou ao longo do antigo caminho dos imigrantes italianos.

O quadro abaixo apresenta a listagem das edificações publicadas nos *posts* de estudo. Quantificou-se o número de cenas de cada edificação, sendo identificado pela sigla o nome do *blog* que a publicou e, por fim, o número final de repetições de cada uma das edificações listadas. Foi inserido também, quando existente, o código identificador da edificação histórica, caso a mesma conste no inventário realizado pelo IPHAN (ver Anexo 01). Das vinte e seis edificações publicadas nos *posts*, vinte e cinco estão inventariadas pelo IPHAN, o que corresponde a 96,15% do total de edificações históricas publicadas.

Quadro 43: Listagem das edificações históricas registradas nos *posts*.

Edificação	DC	ALVS	GFS	IC	SM	Total
Casa dos Arcos, Bairro Ilhota, Pedras Grandes (PEG011)	01	01			03	05
Igreja do Arcanjo São Gabriel, sede de Pedras Grandes (PEG024)	02	01		01		04
Clube XII de Outubro, sede de Pedras Grandes (PEG016)	01	01		01		03
Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura, sede de Pedras Grandes (PEG017)	01	03		02		06
Vinícola Cadorin, centro de Urussanga (URU002)	01					01
Igreja N. S. da Conceição, centro	01					01

de Urussanga (URU001)					
Antiga Prefeitura, centro de Urussanga (URU005)	01			01	
Casa Fornasa, centro de Urussanga (URU004)	01			01	
Igreja de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes (URU004)		03		03	
Casa Felipe, Azambuja (PEG038)	01		01	02	
Agência dos Correios, Azambuja (PEG034)	01		01	02	
Casa Nono Pedro Genovês (PEG005)	02		01	03	
Casa Malon, Rio Cintra (PEG043)		02		02	
Casa DellaBruna, Rio Cintra (PEG046)		01		01	
Casa do Padre, Azambuja (PEG037)		01	01	02	
Igreja de São Marcos, Azambuja (PEG36)		04	01	05	
Igreja São Xisto, Rio Cintra		03		03	
Junta do Serviço Militar, sede de Pedras Grandes (PEG025)			01	01	
Casa Marcon, sede de Pedras Grandes (PEG013)			01	01	
Casa Taquini, sede de Pedras Grandes (PEG022)			02	01	03
Casa Maziero, Pedras Grandes (PEG028)			01	01	02
Casa Maziero, Azambuja (PEG042)			02		02
Vinícola Felipe, Azambuja (PEG040)			01	01	02
Casa Garbelotto, Azambuja (PEG039)			01		01
Casa Felipe, Azambuja (PEG041)			01		01
Casa Straus, Azambuja (PEG049)			01	02	03
TOTAL					60

Fonte: autora.

Como pode ser observado no quadro acima, nenhuma das edificações listadas foi registrada por todos os *blogs*. No entanto, as

edificações mais postadas foram registradas em três *posts*. As edificações são, pela ordem de número de publicações: Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), com registro de seis cenas; Casa dos Arcos, Bairro Ilhota (PEG011), com cinco cenas; Igreja do Arcanjo São Gabriel, sede de Pedras Grandes (PEG024), com quatro e Clube XII de Outubro (PEG016), com três cenas publicadas. As Figuras abaixo mostram as edificações mais postadas.

Figura 68: Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 69: Casa dos Arcos, Bairro Ilhota (PEG011).



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.

Figura 70: Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes.



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.

Figura 71: Clube XII de Outubro (PEG016), sede de Pedras Grandes.



Fonte: BERKA, 2011.

Das quatro edificações mais registradas nos *posts* nessa categoria final, três estão localizadas na sede de Pedras Grandes: Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), Igreja do

Arcanjo São Gabriel (PEG024) e Clube XII de Outubro (PEG016). A Casa dos Arcos (PEG011) está localizada no Bairro Ilhota, localidade de Pedrinhas, às margens da SC-440. Em relação aos usos, a Antiga Estação Ferroviária (PEG017) possui atualmente o uso institucional, uma vez que abriga a Casa da Cultura. As demais edificações ainda possuem as funções originais: recreativa, no caso do Clube XII de Outubro (PEG016) e religiosa, no caso da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024). A Casa dos Arcos (PEG011) encontra-se atualmente sem uso.

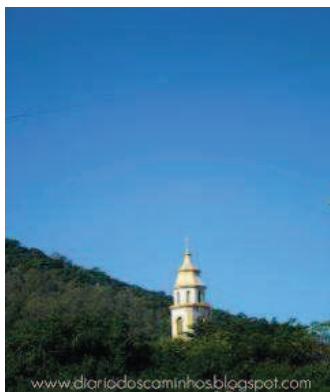
O texto publicado no *blog* de um dos viajantes estudados aponta a importância do conjunto edificado. Especial destaque é dado à Igreja do Arcanjo São Gabriel e à Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), ambas na sede do município de Pedras Grandes:

– Visitamos a Igreja e a rua central que apresenta casarios que dão seu testemunho da importância que tiveram numa época passada, possuindo uma Estação Ferroviária, hoje desativada e transformada em Casa da Cultura – grifo nosso (blog Diários dos Caminhos, 2015).

Ainda a respeito do registro nos *blogs* das edificações de uso religioso, é importante o registro dos marcos visuais representados pelas torres das igrejas dentro do próprio núcleo de ocupação dos imigrantes. As imagens abaixo apresentam quatro cenas postadas que, assim como apontado na Categoria Final 01, reforçam a importância da torre das igrejas como marco da paisagem.

Atenta-se para o fato de que em apenas uma das cenas a torre da Igreja do Arcanjo São Gabriel foi registrada especificamente com o intuito de identificar sua importância na paisagem da sede do município de Pedras Grandes (Figura 72). No entanto, em três das cenas que registravam outras edificações foi possível identificar as torres da Igreja do Arcanjo São Gabriel e da Igreja de São Marcos como elementos marcantes na paisagem da sede de Pedras Grandes (Figura 73) e do Distrito de Azambuja (Figuras 74 e 75), respectivamente.

Figura 72: Torre da Igreja do Arcanjo e São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes.



Fonte: BERKA, 2011.

Figura 73: Casa Taquini (PEG022) e São Gabriel (PEG024), vista da torre da Igreja do Arcanjo e São Gabriel (PEG024).



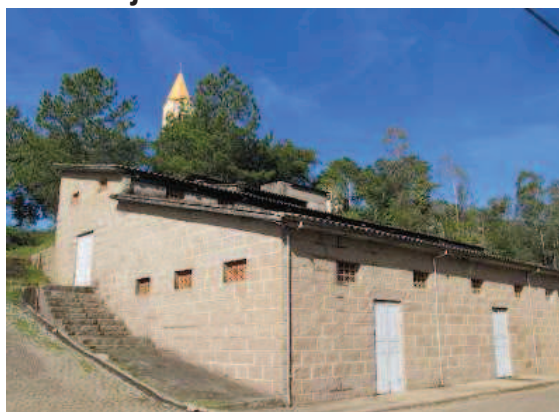
Fonte: SALVAN, 2012.

Figura 74: Vinícola Felipe (PEG040) com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo, Distrito de Azambuja.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 75: Vinícola Felipe (PEG040) com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo, Distrito de Azambuja.



Fonte: SALVAN, 2012.

Categoria Final 03: 'Paisagem Rural'

A Categoria Final 03: 'Paisagem Rural' foi a terceira que mais apresentou registro de cenas postadas em três dos cinco *blogs* estudados. Juntas, as publicações de paisagem rural dos *blogs* Diários dos Caminhos, *Skyscrapercity*, de Ice Climber, e Santana Mineração somam dezesseis cenas, o que corresponde a 8,46% do total de cenas estudadas.

São paisagens nas quais se observa um padrão com relevo de planície a partir da estrada emoldurado pelo relevo acidentado encoberto por vegetação nativa ou alguns vestígios de vegetação

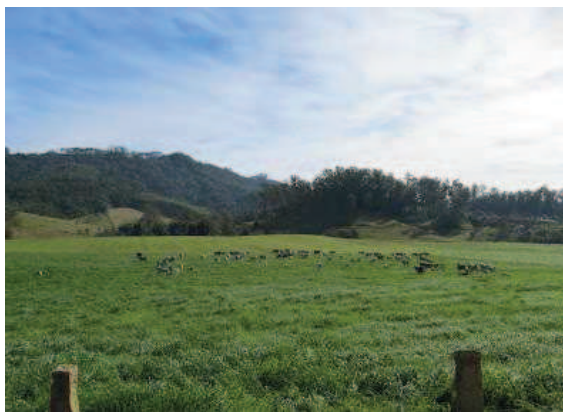
exótica (Figuras 76 e 77). As paisagens produtoras também foram registradas em quatro cenas em um dos *blogs* pesquisados. Em Santa Mineração, Edson João Mariot registra cenas de parreirais, uma de feccularia e um pomar de pessegueiros (Figuras 78 a 81):

Figura 76: Paisagem rural vista da estrada.



Fonte: BERKA, 2011.

Figura 77: Paisagem rural vista da estrada.



Fonte: MARIOT, 2012.

Figura 78: Vista de um parreiral.



Fonte: MARIOT, 2012.

Figura 79: Moderno parreiral.



Fonte: MARIOT, 2012.

Figura 80: Feccularia.



Fonte: MARIOT, 2012.

Figura 81: Pomar de pessegueiros.



Fonte: MARIOT, 2012.

Cabe registrar ainda que a Serra do Rio do Rastro, possível de visualizar do antigo caminho dos imigrantes italianos quando próximo da chegada ao município de Urussanga, representa um grande marco da paisagem e foi registrada em dois *posts*, conforme apresentam as Figuras 82 e 83:

– A determinado momento pudemos ver ao longe, na paisagem, o *paredão da Serra Catarinense* – grifo nosso (blog *Diários dos Caminhos*, 2015).

Figura 82: Vista geral da Serra do Rio do Rastro.



Fonte: MARIOT, 2012.

Figura 83: Vista da Serra do Rio do Rastro.



Fonte: BERKA, 2011.

Categoria Final 04: 'Estrada'

Todos os cinco *blogs* pesquisados apresentam cenas catalogadas na Categoria Final 04: 'Estrada'. Juntas, as postagens totalizam quatorze cenas, o que corresponde a 7,40% das cenas estudadas.

As cenas publicadas nos *posts* nessa categoria, conforme demonstram as Figuras 84 e 85, registram o campo visual do viajante e contribuem para divulgar o padrão da paisagem do local de estudo. São estradas que ora apresentam um campo visual mais amplo, ora mais estreito, e que permitem observar as formas de relevo, vegetação e pequenos núcleos urbanos, como se vê nas Figuras 86 e 87.

Figura 84: Estrada às margens do Rio Tubarão.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 85: Estrada geral de acesso ao município de Pedras Grandes.



Fonte: SALVAN, 2012.

Figura 86: Estrada rural.



Fonte: BERKA, 2011.

Figura 87: Estrada rural.



Fonte: SALVAN, 2012.

As vias de comunicação têm uma clara vocação social. Estão ao serviço da sociedade como elementos estruturais que garantem o crescimento econômico, o desenvolvimento e a estruturação social e cultural dos territórios, e são construídas sobre um meio caracterizado por valores naturais e socioculturais.

A relação entre estrada e paisagem deve estar baseada não somente na efetividade funcional da via, mas também no caráter de cada paisagem, naquilo que o faz exclusivo e diferente dos outros, no que o converte em singular, a maioria das paisagens são comuns, não excepcionais, mas cada paisagem é única e irrepetível e as estradas devem contribuir para diferenciar cada paisagem. (...) A amplitude semântica entre o conceito de

paisagem permite relacionar adequadamente a estrada com a base natural que lhe serve de suporte, com os processos humanos que são elaborados em cada território, com seu apreço social através da integração simbólica e cênica no âmbito por qual discorre e por sua formalização em todos os elementos que a constituem (ECHÁNIZ, 2008, p. 16-17).

Grande parte das estradas na região de estudo foram no passado as vias principais de complexos sistemas sociais e políticos. As estradas são objetos lineares que formam parte da paisagem e podem ser consideradas como mirantes ampliados pelos quais discorrem observadores nos veículos. As estradas também podem ser consideradas elementos que participam da cena pois são vistas por observadores externos e, como tal, participam na percepção do conjunto da paisagem.

Categoria Final 05: 'Gruta/ Oratório'

Dos cinco *blogs* pesquisados, três (Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Genealogia da Família Salvan, Skyscrapercity, de Ice Climber) postaram cenas catalogadas na Categoria Final 05: 'Gruta/ Oratório'. As seis cenas dessa Categoria Final correspondem a 3,17% do total das cenas estudadas.

A Gruta Nossa Senhora da Salete, localizada na sede de Pedras Grandes, foi postada no *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul e o oratório em Azambuja no *blog* Genealogia da Família Salvan e Skyscrapercity, de Ice Climber, conforme apontam as Figuras 88 e 89, respectivamente. Assim como as igrejas, as grutas e os oratórios são bastante representativos da religiosidade dos imigrantes italianos, sendo comum encontrar várias dessas pequenas edificações ao longo dos caminhos e estradas rurais da região.

Figura 88: Gruta Nossa Senhora da Salete, Pedras Grandes.



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.

Figura 89: Oratório no Distrito de Azambuja.



Fonte: SALVAN, 2012.

Categoria Final 06: 'Vista geral'

Dos cinco *blogs* pesquisados, quatro (Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Diários dos Caminhos, Genealogia da Família Salvan e Skyscrapercity, de Ice Climber) apresentam cenas catalogadas na Categoria Final 06: 'Vista geral'. Juntas, as postagens totalizam doze cenas de vistas gerais das localidades de estudo, o que corresponde a 6,34% das cenas estudadas e apresentam vistas gerais da sede de Pedras Grandes e do Distrito de Azambuja, ambas com seis cenas cada.

No *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul, o casal Alessandro Martinello e Lisiane Potrikus Martinello descreve sua impressão a respeito do Distrito de Azambuja:

– Azambuja é uma das comunidades mais antigas da nossa região, com mais de 100 anos de colonização. É muito aconchegante, com muitas casas centenárias de arquitetura italiana. Também é famosa pelo cultivo de uvas e pela produção artesanal de vinhos (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

No *blog* Diários dos Caminhos, Mauricio Berka também aponta algumas características da paisagem do Distrito de Azambuja:

*– Esse distrito (Azambuja) situa-se a dez quilômetros do centro de Pedras Grandes e tem **acesso por uma estrada vicinal bem conservada e com uma paisagem muito bela, ladeada por pequenas propriedades rurais.** A*

Clarice e eu ficamos o tempo todo nos imaginando fazendo uma caminhada por ali com nossos amigos – grifo nosso (blog Diários dos Caminhos, 2015).

Embora relate no *post*, o texto de Mauricio Berka não apresenta nenhuma cena do Distrito de Azambuja. Esses registros foram publicados nos *blogs* Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Genealogia da Família Salvan, Santana Mineração e no *website* Skyscrapercity, de Ice Climber. A cena mais registrada do Distrito de Azambuja corresponde a variações da Figura 90 (cinco do total das seis cenas que registram esse núcleo histórico), na qual é possível visualizar que a Rua São Marcos dá acesso à Igreja de São Marcos (PEG036), implantada em local de destaque na paisagem. A Figura 91 corresponde à vista da torre da mesma igreja vista a partir da estrada rural de acesso ao Distrito com chegada a partir do município de Urussanga.

Figura 90: Distrito de Azambuja e vista da Igreja de São Marcos.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 91: Distrito de Azambuja e vista da torre de Igreja de São Marcos.



Fonte: MARIOT, 2012.

Ainda no *blog* Diários dos Caminhos, Mauricio Berka descreve algumas características da paisagem da estrada e da sede do município de Pedras Grandes:

– A medida que seguíamos a paisagem ficava cada vez mais agradável. (...) Vinte e sete quilômetros depois de termos saído da BR-101 chegamos ao aconchegante município. Com ruas amplas e calmas, Pedras Grandes passa uma sensação de paz – grifo nosso (blog Diários dos Caminhos, 2015).

No *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul, o casal Alessandro Martinello e Lisiane Potrikus Martinello descreve algumas características da sede de Pedras Grandes e aponta alguns fatos históricos:

– Depois de Azambuja, a próxima parada é Pedras Grandes, uma pequena cidade, mas uma das mais charmosas que já visitamos. Localizada no Vale do Rio Tubarão, Pedras Grandes já foi ponto de parada dos tropeiros que faziam a ligação comercial entre os campos de Lages e Tubarão. Fundada em 28 de abril de 1877, com a chegada das primeiras 90 famílias de italianos, a cidade viveu um período de extremo desenvolvimento depois da descoberta das minas de carvão em Lauro Müller e da construção da estrada-de-ferro Dona Thereza Christina, quando foi erguida no município uma estação ferroviária – hoje a Casa da Cultura de Pedras Grandes, transformada em Museu da Cultura Italiana. Foi elevada a distrito em 1.888 e a município em 1.961, quando se desmembrou de Tubarão – grifo nosso (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Ice Climber, do *website* Skyscrapercity, inicia a postagem de suas cenas com um texto que apresenta as características da sede de Pedras Grandes e do Distrito de Azambuja. Vale a pena citar a contextualização com municípios vizinhos e ciclos econômicos realizada pelo autor do *blog*:

– Hoje apresento a vocês Pedras Grandes, município que foi juntamente com Urussanga, berço da colonização italiana em Santa Catarina, mais precisamente na região Sul do estado. Pedras Grandes é bem pequena e espalhada. Passei por apenas duas localidades: o Centro e o bairro de Azambuja (esse especificamente o berço da colonização italiana). No interior do município, explorando as estradas bravias, tem-se muitos resquícios arquitetônicos/culturais da presença italiana aqui (que começou em 1877, na comunidade de Azambuja). A cidade é vizinha a Tubarão, sendo parte da sua "região metropolitana" e muito integrada a ela. Já viveu ciclos econômicos em função do carvão. Boa parte da população fala a língua vêneta, e anualmente celebram-se festas em homenagem aos imigrantes, como a Festa da Uva Goethe (Ice Climber no Skyscrapercity, 2015).

Diferentemente do Distrito de Azambuja, a maior parte dos registros da sede de Pedras Grandes apresentados nos *blogs* estudados – também cinco do total das seis cenas que registram esse núcleo

histórico – foram de vistas gerais da sede de Pedras Grandes, conforme demonstram as Figuras 92 e 93:

Figura 92: Vista geral da sede de Pedras Grandes.



Fonte: ICE CLIMBER, 2015.

Figura 93: Vista geral da sede de Pedras Grandes.



Fonte: MARIOT, 2012.

As Figuras acima, postadas no site Skyscrapercity, de Ice Climber, e no *blog* Santana Mineração, registram a ocupação da sede do município de Pedras Grandes emoldurada pela vegetação. Assim como apontado em Categorias anteriores, em ambas as figuras é possível perceber a Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) com destaque na paisagem, servindo de marco visual de vários ângulos das cenas que registram a sede do município de Pedras Grandes.

Categoria Final 07: 'Festa do Vinho Goethe, 2015'

O *blog* Genealogia da Família Salvan publicou doze cenas da Festa do Vinho Goethe 2015, o que corresponde a 6,34% do total. Em Diários dos Caminhos, Mauricio Berka descreve, porém não registra, as cenas dos preparativos para a VII Edição da Festa do Vinho Goethe, ocorrida no ano de 2011:

– Azambuja é um distrito de Pedras Grandes, terra do vinho Goethe. Ali se realizará nos dias 8, 9 e 10 de julho de 2011 a VII Festa do Vinho Goethe. Os preparativos para a festa estavam "de vento em popa" – grifo nosso (blog Diários dos Caminhos, 2015).

Das trinta cenas que compõem a publicação do *blog* Genealogia da Família Salvan, doze apresentam registros da Festa do Vinho Goethe

ocorrida em 2015 (40% do total das cenas publicadas no *post*). São imagens dos preparativos da Festa em sua maior parte com vistas gerais do Distrito, conforme demonstra a Figura 94, além de duas cenas com um grupo de participantes da Festa do Vinho Goethe (Figura 95).

Figura 94: Festa do Vinho Goethe, Distrito de Azambuja, 2015.



Fonte: SALVAN, 2012.

Figura 95: Festa do Vinho Goethe, Distrito de Azambuja, 2015.



Fonte: SALVAN, 2012.

Assim como descrito na Categoria Final 02: Edificações Históricas, é possível identificar novamente a torre da Igreja de São Marcos (PEG036) como elemento marcante na paisagem do Distrito de Azambuja (Figura 96), conforme demonstra a imagem abaixo:

Figura 96: Torre da Igreja de São Marcos (PEG036).



Fonte: SALVAN, 2012.

Categoria Final 08: 'Representação do simbólico'

Dos cinco *blogs* pesquisados, apenas o *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul apresenta cenas catalogadas na Categoria Final 08:

‘Representação do Simbólico’, que correspondem a 1,58% das cenas estudadas. Trata-se de registros fotográficos que são introduzidos por um pequeno texto a respeito do cemitério da localidade rural de Rancho dos Bugres:

– *Atrás da igreja, como de costume, está o cemitério, onde estão enterrados os Imigrantes Italianos, primeiros habitantes da localidade* – grifo nosso (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Embora o texto se refira ao cemitério propriamente dito, o registro das cenas corresponde a um túmulo e a outro registro fotográfico aproximado desse mesmo túmulo. Conforme aponta a Figura 97, é possível observar o detalhe do artefato ornamental de ferro (observa-se a inscrição *Luigi Bortolusi M 24 giugno 1912 di anni 82*). Estas cenas publicadas reconhecem os primeiros imigrantes italianos que habitaram a localidade, conforme apontado pelo texto do *post*.

Figura 97: Artefato ornamental de ferro, cemitério da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes.



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.

Figura 98: Remanescentes da estrada de ferro, sede de Pedras Grandes.



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.

A Figura 98 também corresponde aos remanescentes da ponte sob os trilhos da EFDTC. Foram incorporadas nessa Categoria Final por serem a representação de um elemento de infraestrutura muito importante para a economia e para a paisagem da região em estudo. Esses remanescentes são, juntamente com a Antiga Estação Ferroviária, os únicos elementos restantes do ciclo econômico do

carvão no município de Pedras Grandes. Este, porém, ao contrário da Antiga Estação Ferroviária foi registrado apenas em um *post* de pesquisa (Alê e Lisi Viajando pelo Sul). Considera-se, portanto, que o registro fotográfico do remanescente da antiga ponte da estrada de ferro representa e reforça o simbolismo desse ciclo econômico na paisagem para os visitantes.

Categoria Final 09: 'Outras'

Como dito anteriormente, a Categoria Final 09: 'Outras' corresponde a 21,69% das cenas publicadas nos *blogs* e é resultado da junção das seis categorias iniciais cujo conteúdo não é de interesse para essa pesquisa ('Placas Indicativas', 'Tipologia Construtiva Atual', 'Obra de Revitalização', 'Mapa da Rota do Viajante', 'Mapa da Rota do Imigrante', 'Mapa Histórico e Iconografia' e 'Hotel Termas da Guarda'), razão pela qual não será analisada.

6.3 | CONTEÚDO DOS COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS NOS BLOGS PESQUISADOS

Os resultados obtidos do estudo da percepção dos internautas a partir da visualização das cenas postadas, conforme descritos no Capítulo 5, item 5.2.4 | Etapa 04: Comentários de internautas nos *blogs* pesquisados, são apresentados a seguir.

6.3.1. | COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS NO POST DE ALÊ E LISI VIAJANDO PELO SUL

O *post* da viagem a Pedras Grandes de Alê e Lisi Viajando pelo Sul recebeu três comentários, quase todos respondidos pelo autor da publicação. O comentário de Rosi aponta a beleza do município de Pedras Grandes, conforme segue abaixo:

– *Achei lindas suas fotos e seu trabalho em divulgar nossa região que é realmente linda* – grifo nosso (comentário de Rosi, 21 de dezembro de 2011).

O segundo comentário, de autoria de ATHOS12, também descreve a paisagem como magnífica. O internauta, que é conhecedor

da cidade, também destaca as tradições culturais italianas do município como religião, gastronomia e festas:

– *Conheço bem essa cidade e sou apaixonado por ela e por suas tradições italianas. Ela cultiva as tradições dos antepassados italianos na religião, gastronomia e festas, é uma paisagem magnífica* – grifo nosso (comentário de ATHOS12, 12 de outubro de 2013).

O outro comentário do *post* de Alê e Lisi Viajando pelo Sul refere-se a um depoimento de um filho de ex-agente ferroviário. Anônimo28 relata ter vivido na Antiga Estação Ferroviária de Pedras Grandes e descreve suas memórias de infância dos tempos áureos do ciclo econômico do carvão na região:

– *Muito legal. Meu pai era agente de estação e moramos aí na estação. Brincava com esse trole no trilho. Depois da enchente meu pai dividiu a casa para uma família desabrigada. Saímos daí em 1976. Hoje eu moro em São Paulo. Legal mesmo. Tudo de bom* (comentário de Anônimo28, 28 de outubro de 2013).

Os relatos escritos no *post* de Alê e Lisi Viajando pelo Sul descrevem uma paisagem magnífica, reconhecem a existência de tradições imateriais vinculadas à imigração italiana e trazem à tona as memórias de infância vividas numa época, o que indica, por parte dos internautas, uma empatia com a paisagem da região em estudo.

6.3.2 | COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS NO *POST* DE ICE CLIMBER NO SKYSCRAPERCITY

O *post* de Ice Climber recebeu doze comentários, quase todos respondidos pelo autor da publicação. A maioria dos comentários refere-se à beleza, tranquilidade e bucolismo do local com destaque ao patrimônio histórico, às paisagens naturais e ao potencial turístico do município de Pedras Grandes. Destacamos aqui alguns dos comentários mais relevantes a seguir.

Em seu comentário, Positronn destaca o potencial turístico, a beleza e a tranquilidade do local:

– Que lugar **lindo e tranquilo**. Certamente o **potencial turístico** pode ser mais aproveitado. As fotos estão muito boas também – grifo nosso (comentário de Positronn, 20 de junho de 2012).

O comentário de Nestòn também aponta para o potencial turístico. Além disso, há um grande registro escrito a respeito do rio e a sensação de amplitude que o mesmo proporciona.

– **Linda região**. A foto 02 ficou muito bacana, super agradável para se ter um sítio por ali. A cidade parece se preocupar com o **rio**, tudo **muito bem cuidado**. Gosto muito do aspecto desses rios mais rasos, rochosos como o da foto 14. É tão agradável andar no meio deles. No meu sítio tem um pequeno pedaço que dá pra fazer isso, mas ele fica num vale, não tem essa mesma sensação de amplitude. Gostei do nome da cidade também, tem **potencial para turismos do tipo hotéis-fazenda, chalés...** Boas fotos, valeu Ice. – grifo nosso (comentário de Nestòn, 20 de junho de 2012).

A beleza, a tranquilidade e o bucolismo também é descrito no comentário de santoalegense, que também destaca os morros e o rio pedregoso:

– **Belíssimo lugar! Muito tranquilo e bucólico**. As **paisagens naturais são lindas**. Destaque para os **morros e esse rio pedregoso** que criam um **ambiente muito agradável**. Valeu por mostrar! – grifo nosso (comentário de santoalegense, 20 de junho de 2012).

Lumpy29 destaca a paisagem natural magnífica e especialmente considera que talvez se trate de *‘um dos locais mais pacatos que já vi nesse site’*. O comentário de Lumpy29 destaca também o patrimônio arquitetônico do imigrante italiano, que teve bastante cenas postadas no *blog*.

– Acho que é um dos **locais mais pacatos** que já vi neste site. Cidadezinha **muito calma**, com **belas casinhas deixadas** pelos imigrantes e ainda conservadas. **Beleza natural magnífica!** Parabéns pelas fotos! – grifo nosso (comentário de lumpy29, 20 de junho de 2012).

Eduardoazul comenta que não apenas a região em estudo, mas todo o interior do estado de Santa Catarina possui paisagens incríveis e bucólicas:

– Que **lugar lindo!!!** Cada vez que vejo fotos do interior de SC me apaixono mais por esse estado repleto de lugares com **paisagens incríveis e bucólicas!** Moraria com prazer nessa cidadezinha! – grifo nosso (comentário de eduardoazul, 21 de junho de 2012).

De modo geral, os comentários aqui apresentados destacam a paisagem do local de estudo. Expressões como ‘*Beleza natural magnífica*’, ‘*Belíssimo lugar*’, ‘*Paisagens naturais são lindas*’, ‘*Linda região*’ e ‘*Lugar lindo*’ foram registradas ao final da postagem. Evidentemente que não apenas as belezas naturais foram destacadas, mas também sensações referentes à beleza do local, classificando-o principalmente como ‘*tranquilo*’, ‘*pacato*’ e ‘*bucólico*’. Os morros, o rio pedregoso e as edificações históricas foram apontados nos comentários dos internautas, bem como foi destacado o potencial turístico do local.

6.4 | INTERPRETAÇÃO DAS ICONOGRAFIAS HISTÓRICAS E DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE VIAJANTES NA INTERNET

Conforme referido anteriormente, esta etapa tem como objetivo confrontar as iconografias históricas e os registros fotográficos de viajantes da internet. Sendo assim, os conteúdos das cenas registradas pelos autores desconhecidos das iconografias históricas foram comparados com os conteúdos dos registros da internet postados pelos autores dos *blogs*. Essa comparação busca entender como a imagem dos núcleos em estudo é difundida por aqueles que a visitaram, tanto nos tempos mais antigos quanto recentemente.

Conforme descrito anteriormente no Capítulo 5, item 5.2.5 | Etapa 05: Comparativo da iconografia histórica e dos registros fotográficos de viajantes na internet, as cinco Categorias Finais apresentadas no Quadro 40 são analisadas a seguir.

Categoria Final A: ‘Distrito de Azambuja’

As iconografias históricas do Quadro Iconográfico n.º 01, n.º 02, n.º 03 e n.º 04 apresentam a ocupação do Distrito de Azambuja. A totalidade das iconografias históricas apresenta como foco principal da cena a Igreja de São Marcos (PEG036). Percebe-se a predominância de

cenar nas quais o elemento natural, como relevo e massa vegetal nativa, se sobressai ao elemento construído, conforme demonstram as figuras abaixo:

Figura 99: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 01, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 100: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 02, 1948.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 101: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 03, 1940.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 102: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 04, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Em relação aos registros fotográficos dos *blogs*, todos os *posts* pesquisados apresentam cenas do núcleo histórico de Azambuja. Onze fotos foram catalogadas nessa Categoria Final, o que corresponde a 35,48% do total de cenas estudadas nessa etapa da pesquisa. Assim como nas iconografias históricas, todos os *blogs* pesquisados publicaram cenas do núcleo de Azambuja e a Igreja de São Marcos aparece como principal marco construído na paisagem em todas as cenas publicadas (Figura 103).

Ainda é possível perceber nos registros fotográficos dos viajantes da internet – 35,48% das cenas estudadas nesta etapa da pesquisa, a predominância de cenas nas quais o elemento construído se sobressai ao elemento natural, como relevo e massa vegetal nativa. Das onze cenas selecionadas dos *blogs* nessa categoria, cinco foram registradas a partir da Rua São Marcos (Figura 104), o que corresponde a 35,48% do total das cenas estudadas.

Figura 103: Núcleo histórico de Azambuja.



Fonte: BERKA, 2011.

Figura 104: Igreja de São Marcos vista da Rua São Marcos.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Quase metade dos registros fotográficos atuais estudados reforçam o forte impacto visual e simbólico que a Igreja de São Marcos exerce na paisagem e na imagem do núcleo histórico de Azambuja para os visitantes.

Categoria Final B: 'Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações'

A Categoria Final B, denominada 'Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações', corresponde aos Quadros Iconográficos n.º 05, n.º 07 e n.º 09. As cenas catalogadas foram registradas por quatro *blogs* estudados (Diários dos Caminhos, Alê e Lisi Viajando pelo Sul, Skyscrapercity, de Ice Climber, e Santana Mineração). Os registros fotográficos de viajantes da internet correspondem a 12,90% das cenas estudadas nessa etapa da pesquisa.

Pode-se concluir que a Igreja do Arcanjo São Gabriel é um dos marcos construtivos da sede do município de Pedras Grandes. Assim como as iconografias históricas dos Quadros Iconográficos n.º 05, n.º 07 e n.º 09 entre as décadas de 60 e 70, as imagens dos *blogs*

demonstram que não houve grandes transformações na Igreja do Arcanjo São Gabriel. No entanto, nota-se a renovação urbana decorrente da substituição dos trilhos da estrada de ferro após a enchente de 1974 pelo leito asfáltico.

Figura 105: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 09, década de 1970.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 106: Vista da Igreja do Arcanjo São Gabriel.



Fonte: MARIOT, 2012.

Categoria Final C: 'Avenida Arcanjo Gabriel'

A Categoria Final denominada 'Avenida Arcanjo Gabriel' apresenta a ocupação urbana às margens do leito da antiga estrada de ferro e corresponde ao traçado da antiga EFDTC (Figuras 107 e 108).

Figura 107: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 06, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 108: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico nº 08, 1920.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Nessa Categoria Final foram catalogados cinco registros fotográficos de Skyscrapercity, de Ice Climber, o que corresponde a 16,12% das cenas estudadas nessa etapa da pesquisa.

As três imagens abaixo registram o principal eixo viário construído no antigo leito da EFDTC.

Figura 109: Avenida Arcanjo Gabriel (antigo leito da EFDTC)



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 110: Avenida Arcanjo Gabriel (antigo leito da EFDTC)



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Figura 111: Avenida Arcanjo Gabriel e Clube XII de Outubro.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006.

Assim como ocorreu antigamente com o antigo leito da EFDTC, a Avenida Arcanjo Gabriel continua desempenhando um papel importante na imagem da sede do município de Pedras Grandes.

Categoria Final D: 'Rio Pedras Grandes'

Na Categoria Final denominada 'Rio Pedras Grandes' foi catalogada uma iconografia histórica correspondente ao Quadro Iconográfico n.º 10. As cenas da Categoria Final D: 'Rio Pedras Grandes' foram registradas em três dos *blogs* estudados (Diários dos Caminhos, Alê e Lisi Viajando pelo Sul e Skyscrapercity, de Ice Climber). Foram catalogados dez registros fotográficos de viajantes da internet, o que corresponde a 32,25% das cenas estudadas.

Na iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 10, datada de 1906, o autor do registro da cena apresenta a ocupação às margens do Rio Pedras Grandes, na sede do município, com edificações

localizadas entre o Rio Pedras Grandes e às margens da estrada de acesso ao Distrito de Azambuja (Figura 112). A cena da Figura 113 registra o Rio Pedras Grandes, a ocupação à sua margem e a estrada que parte da sede do município em direção ao Distrito de Azambuja.

Figura 112: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 10, 1906.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 113: Rio Pedras Grandes.



Fonte: ICE CLIMBER, 2006..

Considera-se, pelo número de registro nos *posts* estudados, que o Rio Pedras Grandes e a ocupação urbana de suas margens são elementos marcantes da paisagem da sede do município de Pedras Grandes.

Categoria Final E: 'Ponte da antiga Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC)'

Nas iconografias históricas dos Quadros Iconográficos n.º 11 e n.º 12, ambas não datadas, as cenas apresentam de ângulos diferentes a ponte da antiga estrada de ferro construída sobre o rio. Essa Categoria Final foi denominada 'Ponte da antiga Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC)' e corresponde ao elemento de infraestrutura do antigo trilho da EFDTC, construído para vencer o Rio Pedras Grandes, na sede do município. Nessa Categoria Final, foi catalogado apenas um registro fotográfico de viajantes da internet, o que corresponde a 3,22% das cenas estudadas nessa etapa da pesquisa.

A primeira cena (Figura 114) registra a antiga ponte da estrada de ferro com o Clube XII de Outubro ao fundo e a segunda cena (Figura

115) também apresenta a ponte da antiga estrada de ferro, porém vista de outro ângulo: mostra a Igreja do Arcanjo São Gabriel e o casario antigo da sede do município. Cabe salientar que estas iconografias históricas não tiveram registros de cenas semelhantes nos *blogs* pesquisados tendo em vista que a ponte da antiga EFDTC foi destruída pela enchente ocorrida em 1974.

Figura 114: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 11, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

Figura 115: Iconografia histórica do Quadro Iconográfico n.º 12, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

A Figura 116 registra o remanescente da ponte da antiga EFDTC e ao lado a atual ligação entre as margens do Rio. Cabe ressaltar que apenas o *blog* de Alê e Lisi Viajando pelo Sul publicou uma cena dos remanescentes da ponte da antiga EFDTC (Figura 135).

Figura 116: Registro atual no mesmo ângulo da cena do Quadro Iconográfico n.º 11.



Fonte: autora, 2015.

Figura 117: Remanescente da ponte da antiga EFDTC



Fonte: MARTINELLO e MARTINELLO, 2015.

Conforme demonstram os registros fotográficos coletados e analisados nessa pesquisa, o remanescente físico do ciclo econômico do carvão na sede do município de Pedras Grandes é representado pela Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017).

6.5 | ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES

O resultado da opinião dos moradores que vivem a paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos cotidianamente é apresentada a seguir.

Categoria Final I: Lugar favorito

Quando questionados a respeito do local favorito na paisagem, metade dos moradores entrevistados apontou o próprio lugar onde residia como favorito (Entrevistados 02, 03 e 05).

– Eu praticamente me criei aqui, mas eu saí daqui uns tempo... Uns 20 anos eu saí daqui... Agora faz 10 anos que eu moro aqui de volta... O que eu vou dizer... Favorito eu acho que é aqui na região mesmo onde eu moro... Aqui eu gosto, lugar bom. Pra mim eu gosto daqui... (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)

– Eu acho que é aqui, né... Eu gosto daqui do Rancho dos Bugres. Aqui é bem tranquilo, lugar bom de morar... (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

– Ah, o meu favorito, o que é que eu vou dizer? É o... O lugar, a gente gosta do lugar aqui. O próprio lugar... Não sei o que eu deveria fazer, né... Mas o próprio lugar a gente gosta, porque a gente tá aqui há 43 anos. Pra mim 'tá bom aqui. É um lugar calmo, é um lugar de respeito, o pessoal tem respeito pelas pessoas, por tudo... Então pra nós aqui 'tá bom, né, assim... (Entrevistado 05: morador de Azambuja)

Dois dos entrevistados citaram outro local que não o de moradia como local favorito: o núcleo histórico de Azambuja e a sede do município de Pedras Grandes.

– E agora... Tem vários lugares, né? Ah! Azambuja porque é bonito... Porque eu nasci lá... (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

– Pedras Grandes. A Sede mesmo, é. Porque... Começou tudo daqui também, né, de Azambuja, começou Pedras Grandes... Só a gente se localiza mais em Pedras Grandes, né? Porque... mas ali é geral, entende como é que é? Não é porque a imigração começou aqui, mas a gente se baseia pelo município, né. (Entrevistado 06: morador de Azambuja)

As imagens a seguir ilustram os núcleos da localidade rural de Rancho dos Bugres, do Distrito de Azambuja e da sede do município de Pedras Grandes, aos quais alguns dos moradores entrevistados se referem nessa Categoria (Figuras 118, 119 e 120, respectivamente):

Figura 118: Localidade de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2013.

Figura 119: Distrito de Azambuja, Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2013.

Figura 120: Sede do município de Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2015.

O fato de ter nascido no local escolhido como favorito, independentemente de ser o de moradia, foi verbalizado por três dos moradores entrevistados (Entrevistados 02, 05 e 06). O fator comum que leva a que os entrevistados elejam esses locais como de preferência foi: a tranquilidade do local onde moram. O adjetivo 'bonito' foi utilizado por um dos entrevistados para justificar a sua escolha ao se referir à localidade de Azambuja. Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 06) escolheu a sede do município de Pedras Grandes por ser um referencial de centralidade dentro do município.

Categoria Final II: Referenciais

Quando abordados a respeito de elementos que marcam a paisagem do lugar onde vivem, os moradores entrevistados apontaram alguns elementos naturais ou construídos de referência. Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 01) citou a estrada e a igreja como elementos construídos da paisagem, assim como apontou elementos naturais como árvores, pássaros, animais e a própria natureza do local:

– Aqui em Rancho dos Bugres? Aqui tem uma estrada geral que vai de Urussanga a Pedras Grandes... E tem o quê? Tem uma igreja, tem natureza, árvores, pássaros, animais, né? (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

Metade dos moradores entrevistados (Entrevistados 02 e 05) apontou o elemento vegetal como grande definidor da paisagem do local onde vivem. Na fala do Entrevistado 02, entendemos que a paisagem que ele descreve se refere à vasta vegetação existente no local. Um dos moradores entrevistados identificou a roça como elemento referencial (Entrevistado 04).

*– Assim, aqui é um lugar alto, lugar bom, **bastante paisagem**, né? Pessoal gente boa... – grifo nosso (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)*

– *O que eu acho que é o diferencial, e agora? Eu gosto muito de roça, mato tem que ter também, mas... Tipo... O resto do Brasil desmatou bastante coisa.* (Entrevistado 04: morador de Rancho dos Bugres)

– *O que é que eu diria... É, é verde né... Sempre foi verde... Sempre... O que é que eu tenho a falar também... Não tem outra coisa, é verde. O que é que é? O lugar da agricultura. É... Sei lá, se posso falar isso, também não sei...* (Entrevistado 05: morador de Azambuja)

Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 06) aponta a paisagem em si como um dos elementos referenciais do local onde vive. Aparecem em sua fala referências às edificações antigas construídas pelos imigrantes e percebe-se também a valorização das origens:

– *A paisagem, né? **A paisagem, as casas antiga, a colonização, pessoas antiga.** É isso que faz do município uma colonização italiana, né? A gente tem que se basear pelos italianos que imigraram aqui, né. Que vieram de lá. Que desmataram, que progrediram, né? É isso que eu acho.* – grifo nosso (Entrevistado 06: morador de Azambuja)

Conforme descreve Santos:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc (SANTOS, 1988, p. 61).

Apenas um dos moradores entrevistados (Entrevistado 03) apontou um outro elemento sensorial (som) e não os referenciais visuais, como a maioria dos moradores entrevistados, e elegeu a ‘falta de barulho’ como diferencial do local:

– *Como que eu diria? É, eu acho... Assim, quem mora na cidade é bastante barulho, né? Por exemplo, aqui é menos barulho... É um lugar bem bom mesmo, sei lá... Eu acho que é isso...* (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

Como verificado, percebe-se pela fala dos moradores entrevistados que o aspecto visual é fator definidor dos referenciais da paisagem. A maioria dos moradores entrevistados destacou os elementos construídos como estrada, igreja e edificações históricas como referencial da paisagem. Os elementos naturais, como árvores, pássaros, animais e vegetação, também foram descritos pelos moradores. Alguns elementos culturais do local em estudo, como as pessoas que colonizaram o local e a roça, o resultado da relação existente entre o grupo do qual faz parte e do meio em que vive também foram apontados em uma das entrevistas. O aspecto sonoro (audição) foi um sentido apontado em apenas uma das entrevistas.

Categoria Final III: Conservação da paisagem

Quando questionados sobre a conservação do local onde vivem, um dos moradores entrevistados (Entrevistado 03) apontou que o local é bastante conservado em relação à água e à vegetação nativa.

*– Olha, eu gosto bastante daqui. Por exemplo, a água aqui... **A água é muito boa aqui, né. Na cidade, a água é bem ruim.** Aqui principalmente a água é que é boa... Os mato aqui a gente gosta bastante. Aqui... Não tem lugar igual aqui... Olha, aqui o que eu olha bastante, tem bastante é açude aqui... O pessoal, né. A água. – grifo nosso (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres).*

Outro morador entrevistado (Entrevistado 01) aponta a volta de pássaros ao local:

*– Pra manter? Pelo menos o que a gente consegue a gente tá mantendo, né? O que é da gente... A natureza, os rios, as águas, nascente... O que a gente pode... **É os pássaros que antigamente não tinha e agora eles vêm perto de casa,** que nem os tucanos, aranquas, os bugios. Eles tão chegando pertinho... Antigamente a gente não via perto... Agora eles estão chegando perto... – grifo nosso (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)*

Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 02) também aponta a vegetação nativa como elemento a ser mantido:

– Bem... Eu acho **as plantas nativa**, as coisa assim né... As plantas nativa é coisa que deveria sempre permanecer. Não tirar... – grifo nosso (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)

Outro morador entrevistado (Entrevistado 04) argumenta que gostaria de poder realizar o reflorestamento de parte de seu lote ou de alguma área degradada. Aponta também o cuidado em alterar as técnicas de plantio para melhor conservação do meio ambiente:

– E aqui a gente não pode mexer mais no mato, tal... Por um lado, eu concordo que tem que ter mato, né. Tem que ter mato... Mas às vezes, por exemplo assim, **eu gostaria talvez de deixar uma área que eu não uso pra tentar reflorestar aquela... Ou pior, uma área que 'tá mais degradada. A gente até faz plantio direto. E 'tá começando a mudar as técnica da gente, acompanhar as novas tecnologias. Mas é isso aí...** – grifo nosso (Entrevistado 04: morador de Rancho dos Bugres).

Dois dos moradores entrevistados (Entrevistados 02 e 04) apontaram o Parque Ecológico de Pedras Grandes⁶⁴ como local de referência da conservação da paisagem:

– Eu acho legal um lugar assim ó aqui... Aqui tem um parque aqui, o parque ecológico eu gosto de às vezes ir ali dar uma volta... O lugar assim, olhar a paisagem... É um lugar legal, eu gosto... (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres).

– Tu conhece o parque ecológico? Lá é bonito... É bonito. Lá tem bastante mato. (Entrevistado 04: morador de Rancho dos Bugres).

Categoria Final IV: Ameaças/ Mudanças da paisagem

Quando abordados a respeito das ameaças à paisagem ou à conservação da natureza do local, todos os moradores apontaram não haver nenhuma ameaça.

⁶⁴ O Parque Ecológico Municipal de Pedras Grandes está localizado em Rancho dos Bugres, a 17km da sede do município. Possui uma extensão de 70.000m² (7hc) e é propriedade da Prefeitura Municipal de Pedras Grandes.

– Olha, ultimamente o pessoal tão preservando bem... Antigamente eles destruíam mais, mas agora a consciência tá pesando... **‘Tão preservando bem mais a natureza.** – grifo nosso (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

– Aqui nesse lugar? Aqui não, **aqui é tudo preservado aqui...** – grifo nosso (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

– Aqui perto não... Aqui as pessoas são mais é... Mais consciente disso, então o pessoal tem agricultura, que é como é normal como antigamente se plantava na agricultura. Todo mundo vive da agricultura, né? **Mas desmatamento grande assim é... Não, não. Não tem, não...** – grifo nosso (Entrevistado 06: morador de Azambuja).

Embora descrito pelos moradores entrevistados como um local livre de mudanças observou-se durante as pesquisas de campo grandes áreas de reflorestamento com inserção de novas espécies vegetais exóticas. Algumas dessas novas inserções vegetais estão localizadas ao longo do antigo caminho dos imigrantes (Figuras 121 e 122).

Durante as pesquisas de campo, foi identificada a existência de áreas degradadas ao longo do antigo caminho dos imigrantes. Desmatamentos, queimadas, escavações desordenadas e as degradações de Áreas de Preservação Permanente (APP). Embora se verifique que existe uma significativa área florestada, há alguns casos em que a vegetação ao longo de rios, nas nascentes, em topos de morros e nas encostas de declividade acentuada não está íntegra.

Figura 121: Plantação de vegetação exótica vista ao longo da estrada.



Fonte: autora, 2015.

Figura 122: Plantação de vegetação exótica vista ao longo da estrada.



Fonte: autora, 2015.

Os desmatamentos, o desenvolvimento de atividades agropecuárias e o crescimento urbano também têm alterado os aspectos da vegetação. De maneira geral, a mata ciliar foi substituída principalmente por áreas de pastagens e agricultura. Além disso, a sede do município de Pedras Grandes, bem como a localidade de Pedrinhas, estão situadas às margens do Rio Tubarão. Na maior parte dos trechos do Rio Tubarão, a mata ciliar foi suprimida, o que constitui um grave problema ambiental com o consequente assoreamento de rios e o risco de inundações.

Figura 123: Áreas de cultivo vistas ao longo da estrada.



Fonte: autora, 2014.

Figura 124: Área de pastagens vistas ao longo da estrada.



Fonte: autora, 2014.

Figura 125: Crescimento urbano às margens do rio, sede de Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2015.

Figura 126: Áreas de cultivo e reflorestamento vistas ao longo da estrada.



Fonte: autora, 2012.

Categoria Final V: Preservação do Patrimônio Cultural

Questionados a respeito da existência de práticas culturais no local, a maior parte dos moradores demonstrou desconhecimento (Entrevistados 01, 02 e 03):

– *Ai, não, não, aqui é difícil... Que eu lembre não tem aqui... Não... Eu não... É... Não, aqui não tem...* – grifo nosso (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

– *Isso... Eu não faço ideia...* – grifo nosso (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)

– *Aqui? Eu não sei muito daqui não...* – grifo nosso (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

Apenas um dos moradores entrevistados (Entrevistado 06) citou a religião e a culinária como elementos que perpetuam as tradições da imigração italiana na localidade em que vive:

– *A minha cultura é italiana, né. Então, meus pais são italiano, meu tataravô veio de lá, da Itália... E a gente cultua essa, como é que eu vou dizer, essa origem, essa comida típica que veio de lá. A gente... Desde os antigos a gente vem cultuando isso, não tem? Em questão de religião... Meus tataravô era tudo católico... Hoje eu sou evangélica porque o mundo mudou muita coisa, né? Mas a gente respeita muito a religião aqui. Aqui, a maioria, a maioria da comunidade é tudo católico, né? Uma porque vieram de lá, cultuaram isso, deram origem a isso também... Então, a gente respeita todas as religiões, né? Mas em questão da comida típica, isso já vem desde lá da Itália, vem vindo pra cá. E a gente... Eu acho que é uma comida saudável também, né? É uma comida saudável. É uma comida que... Como diz o outro, quem já é descendente já gosta mesmo, né? Mas eu gosto, gosto bastante... Não tem porquê... Não troco.* (Entrevistado 06: morador de Azambuja).

Em relação ao patrimônio da imigração, a maior parte dos moradores entrevistados (Entrevistados 01, 03 e 06) apontou a importância da preservação do patrimônio cultural:

– *É importante, pra lembrar é bem importante, né. Só que aqui na nossa comunidade quase não tem assim coisa antiga. Se acabou com o tempo...* (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

– *Eu acho que é, tem que preservar... É bem bom...* (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

– *É importante, porque é nossa história, né? A nossa história da imigração. A nossa descendência, de onde veio, quem fez, quem produziu e ‘tamo aqui até hoje, né? É por causa dessa descendência, né?* (Entrevistado 06: morador de Azambuja).

Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 06) afirma que muitas edificações foram destruídas, como alguns engenhos de açúcar e de farinha. Ao final da fala, o entrevistado aponta que algumas pessoas que preservaram seus engenhos estão satisfeitas com a escolha:

– *Ah, isso aí eu acho importante. É importante, tanto que tão preservando... Antigamente, não preservavam mas agora o que tem, o que sobrou, só que sobrou pouco também. Engenho coisa assim, sobrou pouco... Pra ter a coisa pros mais novo ver o que tinha, né? O meu próprio pai tinha, destruiu... Porque na época não fazia mais engenho de açúcar, coisa assim... Mas eles deixaram cair, tiraram tudo... Porque daí deixaram de... Tinha engenho de farinha também... Não preservaram, caiu... E tem gente que já preservou... Quem preservou ‘tá gostando agora... Muita gente não preservou, daí agora não tem.* (Entrevistado 05: morador de Azambuja).

Outro morador entrevistado (Entrevistado 04) nota que ainda há muita edificação preservada e ainda funcionando, como serrarias, atafonas e engenhos:

– *É... Aqui assim ó... Tem bastante lugar escondido com bastante coisa assim antiga e funcionando, entende? Nós temos engenho lá que funciona... Tem bastante vizinho que se tu procurar direitinho... Eles têm serraria que funciona, têm engenho de cana que funciona, têm atafona que funciona...* (Entrevistado 04: morador de Rancho dos Bugres)

Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 02), apesar de achar importante, revelou que a preservação pode impedir as mudanças e o crescimento das localidades:

– *É! Às vezes, eu acho importante... Mas às vezes eu penso que se fosse mudar, essa história, se mudar... Podia crescer mais as coisas, ter uma mudança, eu acho né? Fica sempre naquilo ali, sempre naquilo ali... Por exemplo, Azambuja aí já faz 150 anos... 'Tá sempre aquilo ali, né? Essas pessoas aí preservam muito as coisa e fica sempre parado, né? Não evolui, né? Não evolui nada... Não é verdade? Olha, que eu não sei se dá... (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres).*

Como apresentado nessa categoria, a grande maioria dos moradores entrevistados é favorável à preservação do patrimônio cultural, em especial ao patrimônio edificado. No entanto, falta mais conhecimento a respeito do patrimônio imaterial existente na localidade, como a culinária e a religiosidade. O fato de que a preservação do patrimônio edificado não impede a mudança ou o crescimento das localidades também carece de maior conhecimento.

Categoria Final VI: Apreço ao lugar

Quando questionados sobre o que o lugar significa para eles, os moradores entrevistados verbalizaram gostar do local onde vivem. Descreveram o lugar como calmo, tranquilo e bom:

– *Eu nasci aqui e isso aqui é muito importante pra mim... Bom, já falei né, é legal. Me dou bem, me sinto bem aqui... É isso aí, né... É a minha casa... – grifo nosso (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)*

– *Olha, como eu já disse... Aqui é um lugar bastante tranquilo. É bom, né aqui assim... A cidade, sei lá... A gente 'tá acostumado no meio do mato. (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)*

– *Ah, eu também gosto... Mato mesmo, tranquilo. Eu conheço quase o Brasil todo... Não achei lugar melhor que aqui, não. Viajei uns 5 anos... Aqui é sossegado, né? A gente ganha menos, mas vive mais tranquilo, né. Vive tranquilo... Eu gosto do lugar, gosto mesmo... Quem mora aqui gosta do lugar. Quem mora aqui não quer sair não... (Entrevistado 04: morador de Rancho dos Bugres)*

– *Esse lugar é... Vou dizer o quê? **Pra mim é um lugar bom...*** – grifo nosso (Entrevistado 05: morador de Azambuja).

– *O que é que é? (...) Eu gosto, gosto muito daqui. Lugar calmo, não tem? Mas assim ó, eu não trocaria... Se eu tenho meu serviço aqui eu não troco pela cidade. Não troco porque... Aqui é um lugar muito assim, como é que eu vou dizer pra ti, é um lugar muito bom de se morar, não tem? (...) **Mas é um lugar muito bom. Eu gosto...*** – grifo nosso (Entrevistado 06: morador de Azambuja).

Um dos moradores entrevistados verbalizou:

– *O que? **Significa tudo, né! O lugar que a gente mora, é o berço da gente, né. Significa...** O que eu posso dizer? **Tudo!*** – grifo nosso (Entrevistado 01: morador de Rancho dos Bugres)

Como visto acima, todos os moradores entrevistados relatam gostar do local onde vivem.

Categoria Final VII: Pontos negativos

Essa Categoria Final apresenta alguns pontos negativos apontados pelos moradores entrevistados. Um deles (Entrevistado 02) indicou a falta de água:

– *Pois bem... Aqui... O único problema que tem aqui... **O pior, é o problema de água. Pode ser esse? A água aqui é mais difícil.** É lugar aqui meio alto e vem de longe, né? Então... O único problema ao prefeito eu diria do local, criar uma SAMAE (Serviço Autônomo Municipal Água e Esgoto) aqui para a comunidade, né? Eu acho muito importante isso aí, é muito importante para esse lugar. É, a questão da água... – grifo nosso (Entrevistado 02: morador de Rancho dos Bugres)*

Um dos moradores entrevistados (Entrevistado 03) mencionou como ponto negativo a existência de mosquitos:

– *Aqui só não é bom os mosquito...* (Entrevistado 03: morador de Rancho dos Bugres)

Em dois relatos, os moradores entrevistados (Entrevistados 05 e 06) relatam o êxodo das gerações mais novas que saem em busca de melhores oportunidades:

– O jovem, a maioria ‘tão saindo porque não tem coisa assim que serve pra eles. Agricultura dá pouco... Daí tem que sair, trabalhar fora. ‘Tão sumindo quase tudo, porque... (Entrevistado 05: morador de Azambuja).

– Quem vive é que sabe... Só troca mesmo quem tem filho que estuda fora... Porque assim ó, o interior ele é lugar mais de agricultura e os filhos vão crescendo, vão estudando, vão saindo fora... Não são os filhos assim que querem mais a agricultura, porque a agricultura ultimamente ‘tá meio em decadência, né... (Entrevistado 06: morador de Azambuja).

Em uma das entrevistas, o morador (Entrevistado 05) referiu a falta de comunicação como um grave ponto negativo do local, inclusive como um dos motivos de êxodo dos jovens.

– Ai, eu acho que por enquanto... Eu acho que... Acho que ‘tá bom também assim né. Pouca coisa tem né... Mas é sempre, vai fazer o quê? Não tem muita coisa a se fazer também aqui, né... Por causa do lugar não tem muita coisa a se fazer... Porque assim ó, pra agricultura ‘tá ruim. Pro nosso lugar assim, pra agricultura... (...) Por exemplo, internet... A gente não tem internet, só via rádio, aqui botaram. Porque... Celular não pega... No caso assim... Aqui não. Aqui não pega. No caso assim, o mais difícil que tem aqui pra nós é isso ali. Que a gente não tem acesso disso ali... Alguma coisa que estraga a linha do telefone... (...) E assim, daí não tem acesso ao celular, não tem acesso a nada... Se a gente tivesse um celular teria acesso a alguma coisa... É saco. Não tem como ligar. Tem que às vezes sair pra fora, ir pra Urussanga pra ligar de lá. E assim, porque aqui é um lugar que isso ali precisaria. Só que não alcança aqui. A banda larga via telefone aqui não vem... Só a discada, mas a discada... Muito lenta não dá. Isso ali teria que mudar. Uma das coisas... A questão de comunicação tem que mudar. Aqui ‘tá difícil. A gente no caso ‘tá aqui porque gosta daqui... Esse lugar é... Vou dizer o quê? Pra mim é um lugar bom... Mas assim, se for pra depender... É por causa da idade. Assim... Mas se não, que eu fosse mais nova eu sairia daqui. Por causa da comunicação, por causa dos borrachudo... (Entrevistado 05: morador de Azambuja).

As reclamações verbalizadas pelos moradores entrevistados demonstram que os mesmos estão, dentro de algumas limitações impostas pelo local, relativamente satisfeitos com o lugar onde vivem.

6.6 | AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM E O CARÁTER DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA

6.6.1 | AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM

Um dos objetivos dessa pesquisa é identificar as transformações e permanências dos elementos naturais e construídos na paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Para isso, foram desenvolvidos os Quadros Iconográficos que serviram para confrontar as iconografias históricas com os registros fotográficos atuais. Os elementos apresentados a seguir foram retirados da etapa 6.1 | Interpretação dos Quadros Iconográficos.

6.6.1.1 | Transformações na paisagem do núcleo histórico de Azambuja

Da análise dos quatro Quadros Iconográficos desenvolvidos do **núcleo histórico de Azambuja** (Quadros Iconográficos n.º 01 a n.º 04) constata-se que:

a) Em relação aos elementos naturais, os **Quadros Iconográficos n.º 01 e n.º 04** – que apresentam uma visão mais ampla do núcleo histórico – mostram que as grandes extensões de áreas verdes, os morros cobertos de mata e o leito do rio, ainda se mantêm preservados na paisagem;

b) Os Quadros Iconográficos n.º 01 e n.º 04 demonstram o crescimento do Distrito de Azambuja, porém a malha urbana original ainda conservada;

c) Em todos os Quadros Iconográficos é possível visualizar parte do conjunto arquitetônico preservado, com destaque para as edificações PEG036, construída em 1914; PEG034, construída em 1904; PEG037, construída em 1944 (ver Anexo 01);

d) Em relação aos elementos construídos, todos os Quadros Iconográficos provam que a Igreja de São Marcos (PEG036) é um local de destaque no núcleo histórico;

e) Todos os Quadros Iconográficos evidenciam que, ao longo dos anos, novas edificações de uso residencial e comercial foram inseridas nos antigos vazios urbanos.

6.6.1.2 | Transformações da paisagem da sede do município de Pedras Grandes

Dos oito Quadros Iconográficos desenvolvidos na **sede do município de Pedras Grandes** (Quadros Iconográficos n.º 05 a n.º 12) verifica-se que:

a) Em relação aos elementos naturais, os Quadros Iconográficos n.º 06, n.º 07, n.º 09, n.º 10, n.º 11 e n.º 12 – que apresentam uma visão mais ampla do núcleo histórico – mostram que os morros cobertos de mata se mantêm preservados na paisagem;

b) Em relação aos elementos construídos, o Quadro Iconográfico n.º 07 evidencia que a Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) ocupa local de destaque no núcleo histórico;

c) Nos Quadros Iconográficos n.º 05, n.º 07, n.º 08, n.º 09, n.º 10, n.º 11 e n.º 12 é possível visualizar parte do conjunto arquitetônico preservado com destaque para as edificações PEG024, construída em 1944; PEG025, construída em 1949; PEG015, construída em 1934; PEG016, construída em 1907; PEG022, construída em 1898; PEG015, construída em 1934 (ver Anexo 01);

d) Nos Quadros Iconográficos n.º 06, n.º 07, n.º 08, n.º 09, n.º 11 e n.º 12, é possível visualizar a renovação urbana ocorrida por meio da substituição da antiga linha férrea da EFDTC pelo principal eixo viário da sede do município, a atual SC-390. Esta rodovia faz a ligação entre o sul e o oeste catarinense, passando pela Serra do Rio do Rastro;

e) No Quadro Iconográfico n.º 10, é possível ver a ocupação das margens do rio por uma série de edificações térreas e assobradadas, tanto na iconografia histórica de 1906, como atualmente;

f) Todos os Quadros Iconográficos evidenciam que, ao longo dos anos, novas edificações de uso residencial e comercial foram

inseridas nos antigos vazios urbanos, além da renovação arquitetônica de edificações preexistentes;

g) Os Quadros Iconográficos n.º 06 e n.º 12 demonstram a importância da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) como marco arquitetônico, uma vez que sua torre sineira é avistada parcialmente de vários locais da sede do município de Pedras Grandes.

Sendo assim, pode-se concluir que os elementos naturais, como as grandes extensões de áreas verdes, os morros cobertos de mata do núcleo de Azambuja e na sede do município de Pedras Grandes, permanecem ao longo dos tempos na paisagem. O destaque das Igrejas de São Marcos, no núcleo de Azambuja, e da Igreja do Arcanjo São Gabriel, na sede do município de Pedras Grandes, ainda se mantém na paisagem. A ocupação urbana às margens do rio na sede do município de Pedras Grandes também é um elemento na paisagem que resiste ao tempo, remontando a 1906. As mudanças na paisagem ocorrem em função da inserção de novas edificações de uso comercial e residencial nos antigos vazios urbanos, além da renovação arquitetônica demonstrada pela substituição de antigas edificações em consequência do crescimento urbano dos locais estudados. A malha urbana, por sua vez, permanece preservada em ambos os locais, assim como exemplares arquitetônicos de interesse à preservação, alguns datados do final do século XIX (ver Anexo 01).

A transformação mais significativa ocorreu na sede do município de Pedras Grandes, após a enchente de 1974. A desativação da linha férrea e a remoção dos trilhos da antiga EFDTC no centro urbano do município fizeram substituir parte de um dos símbolos do ciclo econômico do carvão pelo asfalto. A memória do carvão é preservada atualmente através da Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura, um pequeno fragmento de trilho nas imediações e os remanescentes da infraestrutura da ponte da EFDTC sobre o rio, conforme demonstram as figuras 127 e 128.

Figura 127: Fragmentos de trilho e antiga Estação Ferroviária, sede do município de Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2014.

Figura 128: Remanescentes da infraestrutura da antiga ponte da EFDTC sobre o rio.



Fonte: autora, 2012.

6.6.2 | CONFRONTAMENTO DAS OPINIÕES DE MORADORES, VIAJANTES E INTERNAUTAS

Os elementos que definem o caráter da paisagem em estudo também foram identificados através do cruzamento das opiniões dos moradores entrevistados com os textos publicados pelos viajantes em seus *blogs* na internet e das opiniões dos internautas retirada dos comentários dos *posts*. O objetivo desse cruzamento foi identificar as diferentes percepções dos moradores e visitantes a respeito do local de estudo. De modo geral, a opinião dos moradores e dos viajantes apresenta bastante similaridade.

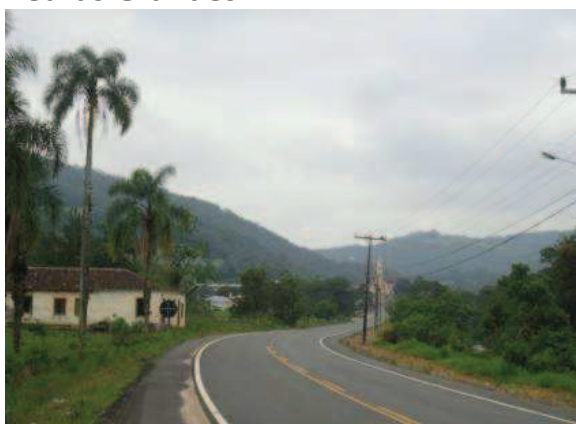
O núcleo histórico de Azambuja e a sede do município de Pedras Grandes foram muito lembrados pelos moradores entrevistados. A escolha dessas localidades como lugar favorito (Categoria Final I), deu-se por ser local de moradia ou de nascimento de alguns deles ou também por representar a centralidade do município, no caso da sede de Pedras Grandes. Esses dois núcleos são ligados pelo antigo caminho dos imigrantes e também foram as localidades com mais cenas postadas nos *blogs* dos viajantes. Assim como em um dos *blogs* pesquisados (Alê e Lisi Viajando pelo Sul e Santana Mineração), a localidade rural de Rancho dos Bugres também foi lembrada por um dos moradores entrevistados (Entrevistado 03). O *post* Genealogia da Família Salvan registra seis cenas da localidade de Rio Cintra, porém nenhum dos moradores verbalizou a localidade em suas falas. O

mesmo ocorre com o *post* de Santana Mineração, que registrou uma cena da localidade de Pedrinhas.

Na Categoria Final II ‘Referenciais’, um dos moradores entrevistados identificou as igrejas e as estradas como elementos da paisagem onde mora (Entrevistado 01). Esses elementos da paisagem também foram bastante registrados pelos viajantes em seus *blogs*. Os elementos naturais como a paisagem, as roças e o ‘verde’ também foram apontados nas entrevistas pelos moradores e foram registrados em cenas postadas pelos autores dos *posts* estudados. Enquanto ‘local da agricultura’, como verbalizou um dos moradores entrevistados (Entrevistado 05), convém salientar que num dos *posts* pesquisados (Santana Mineração) foram publicadas cenas que registram plantações ao longo da antiga estrada dos imigrantes. A fala de um dos moradores (Entrevistado 06) destacou ‘a paisagem, as casas antigas e a colonização’ como referência do local onde mora.

Todos esses elementos também foram registrados nas cenas ou nos textos publicados pelos viajantes nos *posts* estudados e que, por sua vez, deram origem a algumas das Categorias Finais dos registros fotográficos: Categoria Final 02: ‘Edificação Histórica’, Categoria Final 05: ‘Estradas’ e Categoria Final 07: ‘Vista Geral’.

Figura 129: Vista geral da sede de Pedras Grandes.



Fonte: autora, 2015.

Figura 130: Estrada rural seguindo o alinhamento do rio.



Fonte: autora, 2015.

Figura 131: Plantação de uva às margens da estrada.



Fonte: autora, 2015.

Figura 132: Vegetação vista da estrada.



Fonte: autora, 2015.

Em relação à paisagem natural, especificamente os internautas santoalegense e Nestòn também referiram o rio pedregoso e os morros do local em estudo nos comentários do *post* de Ice Climber.

Alguns dos moradores entrevistados (Entrevistados 01 e 03) indicaram a água, sejam os rios ou as nascentes, como elementos a ser conservados na paisagem (Categoria III: ‘Conservação da Paisagem’). Os cursos d’água foram elementos bastante registrados pelos viajantes em seus *posts*, conforme descrito na Categoria Final 01: ‘Curso d’água’. Nessa categoria, foi descrito que quatro dos cinco *blogs* pesquisados possuem registro de cenas em que são visualizados os cursos d’água existentes na região em estudo. Cabe ressaltar que várias localidades rurais e a sede do município de Pedras Grandes estão localizadas às margens dos rios, o que faz com que o rio seja um elemento natural muito presente na paisagem.

Em relação à conservação do local (Categoria Final III ‘Conservação da Paisagem’), dois dos moradores (Entrevistados 02 e 04) indicaram o Parque Ecológico de Pedras Grandes como local de referência de conservação da paisagem. O mesmo não ocorre com os viajantes que registraram seu passeio nos *posts*, uma vez que em nenhum dos cinco *posts* estudados há menção ao Parque Ecológico quer em texto quer em forma de registro fotográfico. O Parque Ecológico já está indicado nas placas de sinalização ao longo do caminho (Figura 133 a 135) e também na sede do município de Pedras Grandes (Figura 136). Embora reativado recentemente, acredita-se que o local tem potencial para ser mais conhecido também pelos visitantes.

Figura 133: Placa de sinalização do Parque Ecológico.



Fonte: autora, 2012.

Figura 134: Placa de sinalização do Parque Ecológico.



Fonte: autora, 2012.

Figura 135: Placa de sinalização do Parque Ecológico.



Fonte: autora, 2012.

Figura 136: Placa de sinalização do Parque Ecológico.



Fonte: autora, 2014.

A preservação do patrimônio cultural (Categoria Final V 'Preservação do Patrimônio Cultural'), apontada como importante pela maioria dos moradores entrevistados, refere-se basicamente ao patrimônio edificado. Os viajantes também registraram muitas cenas de edificações históricas em seus *posts* (Categoria Final 02: 'Edificação Histórica'). Curiosamente, foram também os viajantes que mais relataram as tradições culturais imateriais do local em estudo, como a Festa do Vinho e a religiosidade. Acredita-se que a não verbalização da existência de práticas culturais da imigração italiana na região pela grande maioria dos moradores entrevistados deve-se ao fato de que muitas delas estão verdadeiramente enraizadas no cotidiano das comunidades, e não por simples desconhecimento da existência das práticas culturais. Alguns dos internautas que deixaram seus

comentários nos *posts* dos viajantes mencionaram a importância das tradições italianas do local (comentário de ATHOS em Alê e Lisi Viajando pelo Sul). Religião, gastronomia e festas foram algumas das tradições antigas apontadas pelos internautas em seus comentários.

Na Categoria VI: 'Apreço ao lugar', todos os moradores entrevistados relataram gostar do lugar onde vivem. Dois dos cinco *posts* de viajantes também relataram em seus textos a afeição que sentiram pelo local durante a visita. Alê e Lisi, no *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul, afirmaram que Azambuja é '*uma pequena cidade, uma das mais charmosa que já visitamos*'. Já Maurício Berka, no *blog* Diários de Caminhos, relatou: '*A Clarice e eu ficamos o tempo todo nos imaginando fazendo uma caminhada por ali com nossos amigos*'.

Por fim, na Categoria VII: 'Pontos Negativos', apenas os moradores entrevistados apontaram algumas desvantagens de morar no local. Os viajantes não registraram nenhum ponto negativo do local em estudo. Os moradores apontaram como negativos o êxodo rural, os mosquitos borrachudos e a falta de comunicação e acredita-se que apenas quem vivencia o local diariamente tem condições de perceber essas adversidades.

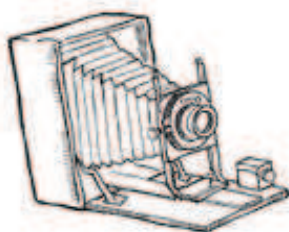
Também pode-se identificar alguns aspectos subjetivos aos quais os moradores entrevistados se referiram para descrever o lugar onde vivem. Adjetivos como tranquilo, bonito e calmo foram verbalizados por alguns dos moradores entrevistados (Entrevistados 01, 03 e 05). Esses aspectos do local também foram reconhecidos pelos internautas que visualizaram as fotos postadas nos *blogs* dos viajantes, tanto no Alê e Lisi Viajando pelo Sul quanto no de Ice Climber. Lindo, tranquilo, pacato, calmo, agradável e bucólico, entre outros, foram os adjetivos utilizados pelos internautas para descrever o local em estudo.

6.6.3 | O CARÁTER DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA

Esta pesquisa utilizou a fotografia e o texto para estudar a percepção da paisagem dos moradores e visitantes do antigo caminho dos imigrantes italianos do sul de Santa Catarina. A partir dos registros fotográficos e dos textos publicados nos *blogs* dos viajantes que percorreram total ou parcialmente o antigo caminho dos imigrantes italianos, foram identificados os elementos naturais e construídos da

paisagem que propagam a imagem da região em estudo pela internet. Por sua vez, os comentários dos internautas registrados no final do *post* também foram considerados nessa pesquisa. Foram ainda realizadas entrevistas com os moradores – cujo conteúdo foi analisado – que tiveram como objetivo identificar a percepção dos moradores do local. O estudo das cenas e textos tanto de viajantes, internautas e moradores contribuiu para identificar o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

Os elementos apresentados a seguir foram retirados de cada uma das etapas apresentadas ao longo desse capítulo, conforme descrito nos itens 6.2 | Interpretação dos registros fotográficos e relatos de viajantes na internet, 6.3. | Conteúdo dos comentários de internautas nos *blogs* pesquisados, 6.4 | Interpretação das iconografias históricas e dos registros fotográficos de viajantes na internet e 6.5 | Análise de conteúdo das entrevistas com os moradores. Sendo assim, foi possível identificar os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.



Iconografia Histórica

- a) Visão geral do núcleo de Azambuja – Categoria Final A: ‘Distrito de Azambuja’;
- b) Igreja de São Marcos tem um forte impacto visual e simbólico na paisagem e na imagem do núcleo histórico de Azambuja para os visitantes – Categoria Final A: ‘Distrito de Azambuja’;
- c) Rua São Marcos, núcleo rural de Azambuja – Categoria Final A: ‘Distrito de Azambuja’;
- d) Predominância do elemento construído nos registros fotográficos do núcleo de Azambuja – Categoria Final A: ‘Distrito de Azambuja’;
- e) Igreja do Arcanjo São Gabriel em destaque na paisagem, sede do município de Pedras Grandes – Categoria Final B: ‘Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações’;

f) Antigo trilho do trem da EFDTC, na sede do município de Pedras Grandes – Categoria Final C: ‘Avenida Arcanjo São Gabriel’;

g) Simbolismo da antiga EFDTC na imagem iconográfica da sede do município de Pedras Grandes – Categoria Final C: ‘Avenida Arcanjo Gabriel’;

h) Renovação arquitetônica da sede do município de Pedras Grandes – Categoria Final B: ‘Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações’, Categoria Final C: ‘Avenida Arcanjo Gabriel’;

i) Rio Pedras Grandes e ocupação urbana nas suas margens – Categoria Final D: ‘Rio Pedras Grandes’;

j) Infraestrutura da antiga EFDTC (ponte sobre o Rio Pedras Grandes) – Categoria Final E: ‘Ponte da antiga Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC)’;



Viajantes na internet

a) Cursos d’água e ponte pênsil – Categoria Final 01: ‘Cursos d’água’);

b) Referencial da paisagem representado pela Serra do Rio do Rastro (antigo caminho de tropeiros que ligava a serra ao litoral) – Categoria Final 03: Paisagem rural;

c) Paisagem natural vista a partir da estrada – Categoria Final 03: Paisagem rural;

d) Atividades produtoras: parreirais, feculares, pessegueiros – Categoria Final 03: Paisagem rural;

e) Patrimônio edificado registrado pelos *posts* correspondendo à listagem de edificações apontadas no inventário do IPHAN de 2008 (ver Anexo 01) – Categoria Final 02: Edificação Histórica;

f) Estradas rurais e urbanas como elemento da paisagem e como meio de visualização da paisagem – Categoria Final 04: ‘Estrada’;

g) Destaque para as edificações da Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), Clube XII de Outubro (PEG016) e Casa dos Arcos (PEG011) – Categoria Final 02: ‘Edificação Histórica’;

h) Núcleos históricos: Rancho dos Bugres, Rio Cintra, Azambuja e sede do município de Pedras Grandes – Categoria Final 01: ‘Cursos d’água’, Categoria Final 02: ‘Edificação Histórica’,

i) Igrejas como elemento visual da paisagem – Categoria Final 01: ‘Cursos d’água’, Categoria Final 02: ‘Edificação Histórica’, Categoria Final 06: ‘Vista Geral’; Categoria Final 07: ‘Festa do Vinho Goethe’;

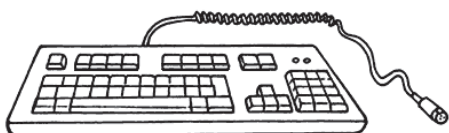
j) Rua São Marcos, núcleo rural de Azambuja – Categoria Final 06: ‘Vista Geral’;

k) Religiosidade do imigrante italiano – Categoria Final 05: ‘Gruta/ Oratório’;

l) Festa do Vinho Goethe – Categoria Final 08: ‘Festa do Vinho Goethe, 2015’ – e produção artesanal de vinhos e uvas – Categoria Final 07: ‘Vista Geral’;

m) Cemitério da localidade de Rancho dos Bugres – Categoria Final 08: ‘Representação do simbólico’;

n) Remanescentes da ponte da ponte sob os trilhos da antiga EFDTC – Categoria Final 08: ‘Representação do simbólico’;



Comentários da internet

a) Simpatia pelo local: discurso que enaltece as qualidades e/ou atributos visuais e sensoriais da paisagem natural em estudo;

b) Valorização das tradições culturais/ imateriais da imigração italiana: religião, gastronomia e festas;

c) Memórias do ciclo econômico do carvão;

d) Discurso que evidencia o potencial turístico do local em estudo;

e) Discurso de valorização do patrimônio edificado;

f) Destaque na descrição do rio e dos morros na paisagem;



Entrevista com os moradores

a) Preferência pelos núcleos rurais de Rancho dos Bugres, Azambuja e pela sede do município de Pedras Grandes, tendo em vista a tranquilidade do local ou a centralidade no município – Categoria Final I: ‘Lugar favorito’;

b) Referenciais naturais (árvores, pássaros, animais e vegetação), construídos (estrada, igreja, edificações históricas), culturais (roça e colonização) e sonoro (ausência de barulho) – Categoria Final II: ‘Referenciais’;

c) Conservação das águas (rios e nascentes), vegetação e plantas nativas e pássaros – Categoria Final III: ‘Conservação da paisagem’;

d) Alteração das técnicas de plantio para melhor conservação do meio ambiente – Categoria Final III: ‘Conservação da paisagem’;

e) Parque Ecológico de Pedras Grandes como local de referência da conservação da paisagem – Categoria Final III: ‘Conservação da paisagem’;

f) Parque Ecológico Municipal de Pedras Grandes – Categoria Final III: ‘Conservação da paisagem’;

g) Os moradores consideraram o lugar livre de ameaças e mudanças da paisagem – Categoria Final IV: Ameaças/ Mudanças;

h) Poucos moradores demonstraram conhecimento das práticas culturais do local onde moram. Foram citadas a religião e a culinária – Categoria Final V: Preservação do Patrimônio Cultural;

i) Importância da preservação do patrimônio cultural e descrição da existência de algumas edificações como atafonas, serrarias e engenhos ainda em funcionamento – Categoria Final V: Preservação do Patrimônio Cultural;

j) Moradores consideraram o local calmo, tranquilo e bom – Categoria Final VI: Apreço ao lugar;

k) Falta de água, êxodo rural, principalmente das gerações mais novas, falta de sinal de telefonia móvel e a existência de mosquitos borrachudos como pontos negativos do local onde vivem – Categoria Final VII: Pontos negativos.

Considerando a amostra utilizada nessa pesquisa (informações obtidas a partir dos registros fotográficos e dos textos coletados nos *blogs* dos viajantes, das entrevistas realizadas com moradores e dos comentários dos internautas nos *posts* de estudo), seguem abaixo os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes no sul de Santa Catarina, considerando o estudo da percepção de viajantes, internautas e moradores:

NÚCLEOS HISTÓRICOS E REFERENCIAIS CONSTRUÍDOS DA PAISAGEM

- a) Vista geral do núcleo de Rancho dos Bugres, Azambuja e sede do município de Pedras Grandes.
- b) Forte impacto visual e simbólico na paisagem representado pelas torres sineiras das igrejas no núcleo histórico de Azambuja e da sede do município de Pedras Grandes.
- c) Rua São Marcos, núcleo rural de Azambuja.
- d) Patrimônio edificado.
- e) Estradas como elemento da paisagem e como meio de visualização da paisagem.

CICLO ECONÔMICO DO CARVÃO

- a) Antigo trilho do trem da EFDTC na sede do município de Pedras Grandes.
- b) Remanescentes da ponte sob os trilhos da antiga EFDTC
- c) Registro do ciclo econômico do carvão materializado pela antiga Estação Ferroviária, atual casa da Cultura, na sede do município de Pedras Grandes.
- d) Memórias do ciclo econômico do carvão por aqueles que o vivenciaram.

PAISAGEM NATURAL

- a) Cursos d'água e ponte pênsil (Figura 137).
- b) Serra do Rio do Rastro – antigo caminho de tropeiros que ligava a serra ao litoral (Figura 138).

- c) Conjunto de elementos naturais (Figura 139).
- d) Parque Ecológico Municipal de Pedras Grandes.

Figura 137: Vista do Rio Tubarão.



Fonte: autora, 2015.

Figura 138: Serra do Rio do Rastro.



Fonte: autora, 2012.

Figura 139: Paisagem natural às margens do antigo caminho dos imigrantes.



Fonte: autora, 2012.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

- a) Festa do Vinho Goethe e produção artesanal de vinhos e uvas.
- b) Cemitério.
- c) Religiosidade do imigrante italiano.
- d) Atividades produtivas: parreirais, feccularias, pessegueiros (Figuras 140 e 141).

Figura 140: Parreiral à beira da estrada.



Fonte: autora, 2011.

Figura 141: Parreiral à beira da estrada.



Fonte: autora, 2015.

6.7 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente capítulo buscou apontar os elementos que identificam o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Os procedimentos de pesquisa descritos e aplicados identificaram alguns elementos da paisagem dos núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem, do ciclo econômico do carvão, da paisagem natural e do patrimônio imaterial que podem ser considerados, dentro da amostra utilizada nessa pesquisa, os elementos que formam o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina.

CAPÍTULO 07 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 142: Foto sem identificação, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Infelizmente
Não iremos ao fim da estrada
Eu bem sei que estás cansada
E eu também cansei
(Fim da estrada, Cartola)

Nesse capítulo são apresentadas as conclusões finais do trabalho, a partir das abordagens teóricas e dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Ao final são apresentadas algumas recomendações para pesquisas futuras.

7.1 | DAS ABORDAGENS TEÓRICAS DA PESQUISA E DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto original da tese intitulado 'Paisagem de Estradas Históricas: Identificação, Caracterização e Avaliação da Paisagem Cultural do Caminho Azambuja – Urussanga, sul de Santa Catarina' sofreu algumas alterações desde o início da pesquisa do Doutorado, em meados de junho de 2011. Tais alterações ocorreram, sobretudo, como consequência da busca de um aporte teórico e metodológico que sustentasse conceitualmente a pesquisa, mas, sobretudo, da construção de procedimentos metodológicos que, além do rigor científico, fossem reconhecidos também pela sua aplicação prática. A maior mudança, no entanto, ocorreu após a banca de qualificação, tendo em conta as considerações e sugestões de recorte da pesquisa. Decidiu-se então reconhecer os elementos que identificam o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina sob o viés da percepção dos moradores e dos viajantes do local em estudo.

As estradas históricas são estruturadoras da paisagem marcada pela alternância entre áreas de ocupações recentes e antigas, rurais e urbanas, vistas através da associação de formas culturais e naturais experimentadas por aqueles que nelas vivem e por ela transitam. Nas regiões de imigração do estado de Santa Catarina, as estradas são o eixo da colonização e possibilitam identificar sobreposições das diversas camadas do tempo que marcam a ação humana sobre os territórios.

Sendo a paisagem tema de diferentes disciplinas, foi necessário, inicialmente, libertar-se da polissemia conceitual que envolve o tema. Ciente de que a utilização de uma abordagem em detrimento de outra poderia levar a diferentes conclusões sobre um mesmo objeto, partiu-se então para a construção de um conceito de paisagem.

Com base no **Capítulo 02 | Aporte teórico**, uma definição de paisagem é construída com a ajuda dos estudos da Geografia. Essa foi a

ciência que, ao longo do tempo, mais se dedicou a estudar a paisagem como um conceito e é capaz de fornecer unidade e identidade num contexto de afirmação da disciplina. Um subcampo da disciplina foi estudado em maior profundidade nessa pesquisa: a Geografia Cultural, que emergiu no final do século XIX e ganhou novas ampliações temáticas durante o último quartel do século XX, cujos temas estavam relacionados tanto com a materialidade da cultura quanto com os aspectos não materiais. No âmbito da preservação do patrimônio cultural, a paisagem cultural discutida e estudada pela Geografia originou a adoção do conceito pela UNESCO, em 1992. Fica claro que a definição das categorias de inscrição de sítios na lista do patrimônio mundial buscou englobar diferentes correntes do pensamento geográfico. Em uma escala menor, no âmbito da União Europeia, surge a CEP. A CEP não seleciona paisagens específicas por seu valor cultural a fim de que se tornem cada vez mais prestigiadas, mas conhece e qualifica todas as paisagens de forma a planejar uma melhor gestão através de políticas públicas comuns. No Brasil, a Carta de Bagé, de 2007, e a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira, de 2009, surgiram para impulsionar a discussão, a conceituação e o estabelecimento de procedimentos para a preservação da paisagem cultural no país. Todas as estratégias estudadas ao longo do Capítulo se diferenciam, tanto pela abordagem quanto pela escala de abrangência. Sendo comum a todas, estabeleceu-se que a componente cultural é o fator que melhor identifica as paisagens como produto e expressão da presença humana no território.

A riqueza da definição conceitual da paisagem ainda é demonstrada no **Capítulo 03 | Avaliação do caráter da paisagem**, onde são apresentadas as contribuições dos estudos de vários países europeus. Destacam-se os autores e as organizações que forneceram subsídios norteadores do método proposto nesse estudo: Swanwick (2002a), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006), que forneceram preciosas contribuições na construção de um roteiro metodológico para a avaliação do caráter da paisagem. Do estudo sistematizado dos autores apontados, destaca-se o conceito de caráter da paisagem, entendido como um padrão distinto e reconhecível de elementos que ocorre de forma consistente e sistemática num determinado tipo de paisagem. A crescente relevância desse conceito fornece atribuições cada vez mais importantes no

estudo da avaliação da paisagem, assim como a importância da caracterização da paisagem histórica. A avaliação do caráter da paisagem reúne informações relativas ao ambiente físico, natural e histórico e permite uma abordagem mais integrada para auxiliar o planejamento e a gestão das paisagens. A partir das definições do aporte teórico e seguindo a linha mestra resultante dos procedimentos teóricos e práticos traçados a partir do estudo de Swanwick (2002a), *Council of Europe* (2008), *Council of Europe* (2000) e Nogué e Sala (2006), outros estudos foram inseridos para enriquecer a construção do roteiro metodológico proposto. Tratando-se a paisagem de um tema tão complexo, a ponto de não haver um método reconhecido universalmente para estudar, identificar e avaliar as paisagens e sua diversidade, foram utilizados também os estudos da Junta de Andalúcia, 2011 e 2012, Fairclough e Macinnes, 2002; Went e Dyson-Bruce, 2003; Clark, Darlington e Fairclough, 2004; McClelland et al, 1999; Zotano e Chueca, 2010; Lampton, 2007; Venegas Moreno e Rodríguez Rodríguez, 1999; Molina e Pèlachs, 2013; Statham, 2011 e Pérez et al, 2007-2013.

O **Capítulo 04 | A ocupação do sul de Santa Catarina pelo imigrante italiano e os Vales da Uva Goethe** apresenta o recorte do objeto de estudo. No capítulo, é apresentada uma pesquisa histórica do processo de ocupação do território do sul de Santa Catarina desde 1773 com a abertura dos caminhos por tropeiros até a chegada dos imigrantes italianos em 1877, que determinou definitivamente os traços econômicos e culturais da região sul do estado. Ao final dá-se destaque aos **Vales da Uva Goethe**, região que recebeu a primeira Indicação Geográfica do Estado de Santa Catarina no ano de 2012. A produção de uvas e vinhos Goethe apresenta uma qualidade única em função de recursos naturais como: solo, vegetação, clima e saber fazer (*know-how* ou *savoir-faire*).

O **Capítulo 05** descreve os **Procedimentos de pesquisa** utilizados para identificar as transformações da paisagem e os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina, que são apresentados no **Capítulo 06 | O estudo da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina**. Para isso, foram consideradas as iconografias históricas que buscaram identificar os elementos que registraram as transformações da paisagem. Outros procedimentos utilizados foram:

as entrevistas com os moradores, tratadas por análise de conteúdo, bem como o estudo dos registros fotográficos e textos publicados pelos viajantes e internautas. Como transformação da paisagem, foi identificada a remoção dos trilhos da antiga EFDTC na sede do município de Pedras Grandes. Como elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina foram identificados os núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem, o ciclo econômico do carvão, a paisagem natural e o patrimônio imaterial.

7.2 | DO ALCANCE DOS OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como objetivo principal reconhecer os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Para isso, alguns objetivos específicos foram traçados, conforme explicitado no item 1.5.2 | Objetivos Específicos.

O primeiro objetivo específico **a) Sistematizar metodologias de avaliação do caráter da paisagem a partir do exemplo britânico e espanhol com base na CEP** está apresentado no Capítulo 03 | Avaliação do caráter da paisagem. Foram estudados alguns manuais e guias de paisagem britânicos e espanhóis a fim de estruturar uma proposta metodológica para a avaliação do caráter da paisagem. Esses estudos, como dito anteriormente, resultaram em uma proposta de roteiro metodológico de estudo da paisagem, conforme descrito no item 3.2 | Etapas de procedimentos da avaliação do caráter da paisagem. Acredita-se que, para intervir de forma equilibrada sobre a paisagem, é necessário antes de tudo conhecê-la, a fim de assegurar um desenvolvimento harmonioso. Assim, o enfoque da avaliação da paisagem deve centrar-se na identificação das características que determinam o seu caráter, implicando, desta forma, a leitura dos fenômenos presentes e o reconhecimento da sua capacidade narrativa.

O segundo objetivo específico **b) Reconhecer as transformações da paisagem em estudo** foi atingido através do desenvolvimento dos Quadros Iconográficos. Por meio da confrontação da iconografia histórica com os registros fotográficos atuais, obteve-se como resultado as permanências e mudanças da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Foram desenvolvidos

doze Quadros Iconográficos, selecionados a partir de uma amostra possível de iconografias históricas. As transformações da paisagem em estudo resultaram da análise dos quatro Quadros Iconográficos do núcleo histórico do Azambuja (Quadros Iconográficos n.º 01 a n.º 04) e dos oito Quadros Iconográficos da sede do município de Pedras Grandes (Quadros Iconográficos n.º 05 a n.º 12). Como resultado, concluiu-se que os elementos naturais do núcleo de Azambuja e da sede do município de Pedras Grandes permaneceram preservados ao longo do tempo na paisagem. É de notar o destaque que as Igrejas de São Marcos e do Arcanjo São Gabriel, assim como a ocupação das margens do rio na sede do município de Pedras Grandes, receberam. A transformação mais significativa na paisagem ocorreu em função da remoção dos trilhos da antiga EFDT na sede do município de Pedras Grandes.

Por fim, o terceiro objetivo específico **c) Identificar a percepção da paisagem dos moradores e dos visitantes do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina** foi realizado por meio de entrevistas com os moradores (tratadas por análise de conteúdo) e do estudo de registros fotográficos e textos publicados por viajantes em seus *blogs* pessoais, bem como os comentários dos internautas aos mesmos. Desse estudo, foram identificados os elementos que constituem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina: os núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem, o ciclo econômico do carvão, a paisagem natural e o patrimônio imaterial.

Como consequência, o título que dá nome ao trabalho faz uma alusão aos procedimentos de pesquisa utilizados. O termo **Foto-grafia** é utilizado como resultado do estudo da iconografia histórica, dos registros fotográficos e dos textos escritos e transcritos a respeito da paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Considera-se, portanto, que essa pesquisa alcançou os objetivos traçados inicialmente.

7.3 | O CARÁTER DA PAISAGEM DO ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES

Por meio dessa pesquisa foi possível reconhecer os elementos que definem o caráter da paisagem do antigo caminho dos imigrantes

italianos no sul de Santa Catarina, identificados a partir da ótica de moradores e visitantes. Da percepção dos sujeitos da amostra foram reconhecidos como elementos definidores do caráter da paisagem em estudo os núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem, o ciclo econômico do carvão, a paisagem natural e o patrimônio imaterial.

Dos **núcleos históricos e referenciais construídos da paisagem**, destacam-se a vista geral do núcleo de Rancho dos Bugres, Azambuja e sede do município de Pedras Grandes. O forte impacto visual e simbólico representado pelas torres sineiras e pelas igrejas no núcleo histórico de Azambuja e da sede do município de Pedras Grandes e pela Rua São Marcos, localizada no núcleo rural de Azambuja, também foi devidamente registrada. As relações sociais, o comércio, os serviços e as edificações de uso civis foram, em todas as comunidades rurais de imigração, construídas ao redor de uma igreja. Sendo assim, a religiosidade do imigrante acaba por resultar em referenciais visuais e simbólicos representados pelas torres sineiras e pelas próprias igrejas construídas em local de destaque. A própria estrada do antigo caminho dos imigrantes – na qual alguns trechos encontram-se ora asfaltados, ora revestidos de paralelepípedos, mas cuja maior parte é em chão batido – também é um elemento que caracteriza o caráter da paisagem em estudo.

Pode-se considerar que o patrimônio edificado, construído ainda no final do século XIX quando da chegada dos primeiros imigrantes italianos, também contribui para definir o caráter da paisagem. A preservação deste patrimônio sem similares em todo o estado de Santa Catarina teve início com um inventário realizado na década de 1980 pela FCC, conforme demonstra as Figuras 3 a 5, e por um inventário do IPHAN realizado em 2008, conforme apresentado no Anexo 01. Das edificações localizadas no antigo caminho dos imigrantes italianos, três encontram-se tombadas a nível estadual pela FCC: Casa dos Arcos (PEG011), Casa Mazieiro (PEG042) e Casa Straus (PEG049).

Em relação ao **ciclo econômico do carvão**, o caráter da paisagem é identificado pela rede ferroviária da antiga EFDTC. Parte da rede foi desativada em 1974, em função de uma forte enchente que destruiu e desativou alguns dos ramais da rede férrea. Em Pedras Grandes, especificamente, há a antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura, com um pequeno fragmento do trilho da antiga EFDTC ainda

preservado. Os remanescentes da ponte sob os trilhos também se encontram preservados ao lado da atual ponte sobre o Rio Pedras Grandes. Além dos aspectos materiais do ciclo econômico do carvão, há ainda as memórias daqueles que o vivenciaram.

Da **paisagem natural**, salienta-se os cursos d'água como elemento natural que caracterizam a paisagem do antigo caminho dos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina. Juntamente com os rios, consideram-se também as pontes pênséis – em grande número na região em estudo – como elementos do caráter da paisagem. O grande paredão da Serra do Rio do Rastro também representa um grande marco natural, observado a partir da localidade de Rancho dos Bugres, município de Pedras Grandes, na direção do município de Urussanga. O conjunto de elementos naturais – os morros, os rios e as plantações – também é considerado um elemento do caráter da paisagem em estudo.

Por fim, o **patrimônio imaterial** também é identificado como um elemento que caracteriza a paisagem. Este é reconhecido na Festa do Vinho Goethe, realizada no núcleo de Azambuja, e na produção artesanal de vinhos e uvas, no cemitério, na religiosidade do imigrante italiano e nas atividades produtivas, como plantações de uvas, feculares e pessegueiros. Torna-se importante frisar que a produção artesanal de vinhos e uvas, assim como as Festas de Vinho e vindimas que ocorrem em toda a região, remontam à época da chegada dos primeiros imigrantes italianos e foram reconhecidas com a primeira Indicação Geográfica do Estado de Santa Catarina. Trata-se de uma I.G. pautada nos saberes, modo de ser e de fazer locais, o que garante a preservação do patrimônio material e imaterial relacionado ao imigrante italiano. Também representam uma importante ferramenta para o desenvolvimento territorial, pois permitem que os produtores de uvas e vinhos promovam seus produtos através da autenticidade da produção e/ou peculiaridades ligadas à sua história, cultura ou tradição. O potencial enoturístico da paisagem, as vinícolas artesanais, os vinhos típicos e tradicionais, associados às características locais decorrentes da colonização italiana são uma alternativa ao turismo massificado do litoral, aliados a uma localização privilegiada, uma vez que os Vales da Uva Goethe estão localizados entre a serra e o mar.

Sendo assim, o desafio que se coloca é provocar a mudança na paisagem de uma forma equilibrada. Torna-se então importante

analisar o caráter da paisagem, independentemente do seu maior ou menor valor. O que se julga necessário é conhecer as diferentes paisagens, procurando essencialmente compreender os fatores que as caracterizam e as individualizam. Assim, entende-se que a avaliação do caráter da paisagem deve apoiar o processo de gestão territorial, encorajando a salvaguarda das características que diferenciam as paisagens umas das outras e que contribuem para a criação de novas paisagens. Como demonstrado nessa pesquisa, a paisagem constitui um recurso e um patrimônio comum em permanente mudança, como consequência dos vários processos de transformação a que está sujeita.

7.4 | RECOMENDAÇÃO PARA PESQUISAS FUTURAS

Essa tese pretende contribuir para o estudo do caráter da paisagem. O objeto aqui escolhido foi o antigo caminho dos imigrantes italianos, mas sabe-se, no entanto, da imensidão de temas pertinentes a serem trabalhados nesse âmbito.

A percepção, dentro do estudo do caráter da paisagem, também é apenas um dos aspectos possíveis a ser estudado. Podem ser realizados estudos que considerem também a dimensão objetiva ou morfológica da paisagem, uma vez que nesse estudo foi considerada a percepção da paisagem sob a ótica dos moradores, viajantes e internautas. Essa pesquisa contou com a amostra possível de entrevistados que se dispuseram a contribuir para o estudo, dentro do tempo de que se dispunha para realizar, transcrever e interpretar as entrevistas realizadas. Uma amostra maior de moradores poderá apresentar outros aspectos que não foram identificados nesse estudo.

Sugere-se também estudos em que se considere a classificação de tipos e áreas de paisagem, para que seja possível implementar outros estágios de avaliação da paisagem, seja na sua caracterização, seja no âmbito da tomada de decisão relativa à gestão territorial.

BIBLIOGRAFIA

Figura 143: Família Feltrin, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

Antes, todos os caminhos iam,
Agora todos os caminhos vem.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.
(Envelhecer, Mário Quintana)

ANHESIM, Aline Alves. **O Caráter de Paisagens: Avaliação da Antiga Estrada Mestre em Cambé – PR.** 2010. 161p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Londrina, 2010.

BALDESSAR, Davide. **Imigrantes sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina.** Urussanga, SC: [s.n.], 1991. 276p.

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina.** Florianópolis, SC: Insular, Ed. da UFSC, 1999. 279p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Neto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011. 279p.

BERKA, Maurício. **Passeio: Pedras Grandes/SC.** Junho de 2011. Disponível em: <<http://www.diariodoscaminhos.com.br/2011/06/passeio-pedras-grandessc.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural [1984]. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. In: **R. RA´E GA**, n. 8. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 141-52. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/download/3389/2718..pdf.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

BLANCO, Javier Rivera. Paisaje y patrimonio. In: MADERUELO, Javier (org.). **Paisaje y patrimonio.** Madri: Abada Editores, 2010. p. 11-29.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina.** Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1936. 65 p.

BORTOLOTTO, Zulmar Helio. **História de Nova Veneza.** Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992. 337p.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal,

1988. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p. 15-21.

BRASIL. Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. In: **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF, 15 de maio de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9279.htm>. Acesso em: 06 jun. 2015.

BRÜGGEMANN, Adelson André. **Ao poente da Serra Geral: a abertura de um caminho entre as capitanias de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 198p.

CAPEL, Horácio. Las rutas culturales como Patrimonio de la Humanidad. El caso de las fortificaciones americanas del Pacífico. In: **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, vol. X, nº 562. Barcelona, 30 de enero de 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-562.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Intervenção sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas. In: **FORUM PATRIMÔNIO: amb. constr. e patr. sust.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, set./dez. 2007. 23p. Disponível em: <http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/view/59/54>. Acesso em: 23 mar. 2016.

_____. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013. Disponível em: <https://agritrop.cirad.fr/557074/1/document_557074.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CERDAN, Claire. Valorização dos produtos de origem e do patrimônio dos territórios rurais no sul do Brasil: Contribuição para o desenvolvimento territorial sustentável. In: **Política e Sociedade**. Revista de Sociologia Política. v. 8, n. 14, abr. 2009. 24p. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2009v8n14p277>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CHAVES, Guta. Larousse do vinho. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007. 399p.

CITTADIN, Ana Paula. Laguna, paisagem e preservação: o patrimônio cultural e natural do município. 2010. 215 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2010.

CLARK, Jo; DARLINGTON, John; FAIRCLOUGH, Graham. **Using Historic Landscape Characterisation**. English Heritage's review of HLC Applications 2002-03. Published by English Heritage & Lancashire County Council, 2004. 72p. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/fitxers/docs/metodologies/Using_Historic_Landscape_Characterisation_2004.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia [2002]. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à geografia cultural**. 5 ed. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2011. p. 147-166.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana [2000]. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

COELHO, Manoel Joaquim D Almeida. **Memoria historica da Provincia de Santa Catharina**. Santa Catharina: Typ. Desterrense de J. J. Lopes, 1856. 216 p. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/projeto_obras_raras/82096.pdf>. Acesso em: 03 de abr. 2012.

COLODEL, João. **Turvo: terra e gente**. Turvo: Prefeitura Municipal, 1987.

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL DE ITINERARIOS CULTURALES (CIIC). **Carta de itinerarios culturales**. Ratificada por la 16ª Asamblea General del ICOMOS (International Council on Monuments and Sites). Québec (Canada), el 4 de octubre de 2008. 6p. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/charters/culturalroutes_sp.pdf>. Acesso: 04 jun. 2014.

CONSELHO DA EUROPA. Recomendação R(95)9: Sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das

políticas paisagísticas [1995]. In: CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. 3ª ed. Ver. Aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. p. 329-345.

CORRÊA, Roberto Lobato. Temas e caminhos da geografia cultural: uma breve reflexão. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 11-35.

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 302p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 124p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas [1984]. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da Geografia Cultural [1987]. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à geografia cultural**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 135-146.

COUNCIL OF EUROPE. **Recomendación CM/Rec (2008)3 del Comité de Ministros a los estados miembros sobre las orientaciones para la aplicación del Convenio Europeo del Paisaje**. Adoptada por el Comité de Ministros el 6 de febrero de 2008, durante la 1017ª reunión de los representantes de los Ministros. Versión en castellano elaborada por la Secretaría General para el Territorio y la Biodiversidad (Ministerio de Medio Ambiente). 42p. Disponível em: <http://www.magrama.gob.es/es/desarrollo-rural/temas/desarrollo-territorial/09047122800d2b4d_tcm7-24961.pdf>. Acesso em 24 out. 2013.

_____. *The European Landscape Convention*. In: **European Treaty Series** - No. 176. Florence, 2000. 7p. Disponível em: <<https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=0900001680080621>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

DALL'ALBA, João Leonir. **Colonos e mineiros na grande Orleans**. Orleans: Ed. do Autor, 1986.

_____. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983. 180p.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura; ANATÁSIO, Martha Queiroga Amoroso. Patrimônio Natural. In: IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. **Memória e Educação**. Rio de Janeiro: IBPC, 1992. p. 13-19.

ECHÁNIZ, Ignacio Español. **La carretera en el paisaje**: criterios para su planificación, trazado y proyecto. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 2008. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/fitxers/guies/infraestruc/la_carretera_en_el_paisaje_espanol.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

ESCARAVACO, Arnaldo (Ed.) **URUSSANGA**: as imagens da história. Da colonização à última década do século XIX. V. I. Urussanga: Tribuna Municipal, 1984.

FADIGAS, Leonel. **Fundamentos ambientais do ordenamento do território e da paisagem**. Lisboa: Edições Sílabo, 2007.

FAIRCLOUGH, Graham; MACINNES, Lesley. **Understanding Historic Landscape Character** (Topic Paper 5). Natural Heritage, 2002. 15 p. Disponível em: <<http://publications.naturalengland.org.uk/publication/4670824246149120>>. Acesso em: 14 set. 2012.

FLORES, Maria Amélia Duarte; FLORES, Andiara. **Diagnóstico do enoturismo brasileiro**: um mercado de oportunidades. Brasília, DF: SEBRAE; Bento Gonçalves, RS: IBRAVIN, 2012. Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/public/upload/downloads/1377631662.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FOWLER, Peter J. **World Heritage Cultural Landscape 1992- 2002** (World Heritage Papers 26). Paris: UNESCO, 2003. 103p. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/series/26/>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA (FCC). Mapeamento cultural - Áreas de predominância: áreas com predominância de unidades produtoras de vinho. [Florianópolis], 1980b [?].

_____. Mapeamento cultural - Áreas de predominância: áreas com predominância de edificações com valor cultural. [Florianópolis], 1980c [?].

_____. Roteiros Culturais Sul – Áreas de predominância: áreas com predominância de unidades produtoras de vinho. [Florianópolis], 1980a [?]. 53p.

GENERALITAT DE CATALUNYA. *Llei 8/2005, de 8 de juny, de protecció, gestió i ordenació del paisatge*. Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya. núm. 4407 – 16.6.2005.14. p. 17625-17268. Catalunya, 08 jun. 2005. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/fitxers/llei_paisatge.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2012.

GÓMEZ MENDONZA, Josefina. La mirada Del geógrafo sobre el paisaje: Del conocimiento a La gestión. In: MADERUELO, Javier (dir.). **Paisaje y territorio**. Madri: Abada Editores, 2010. p. 11-56.

HASSE, Geraldo. Vinícolas de Santa Catarina resgatam uva Goethe: a variedade delicada produz vinhos brancos de qualidade. **Revista Globo Rural**. São Paulo: Editora Globo, abr. 2011. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,EMI222678-18291,00->

VINICOLAS+DE+SANTA+CATARINA+RESGATAM+UVA+GOETHE.html>. Acesso em: 24 ago. 2016.

HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke. **Gestão de paisagem cultural da imigração alemã utilizando método multicritério de apoio à decisão**. 2013. 281 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Florianópolis, 2013.

HISTORIC ROADS. Identification: Identifying Historic Roads Types. **Historic Roads:** Dedicated to the identification, preservation and management of historic roads. Washington, DC, 2016. Disponível em <http://www.historicroads.org/sub2_1.htm>. Acesso em: 13 fev. 2016.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá:** nova edição. Araranguá: [s.n.], 2005. 311p.

ICE CLIMBER. **Pedras Grandes:** um dos berços da colonização italiana em Santa Catarina. Imbituba, fevereiro de 2006. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1522977>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Região sul do Brasil – Tubarão (SC). Folha SH.22-X-B-I-4 MI-2924-4.** Rio de Janeiro: CDDI/ Departamento de Produção Gráfica - IBGE, primeira edição - 1976, segunda impressão - 1991. 1 mapa. Escala: 1:50:000.

_____. **Região sul do Brasil – Orleães (SC). Folha SH.22-X-B-I-3 MI-2924-3.** Rio de Janeiro: CDDI/ Departamento de Produção Gráfica - IBGE, primeira edição - 1976, segunda impressão - 1991. 1 mapa. Escala: 1:50:000.

_____. **Região sul do Brasil – Jaguaruna (SC). Folha SH.22-X-B-IV-2 MI-2940-2.** Rio de Janeiro: CDDI/ Departamento de Produção Gráfica - IBGE, primeira edição - 1976, segunda impressão - 1991. 1 mapa. Escala: 1:50:000.

_____. **Região sul do Brasil – Criciúma (SC). Folha SH.22-X-B-IV-1.** Rio de Janeiro: CDDI/ Departamento de Produção Gráfica - IBGE, primeira edição - 1976, segunda impressão - 1991. 1 mapa. Escala: 1:50:000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). 11ª Superintendência Regional, Santa Catarina. **Roteiros Nacionais de Imigração Santa Catarina.** Dossiê de Tombamento: Histórico, análise e mapeamento das regiões. Vol. 1. Florianópolis: IPHAN, 2007. 341p.

_____. **CARTA DE BAGÉ OU CARTA DA PAISAGEM CULTURAL.** Bagé, 17 de agosto de 2007. 3p. Disponível em: <http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_de_Bage_PaisagemCultural.pdf> Acesso em: 28 mar. 2012.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. In: IPHAN. **Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p. 99-107.

_____. Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. In: IPHAN. **Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p. 129-131.

_____. Estabelece a chancela da paisagem cultural brasileira. **Portaria nº 127**, de 30 de abril de 2009. Brasília, DF: Diário Oficial da União, n. 83, seção 01, 05 de maio de 2009. p. 17 Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/destaques/IPHAN_portaria127_2009PaisagemCultural.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). **Indicação Geográfica**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/indicacao-geografica>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **14th General Assembly of ICOMOS**. Victoria Falls, Zimbawe, october 2003b. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/VICTORIA_FALLS_2003.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. *Canarias encrujilada cultural entre continentes*. In: **II Jornada Iberoamericanas y del Mediterráneo de ICOMOS**. San Cristóbal de la Laguna (Islas Canarias, España), 5-8 de septiembre de 1998a. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/CANARIAS_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Carta Internacional sobre turismo cultural**: La gestión del turismo en los sitios con patrimonio significativo (1999). Adoptada por ICOMOS en la 12ª Asamblea General en México, octubre de 1999a. 6p. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/charters/culturalroutes_sp.pdf>. Acesso: 17 maio 2015.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). Conclusiones. In: **Congreso Internacional del ICOMOS**. Pamplona (Navarra, Espanha), junio 2001. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/pamplona_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Declaração de Xi'an sobre a conservação do entorno edificado, sítios e áreas do patrimônio cultural**. Adotada em Xi'an, China 21 de outubro de 2005. Tradução em Língua Portuguesa: ICOMOS/Brasil, março de 2006. Disponível em: <<http://www.icomos.org/charters/xian-declaration-por.pdf>>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Estatutos del CIIC**. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/ESTATUTOS_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Ficha de identificación de un itinerário cultural**. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/fichas_esp/identificación.doc>. Acesso: 21 set. 2014.

_____. **Itinerario Cultural de la vid y el vino em los pueblos del Mediterráneo**. Santo Domingo de La Calzada (La Rioja, Espanha), maio de 1999d. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/larioja_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. Madrid: consideraciones y recomendación. In: **XIII Asamblea General de ICOMOS: Reuniones de Comités Científicos Internacionales**. Diciembre, 2002. Madrid, España. Reunión científica del Comité internacional de Itinerarios Culturales (CIIC), sobre 'La independencia conceptual y sustantiva de los itinerarios culturales respecto a los paisajes culturales' (Madrid, 4 de diciembre, 2002). Consideraciones y recomendación (Presentadas a la XIII Asamblea General de ICOMOS, en la sesión plenaria celebrada en la mañana del 5 de diciembre de 2002). Madrid, España, 4-5 de diciembre de 2002. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/MADRID2002_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Meeting of experts on cultural routes**. Madri, 30-31 may de 2003a. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/NOTICIAS_reunionexpertos.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES (ICOMOS). **Meeting of experts on cultural routes**. Madri, Espanha, 30-31 may de 2003a. 16p. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/NOTICIAS_reunionexpertos.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Registro de proyecto de promocion de un itinerario cultural**. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/fichas_esp/Proyecto.doc>. Acesso: 21 set. 2014.

_____. **Scientific and business meeting**. Ferrol, Spain, october 2004. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/FERROL_2004.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Seminário Internacional del CIIC**. Guanajuato, México, outubro de 1999e. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/VICTORIA_FALLS_2003.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Seminário Internacional del CIIC**. Guanajuato, México, outubro de 1999e. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/VICTORIA_FALLS_2003.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Seminário Internacional sobre Fortificaciones Abaluartadas Hispano-Portuguesas, uma Rota Cultural entre Cinco Continentes**. Ibiza (Espanha), 18 a 20 de mayo de 1999c. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/CIIC/IBIZA_CONCLU_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

_____. **Seminário Internacional sobre Metodología, definiciones y aspectos operativos de los itinerarios culturales**. Ibiza (Espanha), 21 e 22 de mayo de 1999b. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/IBIZA_esp.htm>. Acesso: 17 maio 2015.

JACKSON, John Brinckerhoff. **Las carreteras forman parte del paisaje**. Barcelona: Editora Gustavo Gilli, 2011.

JENOVEVA-NETO, Roseli; FREIRE, Patrícia de Sá; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto. Análise do processo de institucionalização da indicação geográfica para o desenvolvimento socioeconômico: o caso do “Vales da Uva Goethe”. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO, 2. XIV SIMGeo Simpósio de Geografia da UDESC. Florianópolis, 2014. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://www.eventos.ct.utfpr.edu.br/anais/snpd/pdf/snpd2014/767.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

JUNTA DE ANDALUCÍA. **Elaboración de la guía de recomendaciones paisajísticas para actores locales responsables de la gobernanza territorial**. Sevilla: Junta de Andalucía, 2011. 59p. Disponível em: <http://www.paysmed.net/upl_linee_guida/allegato_2_ita.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____. **Estrategia de paisaje de Andalucía**. Sevilla: Junta de Andalucía, 2012. 128p. Disponível em: <http://www.juntadeandalucia.es/medioambiente/portal_web/web/temas_ambientales/evaluacion_integracion_planificacion/planificacion_ambiental/estrategias/estrategia_paisaje/Estrategia_de_Paisaje_de_Andalucia_2012.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2013.

KOCHE, Jose Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 182p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 315p.

LAMPTON, Kate (edit.). **The Roadscape Guide: Tools to Preserve Scenic Road Corridors**. Vermont: Champlain Valley Greenbelt Alliance, 2007. Disponível em: <<http://vnrc.org/wp-content/uploads/2012/08/The-Roadscape-Guide.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2011.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Destruição ou desconstrução?: questões da paisagem e tendencias de regionalização**. São Paulo: Hucitec: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, 1994. 117p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografia como documento de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 137 -155.

LOTTIN, Jucely. **Orleans 2000: história e desenvolvimento**. 2. ed. Florianópolis: Elbert, 1998. 301p.

LUCA, Virgínia Gomes de. **O patrimônio arquitetônico e a paisagem cultural em sítios históricos rurais de imigração italiana**. Florianópolis,

SC, 2007. 206p. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2007.

MACDONALD, G. Caruso. O estado de Santa Catarina e a colonização italiana. Relatório do Sr. G Caruso MacDonald, Regente Real Consulado em Florianópolis. Outubro de 1906. In: DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina**: documentário. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983. p. 145-182.

MADERUELO, Javier (org.). **Paisaje y patrimonio**. Madri: Abada Editores, 2010. 358p.

MAESTRELLI, Sergio Roberto. **Do parreiral à taça**: o vinho através da história. Florianópolis: Epagri, 2011. 339 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. 3. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MARIOT, Edson João. **A uva Goethe símbolo da vitivinicultura da região de Urussanga, Santa Catarina**. Camboriú, 2003.

_____. **O caminho dos imigrantes**. Agosto de 2012. Disponível em: <<http://santanamineracao.blogspot.com.br/2012/08/o-caminho-dos-imigrantes.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

_____. **Produtos agroalimentares típicos coloniais**: situação e perspectivas de valorização no município de Urussanga, Santa Catarina, Brasil. 2002. iii, 108 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Universidade de Santiago de Compostela.

MARQUES, Agenor Neves Mons. **Imigração italiana**. [S.L.]: [s. n.], [197-?] (Criciúma: Graf. Ribeiro). 265p.

MARTINELLO, Alessandro; MARTINELLO, Lisiane Potrikus. **Pedras Grandes** – Santa Catarina. Abril de 2011. Disponível em: <<http://viajandopelosul.blogspot.com.br/2011/04/pedras-grandes-santa-catarina.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo. Significado cultural del paisaje. In: **Les estètiques del paisatge: I SEMINARI INTERNACIONAL SOBRE PAISATGE**. Observatori del Paisatge, Consorci Universitat Interciona Menéndez Pelayo de Barcelona CUIMPB Centre Ernest Lluch. Barcelona, 13, 14 i 15 de novembre de 2003. 7p. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.coac.net/ofpaisatge/content/2003/2003_eduardo_martinez.pdf>. Acesso em: 12 out. 2013.

MARTÍNEZ YÁÑEZ, Celia. Los itinerarios culturales: caracterización y desafíos de una nueva categoría del patrimonio cultural mundial. In: **Apuntes**, vol. 23, núm. 2, Bogotá, Colômbia. Julio-Diciembre, 2010. p. 194-209. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revApuntesArq/article/view/8900/7181>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

MARTINS, Marina Cañas. **Paisagem em Circulação: O Imaginário e o Patrimônio Paisagístico de São Francisco do Sul em Cartões-Postais (1900-1930)**. 2008. 197p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, RS, 2008.

MARTORELL CARREÑO, Alberto. Itinerarios culturales: vasos comunicantes de la historia. In: **The CIIC Scientific Magazine**. s.d.a. Disponível em: <http://www.icomos-ciic.org/ciic/pamplona/ITINERARIOS_Alberto_Martorell.htm>. Acesso em: 01 dez. 2010.

_____. Paisajes e itinerarios culturales: conceptos independientes que enriquecen la teoria y la práctica de la conservación cultural. In: **The CIIC Scientific Magazine**. s.d.b. Disponível em: <http://www.esicomos.org/nueva_carpeta/TCSM/ponencia_AMARTORELL.htm>. Acesso em: 01 dez. 2010.

MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985. 200p.

MATA OLMO, Rafael. La dimensión patrimonial del paisaje. In: MADERUELO, Javier (org.). **Paisaje y patrimonio**. Madri: Abada Editores, 2010. p. 31-73.

MATTOS, Marcondes de. A colonização de Urussanga e Azambuja (Notas do Arquivo da Câmara de Laguna). In: **Publicação Comemorativa do Centenário da Comarca de Laguna: 1856-1956**. Porto Alegre, Estab. Gráfico Santa Teresinha, 1956.

McCLELLAND, Linda Flint; KELLER, J. Timothy; KELLER, Genevieve P.; MELNICK, Robert Z. **Guidelines for Evaluating and Documenting Rural Historic Landscape**. National Register Bulletin. Technical information on the National Register of Historic Places: survey, evaluation, registration, and preservation of cultural resources. Department of the Interior, National Park Service, Cultural Resources, 1989, revised 1999. Disponível em: <<http://www.nps.gov/nr/publications/bulletins/nrb30/>>. Acesso em: 04 fev. 2013.

MELLO, Kelly Cristina; NUNES, Carina; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; PIERI, Ricardo; SOUZA, Abel Correa de. Empreendedorismo e gestão empresarial familiar nas vinícolas dos Vales da Uva Goethe - Sul de Santa Catarina. In: XIII ENCONTRO ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA REGIÃO NORDESTE DO RS. Caxias do Sul, 6 e 7 de outubro 2014. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <https://www.academia.edu/14591960/Empreendedorismo_e_gest%C3%A3o_empresarial_familiar_nas_vin%C3%ADcolas_dos_Vales_da_Uva_Goethe-Sul_de_Santa_Catarina>. Acesso em: 19 abr. 2015.

MELO, José Roberto de Almeida. Mapa da Itália Mapas. In: **Mapa Mundi**. Junho, 2013 Disponível em: <<http://mapamundiorg.blogspot.com.br/2013/06/mapa-da-italia-mapas.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo; Hucitec, 2014. 407p.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Fruticultura**. Publicação do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos do Brasil. 1932.

MITCHELL, Nora; RÖSSLER, Mechtild; TRICAUD, Pierre-Marie (Authors/Ed.). **World Heritage Cultural Landscapes: a Handbook for Conservation and Management** (World Heritage Papers 26). Paris: UNESCO, 2009. 136p. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/series/26/>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

MOLINA, David; PÈLACHS, Albert. **Alt Pirineu i Aran: Catàleg de paisatge**. Catalunya: Generalitat de Catalunya, Departament de Territori i Sostenibilitat i Observatori del Paisatge, 2013. 493 p. Disponível em: <http://www.catpaisatge.net/esp/catalegs_presentats_P.php>. Acesso em: 11 nov. 2013.

NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. **Prototipus de catàleg de paisatge: Bases conceptuais, metodològiques i procedimentals per elaborar els catàlegs de paisatge de Catalunya**. Olot i Barcelona: Observatori del Paisatge, 2006a. 97p. Disponível em: <<http://www.catpaisatge.net/fitxers/Prototipus2006.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. **Prototipo de Catálogo de Paisaje: bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos del Paisaje de Cataluña**. Olot i Barcelona: Observatori del Paisatge, 2006b. 33p. Disponível em: <<http://www.catpaisatge.net/fitxers/resumenprototipo.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

NÓR, Soraya. **Paisagem e lugar como referências culturais: Ribeirão da Ilha - Florianópolis**. 231 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010.

NUNES, Caroline P.; SANTIAGO, Alina G.; REBOLLO SQUERA, Jorge H.. Turismo. espaço e paisagem: leituras do ambiente urbano. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 24, p. 31-38, dec. 2007. ISSN 2359-5361. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85674>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). Patrimônio Mundial no Brasil. UNESCO, 2013.

Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>. Acesso em: 08 jan. 2013.

_____. **Preparação de candidaturas para o Patrimônio Mundial.** Tradução da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio da Representação da UNESCO no Brasil, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Centro Lucio Costa (CLC). Brasília: UNESCO Brasil, Iphan, 2013. 136p. Disponível em: whc.unesco.org/document/124260. Acesso em: 27 set. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Orientações para a aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial.** UNESCO, 2005. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/opguide05-pt.pdf>. Acesso em: 17 maio. 2015.

_____. **Orientações técnicas para a aplicação da convenção do patrimônio mundial.** Tradução (edição de 2005): Francisco Agarez. Atualização (edição de 2008 e 2012): Cíntia Pereira de Sousa. Lisboa: UNESCO, 2012. 146 p. Disponível em: whc.unesco.org/archive/opguide11-pt.doc. Acesso em: 05 out. 2013.

PELLIN, Valdinho; PADILHA, Katiesca Fonseca; MANTOVANELI JUNIOR, Oklinger. As indicações geográficas e o desenvolvimento territorial: uma análise a partir da experiência do Vales da Uva Goethe na região de Urussanga –SC. In: VII ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE. Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos...** Disponível em: http://www.apec.unesc.net/VII_EEC/sessoes_tematicas/%C3%81rea%208%20Econ%20Reg%20Urbana/AS%20INDICA%C3%87%C3%95ES%20GEOGR%C3%81FICAS%20E%20O%20DESENVOLVIMENTO%20TERRITORIAL.pdf. Acesso em: 19 abr. 2015.

PEREIRA, Antônio César et al. **Um vapor para a Benedetta:** viagem das terras vênetas ao sul catarinense relatada por aqueles que mais conhecem essa história: a gente de Urussanga. Palhoça: UNISUL, 2011. 106 p.

PÉREZ, Rocio Silva; ÁLVAREZ, Ana Ávila; SALINAS, Víctor Fernández; RODRÍGUEZ, Jesús Rodríguez; TATE, Ana Louise Trout; GARCÍA, Santiago M. Pardo. **Identificación, caracterización y cualificación de recursos paisagísticos em el entorno del núcleo urbano de Constantina (Andalucía, España)**. Sevilla: Junta de Andalucía y Centro de Estudios Paisaje y Terriitorio, 2007-2013. Disponível em: <http://www.paisajeyterritorio.es/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=42&Itemid=95&lang=es>. Acesso em: 24 out. 2013.

PIAZZA, Walter F. (Walter Fernando). **A colonização italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1976. 89p.

PIAZZA, Walter F. (Walter Fernando); HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: historia da gente, 2o.grau e pre-vestibular**. 4. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Lunardelli, 1997. 167p.

PISTORELLO, Daniela. **O Brasil da diversidade?: patrimônio e paisagem cultural no Projeto Roteiros Nacionais de Imigração**. 2015. 281p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 2015.

PROGOETHE. Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe. Disponível em: <<http://www.progoethe.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1980.

RAMIREZ, Javier Hernández. Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales. In: **Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 9 n. 2. 2011. p. 225-236. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/9211/PS0211_01.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2014.

REBOLLAR, Paola Beatriz May. **Vales da uva Goethe: Região de Urussanga, SC, Brasil**. Urussanga: ProGoethe, 2007. 63p.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/ COPEDOC, 2007. 152p.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, Jose Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, [1999?]. 334p.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUpellinERJ, 1999. 248p.

RÖSSLER, Metchild. *Los Paisajes Culturales y la Convención del Patrimonio Mundial*. In: MUJICA BARREDA, Elías (editos). **Paisajes Culturales em los Andes: memoria narrativa, casos de estudio, conclusiones y recomendaciones de la reunión de expertos**. Peru: UNESCO, 1998. p. 47-55. Disponível em: <<http://www.condesan.org/unesco/Cap%2006%20metchild%20rossler.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

SALVAN, Roque. **Colônia de Azambuja - Planta**. Janeiro de 2012. Disponível em: <<http://familiasalvan.blogspot.com.br/2012/01/colonia-de-azambuja-planta-por-roque.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p.

SARTOR, Sabrina de Bona. **Caracterização química de uvas e vinhos goethe produzidos na região de Urussanga, Santa Catarina**. 2009. 95p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Ciência de Alimentos, Florianópolis, 2009.

SAUER, Carl Otwin. A morfologia da paisagem [1925]. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 645p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007. 335p.

SOUSA, Sérgio Inglez de. Urussanga, sob o romantismo de Goethe. **Revista Vinho Magazine**. Cotia, Market Press, ano 6, 52.ª Ed, 2004. p. 30-31.

STATHAM, Kathryn. **Cornwall landscape character: best practice guide**. Cornwall Council, 2011. Disponível em: <<http://www.cornwall.gov.uk/default.aspx?page=28967>>. Acesso em: 20 out. 2013.

SUÁREZ-INCLÁN, Maria Rosa. Cultural Routes: A new category of heritage for understanding, cooperation and sustainable development. Their significance within the macrostructure of cultural heritage; the role of the CIIC of Icomos: Principles and methodology. In: **Proceedings of the Icomos 15th General Assembly and Scientific Symposium**. Vol. 2. Xi'an, China: World Publishing Corporation, 2005. p. 1076-1083. Disponível em: <<http://www.icomos.org/xian2005/papers/4-38.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. Los Itinerarios Culturales. In: **The CIIC Scientific Magazine**. Ponencia presentada el 15 de diciembre del 2003 en el Encuentro Internacional sobre: La Representatividad en la Lista del Patrimonio Mundial. El Patrimonio Cultural y Natural delberoamérica, Estados Unidos y Canadá, celebrado en Querétaro, México, del 12 al 16 de Diciembre del año 2003. Disponível em: <http://www.esicomos.org/nueva_carpeta/TCSM/ponencia_MARIAROSASUAREZ.htm>. Acesso: em: 21 jul. 2014.

SUL IN FOCO. CT Santa Fé e Academia Circuito promovem caminhada de subida da Serra do Rio do Rastro. In: **Sul in foco**. Portal de Noticias, 02 de Abril de 2015. Disponível em: <<http://www.sulinfoco.com.br/ct-santa-fe-e-academia-circuito-promovem-caminhada-de-subida-da-serra-do-rio-do-rastro>>. Acesso: 17 jun. 2015.

SWANWICK, Carys. **Landscape Character Assessment: Guidance for England and Scotland**. The Countryside Agency and Scottish Natural Heritage, 2002a. 84p. Disponível em: <<http://www.naturalengland.org.uk/ourwork/landscape/englands/character/assessment/>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

_____. **Topic Paper 1: Recent practice and the evolution of Landscape Character Assessment.** Scottish Natural Heritage and The Countryside Agency, 2002b. 10 p. Disponível em: <http://www.naturalengland.org.uk/Images/lcatopicpaper1_tcm6-8171.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

_____. **Topic Paper 6: Techniques and Criteria for Judging Capacity and Sensitivity.** Scottish Natural Heritage & The Countryside Agency, 2002c. 10 p. Disponível em: <http://www.naturalengland.org.uk/Images/lcatopicpaper6_tcm6-8179.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

TRESSERRAS, Jordi Juan. Rutas e itinerarios culturales en Iberoamérica. In: **Cuadernos de Patrimonio y Turismo Cultural**, núm. 15. México: Conaculta, 2006. p. 13-56. Disponível em: <<http://www.cultura.gob.mx/turismocultural/cuadernos/pdf15/articulo1.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Rio de Janeiro: Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea. In: **UNESCO World Heritage Centre 1992-2016.** Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/1100>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

_____. Report on the Expert Meeting on Routes as a Part of our Cultural Heritage. Madrid, Spain, November 1994. In: **WHC-94/CONF-003/INF.13.** Paris, UNESCO: 30 November 1994. 16p. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/archive/1994/whc-94-conf003-inf13e.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2015.

Vales da Uva Goethe [internet]. Disponível em: <<http://www.valesdauvagoethe.com.br/index.php>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

VELLOSO, Carolina Quiumento. **Indicação geográfica e desenvolvimento territorial sustentável:** a atuação dos atores sociais nas dinâmicas de desenvolvimento territorial a partir da ligação do produto ao território (um estudo de caso em Urussanga, SC). 2008. 166p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2008.

VENEGAS MORENO, Carmen; RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Jesús. **Valoración de los paisajes monumentales: una propuesta metodológica para la integración paisajística de los Conjuntos Históricos**. Sevilla: Junta de Andalucía, Centro de Estudios Paisaje y Territorio, 2002. Disponível em: <http://paisajeyterritorio.es/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=50&Itemid=95&lang=es>. Acesso em: 25 out 2013.

VETTORETTI, Amádio. A colonização italiana nos vales do Tubarão e de Urussanga e a colônia Grão Pará. In: PIAZZA, Walter F. (Walter Fernando) (Org.). **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 2001. 2v. p. 149-331.

VIEIRA FERREIRA, Fernando Luis. **Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina**. 2ª ed. Orleans: Gráfica de Lelo Ltda, 2001. 102p.

VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; MAESTRELLI, Sérgio; ARCARI, Stevan Grützmann. **Cartilha da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe**. Florianópolis: Epagri, 2014. 20 p.

VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; PELLIN, Valdinho. As indicações geográficas como estratégia para fortalecer o território: o caso da Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe. In: **2º SEMINÁRIO NACIONAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO. XIV SIMGeo Simpósio de Geografia da UDESC**. Florianópolis, 2014. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.eventos.ct.utfpr.edu.br/anais/snspd/pdf/snspd2014/420.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural [1962]. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 27-61.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem Cultural Brasileira: do conceito à prática. In: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 2., 2012, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2012. 1 CD-ROM.

WENT, David; DYSON-BRUCE, Lynn. **Historic Environment Issues in the Proposed London-Stansted-Cambridge Growth Area**. English Heritage, 2003. 42p. Disponível em: <<https://content.historicengland.org.uk/images-books/publications/hist-env-issues-lsc/hist-env-issues-lsc.pdf/>>. Acesso em: 14 set. 2012.

YAMAGUCHI, Cristina Keiko; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; BRUCH, Kelly Lissandra; JENOVEVA NETO, Roseli; WATANABE, Melissa; FELISBERTO, Zeli. Indicação geográfica como instrumento de criação do conhecimento nos Vales da Uva Goethe. In: PERSPECTIVAS EM GESTÃO & CONHECIMENTO, João Pessoa, v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. p. 145-160. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/15982>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205p.

ZOTANO, José Gómez; CHUECA, Pascual Riesco (cord.). **Marco conceptual y metodológico para los paisajes españoles: aplicación a tres escalas espaciales**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Viviendas, Centro de estudios Paisaje y Territorio, 2010. 469p. Disponível em: <<http://www.upv.es/contenidos/CAMUNISO/info/U0643729.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2013.

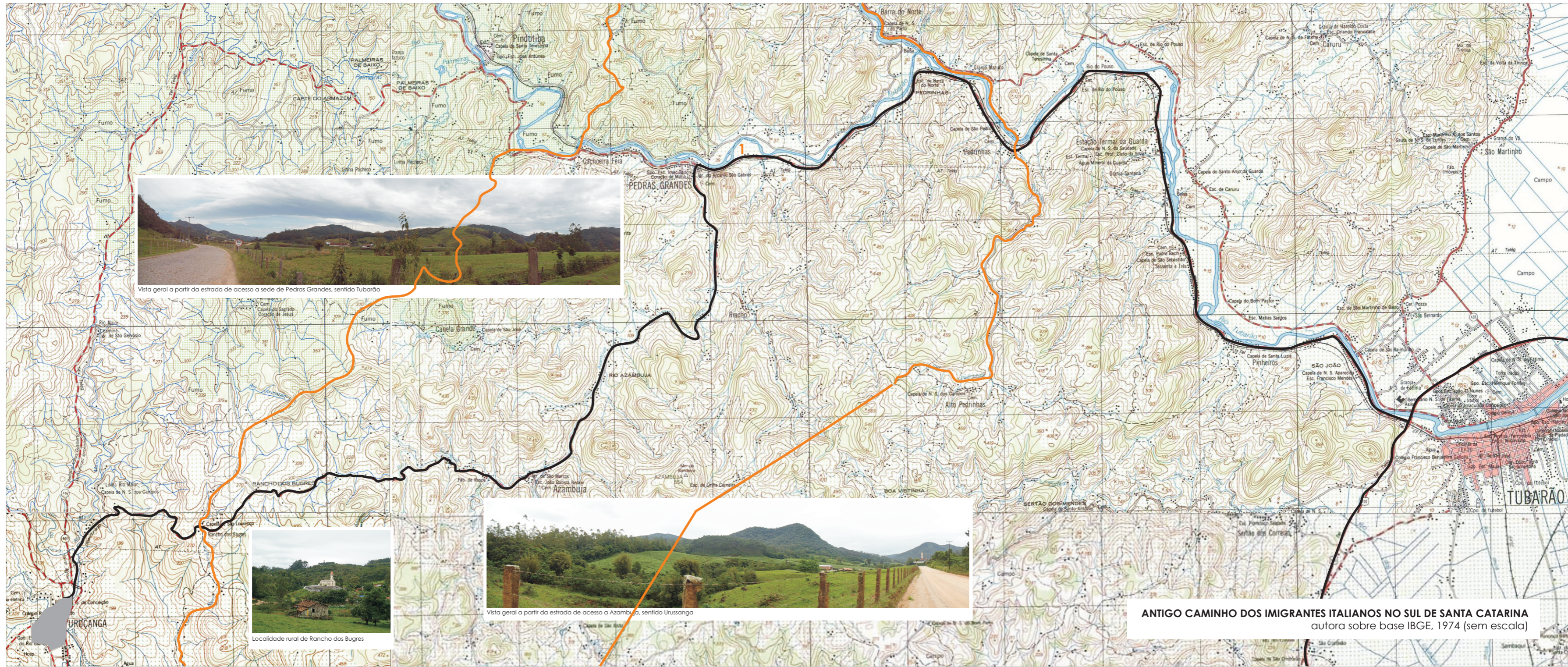
APÊNDICES E ANEXOS

Figura 144: Ponte sobre o Rio Urussanga, estrada Urussanga – São Pedro, s.d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Urussanga.

O sol ensolarará a estrada dela
A lua alumiará o mar
A vida é bela
O sol, a estrada amarela
E as ondas, as ondas, as ondas, as ondas
(Dura na queda, Chico Buarque)



Vista geral a partir da estrada de acesso a sede de Pedras Grandes, sentido Tubarão

Vista geral a partir da estrada de acesso a Azambuja, sentido Urussanga

Localidade rural de Rancho dos Bugres

ANTIGO CAMINHO DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE SANTA CATARINA
autora sobre base IBGE, 1974 (sem escala)



FICHA DE REGISTRO DE CAMPO

PAISAGEM DE ESTRADAS HISTÓRICAS Planejamento e gestão do caráter da paisagem histórica rural das colônias de imigração do sul de Santa Catarina

Doutoranda: **Virginia Gomes de Luca** | Orientadora: **Alina Gonçalves Santiago**

Vista n° **Localização** **Data**

Mapa e corte

Tipo de caráter de paisagem **Área de caráter de paisagem**

Descrição

Localização **Legenda**

Características chaves

Atividade de uso do solo

Cultivos	<input type="checkbox"/>	Rotação	<input type="checkbox"/>	Permanente
Cobertura Vegetal	<input type="checkbox"/>	Pastagem	<input type="checkbox"/>	Arbórea
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Rasteira	<input type="checkbox"/>	Terreno exposto
Arquitetura	<input type="checkbox"/>	Agrupados	<input type="checkbox"/>	Isolado
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Residencial	<input type="checkbox"/>	Religiosa
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Patrimônio histórico edificado	<input type="checkbox"/>	

Aspectos estéticos e perceptivos da paisagem

Escala	Íntima	Pequena	Grande	Vasto	
Fechamento	Estreito	Fechado	Aberto	Panorâmico	
Diversidade	Uniforme	Simples	Diverso	Completo	
Textura	Suave	Com textura	Rugoso	Muito rugoso	
Forma	Vertical	Inclinado/ pendente	Ondulado	Horizontal	
Linha	Reta	Angular	Curva	Sinuosa	
Cor	Monocromo	Suave	Colorido	Chamativo	
Balanco/ Equilíbrio	Harmonioso	Equilibrado	Discordante	Caótico	
Movimento	Morto	Suave	Calmo	Bucólico	
Padrão	Aleatório	Organizado	Regular	Formal	
Prazer	Desagradável	Agradável	Atrativo	Belo	
Segurança	Íntimo	Confortável	Seguro	Ameaçador	Intranquilo
Estímulo	Monótono	Amável	Interessado	Provocativo	Inspirador
Tranquilidade	Inacessível	Remoto	Vazio	Pacífico	Agitado

Visibilidade da paisagem

Condições de visibilidade

Ponto de observação

Contexto em que se realiza a observação

Tipologia da vista

Distância/ profundidade	Amplitude
<input type="checkbox"/> 1º plano: = 200m	<input type="checkbox"/> < 200m
<input type="checkbox"/> 2º plano: pouco profundo < 1000m	<input type="checkbox"/> < 1000m
<input type="checkbox"/> 2º plano: profundundidade média < 2000m	<input type="checkbox"/> 1000 – 2000m
<input type="checkbox"/> 2º plano: profundundidade alta < 3000m	<input type="checkbox"/> 2000 – 3000m
<input type="checkbox"/> 3º plano: > 3000m	<input type="checkbox"/> > 3000m

Tipo de campo visual

<input type="checkbox"/>	Linear (1º e 2º planos pouco profundos < 200m de amplitude).
<input type="checkbox"/>	Semi-aberto(2º plano profundo e entre 2000 e 3000m de amplitude).
<input type="checkbox"/>	Aberto(2º plano profundo e 3º plano e > 3000m de amplitude).
<input type="checkbox"/>	Semi-fechado(2º plano médio e entre 1000 e 2000m de amplitude).
<input type="checkbox"/>	Fechado(2º plano médio e entre 200 e 1000m de amplitude).

Condições atmosféricas e de iluminação

Mapa da análise de visualização

Elementos constituintes da imagem da paisagem



	Relevo/ Solo	Núcleo urbano
	Hidrografia	Outros usos/ elementos construtivos
	Vegetacao natural/ usos agrários	Conflitos na paisagem

Elementos constituintes da imagem paisagística

Áreas

Bordas

Linhas

Pontos

Avaliação cênica

Contraste

Elementos dispostos lado a lado que se diferenciam claramente na paisagem

1 Alto grau	2 Grau Moderado	3 Homogêneo
-------------	-----------------	-------------

Ordem

Características naturais e culturais que formam um sentido na paisagem

1 Forte	2 Moderado	3 Fraco
---------	------------	---------

Camadas

Sucessão de elementos que permitem a criação de senso de profundidade

1 Muitos elementos criam a aparência de camadas

2 Poucos elementos

3 Sem elementos ou muita obstrução em primeiro plano

Ponto focal

Ponto dominante na paisagem que atrai o olhar do observador

1 Ponto focal distinto e visualmente agradável

2 Nenhum ponto focal

3 Ponto focal desagradável

Singularidade

Excepcionalidade, elementos únicos ou simbólicos da região

1 Único ou singular

2 Interessante mas não único

3 Paisagem comum

Integridade

Atributos naturais ou culturais que se mantêm inalterados com o passar do tempo

1 Paisagem único

2 Integridade moderada

3 Dominado pelo desenvolvimento desordenado

TOTAL DE PONTOS =

Avaliação da sensibilidade da paisagem

Estágio 01: Olhando a área de caráter da paisagem, quanto da sua descrição e características chave descreve o sítio em seu estágio não evoluído?

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | Alto (muitas características descrevem ou uma característica reflete fortemente o caráter da paisagem) |
| <input type="checkbox"/> | Moderado (algumas características em comum) |
| <input type="checkbox"/> | Baixo (poucas características em comum) |
| <input type="checkbox"/> | Nenhum |

Estágio 02: Os aspectos do caráter da área serão modificados pelo desenvolvimento? Em que magnitude e extensão? As mudanças serão positivas ou negativas?

- | | |
|--------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> | Alto (alto nível de mudança e alto efeito adverso) |
| <input type="checkbox"/> | Moderado (moderado nível de mudança e moderado efeito adverso) |
| <input type="checkbox"/> | Baixo (poucas mudanças e baixo efeito adverso) |
| <input type="checkbox"/> | Nenhuma mudança |

Estágio 03: Combine os níveis derivados dos estágios 01 e 02 para determinar a

Sensibilidade do caráter da paisagem para o desenvolvimento

		Estágio 02: Mudança Proposta		
		Baixo	Moderado	Alto
Estágio 01: Significância do caráter da paisagem	Baixo	B	BM	M
	Moderado	BM	M	MA
	Alto	M	MA	A

Sensibilidade do Caráter da Paisagem

Baixo	(B) Pouca contribuição no caráter da paisagem e não é vulnerável a mudanças
Baixo/ Moderado	(BM) Pequena contribuição no caráter da paisagem vulnerável à mudanças adversas, ou é bastante significativo em termos de caráter mas pode suportar a mudança.
Moderado	(M) Boa contribuição para o caráter da paisagem que irá sofrer um nível de evolução desfavorável devido ao desenvolvimento proposto.
Moderado/ Alto	(MA) Contribui muito para a distinção do local e é vulnerável à mudanças.
Alto	(A) Típica área de caráter e o desenvolvimento proposto é prejudicial.

Para ser capaz de medir a sensibilidade global do caráter da paisagem e amenidade visual a este desenvolvimento, combine como a sensibilidade do caráter da paisagem é modificado com as mudanças visíveis que o desenvolvimento irá criar.

Sensibilidade da Paisagem (Estágio 03)	+	Visibilidade (Estágio 04)	=	Sensibilidade global da mudança proposta (Estágio 05)
--	---	---------------------------	---	---

Estágio 04: O local é visível a partir da paisagem circundante? Se sim (S), o impacto será alto (A), moderado (M), baixo (B) ou nenhum impacto (N) para cada pergunta.

	S	A	M	B	N
O desenvolvimento será altamente visível da paisagem circundante?					
Um número significativo de pessoas será capaz de perceber a mudança, incluindo residentes, visitante e usuários das áreas de recreação?					
O local pode ser visto a partir do assentamento?					
O local pode ser visto a partir de trilhas ou estradas?					
As mudanças na vegetação sazonal afetam a visibilidade do sítio?					
É a escala adequada de desenvolvimento para o caráter da paisagem circundante ou o desenvolvimento domina as vistas?					
Pode ser observado de uma visada importante?					
Existem outros desenvolvimentos similares nas imediações que podem criar um efeito cumulativo que necessita ser avaliado?					

	Alto (desenvolvimento é muito visível a partir da paisagem ao redor do sítio, com pouco potencial de mitigação do impacto visual)
	Moderado (desenvolvimento parcialmente visível com algum potencial de mitigação)
	Baixo (desenvolvimento é visível apenas a partir de um pequeno número de locais com provável potencial de mitigação)
	Nenhum (não é visível a partir de nenhuma posição da paisagem)

Estágio 05: A paisagem global e os níveis de sensibilidade visual indica a capacidade da paisagem para aceitar a alteração causada pelo desenvolvimento. A sensibilidade do caráter da paisagem a partir da Estágio 03 combinada com a visibilidade global do Estágio 04 resulta na sensibilidade global da paisagem ao desenvolvimento.

		Estágio 04: Visibilidade		
		Alto	Moderado	Baixo
Estágio 03: Sensibilidade do caráter da paisagem	Alto	A	MA	M
	Moderado/ Alto	A	MA	M
	Moderado	MA	M	MB
	Moderado/ Baixo	MA	M	MB
	Baixo	M	MB	B

Sensibilidade Global –Habilidade da Paisagem em Aceitar Mudanças

Baixa	(B) Haverá pouco impacto perceptível na paisagem ou a paisagem tem potencial para ser positivamente reforçada por meio do desenvolvimento. Algumas pequenas mudanças visuais no caráter da paisagem não serão fortemente expressas.
Baixa/ Moderada	(BM) Pequenas mudanças adversas no caráter da paisagem que não são suscetíveis de ser fortemente expressa visualmente. É provável que seja uma melhoria potencial para a paisagem.
Moderada	(M) Haverá alguma mudança no caráter da paisagem que será visível que terá potencial de mitigação por meio da escala, locação, desenho ou proteção (screening) adequados.
Moderada/ Alta	(MA) O desenvolvimento resultará em um efeito negativo significativo ou mudará o caráter da paisagem que será altamente visível com improvável potencial para a mitigação.
Alta	(A) O desenvolvimento resultará em um efeito negativo significativo ou mudará o caráter da paisagem que será altamente visível com improvável potencial para a mitigação, que por si só não seria um impacto sobre o caráter.

APÊNDICE 03: QUADROS ICONOGRÁFICOS

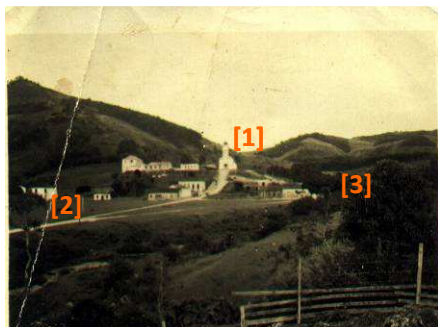
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 01

Distrito

Azambuja

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

Analisando a iconografia histórica não datada, podemos perceber o Distrito de Azambuja (fundado por imigrantes italianos em 1877 e considerado a colônia sede da imigração italiana na região) ainda com uma ocupação do núcleo urbano bastante rarefeito. A Igreja de São Marcos (PEG036) [1], construída no local em 1914, ocupa local de destaque. Percebe-se o aglomerado de edificações em sua proximidade rodeado por espaços livres e da praça pública triangular a partir da qual se originou a colônia, a paisagem natural ainda pouco alterada com grandes extensões de áreas verdes e os morros cobertos de mata. A partir do Distrito de Azambuja, seguindo o antigo caminho dos imigrantes, é possível chegar a Pedras Grandes [2] ou a Urussanga [3]. Uma das edificações presentes na cena foi construída em 1904 (PEG034). Na iconografia atual, embora a Igreja de São Marcos ainda mantenha seu destaque na paisagem, é possível notar o crescimento do Distrito de Azambuja. Parte do casario foi conservado, assim como a malha urbana original e outras edificações de uso residencial e comercial foram construídas ao longo dos anos. Na praça pública triangular foi construída uma quadra de esportes coberta. As grandes extensões de áreas verdes e morros cobertos de mata ainda se mantêm. O crescimento na vegetação, ocorrida ao longo dos anos, dificulta a percepção da totalidade da cena na iconografia atual.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 02

Distrito

Azambuja

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

Datada do ano de 1948, a iconografia histórica mostra a Igreja de São Marcos (PEG036) [1], implantada em local de destaque e cujo acesso dava-se por meio de um caminho de chão batido [2]. É possível perceber a marcação visual do ponto mais alto da colônia - marcado principalmente pela presença do equipamento religioso construído no local em 1914 - mas também acentuado pelo plantio alinhado de três palmeiras [3]. Percebe-se ainda a divisão dos lotes urbanos coloniais feita com cercamento em madeira [4]. A iconografia atual apresenta algumas mudanças ocorridas ao longo do tempo na cena. Novas edificações foram inseridas nos antigos vazios urbanos [5], embora estes ainda existam [6], assim como a ampliação da igreja ocorridas em data definida. O antigo caminho de chão batido foi substituído por paralelepípedos e uma escadaria com corrimão em uma das laterais foi construído para facilitar o acesso à Igreja [7]. Na edificação amarela que aparece no canto esquerdo inferior datada de 1904 (PEG034), é possível notar uma ampliação nos fundos sem data definida [8]. Ambas as edificações existentes ao lado da Igreja de São Marcos na iconografia de 1948 foram demolidas.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 03

Distrito

Azambuja

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

Datada do ano de 1940, a iconografia histórica mostra um desfile de 07 de setembro nas imediações da Igreja de São Marcos (PEG036) [1]. Pelas características arquitetônicas se parece mais com a atual - já tendo passado pela ampliação apontada pelos Quadros Iconográficos anteriores. É possível notar o vazio urbano e a divisão dos lotes urbanos coloniais feita com cercamento em madeira [2] e a existência de iluminação pública [3]. A iconografia atual apresenta algumas mudanças ocorridas ao longo do tempo na cena. Novas edificações foram inseridas nos antigos vazios urbanos [4] e o antigo caminho de chão batido foi substituído por paralelepípedos [5]. Na edificação amarela que aparece em grande parte da cena (PEG034), datada de 1904, é possível notar uma ampliação nos fundos sem data definida [6]. A edificação existente ao lado da Igreja de São Marcos na iconografia de 1940 (que aparece parcialmente na iconografia histórica) foi demolida.

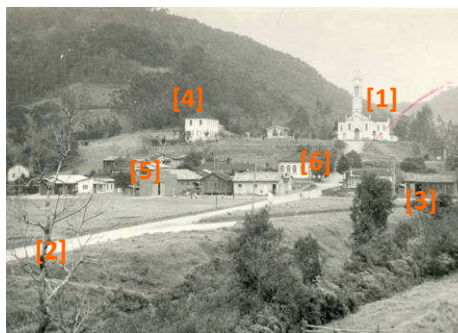
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 04

Distrito

Azambuja

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica não datada mostra uma vista geral da do núcleo urbano do Distrito de Azambuja. A Igreja de São Marcos (PEG036) [1] já aparece ampliada. O núcleo demonstra um pequeno crescimento urbano se comparado com a iconografia histórica, também não datada, do Quadro Iconográfico nº 01. Percebe-se o aglomerado de edificações em sua proximidade rodeado por espaços livres e da praça pública triangular a partir da qual se originou a colônia, a paisagem natural ainda pouco alterada com grandes extensões de áreas verdes e os morros cobertos de mata. A partir do Distrito de Azambuja, seguindo o antigo caminho dos imigrantes, é possível chegar a Pedras Grandes [2] ou a Urussanga [3]. A iconografia atual apresenta algumas mudanças ocorridas ao longo do tempo na cena e novas edificações foram inseridas nos antigos vazios urbanos, tanto na área plana quanto na colina da Igreja. Algumas edificações presentes na iconografia histórica estão preservadas até os dias de hoje: sobrado ao lado da igreja [4] e duas edificações térreas [5] [6]. Na praça pública triangular foi construída uma quadra de esportes. As grandes extensões de áreas verdes e morros cobertos de mata ainda se mantêm. O crescimento na vegetação, ocorrida ao longo dos anos, dificulta a percepção da totalidade da cena na iconografia atual.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 05

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015

**Descrição**

A iconografia histórica datada da década de 1960 mostra uma vista da sede do município de Pedras Grandes. A Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) foi construída em 1944 [1] numa pequena colina do núcleo urbano com encaminhamento marcado pelo alinhamento de palmeiras de ambos os lados [2]. Nota-se a existência de alguns vazios ao lado direito da cena - do lado esquerdo está localizada a praça pública, algumas edificações em madeira [3] e uma carroça puxada à tração animal [4]. Na iconografia atual, nota-se mais claramente do que na iconografia histórica uma edificação aos fundos da Igreja (PEG025), datada de 1949 [5]. Percebe-se a ocupação do lado direito da cena, local onde foi construído um ponto de ônibus [6].

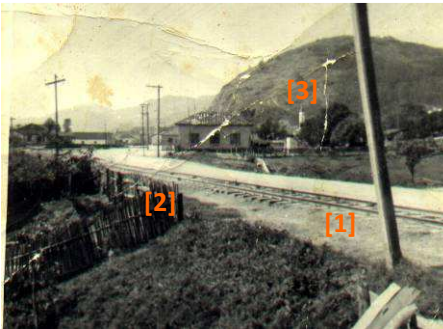
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 06

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica não datada mostra uma vista da linha férrea [1] nas proximidades da estação de Pedras Grandes, um pouco afastada do núcleo composto pela praça pública triangular e a Igreja. Nota-se a ocupação rarefeita do núcleo e o grande vazio com os lotes urbanos delimitados por cercamentos de madeira [2]. Ao fundo, percebe-se a torre da Igreja Arcanjo São Gabriel (PEG024), construída em 1944 [3]. Com a destruição da linha férrea pela enchente ocorrida em 1974 houve a substituição do antigo leito da ferrovia e a paisagem da Avenida Arcanjo Gabriel mudou consideravelmente. A iconografia atual em quase nada lembra a iconografia histórica, seja pela Avenida que nesse trecho possui canteiro central), seja pelas diversas construções térreas e os sobrados comerciais e residenciais construídos ao longo dos anos. No entanto, ainda é possível perceber ao fundo do alinhamento das edificações parte da torre da Igreja Arcanjo São Gabriel [4].

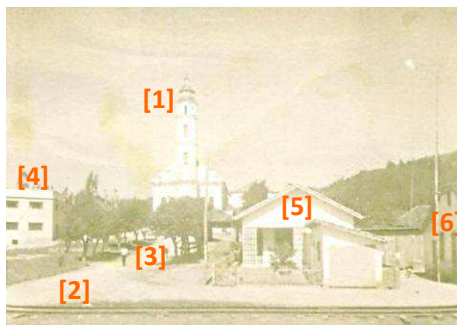
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 07

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica datada da década de 1960 mostra uma vista da sede do município de Pedras Grandes. A Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024) [1] tem seu lugar de destaque na paisagem, tanto por estar localizada numa pequena colina quanto pela dimensão da edificação e altura da torre sineira. A estrada de ferro [2], inaugurada em outubro de 1884, foi completamente destruída pela enchente ocorrida em 1974. Grande parte da cena está preservada em ambas as iconografias: Igreja, construída em 1944, com um alinhamento da vegetação marcando o acesso [3]; um sobrado localizado do lado esquerdo da Igreja [4], uma edificação residencial térrea de esquina [5] e outra edificação vizinha, também térrea datada de 1934 (PEG015), onde funciona um bar e também serve de residência da família [6]. Assim como ocorrido em outros municípios da região carbonífera, como em Criciúma, por exemplo, o antigo leito da ferrovia foi transformado no principal eixo viário do núcleo de Pedras Grandes [7] e hoje abriga a SC-390, rodovia que liga o sul catarinense à serra até o oeste catarinense.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 08

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica datada de 1920 mostra um trecho do núcleo do Distrito de Pedras Grandes localizado entre a praça da Igreja Arcanjo São Gabriel (PEG024) e a estação ferroviária. A cena mostra o meio de transporte comum à época e além do leito carroçável em primeiro plano [1], é possível visualizar a linha férrea [2] e o casario seguindo o seu alinhamento. O casario de 1920, presente na cena, foi todo renovado, com exceção do Clube XII de Outubro, construído em 1907 (PEG016) [3]. Assim como no Quadro Iconográfico nº 06, a paisagem da cena mudou consideravelmente. A iconografia atual mostra a Avenida Arcanjo Gabriel e diversas edificações térreas comerciais e residenciais construídas ao longo dos anos, demonstrando a renovação urbanística em decorrência da decadência do núcleo urbano de Pedras Grandes durante o ciclo da mineração na região carbonífera, assim como a renovação arquitetônica por meio da substituição do casario antigo.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 09

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica da década de 1970 parte do núcleo urbano de Pedras Grandes com a Igreja Archanjo São Gabriel (PEG024) ao fundo [1], a partir de um registro da cena a partir da Rua Engenheiro Joaquim Vieira Ferreira. A linha férrea também está presente na cena [2], assim como a praça pública triangular, hoje denominada Praça Padre João Phillipi ainda com vegetação baixa [3]. O núcleo ainda na década de 1970 apresentava grandes áreas de vazio urbano. Na iconografia atual, é possível perceber o crescimento urbano pelo qual a sede de Pedras Grandes passou nas últimas décadas. A linha férrea foi removida e atualmente comporta o leito asfáltico da SC-390, rodovia que liga o sul catarinense à serra até o oeste catarinense.

QUADRO ICONOGRÁFICO nº 10

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica datada de 1906 mostra um trecho do núcleo urbano de Pedras Grandes localizado às margens do Rio Pedras Grandes [1]. É possível perceber a ocupação das margens do rio por uma série de edificações térreas e sobrados que conformam a Estrada Geral que liga ao núcleo urbano de Azambuja pela antiga estrada dos imigrantes. Algumas dessas edificações ainda estão preservadas, como a Casa Taquini, sobrado construído em 1898 (PEG022) [2]. Ainda nota-se, mesmo que parcialmente, a torre da antiga igreja [3] do núcleo urbano de Pedras Grandes. As mudanças arquitetônicas ocorridas ao longo dos anos provocaram uma renovação da cena, inclusive da própria igreja antiga de duas torres do núcleo substituída em 1944 pela Igreja Arcanjo São Gabriel (PEG024) [4]. O crescimento da vegetação, ocorrida ao longo dos anos, dificulta a percepção da totalidade da cena.

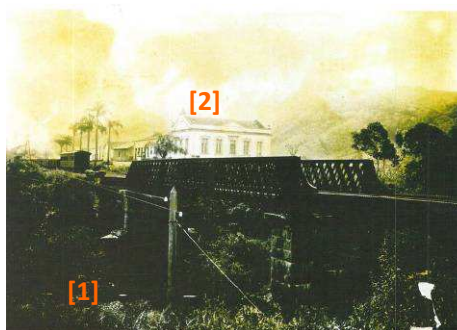
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 11

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica não datada mostra um trecho da linha férrea do núcleo urbano que passava por uma ponte sobre o Rio Pedras Grandes [1]. Ao fundo é possível visualizar o Clube XII de Outubro, fundado em 1907 (PEG016) [2]. Na iconografia atual percebe-se apenas um dos pilares da antiga ponte da linha férrea, tendo em vista sua destruição pela enchente ocorrida em 1974 [3]. Com relação ao Clube XII de Outubro, percebe-se uma ampliação nos fundos da edificação sem registro de data [4]. Todas as outras edificações presentes na cena em 1906 foram demolidas dada a renovação urbana e arquitetônica ocorrida no Distrito de Pedras Grandes (sede).

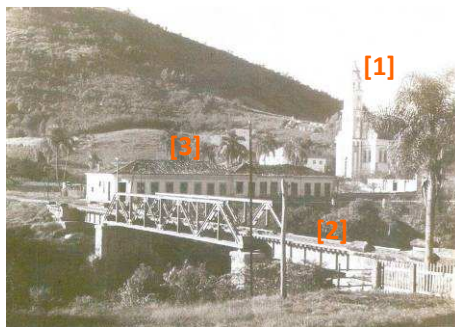
QUADRO ICONOGRÁFICO nº 12

Distrito

Pedras Grandes (sede)

Foto: s.d.

Foto: 2015



Descrição

A iconografia histórica não datada mostra o núcleo urbano de Pedras Grandes: a Igreja Arcanjo São Gabriel (PEG024) construída em 1944 [1], a ponte por sobre a qual passava a linha férrea [2] e um casario térreo [3]. Ainda é possível notar uma ocupação do núcleo urbano bastante rarefeita. A iconografia atual mostra o pavimento asfáltico da SC-390, tendo a linha férrea sido removida após a enchente de 1974. Do casario térreo presente na iconografia histórica, apenas a edificação de esquina, conhecida como Casa Família Antunes (PEG015) se mantém. Embora bastante descaracterizada, a edificação preserva a volumetria original e atualmente funciona como um bar e residência da família. O crescimento da vegetação, ocorrida ao longo dos anos, dificulta a percepção da totalidade da cena embora ainda seja visível parte da torre sineira da Igreja Arcanjo São Gabriel (PEG024) [1].

APENDICE 04: CONTEÚDO ESCRITO DOS CINCO BLOGS PESQUISADOS

BERKA, 2011: Blog Diários dos Caminhos

No *blog* denominado Diários dos Caminhos, Maurício Berka publicou no dia 21 de junho de 2008 um *post* sobre o seu passeio até o município de Pedras Grandes. Maurício e sua esposa Clarice estavam hospedados em um hotel no município de Gravatal. O acesso ao município de Pedras Grandes deu-se através da SC-440, no sentido Tubarão - Urussanga. Os viajantes terminaram o caminho até Urussanga e de lá retornaram à Gravatal via Orleans.

Foram publicadas dezoito cenas ao longo do caminho percorrido, da sede do município de Pedras Grandes, do Distrito de Azambuja e da Praça Anita Garibaldi, no centro de Urussanga (Quadro 44 do Apêndice 05). Segue abaixo o texto publicado no *post*:

Durante todos esses anos que temos vindo a Gravatal, nunca havíamos visitado o município de Pedras Grandes, aqui perto.

Nesta temporada, motivados pela gripe que atacou a Clarice e ao frio que nos afasta da piscina, resolvemos dar uma volta hoje até lá para conhecê-lo. Sábia decisão.

Sáímos do hotel no meio da manhã com o termômetro marcando 10°C, num dia de céu de brigadeiro.

Dirigimo-nos até a BR-101 onde tomamos o rumo sul e, logo após passarmos a ponte sobre o Rio Tubarão, tomamos a direita acessando a SC-440, que margeia o rio, numa bela paisagem.

No caminho, fizemos uma visita ao Hotel Termas da Guarda e prosseguimos rumo a Pedras Grandes.

A medida que seguíamos a paisagem ficava cada vez mais agradável. Vinte e sete quilômetros depois de termos saído da BR-101 chegamos ao aconchegante município.

Com ruas amplas e calmas, Pedras Grandes passa uma sensação de paz. A cidade foi o berço da colonização italiana no sul de Santa Catarina, no ano de 1877, quando ainda era distrito do município de Tubarão.

Visitamos a Igreja e a rua central que apresenta casarios que dão seu testemunho da importância que tiveram numa época passada, possuindo uma Estação Ferroviária, hoje desativada e transformada em Casa da Cultura.

Decidimos voltar ao hotel de Gravatal por Urussanga, motivo pelo qual seguimos pela Estrada de Azambuja.

Azambuja é um distrito de Pedras Grandes, terra do vinho Goethe.

Ali se realizará nos dias 8, 9 e 10 de julho de 2011 a VII Festa do Vinho Goethe. Os preparativos para a festa estavam "de vento em popa".

Esse distrito situa-se a dez quilômetros do centro de Pedras Grandes e tem acesso por uma estrada vicinal bem conservada e com uma paisagem muito bela, ladeada por pequenas propriedades rurais. A Clarice e eu ficamos o tempo todo nos imaginando fazendo uma caminhada por ali com nossos amigos.

A determinado momento pudemos ver ao longe, na paisagem, o paredão da Serra Catarinense.

Seguimos pela agradável estrada até Urussanga, onde almoçamos e fomos conhecer o centro da cidade e a Igreja.

Retornamos a Gravatal via Orleans.

MARTINELO e MARTINELO, 2011: *Blog Alê e Lisi viajando pelo sul*

No *blog* denominado Alê e Lisi Viajando pelo Sul, o casal Alessandro Martinelo e Lisiane Potrikus Martinello que viaja de moto pela região sul e publicou no dia 23 de abril de 2011 um *post* sobre o seu passeio até o município de Pedras Grandes. Alessandro e Lisiane partiram do Criciúma a bordo da intrépida Yamaha YS 250 Fazer Branca.

Foram publicadas trinta e três cenas ao longo do caminho percorrido, da localidade rural de Rancho dos Bugres, Distrito de Azambuja e da sede do município de Pedras Grandes (Quadro 45 do Apêndice 05). Segue abaixo o texto publicado no *post*:

Uma data interessante merece um passeio inédito. 10 de outubro de 2010 (10/10/10) foi o dia que escolhemos para conhecer uma cidade vizinha: Pedras Grandes, a cerca de 50 km de Criciúma. Seguindo pela SC-438, até Urussanga, onde entramos no acesso que leva até uma localidade chamada Rancho dos Bugres, já em Pedras Grandes (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Logo chegando encontramos uma Gruta muito bonita e bem cuidada, e ao lado a Igreja da localidade, onde conhecemos a Dona Olga, que cuida da limpeza e das plantas. Tivemos uma conversa longa e agradável com ela, onde tivemos oportunidade de saber um pouco da história do local (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Atrás da igreja, como de costume, está o cemitério, onde estão enterrados os Imigrantes Italianos, primeiros habitantes da localidade (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Depois de Azambuja, a próxima parada é Pedras Grandes, uma pequena cidade, mas uma das mais charmosas que já visitamos. Localizada no Vale do Rio Tubarão, Pedras Grandes já foi ponto de parada dos tropeiros que faziam a ligação comercial entre os campos de Lages e Tubarão. Fundada em 28 de abril de 1877, com a chegada das primeiras 90 famílias de italianos, a cidade viveu um período de extremo desenvolvimento depois da descoberta das minas de carvão em Lauro Müller e da construção da estrada de ferro Dona Thereza Christina, quando foi erguida no município uma estação ferroviária – hoje a Casa da Cultura de Pedras Grandes, transformada em Museu da Cultura Italiana. Foi elevada a distrito em 1.888 e a município em 1.961, quando se desmembrou de Tubarão (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Após passearmos pela cidade, pegamos uma estradinha que nos levou até a Gruta Nossa Senhora da Salete, no alto de uma montanha, onde temos uma visão maravilhosa de toda a cidade de Pedras Grandes (blog Alê e Lisi Viajando pelo Sul, 2015).

Foram publicados três comentários de internautas no post:

- Achei lindas suas fotos e seu trabalho em divulgar nossa região que é realmente linda (comentário de Rosi, em 21 de dezembro de 2011).

*- Conheço bem essa cidade e sou apaixonado por ela e por suas tradições italianas. Ela cultiva as tradições dos antepassados italianos na religião, gastronomia e festas, é **uma paisagem magnífica** (comentário de ATHOS12, em 12 de outubro de 2013).*

- Legal ATHOS, também adoramos a cidade! Continue acompanhando nossas aventuras. Abraço (comentário de Alê & Eisi, em 23 de novembro de 2013).

- Muito legal. Meu pai era agente de estação e moramos aí na estação. Brincava com esse trole no trilho. Depois da enchente meu pai dividiu a casa para uma família desabrigada. Saimos daí em 1976. Hoje eu moro em São Paulo. Legal mesmo. Tudo de bom (comentário de Anônimo28, em 28 de outubro de 2013).

- Muito obrigado amigo! Continue acompanhando nossas aventuras! Abraço! (comentário de Alê & Eisi, em 23 de novembro de 2013).

No *blog* denominado Genealogia da Família Salvan, Roque Salvan publicou um *post* no dia 08 de janeiro de 2012 com textos da imigração italiana na colônia Azambuja.

Foram publicadas trinta cenas da localidade de Rio Cintra e do Distrito de Azambuja (Quadro 46 do Apêndice 05). Segue abaixo o texto publicado no *post*:

COLÔNIA DE AZAMBUJA - Planta - Por Roque Salvan

Berço da colonização italiana no Sul do Estado de Santa Catarina, Pedras Grandes, município essencialmente agrícola, recebeu os primeiros imigrantes no ano de 1877. Pedras Grandes, teve seu começo pela colonização de AZAMBUJA ou melhor, COLÔNIA DE AZAMBUJA, a primeira leva de imigrantes vieram 90 famílias, 291 pessoas ao todo, a bordo do NAVIO VAPOR RIVADAVIA. – Trechos do Livro: conhecer para Amar, do Professor Antônio Bardini, (Pág:05), de TREZE DE MAIO(SC).

1876 data oficial da colonização em AZAMBUJA

Do livro: CONHEÇA TUBARÃO - Documentário histórico e outros fatos 1605 – 1972, páginas 77 e 78, do Autor JOSÉ FREITAS JÚNIOR, TUBARÃO(SC), ano 1972, extrai:

“Dando prosseguimento à sabia política imperial, de substituir o braço escravo pelo colono estrangeiro, foi designado a 21 de novembro de 1876, o Engenheiro JOAQUIM VIEIRA FERREIRA, para dirigir o povoamento das cabeceiras do Tubarão – “O engenheiro Joaquim Vieira Ferreira exerceu o cargo de diretor da colônia até 13 de junho de 1881, data em que foi substituído pelo engenheiro João Thomaz Nogueira”

Decorridos apenas quatro dias de sua nomeação, o mesmo embarcou com sua família no “Cervantes”, com destino ao Desterro, Capital da Província de Santa Catarina, naquela época governada sabiamente por Alfredo Escagnolle Taunay, que se immortalizara na Guerra do Paraguai.

Da Capital para a nossa cidade vieram no “Conceição” e após os preparativos para a entrada na mata virgem, subiram o rio Tubarão até Pedrinhas, onde desembarcaram.

Em sua fase final, estabeleceram a sede do núcleo, (atual AZAMBUJA), na confluência do riacho Cintra com o rio Pedras Grandes. Abriram picadões, dividiram o terreno em lotes e construíram ranchos”.

“O núcleo de Azambuja foi fundado a 28 de abril de 1877, no Valle do rio das Pedras Grandes, afluente do rio Tubarão.

.....Dias antes, isto é, a 16 de abril, o major ANTONIO FLORENCIO PEREIRA LAGO, inspetor especial de terras públicas, entregou, no lugar Morrinhos, 291 imigrantes, quasi todos de origem italiana, ao Engenheiro JOAQUIM VIEIRA FERREIRA, que os fez conduzir a sede do núcleo colonial”. “No

ano seguinte à inauguração de Azambuja, o Engenheiro VIEIRA FERREIRA, volve suas vistas para o vale de URUSSANGA, demarcando seus lotes e traçando sua sede, em forma triangular, na confluência do Rio América com o Urussanga, aproveitando dessa forma a configuração favorável do terreno....”,

“Os primeiros colonos, em número de 76 famílias, destinados à URUSSANGA, desembarcaram no porto do Passo do Gado, a 16 de maio de 1878 e no Morrinhos a 19. Foram recolhidos aos ranchos de hospedagem de Urussanga a 28 e localizados nos seus lotes a 12 de junho de 1878”.

ICE CLIMBER, 2006: *Website Skyscrapercity*

No site denominado Skyscrapercity, Ice Climber publicou no dia 20 de junho de 2012 a uma série de cinquenta e duas cenas sobre o município de Pedras Grandes. Pela seqüência das fotos trata-se do trecho Tubarão – Urussanga, da sede do município de Pedras grandes e do Distrito de Azambuja (Quadro 47 do Apêndice 05). O registro fotográfico realizado em março de 2012 deu origem à publicação ‘Pedras Grandes: um dos berços da colonização italiana em Santa Catarina’. Segue abaixo o texto publicado no *post*:

- Hoje apresento a vocês Pedras Grandes, município que foi juntamente com Urussanga, berço da colonização italiana em Santa Catarina, mais precisamente na região Sul do estado. Pedras Grandes é bem pequena e espalhada. Passei por apenas duas localidades: o Centro e o bairro de Azambuja (esse especificamente o berço da colonização italiana). No interior do município, explorando as estradas bravias, tem-se muitos resquícios arquitetônicos/culturais da presença italiana aqui (que começou em 1877, na comunidade de Azambuja). A cidade é vizinha a Tubarão, sendo parte da sua "região metropolitana" e muito integrada a ela. Já viveu ciclos econômicos em função do carvão. Boa parte da população fala a língua vêneta, e anualmente celebram-se festas em homenagem aos imigrantes, como a Festa da Uva Goethe (publicação de Ice Climber no Skyscrapercity, 2015).

Foram publicados quatorze comentários de internautas no *post*:

- Parabéns Ice! (comentário de gabriel campos, em 20 de junho de 2012).

- Valeu, Gabriel. Que bom que tu gostou, já que é da região. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).

- *Que lugar lindo e tranquilo. Certamente o potencial turístico pode ser mais aproveitado. As fotos estão muito boas também (comentário de Positronn, em 20 de junho de 2012).*

- *Valeu Posita. A cidade poderia roterizar melhor o patrimônio histórico, e criar um turismo étnico-rural. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).*

- *Acho que é um dos locais mais pacatos que já vi neste site. Cidadezinha muito calma, com belas casinhas deixadas pelos imigrantes e ainda conservadas. Beleza natural magnífica! Parabéns pelas fotos! (comentário de lumpy29, em 20 de junho de 2012).*

- *Valeu lumpy. Pedras Grandes é realmente muito pacata. O interior do município é muito bonito, principalmente seguindo nessa avenida asfaltada de pista dupla que mostrei no início (ali vai sair em Orleans, pela rodovia Serra-Mar, que está em construção). (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).*

- *Belíssimo lugar! Muito tranquilo e bucólico. As paisagens naturais são lindas. Destaque para os morros e esse rio pedregoso que criam um ambiente muito agradável. Valeu por mostrar! (comentário de santoalegense, em 20 de junho de 2012).*

- *Pois é, o rio Pedras Grandes é muito bonito. É uma pena que a cidade não tenha casario em maior numero, seria uma paisagem deveras bucólica. Acho que muito se perdeu. Obrigado pela visita, santoangelense! (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).*

- *Linda região. A foto 02 ficou muito bacana, super agradável para se ter um sítio por ali. A cidade parece se preocupar com o rio, tudo muito bem cuidado. Gosto muito do aspecto desses rios mais rasos, rochosos como o da foto 14. É tão agradável andar no meio deles. No meu sítio tem um pequeno pedaço que dá pra fazer isso, mas ele fica num vale, não tem essa mesma sensação de amplitude. Gostei do nome da cidade também, tem potencial para turismos do tipo hotéis-fazenda, chalés... Boas fotos, valeu Ice. (comentário de Nestón, em 20 de junho de 2012).*

- *Valeu Nestón. O rio Tubarão apesar de bonito (principalmente com esses barrancos de areia, convidativos para um banho) infelizmente é bastante poluído, principalmente pela atividade de mineração (que vem de Lauro Muller), e suinocultura (Braço do Norte). Mais a frente ele recebe águas do rio Capivari (em Capivari de Baixo), e torna-se ainda pior. Mas o rio Pedras Grandes (esse com as rochas aparecendo) já é muito mais limpo e agradável. E realmente a cidade deveria investir mais em turismo, tem muito a ganhar. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).*

- Não pude deixar de notar o asfaltamento impecável da avenida principal (somente um pouco sujo de areia). Para uma cidade tão pequena é algo bem relevante. Gostei da cidade, o riachinho deve ser uma delícia para tomar banho, já que essa região faz um calor absurdo no verão (comentário de FloripaNation, em 20 de junho de 2012).

- Sim, o calor ali é senegalês. Tubarão já é punk, imagine ai para dentro do Vale... E no inverno o exato oposto, um frio de rachar. Não sei se gosto tanto dessas diferenciações extremas do clima. Em Imbituba, pela proximidade com o mar, fica mais uma constante - nem muito calor, nem muito frio. Ah, e a sujeira na rua (afora as da sarjeta, que são comuns pela quantidade de vias sem pavimentação, bem como pela ausência de garis nessas cidades pequenas) deve-se a reforma de praças que estavam ocorrendo em Fevereiro/Março. Obrigado pela visita, Floripa. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).

- Gostei, belas imagens!!! (comentário de Ponta Negra, em 20 de junho de 2012).

- Obrigado pela visita, Ponta Negra. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012).

- Boas fotos. Uma típica cidade catarinense construída entre vales. (comentário de Ponce, em 20 de junho de 2012).

- Pois é. Lembra muito outras cidades de SC e RS, principalmente as catarinenses dos vales mais acima. Valeu, Ponce. (comentário de Ice Climber, em 20 de junho de 2012, em 21 de junho de 2012).

- Belas fotos, Ice. Parabéns! Acho que o prédio que aparece na foto 11 é um colégio. (comentário de Paulo R. Bitencard, em 21 de junho de 2012).

- Ah, valeu. Não sabia. Conhece Pedras Grandes, Paulo? (comentário de Ice Climber, em 21 de junho de 2012).

- Ótima as fotos Ice, cidade pequenininha, super tranquila, agradabilíssima, eu gosto muito. Show!!! (comentário de thiagojsp, em 21 de junho de 2012).

- Valeu Thiago! (comentário de Ice Climber, em 21 de junho de 2012).

- Ótimo thread Ice Man. Paisagens muito bonitas, uma tranquilidade que dá gosto de ver. (comentário de Hello World, em 21 de junho de 2012).

- Obrigado pela visita Hello. (comentário de Ice Climber, em 21 de junho de 2012).

- *Que lugar lindo!!! Cada vez que vejo fotos do interior de SC me apaixono mais por esse estado repleto de lugares com paisagens incríveis e bucólicas! Moraria com prazer nessa cidadezinha! (comentário de eduardoazul, em 21 de junho de 2012).*

- *O italiano da casa 48 não se fez de rogado, meteu logo uma parreira na frente do imóvel. Espetacular. Sou fã dessas casas de pedra. Lindas fotos, obrigado por compartilhar. (comentário de Ocatarina, em 21 de junho de 2012).*

- *Aaaah, Santa Catarina! Sempre belas cidades! Adorei! Parabéns! (comentário de Iturama, em 21 de junho de 2012).*

MARIOT, 2012: *Blog Santana Mineração*

No *blog* denominado Santana Mineração, Edson João Mariot iniciou no dia 04 de agosto de 2012 a publicação de uma série de vinte e três *posts* intitulados Caminho dos Imigrantes. A publicação da série foi finalizada no dia 12 de agosto de 2012 e resultou em um levantamento histórico aproximado das rotas percorridas pelos imigrantes italianos que partiram do norte da Itália rumo ao sul de Santa Catarina. Além das rotas ilustradas em mapas do Google Earth, os *posts* apresentam os locais percorridos, sejam por meio de informações escritas seja por iconografia histórica ou registro fotográfico atual de Genova, Estreito de Gibraltar, Arquipélago de Cabo Verde, Desterro e Laguna.

Foram publicadas cinquenta e seis cenas ao longo do caminho percorrido – pela seqüência das fotos trata-se do trecho Tubarão – Urussanga, da sede do município de Pedras Grandes e do Distrito de Azambuja (Quadro 48 do Apêndice 05). Segue abaixo o texto publicado no *post*:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES

Nas postagens "O caminho dos imigrantes" vamos ter uma idéia aproximada da rota que os imigrantes italianos seguiram até chegarem em Urussanga.

Na rota entre Tubarão e Urussanga mostraremos algumas imagens recentes para termos uma visão da situação atual de como está o caminho dos imigrantes.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (2)

Primeiro caminho: de trem, do Vêneto, norte da Itália, até o Porto de Gênova, província italiana do mesmo nome.

No porto de Gênova embarcavam rumo ao Brasil.

Na rota, a passagem pelo Estreito de Gibraltar que separa o Mar Mediterrâneo do Oceano Atlântico.

Gibraltar, apesar de estar localizado em território espanhol, é um território ultramarino pertencente ao reino britânico.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (3)

Segunda etapa da rota: Estreito de Gibraltar até o Arquipélago de Cabo Verde, pertencente a Portugal.

A ilha de São Vicente, Arquipélago de Cabo Verde, era o local onde era feito o reabastecimento com carvão que era o combustível usado nos navios.

Padre Luigi Marzano passou pela ilha de São Vicente quando da sua vinda para o Brasil em novembro de 1899.

A sua impressão sobre a ilha de São Vicente:

"[...] Rasentiamo terra e proseguiano per San Vincenzo ove pernottiamo laseradel 24 congeneralesoddisfazione. Eravamo a metà del viaggio e dormimmo come in terra ferma. Al mattino seguente se diede principio a rifornir il bastimento di carbone, e noi discendemmo a visitare La città di San Vincenzo. Si compone de non molte case convieampie e benselciate, conalcunigiardinipoverissimidivegetazione, conpochepianteintisichite e mantenute vive piú dall'artechedalla natura. L'intierosuolo e lepocheerbeches'incontrano sono ricoperte d'una polvererossastra: non vidiunucello.

[...]

Abbandonammo quella terra ingrata ed infelice...

Fonte: Coloni e Missionari Italiani Nelle Foreste del Brasile. Autor: Padre Luigi Marzano.

Tradução:

"[...] nos aproximamos da terra e prossequimos para São Vicente onde pernoitamos o dia 24 com satisfação geral. estávamos na metade da viagem e dormimos como em terra firme. na manhã seguinte começou o reabastecimento do navio com carvão, e nós descemos para visitar a cidade de São Vicente. Se compõe de não muitas casas com ruas amplas e bem pavimentadas, com alguns jardins pobríssimos de vegetação, com poucas plantas comestíveis e mantidas vivas mais pela arte do que pela natureza. o

solo inteiro e as poucas ervas que se encontram são recobertos de um pó avermelhado: não vi um passarinho.

[...]

Abandonamos aquela terra ingrata e infeliz...

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (4)

Quarta etapa da rota: Arquipélago de Cabo Verde até o Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Quem governava o Brasil, na época, era o imperador Dom Pedro II.

Foi durante o reinado de Dom Pedro II que a imigração italiana para o Brasil, dentre outras, foi estimulada.

O reinado de Dom Pedro II durou de 7 de abril de 1831 até 15 de novembro de 1889.

Uma curiosidade: o nome completo de Dom Pedro II era "Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga."

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (5)

Quinta etapa da rota: Rio de Janeiro até Desterro, como era conhecida a capital de Santa Catarina na época.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (6)

Sexta etapa da rota: Desterro até Laguna.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (7)

Sétima etapa da rota: Laguna até Tubarão a bordo de barcaças.

Alguns historiadores citam que os imigrantes, embarcados no porto de Laguna, desembarcaram na localidade de morrinhos, para prosseguirem a pé até à sede da futura colônia de Urussanga.

Outros citam que os imigrantes seguiram de barcaças até Pedrinhas, de onde fizeram o trajeto a pé até à futura colônia de Urussanga.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (8)

Oitava etapa da rota: seguindo a pé, pela margem direita do Rio Tubarão, até onde hoje está localizada a cidade de Pedras Grandes. De Pedras Grandes, seguiram por uma picada até à sede da colônia Azambuja e daí até onde ficaria a futura sede da colônia de Urussanga.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (9)

Vamos ver como está a rota aproximada percorrida pelos primeiros imigrantes italianos para chegar à colônia de Urussanga.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (10)

Mais imagens atuais da rota dos imigrantes:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (11)

Mais:

O município de pedras grandes recebeu este nome em função da forte presença de pedras de granito na superfície do solo nesta região.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (12)

Mais imagens da rota dos imigrantes:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (13)

Pedrinhas é a primeira localidade na rota de Tubarão até Pedras Grandes.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (14)

Mais:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (15)

Mais:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (16)

Mais imagens de Pedras Grandes:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (17)

Mais:

Reveja Azambuja em 1877:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (18)

Mais:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (19)

Mais imagens de Azambuja, Pedras Grandes.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (20)

Mais:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (21)

Mais:

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (22)

Presença constante no caminho dos imigrantes: o coqueiro jervá. O coqueiro jervá ou gerivá marcou e ainda marca presença nas propriedades dos imigrantes italianos e seus descendentes.

Servia para proteger as casas dos ventos dominantes, ajudava a controlar a erosão nas áreas mais declivosas e suas folhas eram utilizadas para alimentar os animais domésticos, principalmente os bovinos.

Os seus frutos eram fonte de alimento para os porcos que eram criados soltos na propriedade e, depois de secos, fornecem uma amêndoa que pode substituir o coco-da-baía em doces.

Do jervá pode ainda ser extraído palmito e a sua madeira pode ser usada nas construções.

O invólucro do seu cacho, chamado popularmente de "canao", era usado pelas crianças para a brincadeira de escorregar morro abaixo.

O CAMINHO DOS IMIGRANTES (23)

Veja as últimas imagens da rota dos imigrantes até a chegada em Urussanga

APENDICE 05: LEVANTAMENTO DAS LEGENDAS E DAS CENAS QUE ILUSTRAM OS POSTS

Quadro 44: BERKA, 2011: *blog* Diários dos Caminhos.

	Legenda da imagem no post	Legenda	Conteúdo da imagem
01	Sem legenda	DC-01	SC-440 margeando o Rio Tubarão
02	Sem legenda	DC-02	Mapa do trajeto percorrido pelo viajante: Tubarão – Urussanga
03	Pátio do Hotel Termas da Guarda	DC-03	Pátio do Hotel Termas da Guarda, Tubarão
04	Sem legenda	DC-04	Casa dos Arcos (PEG011), Bairro Ilhota, município de Pedras Grandes
05	Sem legenda	DC-05	Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes
06	Sem legenda	DC-06	Vista da torre da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes
07	Sem legenda	DC-07	Rio Pedras Grandes, sede do município
08	Sem legenda	DC-08	Clube XII de Outubro (PEG016), sede de Pedras Grandes
09	Sem legenda	DC-09	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
10	Sem legenda	DC-10	Paisagem rural
11	Azambuja de Pedras Grandes	DC-11	Placa indicativa e vista geral do Distrito de Azambuja, município de Pedras Grandes
12	Azambuja de Pedras Grandes	DC-12	Azambuja (vista da massa vegetal - árvores frutíferas)
13	Sem legenda	DC-13	Estrada rural
14	Sem legenda	DC-14	Vista geral da Serra do Rio do Rastro
15	Urussanga	DC-15	Vinícola Cadorin (URU002), centro de Urussanga
16	Urussanga	DC-16	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (URU001), centro de Urussanga
17	Urussanga	DC-17	Conjunto Urbano da Praça Anita Garibaldi (URU004 e URU005), centro de Urussanga
18	Urussanga	DC-18	Praça Anita Garibaldi, centro de Urussanga

Fonte: autora, com base em Diários dos Caminhos, 2015.



DC-01



DC-02



DC-03



DC-04



DC-05



DC-06



DC-07



DC-08



DC-09



DC-10



DC-11



DC-12



DC-13



DC-14



DC-15



DC-16



DC-17



DC-18

Quadro 45: MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: *blog* Alê e Lisi Viajando pelo Sul.

	Legenda da imagem no post	Legenda	Conteúdo da imagem
01	Sem legenda	ALVS-01	Placa indicativa da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
02	Sem legenda	ALVS-02	Gruta em Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
03	Gruta em Rancho dos Bugres	ALVS-03	Gruta em Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
04	Igreja em Rancho dos Bugres	ALVS-04	Igreja de São Lourenço (URU004), localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
05	Dona Olga	ALVS-05	Dona Olga, responsável pela limpeza da Igreja de São Lourenço (URU004), localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
06	Interior da Igreja	ALVS-06	Vista do interior da Igreja de São Lourenço (URU004), localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
07	Sem legenda	ALVS-07	Detalhe das inscrições do cemitério da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes

08	Sem legenda	ALVS-08	Detalhe das inscrições do cemitério da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
09	Sem legenda	ALVS-09	Estrada rural
10	Azambuja	ALVS-10	Casa Felipe com parreiral (PEG041), Distrito de Azambuja, município de Pedras Grandes
11	Azambuja	ALVS-11	Ponte sobre o rio, Distrito de Azambuja
12	Azambuja	ALVS-12	Rio
13	Igreja de Azambuja	ALVS-13	Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
14	Construções antigas em Azambuja	ALVS-14	Edificação histórica (PEG034) no Distrito de Azambuja
15	A estrada segue o curso do rio	ALVS-15	Rio
16	Descobrimos porque se chama Pedras Grandes!	ALVS-16	Rio Pedras Grandes, na sede do município
17	Sem legenda	ALVS-17	Ponte sobre o Rio Pedras Grandes
18	Sem legenda	ALVS-18	Clube XII de Outubro (PEG016), sede de Pedras Grandes
19	Pilares da ponte da antiga estrada de ferro	ALVS-19	Pilares da ponte da antiga estrada de ferro, sede de Pedras Grandes
20	Sem legenda	ALVS-20	Rio Pedras Grandes, na sede do município
21	Centro de Pedras Grandes	ALVS-21	Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes
22	Antiga Estação Ferroviária, hoje Casa da Cultura	ALVS-22	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
23	Antiga Estação Ferroviária, hoje Casa da Cultura	ALVS-23	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
24	Antiga Estação Ferroviária, hoje Casa da Cultura	ALVS-24	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
25	Sem legenda	ALVS-25	Estrada até a gruta Nossa Senhora da Salete, Pedras Grandes
26	Gruta Nossa Senhora da Salete	ALVS-26	Gruta Nossa Senhora da Salete, Pedras Grandes

27	No alto de Pedras Grandes, com o Rio Tubarão ao fundo	ALVS-27	Vista da sede do município de Pedras Grandes vista do alto
28	Sem legenda	ALVS-28	Vista da sede do município de Pedras Grandes vista do alto
29	Casa dos Arcos Zaboti	ALVS-29	Casa dos Arcos (PEG011), Bairro Ilhota, município de Pedras Grandes
30	Construções centenárias	ALVS-30	Casa Nono Pedro Genovês (PEG005), Bairro Pedrinhas, município de Pedras Grandes
31	Até as cadeiras são de pedra!	ALVS-31	Em frente à Casa Nono Pedro Genovês (PEG005), Bairro Pedrinhas, município de Pedras Grandes
32	Pontes sobre o Rio Tubarão	ALVS-32	Rio Tubarão
33	Pontes sobre o Rio Tubarão	ALVS-33	Ponte sobre o Rio Tubarão

Fonte: autora, com base em MARTINELLO e MARTINELLO, 2011.



ALVS-01



ALVS-02



ALVS-03



ALVS-04



ALVS-05



ALVS-06



ALVS-07



ALVS-08



ALVS-09



ALVS-10



ALVS-11



ALVS-12



ALVS-13



ALVS-14



ALVS-15



ALVS-16



ALVS-17



ALVS-18



ALVS-19



ALVS-20



ALVS-21



ALVS-22



ALVS-23



ALVS-24



ALVS-25



ALVS-26



ALVS-27



ALVS-28



ALVS-29



ALVS-30



ALVS-31



ALVS-32



ALVS-33

Quadro 46: Salvan, 2012: *blog* Genealogia da Família Salvan.

	Legenda da imagem no post	Legenda	Conteúdo da imagem
01	Ano 1888 - Colônia Azambuja - Província de Santa Catharina	GFS-01	Mapa da Colônia Azambuja, 1888
02	Engenheiro Joaquim Vieira Ferreira	GFS-02	Engenheiro Joaquim Vieira Ferreira
03	Parcial da planta geral da Colônia Azambuja - Ano 1888	GFS-03	Parcial da planta geral da Colônia Azambuja, 1888
04	Capitel - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 01-05-2007	GFS-04	Capitel, Distrito de Azambuja
05	Casa de Pedra - Rio Cintra - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 03-11-2007	GFS-05	Casa de Pedra (PEG044), localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
06	Casa de Pedra - Rio Cintra - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 03-11-2007	GFS-06	Casa de Pedra (PEG044), localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
07	Casa de Pedra - Rio Cintra - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 03-11-2007	GFS-07	Casa de Pedra (PEG046), localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
08	Educandário de Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 03-11-2007	GFS-08	Casa do Padre (PEG037), Distrito de Azambuja

09	Igreja de São Marcos - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 03-11-2007	GFS-09	Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
10	Igreja de São Xisto - Rio Cintra - Azambuja - 01-05-2007	GFS-10	Igreja de São Xisto, localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
11	Igreja de São Xisto - Rio Cintra - Azambuja - 01-05-2007	GFS-11	Igreja de São Xisto, localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
12	Igreja de São Xisto - Rio Cintra - Azambuja - 01-05-2007	GFS-12	Igreja de São Xisto, localidade de Rio Cintra, Pedras Grandes
13	Igreja de São Xisto - Rio Cintra - Azambuja - 01-05-2007	GFS-13	Vista da Igreja de São Marcos (PEG036) e casario, Distrito de Azambuja
14	Azambuja – Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-14	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
15	Sem legenda	GFS-15	Participantes da 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
16	Sem legenda	GFS-16	Participantes da 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
17	Sem legenda	GFS-17	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
18	Sem legenda	GFS-18	Estrada rural com placa de sinalização
19	Sem legenda	GFS-19	Estrada rural com placa de sinalização
20	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS 20	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
21	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-21	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
22	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-22	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
23	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-23	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
24	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-24	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015

25	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-25	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
26	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-26	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
27	Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-27	Vista geral do Distrito de Azambuja na 9ª Festa do Vinho Goethe, 2015
28	Igreja de São Marcos - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-28	Interior da Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
29	Igreja de São Marcos - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-29	Interior da Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
30	Igreja de São Marcos - Azambuja - Pedras Grandes (SC) em 11-07-2015	GFS-30	Interior da Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja

Fonte: autora, com base em SALVAN, 2012.



GFS-01



GFS-09



GFS-17



GFS-02



GFS-10



GFS-18



GFS-03



GFS-11



GFS-19



GFS-04



GFS-12



GFS-20



GFS-05



GFS-13



GFS-21



GFS-06



GFS-14



GFS-22



GFS-07



GFS-15



GFS-23



GFS-08



GFS-16



GFS-24



GFS-25



GFS-26



GFS-27



GFS-28



GFS-29



GFS-30

Quadro 47: Ice Climber, 2006: *website* Skyscrapercity.

	Legenda da imagem no post	Legenda	Conteúdo da imagem
01	Rodovia de acesso, vindo de Tubarão	IC-01	Rodovia SC-440, à beira do Rio Tubarão
02	Rio Tubarão, e uma comunidadezinha na outra margem - detalhe para a pequena ponte pênsil, super comum na região	IC-02	Ponte pênsil sobre o Rio Tubarão
03	Vale do Rio Tubarão, com o rio já chegando próximo à maturidade, na planície do Rio Tubarão	IC-03	Rio Tubarão
04	Skyline de Pedras Grandes	IC-04	Rio Tubarão e vista geral da sede de Pedras Grandes ao fundo
05	Já no centro, esse é o Rio que dá nome a cidade: Pedras Grandes	IC-05	Rio Pedras Grandes, na sede do município
06	De novo	IC-06	Rio Pedras Grandes, na sede do município
07	E de novo	IC-07	Rio Pedras Grandes, na sede do município
08	E de novo	IC-08	Rio Pedras Grandes, na sede do município
09	Casas nas outras margens do Rio Pedras Grandes	IC-09	Rio Pedras Grandes, na sede do município
10	Igreja Matriz	IC-10	Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes
11	Já não me recordo o que é este imponente prédio	IC-11	Edificação histórica (PEG025), sede de Pedras Grandes
12	Edificação no centro	IC-12	Edificação na sede de Pedras Grandes
13	Casas na entrada da cidade	IC-13	Edificação na sede de Pedras Grandes
14	Rio Tubarão.	IC-14	Rio Tubarão

15	Casas na entrada da cidade	IC-15	Edificação na sede de Pedras Grandes
16	Simplicidade	IC-16	Edificação na sede de Pedras Grandes
17	Muitas obras na cidade: praça em construção	IC-17	Revitalização da Praça Padre João Phillipi, sede de Pedras Grandes
18	Centro comercial	IC-18	Conjunto de edificações na sede de Pedras Grandes (PEG013)
19	Detalhe	IC-19	Casa Marcon (PEG013), sede de Pedras Grandes
20	Avenida principal	IC-20	Avenida Arcanjo Gabriel, sede de Pedras Grandes
21	Construção histórica - um clube	IC-21	Clube XII de Outubro (PEG016), sede de Pedras Grandes
22	Avenida principal: A areia deve-se à obra na praça lindeira a essa rua: a cidade é bastante limpa	IC-22	Avenida Arcanjo Gabriel, sede de Pedras Grandes
23	Edifícios comerciais	IC-23	Edificação na sede de Pedras Grandes
24	Casa típica da região	IC-24	Edificação na sede de Pedras Grandes
25	Antiga estação de FTC - Ferrovia Tereza Cristina	IC-25	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
26	Detalhe	IC-26	Antiga Estação Ferroviária, atual Casa da Cultura (PEG017), sede de Pedras Grandes
27	Casas	IC-27	Edificação na sede de Pedras Grandes
28	Comércio	IC-28	Edificação na sede de Pedras Grandes
29	Centro	IC-29	Avenida Arcanjo Gabriel e antiga Estação Ferroviária (PEG017), sede de Pedras Grandes
30	A cidade e o vale do Tubarão.	IC-30	Vista geral da sede de Pedras Grandes
31	Casarão abandonado	IC-31	Casa Taquini (PEG022), sede de Pedras Grandes
32	De novo	IC-32	Casa Taquini (PEG022), sede de Pedras Grandes
33	Depois fui ao bairro de Azambuja, distrito de Pedras grandes, no caminho para Urussanga. A estrada começa costeando o Rio Pedras Grandes e tem paisagens como essa	IC-33	Rio Pedras Grandes, na sede do município

34	Caminho para Azambuja	IC-34	Rio Pedras Grandes, na sede do município
35	No caminho algumas construções dos imigrantes italianos	IC-35	Casa Maziero (PEG028), Estrada Geral de Azambuja.
36	Chegamos ao distrito de Azambuja, ainda pertencente a Pedras Grandes	IC-36	Placa indicativa no Distrito de Azambuja
37	A via principal é uma íngreme ladeira que encaminha-se para a Igreja do bairro	IC-37	Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
38	Rio Azambuja (acho)	IC-38	Rio
39	Paisagem rural - uma lindíssima casa de pedra ao fundo e a esquerda, mas estava em terreno particular e não dava para fotografá-la (nem o zoom adiantou)	IC-39	Casa Maziero (PEG042), Distrito de Azambuja
40	Tentei aproximar	IC-40	Casa Maziero (PEG042), Distrito de Azambuja
41	Uma capelinha singela na beira da estrada	IC-41	Capitel, Distrito de Azambuja
42	Casas no distrito, Interessante que mesmo isolado por dezenas de quilômetros de terra, o lugar tem um bom padrão sócio econômico.	IC-42	Edificação no Distrito de Azambuja
43	Casario	IC-43	Edificação histórica (PEG034), Distrito de Azambuja
44	Igreja	IC-44	Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
45	Igreja	IC-45	Igreja de São Marcos (PEG036), Distrito de Azambuja
46	Casarão	IC-46	Casa do Padre (PEG037), Distrito de Azambuja
47	Uma vinícola	IC-47	Vinícola Felipe (PEG040), Distrito de Azambuja com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo
48	Casas de outrora	IC-48	Casa Felipe com parreiral (PEG041), Distrito de Azambuja, município de Pedras Grandes
49	Casario	IC-49	Casa Garbelotto (PEG039), Distrito de Azambuja
50	Outra	IC-50	Casa Felipe (PEG037), Distrito de Azambuja
51	Lindíssima casa de pedra	IC-51	Casa Straus (PEG049), Estrada Geral de Azambuja
52	Indo para Urussanga, quase chegando no município	IC-52	Paisagem e estrada rural

vizinho a Pedras Grandes, tem-se essa vista.
 Infelizmente não está tão nítido, mas como boa
 visibilidade dá para ver nitidamente as encostas da
 Serra Geral, na região de Bom Jardim da Serra

Fonte: autora, com base em ICE CLIMBER, 2006.



IC-01



IC-02



IC-03



IC-04



IC-05



IC-06



IC-07



IC-08



IC-09



IC-10



IC-11



IC-12



IC-13



IC-14



IC-15



IC-16



IC-17



IC-18



IC-19



IC-20



IC-21



IC-22



IC-23



IC-24



IC-25



IC-26



IC-27



IC-28



IC-29



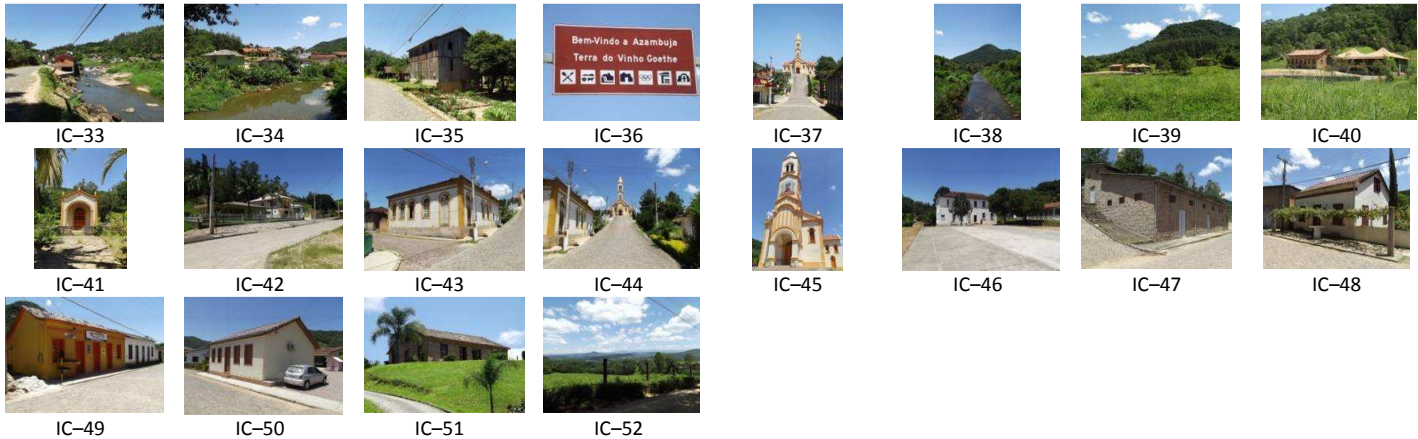
IC-30



IC-31



IC-32


Quadro 48: Mariot, 2012: *blog Santana Mineração.*

Post	Legenda da imagem no post	Legenda	Conteúdo da imagem
01	01 Rota aproximada percorrida pelos imigrantes italianos do norte da Itália até o sul de Santa Catarina, Brasil	SM-01	Rota aproximada percorrida pelos imigrantes italianos do norte da Itália até o sul de Santa Catarina, Brasil
02	02 Primeira etapa da rota entre Vêneto, passando por Gênova, até o Estreito de Gibraltar.	SM-02	Primeira etapa da rota entre Vêneto, passando por Gênova, até o Estreito de Gibraltar
	03 Gênova na década de 1880	SM-03	Gênova na década de 1880
	04 Estreito de Gibraltar	SM-04	Estreito de Gibraltar
03	05 Segunda etapa da rota: Estreito de Gibraltar até o Arquipélago de Cabo Verde, pertencente a Portugal	SM-05	Segunda etapa da rota: Estreito de Gibraltar até o Arquipélago de Cabo Verde, pertencente a Portugal
	06 Vista aérea do Arquipélago de Cabo Verde. Data:	SM-06	Vista aérea do Arquipélago de Cabo Verde. Data:

		janeiro de 2001		janeiro de 2001
04	07	Quarta etapa da rota: Arquipélago de Cabo Verde até o Rio de Janeiro, então capital do Brasil	SM-07	Terceira etapa da rota: Arquipélago de Cabo Verde até o Rio de Janeiro, então capital do Brasil
	08	Dom Pedro II. Ano: 1887	SM-08	Dom Pedro II. Ano: 1887
	09	Dom Pedro II aos 10 anos de idade. Ano: 1826	SM-09	
05	10	Quinta etapa da rota: Rio de Janeiro até Desterro, como era conhecida a capital de Santa Catarina na época	SM-10	Dom Pedro II aos 10 anos de idade. Ano: 1826
	11	Desterro no ano de 1847. Autor: Victor Meirelles	SM-11	Quarta etapa da rota: Rio de Janeiro até Desterro, como era conhecida a capital de Santa Catarina na época
06	12	Sexta etapa da rota: Desterro até Laguna	SM-12	Desterro no ano de 1847. Autor: Victor Meirelle
	13	Brasão de Laguna	SM-13	Quinta etapa da rota: Desterro até Laguna
07	14	Sétima etapa da rota: Laguna até Tubarão a bordo de barcaças	SM-14	Brasão de Laguna
08	15	Oitava etapa da rota: seguindo a pé pela margem direita do Rio Tubarão, até onde hoje está localizada a cidade de Pedras Grandes	SM-15	Sexta etapa da rota: Laguna até Tubarão a bordo de barcaças
	16	Colônia Azambuja, ano 1877	SM-16	Sétima etapa da rota: seguindo a pé pela margem direita do Rio Tubarão, até onde hoje está localizada a cidade de Pedras Grandes
	17	Rota aproximada dos imigrantes italianos com destino à futura Colônia de Urussanga	SM-17	Colônia Azambuja, ano 1877
	18	Planta da sede da Colônia de Urussanga	SM-18	Rota aproximada dos imigrantes italianos com destino à futura Colônia de Urussanga
09	19	Rio Tubarão visto a partir da margem direita, nas proximidades da localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-19	Rio Tubarão

	20	Rio Tubarão visto a partir da margem direita, nas proximidades da localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-20	Rodovia SC-440, à beira do Rio Tubarão
10	21	Localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-21	Rio Tubarão e vista geral da localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes, ao fundo
	22	Localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-22	Rio Tubarão e vista geral da localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes, ao fundo
11	23	Ponte pênsil sobre o Rio Tubarão. Data: julho de 2012	SM-23	Ponte pênsil sobre o Rio Tubarão
	24	Paisagem do município de Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-24	Paisagem rural
12	25	Casarão antigo no município de Pedras Grandes (PEG011). Data: julho de 2012	SM-25	Casa dos Arcos (PEG011), Bairro Ilhota, município de Pedras Grandes
	26	Casarão antigo no município de Pedras Grandes (PEG011). Data: julho de 2012	SM-26	Casa dos Arcos (PEG011), Bairro Ilhota, município de Pedras Grandes
	27	Casarão antigo no município de Pedras Grandes (PEG011). Data: julho de 2012	SM-27	Casa dos Arcos (PEG011), Bairro Ilhota, município de Pedras Grandes
13	28	Divisa dos municípios de Tubarão e de Pedras Grandes nas proximidades de Pedrinhas	SM-28	Estrada geral de acesso ao município de Pedras Grandes
	29	Divisa dos municípios de Tubarão e de Pedras Grandes nas proximidades de Pedrinhas	SM-29	Placa indicativa
	30	Casarão antigo na localidade de Pedrinhas, Pedras Grandes	SM-30	Casa Nono Pedro Genovês, Bairro Pedrinhas (PEG005)
14	31	Cidade de Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-31	Vista geral da sede de Pedras Grandes
	32	Cidade de Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-32	Vista da Praça Padre João Phillipi e da Igreja do Arcanjo São Gabriel, sede de Pedras Grandes (PEG024)
15	33	Placa em Pedras Grandes indicando o caminho para Azambuja e Pedras Grandes. Data: julho de	SM-33	Placas indicativas na sede de Pedras Grandes

	2012			
	34	Casearão antigo em Pedras Grandes. Data: julho de 2012	SM-34	Casa Taquini (PEG022) e vista da torre da Igreja do Arcanjo São Gabriel (PEG024), sede de Pedras Grandes
16	35	Residência de Luiz Maziero (PEG028). Data: julho de 2012	SM-35	Casa Maziero (PEG028), Estrada Geral de Azambuja.
	36	Paisagem rural. Data: julho de 2012	SM-36	Paisagem rural
	37	Parreiral. Data: julho de 2012	SM-37	Vista de um parreiral
	38	Fecularia. Data: julho de 2012	SM-38	Fecularia
17	39	Chegada na localidade de Azambuja, Pedras Grandes, que se intitula 'Terra do Vinho Goethe'	SM-39	Placa indicativa e vista geral do Distrito de Azambuja, município de Pedras Grandes
	40	Chegada na localidade de Azambuja, Pedras Grandes, que se intitula 'Terra do Vinho Goethe'	SM-40	Vista geral do Distrito de Azambuja com Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo
	41	Azambuja em 1877	SM-41	Colônia Azambuja, ano 1877
18	42	Cantina dos Irmãos Felipe em Azambuja (PEG040). Data: julho de 2012	SM-42	Vinícola Felipe (PEG040), Distrito de Azambuja com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo
	43	Vista de Azambuja. Data: julho de 2012	SM-43	Vista do Distrito de Azambuja a partir da estrada rural com torre da Igreja de São Marcos (PEG036) ao fundo
	44	Moderno parreiral em Azambuja. Data: julho de 2012	SM-44	Vista de um parreiral
19	45	Residência de Terezinha Fornasa Strauss (PEG049). Data: julho de 2012	SM-45	Casa Straus (PEG049), Estrada Geral de Azambuja
	46	Residência de Terezinha Fornasa Strauss (PEG049). Data: julho de 2012	SM-46	Casa Straus (PEG049), Estrada Geral de Azambuja
20	47	Parreiral na beira do caminho. Data: julho de 2012	SM-47	Vista de um parreiral
	48	Caminho com posterno. Data: julho de 2012	SM-48	Estrada rural
	49	Pomar com pessegueiros. Data: julho de 2012	SM-49	Vista de um pomar de pessegueiros
21	50	Placa indicativa da chegada à localidade de	SM-50	Estrada rural

		rancho dos Bugres. Data: julho de 2012		
	51	Placa indicativa da chegada à localidade de rancho dos Bugres. Data: julho de 2012	SM-51	Placa indicativa da localidade rural de Rancho dos Bugres, Pedras Grandes
22	52	Coqueiros Jerivá. Data: julho de 2012	SM-52	Paisagem
23	53	Últimos trechos do Caminho dos Imigrantes	SM-53	Estrada rural
	54	Últimos trechos do Caminho dos Imigrantes	SM-54	Estrada rural
	55	Vista da serra geral, quando da chegada à Colônia Urussanga, a partir do Caminho dos Imigrantes	SM-55	Vista geral da Serra do Rio do Rastro
	56	Detalhe da Serra Geral com a rocha chamada limousine ao centro. Esta rocha recebeu o nome de limousine pelo seu formato que lembra um automóvel ou limousine como eram chamados os automóveis de luxo	SM-56	Vista geral da Serra do Rio do Rastro

Fonte: autora, com base em MARIOT, 2012.



SM-01



SM-02



SM-03



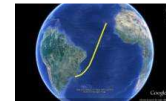
SM-04



SM-05



SM-06



SM-07



SM-08



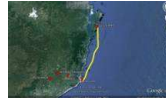
SM-09



SM-10



SM-11



SM-12



SM-13



SM-14



SM-15



SM-16



SM-17



SM-18



SM-19



SM-20



SM-21



SM-22



SM-23



SM-24



SM-25



SM-26



SM-27



SM-28



SM-29



SM-30



SM-31



SM-32



SM-33



SM-34



SM-35



SM-36



SM-37



SM-38



SM-39



SM-40



SM-41



SM-42



SM-43



SM-44



SM-45



SM-46



SM-47



SM-48



SM-49



SM-50



SM-51



SM-52



SM-53



SM-54



SM-55



SM-56

APENDICE 06: CATEGORIZAÇÃO DAS CENAS POSTADAS PELOS VIAJANTES NOS BLOGS

Categoria Inicial 01: Curso d'água (Categoria Final 01: Curso d'água)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC)



DC-01



DC-07



ALVS-11



ALVS-12



ALVS-15



ALVS-16



ALVS-17



ALVS-20



ALVS-32



ALVS-33



IC-02



IC-03



IC-04



IC-05



IC-06



IC-07



IC-08



IC-09



IC-14



IC-33



IC-34



IC-38



SM-19



SM-22



SM-23

Categoria Inicial 02: Edificações históricas (Categoria Inicial 02: Edificações históricas)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



DC-04



DC-05



DC-06



DC-08



DC-09



DC-15



DC-16



DC-17



ALVS-04



ALVS-05



ALVS-06



ALVS-10



ALVS-14



ALVS-18



ALVS-21



ALVS-22



ALVS-23



ALVS-24



ALVS-29



ALVS-30



ALVS-31



GFS-05



GFS-06



GFS-07



GFS-08



GFS-09



GFS-10



GFS-11



GFS-12



GFS-28



GFS-29



GFS-30



IC-10



IC-11



IC-19



IC-21



IC-25



IC-26



IC-31



IC-32



IC-35



IC-39



IC-40



IC-43



IC-45



IC-46



IC-47



IC-48



IC-49



IC-50



IC-51



SM-25



SM-26



SM-27



SM-30



SM-34



SM-35



SM-42



SM-45



SM-46



SM-35



SM-42



SM-45



SM-46

Categoria Inicial 03: Paisagem (Categoria Final 03: Paisagem)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



DC-10



DC-12



DC-14



DC-18



IC-52



SM-21



SM-24



SM-36



SM-37



SM-38



SM-44



SM-47



SM-49



SM-52



SM-55



SM-56

Categoria Inicial 04: Placa indicativa (Categoria Final 10: Outras)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



DC-01



DC-07



ALVS-11



ALVS-12



ALVS-15



ALVS-16



ALVS-17



ALVS-20



ALVS-32



ALVS-33



IC-02



IC-03



IC-04



IC-05



IC-06



IC-07



DC-11



ALVS-01



IC-36



SM-29



SM-33



SM-39



SM-51

Categoria Inicial 05: Estrada (Categoria Inicial 04: Estrada)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



DC-13



ALVS-09



GFS-18



GFS-19



IC-01



IC-20



IC-22



IC-29



SM-20



SM-28



SM-48



SM-50



SM-53



SM-54

Categoria Inicial 06: Gruta/ Oratório (Categoria Final 05: Gruta/ Oratório)

MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS)



ALVS-02



ALVS-03



ALVS-25



ALVS-26



GFS-04



IC-41

Categoria Inicial 07: Vista Geral (Categoria Inicial 06: Vista Geral)

MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



ALVS-13



ALVS-27



ALVS-28



GFS-13



IC-18



IC-30



IC-37



IC-44



SM-31



SM-32



SM-40



SM-43

Categoria Inicial 08: Festa do Vinho Goethe, 2015 (Categoria Final 07: Festa do Vinho Goethe, 2015)

SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS)



GFS-14



GFS-15



GFS-16



GFS-17



GFS-18



GFS-19



GFS-20



GFS-21



GFS-22



GFS-23



GFS-24



GFS-25



GFS-26



GFS-27

Categoria Inicial 09: Representação do simbólico (Categoria Final 08: Representação do simbólico)

MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS)



ALVS-07



ALVS-08



ALVS-19

Categoria Inicial 10: Tipologia construtiva atual (Categoria Final 09: Outras)

ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC)



IC-12



IC-13



IC-15



IC-16



IC-23



IC-24



IC-27



IC-28



IC-42

Categoria Inicial 11: Obra de revitalização (Categoria Final 09: Outras)

ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC)



IC-17

Categoria Inicial 12: Mapa da rota do viajante (Categoria Final 09: Outras)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC)



DC-02

Categoria Inicial 13: Mapa da rota do imigrante (Categoria Final 09: Outras)

MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



SM-01



SM-02



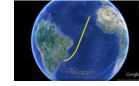
SM-04



SM-05



SM-06



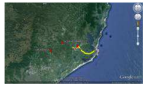
SM-07



SM-10



SM-12



SM-14



SM-15



SM-17

Categoria Inicial 14: Mapas históricos e Iconografia (Categoria Final 09: Outras)

SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



GFS-01



GFS-02



GFS-03



SM-03



SM-08



SM-09



SM-14



SM-15



SM-17

Categoria Inicial 15: Hotel Termas da Guarda (Categoria Final 09: Outras)

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC)



DC-03

APENDICE 07: CRUZAMENTO DAS CENAS DOS QUADROS ICONOGRÁFICOS COM AS POSTADAS PELOS VIAJANTES NOS BLOGS

Categoria A: Distrito de Azambuja



Quadro Iconográfico nº 01



Quadro Iconográfico nº 02



Quadro Iconográfico nº 03



Quadro Iconográfico nº 04

MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); SALVAN, 2012: Genealogia da Família Salvan (GFS); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



DC-11



ALVS-13



GFS-13



GFS-14



GFS-17



GFS-20



GFS-21



GFS-26



IC-37

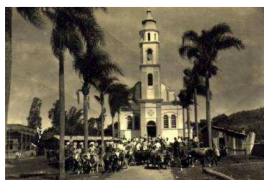


IC-44

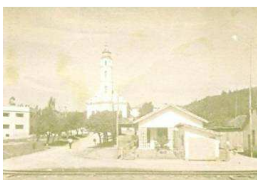


SM-40

Categoria B: Igreja do Arcanjo São Gabriel e imediações



Quadro Iconográfico nº 05



Quadro Iconográfico nº 07



Quadro Iconográfico nº 09

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC); MARIOT, 2012: Santana Mineração (SM)



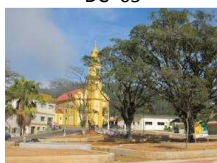
DC-05



ALVS-21



IC-10



SM-32

Categoria C: Avenida Arcanjo Gabriel



Quadro Iconográfico nº 06



Quadro Iconográfico nº 08

ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC)



IC-19



IC-20



IC-21



IC-22



IC-29

Categoria D: Rio Pedras Grandes



Quadro Iconográfico nº 10

BERKA, 2011: Diários dos Caminhos (DC); MARTINELLO e MARTINELLO, 2011: Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS); ICE CLIMBER, 2006: Skyscrapercity (IC)



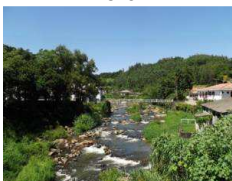
DC-07



ALVS-16



ALVS-20



IC-05



IC-06



IC-07



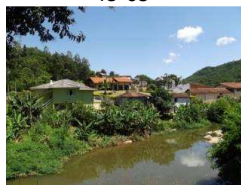
IC-08



IC-09



IC-33



IC-34

Categoria E: Ponte da antiga Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC)



Quadro Iconográfico nº 11



Quadro Iconográfico nº 12

Alê e Lisi Viajando pelo Sul (ALVS), de Alessandro Martinello e Lisiane Potrikus Martinello



ALVS-19

APENDICE 08: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS MORADORES**Entrevistado 01 – Morador de Rancho dos Bugres**

Primeiro eu queria saber o teu nome. (...). Tu mora aqui em Rancho dos Bugres? Moro... Há quanto tempo? Há 33 anos... Existe algum lugar aqui na região, pode ser em Rancho dos Bugres, ou enfim, no município que seja teu favorito? Silêncio... Se tiver que passear em algum lugar... E agora... Tem vários lugares, né? Seria aqui da redondeza ou fora? Ou aqui dessa localidade ou do município... Ah, Azambuja porque é bonito... Por que é bonito? Porque eu nasci lá... Tu nasceu em Azambuja? Aham. E se fosse pra descrever a paisagem do local onde tu mora? Aqui? Por exemplo, eu sou de fora, não conheço como é Pedras Grandes ou não conheço como é Rancho dos Bugres... Como tu descreveria pra mim? Aqui em Rancho dos Bugres? Aqui tem uma estrada geral que vai de Urussanga a Pedras Grandes... E tem o que? Tem uma igreja, tem natureza, árvores, pássaros, animais, né? E se fosse pra conservar essas coisas... Pra manter... Tu manteria? Pra manter? Pelo menos o que a gente consegue a gente tá mantendo, né? O que é da gente... O que por exemplo? A natureza, os rios, as águas, nascente... O que a gente pode... E tu sabe se tem alguma ameaça a essa paisagem, se tem alguém tentando desmatar alguma coisa? Enfim... Olha, ultimamente o pessoal tão preservando bem... Antigamente eles destruíam mais, mas agora a consciência tá pesando... É? Tão preservando bem mais a natureza. O que mais te chama atenção aqui nessa natureza, nessa paisagem? É mais... É os pássaros que antigamente não tinha e agora eles vem perto de casa, que nem os tucanos, aranguas, os bugios. Eles tão chegando pertinho... Antigamente a gente não via perto... Agora eles estão chegando perto... Seria mais essa questão da natureza, então... É! Tu sabe de algum folclore, alguma histórica aqui do município, danças, dialetos, comida... Ai, não, não, aqui é difícil... Não tem muito aqui? Que eu lembre não tem aqui... E tu pratica ou participa de algum grupo folclórico, faz alguma questão de culinária... Cozinha essas comidas típicas dos italianos? Não... Eu não... Essa tradição na família de vocês se perdeu? É... Não, aqui não tem... E tu acha importante a preservação das edificações históricas que tem aqui, não só em Rancho dos Bugres mas em Azambuja, né. A gente tem a igreja, a gente tem várias casas... É importante, pra lembrar é bem importante, né. Só que aqui na nossa comunidade quase não tem assim coisa antiga. Se acabou com o tempo... O que esse lugar significa pra ti? O que? Significa tudo, né! O lugar que a gente mora, é o berço da gente, né. Significa... O que eu posso dizer? Tudo!

Entrevistado 02 – Morador de Rancho dos Bugres

Qual o teu nome? (...). Quantos anos o senhor tem? 57. E o senhor sempre morou aqui? Não... Eu praticamente me criei aqui, mas eu sai daqui uns tempo... Uns 20 anos eu sai daqui... Agora faz 10 anos que eu moro aqui de volta... Nesse local onde você mora, qual o seu local favorito? Incluindo não só Rancho dos Bugres, algum lugar no município... O que eu vou dizer... Favorito eu acho que é aqui na região mesmo onde eu moro... Aqui eu gosto, lugar bom. Pra mim eu gosto daqui... Se eu fosse uma pessoa que morasse num outro lugar e tu tivesse decrévendo o lugar onde tu mora pra mim... Como tu descreveria? Ó, pra isso eu não vou chegar... Porque eu tenho pouco estudo... Sou uma pessoa de pouco estudo. Não tem problema... Tenho pouco estudo. Por exemplo, se eu fosse cega e eu dissesse assim: Antônio, como é o lugar que tu mora? Como tu descreveria pra mim? Assim, aqui é um lugar alto, lugar bom, bastante paisagem, né? Pessoal gente boa... Se tivesse que mudar alguma coisa, tu mudaria? Pois bem... Aqui... O único problema que tem aqui... O pior, é o problema de água. Pode ser esse? A água aqui é mais difícil. É lugar aqui meio alto e vem de longe, né? Então... O único problema ao prefeito eu diria do local, criar uma SAMAE aqui para a comunidade, né? Eu acho muito importante isso aí, é muito importante para esse lugar. A questão da água? É, a questão da água... O senhor tá sabendo de alguma ameaça ou de alguma coisa que tá acontecendo, que tá mudando... Por exemplo, Rancho dos Bugres é assim, tem essa paisagem... O senhor tá notando alguma mudança ultimamente. Coisas que podem impactar? Não... Tudo normal... Tudo continua tranquilo? Existe alguma visual favorita que o senhor gosta? Tá passando na estrada e 'ah, esse lugar eu acho bonito' ou... Tá! Eu acho legal um lugar assim ó aqui... Aqui tem um parque aqui, o parque ecológico eu gosto de às vezes ir ali dar uma volta... O lugar assim, olhar a paisagem... É um lugar legal, eu gosto... E o que que tem na paisagem que chama a atenção? De tudo isso que existe... Se for pra mudar seria algo que não devia ser tirado daqui. Bem... Eu acho as plantas nativa, as coisa assim né... As plantas nativa é coisa que deveria sempre permanecer. Não tirar... A mata? A parte verde do que a gente olha. A parte verde, isso! O senhor sabe de algum ritual, de alguma prática religiosa, culinária aqui da região? Alguma história antiga? Isso... Eu não faço idéia... O senhor participa de alguma festa, de algum ritual folclórico, alguma coisa relacionada à imigração... Eu participo da... Eu sou músico... Toco na... Evangélica. Evangélica... Sou evangélico. Eu penso isso aí... E o que o senhor acha da questão da preservação das edificações. Porque ali em Azambuja tem um núcleo edificado, antigo, tem a igreja... Em Pedras Grandes também... O senhor acha importante essa preservação das edificações antigas? É! Às vezes eu acho importante... Mas as vezes eu penso eu penso que se fosse mudar, essa história, se mudar... Podia crescer mais as coisas, ter uma mudança, eu acho né? Fica sempre naquilo ali, sempre naquilo

ali... Por exemplo, Azambuja aí já faz 150 anos... Tá sempre aquilo ali, né? Essas pessoas aí preserva muito as coisa e fica sempre parado, né? Não evolui, né? Não evolui nada... Não é verdade? Olha, que eu não sei se dá... Não, imagina... Se eu tô perguntando é porque eu quero saber a tua opinião, imagina. Se eu não quisesse eu escreveria o que eu tenho na minha cabeça... Não vou brigar não... E o que que esse lugar significa pra ti? Eu nasci aqui e isso aqui é muito importante pra mim... Bom, já falei né, é legal. Me dou bem, me sinto bem aqui... É isso aí, né... É a tua casa? Hã? É a tua casa? É a minha casa...

Entrevistados 03 e 04 – Moradores de Rancho dos Bugres

Qual que é o teu nome? (...). Quantos anos tu tem? 31. Essa localidade qual que é? Rancho dos Bugres? É! Dentro dessa área ou do município de Pedras Grandes, qual é o teu local favorito? Eu acho que é aqui, né... Eu gosto daqui do Rancho dos Bugres. De Rancho dos Bugres mesmo? Por que? Aqui é bem tranqüilo, lugar bom de morar... Como tu descreveria o lugar que tu mora? Por exemplo, se eu não morasse aqui ou se eu fosse cega? Com tu diria que é esse lugar? Como que eu diria? O que tu olha que é marcante pra ti? É, eu acho... Assim, quem mora na cidade é bastante barulho, né? Por exemplo aqui é menos barulho... É um lugar bem bom mesmo, sei lá... Eu acho que é isso... O que é importante aqui pra ti? Das coisas que tu vê... O que mais chama a atenção? Se fosse pra manter algumas coisas aqui, o que não pode sair daqui? Olha, eu gosto bastante daqui. Por exemplo, a água aqui... A água é muito bom aqui, né. Na cidade a água é bem ruim. Aqui principalmente a água que é boa... Os mato aqui a gente gosta bastante. A parte do verde né? Aqui... Não tem lugar igual aqui... Tu mudaria alguma coisa aqui? Não... Tá ótimo! Tu vem notando ao longo do tempo alguma mudança, alguma coisa que pode fazer com que a água, a mata, as coisas importantes se percam? Aqui nesse lugar? Ou no município em geral... Aqui não, aqui é tudo preservado aqui.... E o que que mais chama atenção? Tu tá passando na estrada quando tu tá passando na estrada... Tipo assim, natureza? Alguma coisa assim? É, pode ser uma edificação... Olha, aqui o que eu olha bastante, tem bastante é açude aqui... O pessoal, né. A água. Tu sabe de algum folclore, de alguma história, algum ritual aqui dos habitantes? Aqui? Eu não sei muito daqui não... Ele que sabe! Ele mora aqui faz tempo... Vocês moram aqui há quanto tempo? Ele desde que nasceu. Ah é? *Que que houve?* (chega o marido de moto). Eu tô fazendo uma pesquisa aqui no município. Na verdade eu tô estudando essa estrada antiga dos imigrantes. E daí eu tô entrevistando os moradores. Eu to parando nas casas ao longo do caminho... Vou sair lá em Tubarão, comecei em Urussanga... A idéia é entrevistar os moradores para saber o que eles acham do local onde eles moram... Quer participar também? *Não, pode continuar com ela...* Ela tô falando de folclore, alguma coisa que eu não sei muito daqui não... Não tem

problema... Não tem problema... Tu acha importante preservar as edificações históricas, as igrejas... Porque lá em Azambuja tem umas edificações antigas... Acha importante preservar? Eu acho que é, tem que preservar... É bem bom... E o que esse lugar significa pra ti? Olha, como eu já disse... Aqui é um lugar bastante tranquilo. É bom, né aqui assim... A cidade, sei lá... A gente tá acostumado no meio do mato. Assim é bom, né Jadson? *Ah, eu também gosto... Mato mesmo, tranquilo. Eu conheço quase o Brasil todo... Não achei lugar melhor que aqui, não. Viajei uns 5 anos... Aqui é sossegado, né? A gente ganha menos, mas vive mais tranquilo, né.* Vive tranquilo... E porque aqui é o melhor lugar? O que que ele tem de diferente, além da tranquilidade? Sei lá, o clima é fresco. Sai daqui às vezes... Aqui às vezes tu olha no carro tá marcando 21º, 20º. Tu chega lá na praça tá 25, 24... Um pouco por causa do concreto e um pouco também porque é mais baixo, aqui é bem alto. Aqui a gente tá mais de 300 metros. Sei lá... *Eu acho que... Eu gosto daqui... Ela já gosta mais do calor um pouco. Não sei... É bom pra criar os filhos, né. É tranquilo, não tem muito perigo.* Pode soltar aqui, não tem perigo nenhum... *A gente acompanha bem a escola delas. Eu acho que pra criar os filhos tudo...* Depois que eles tiver bem ajeitado talvez um dia a gente saia, mas vai ser difícil, eu acho... Pelo menos se for pra ir trabalhar eu vou pra fora mas sempre com a idéia de voltar pra cá. E com relação a paisagem, o que tu acha que é o diferencial? *O que eu acho que é o diferencial, e agora? Eu gosto muito de roça, mato tem que ter também, mas... Tipo...* O resto do Brasil desmatou bastante coisa. E aqui a gente não pode mexer mais no mato, tal... Por um lado eu concordo que tem que ter mato, né. Tem que ter mato... Mas às vezes, por exemplo assim, eu gostaria talvez de deixar uma área que eu não uso pra tentar reflorestar aquela... Ou pior, uma área que tá mais degradada. A gente até faz plantio direto. A tá começando a mudar as técnica da gente, acompanhar as novas tecnologias. Mas é isso aí... A gente preserva o máximo que a gente pode... Embalagem de veneno hoje tem os programa aí que é obrigado a gente a devolver até 10 de outubro foi devolvido, todos os agricultor aí foi... Uma vez era mais relaxado, né. O pessoal botava veneno na beira dos rio, essas coisa. Hoje em dia a gente cuida bastante, né. Todo mundo, os meus amigos aí, todo mundo cuida. A gente lava a embalagem pra aproveitar o produto que vem concentrado. O senhor planta alguma coisa? *Plantamos milho, fumo, feijão, batata. Eu fui lá na roça agora... Mas tá faltando chuva. Faltando chuva... Quando vem, vem em excesso. Quando não vem, não vem... Eu gosto do lugar, gosto mesmo...* Quem mora aqui gosta do lugar. Eu tenho percebido também... Quem mora aqui não quer sair não... É assim... Por exemplo, eu trabalhava de caminhão. Eu tenho estudo e tal, até tinha me matriculado na UNISUL tudo tal... Mas não é o que eu quero. Eu gosto disso aqui... Gosto de ir lá no mato. Eu gosto de trabalhar na roça. Tem dia ruim? Tem! Tem dia que é calor? Tem! Mas qualquer serviço tem o dia ruim, né. Qualquer serviço tem o

dia ruim... Tem dia que é pesado, é! Mas... Mas isso é em qualquer lugar... Qualquer lugar... Se é pra mim morar por exemplo num bairro lá em Urussanga, que eu tenho que pegar o carro pra ir trabalhar eu vou daqui. Se for pra mim pegar um serviço... Tem bastante serviço aí... Pra gente talvez ganhar até mais o que a gente ganha, pelo menos agora tô perto das minhas filhas. Fiquei 5 anos... A mais nova eu vi quando tinha 15 dias. Já que tinha nascido, ela foi ganhar sozinha... Aqui só não é bom os mosquito... Também to sentindo. *A gente bota um repelente. Tu é de qual?* Eu sou de Criciúma. *Mas é de universidade?* Eu estudo na UFSC. Na UFSC? *A pesquisa é pra quem? É pra ti mesmo?* Tô fazendo doutorado. Vai fazer TCC daí? Tô estudando o caminho antigo daí a idéia é pegar os moradores ao longo do caminho, pra saber a opinião deles. O que é bom preservar, o que ta mudando... E qual é o teu foco, assim... É a paisagem. É a paisagem e a imigração. *A paisagem? Pois é... Um lugar bonito de tu ir... Tu tem como colocar foto também no teu TCC?* Tem! *Tu conhece o parque ecológico?* Tô indo ali agora... *Lá é bonito... Aqui tem umas cachoeiras. Tu quer tirar foto? Tem interessa foto? Vai ali dentro ali... Eu te indico certinho.* Fizeram uma entrevista: Descendentes. Tem na internet... Mostra os antigos como falam... *Procura no youtube.* Vou botar... Descendente, aí tu procura lá, tá tudo os mais antigo assim, os mais velhos. *Tem os vizinho. Tem tudo...* Vou dar uma olhada na internet... Que legal! *Tem um engenho lá que funciona...* Ah é? Vocês querem ver? *Vou ficar uns 4 dias meio parado por causa do Joelho...* A gente tá indo no parque agora porque vários moradores falam do parque. *É bonito.* Tenho que ir lá bater umas fotos. Lá tem bastante mato. *É... Aqui assim ó... Tem bastante lugar escondido com bastante coisa assim antiga e funcionando, entende? Nós temos engenho lá que funciona... Tem bastante vizinho que se tu procurar direitinho... Eles tem serraria que funciona, tem engenho de cana que funciona, tem atafona que funciona...* Muita coisa no interior, né. *É! Muita coisa... Eu gosto, eu gosto disso aqui. Gosto! Eu só não gosto de pescar. Tem uns açude ali mas eu não gosto de pescar. Tem gente que gosta e acha que o colono é aquele vadio que fica na beira do rio pescando... Não é assim não, gente...*

Entrevistado 05 – Morador de Azambuja

Qual que é o nome da senhora? É (...). Quantos anos a senhora tem? 66. E quanto tempo a senhora mora aqui? Há 43 anos. Mas a senhora nasceu aqui em Pedras Grandes? Não, eu nasci em Canela Grande. Ah tá... Ele é daqui (aponta para o marido)... Ah. Ah tá. É, Pedras Grandes! Canela Grande também é Pedras Grandes? Isso, é... Tá, tá, é! Dessa área que a senhora mora ou do município, qual que é o seu favorito? *Silêncio...* Se a senhora tem, se a senhora não tiver também não tem problema. Ah, o meu favorito, o que que eu vou dizer? É o... O lugar, a gente gosta do lugar aqui. O próprio lugar? O próprio


lugar... Não sei o que eu deveria fazer, né... Mas o próprio lugar a gente gosta, porque a gente tá aqui há 43 anos. Pra mim tá bom aqui. É um lugar calmo, é um lugar de respeito, pessoal tem respeito pelas pessoas, por tudo... Então pra nós aqui tá bom, né, assim... Se fosse pra senhora descrever esse lugar. Por exemplo, eu sou cega e eu pedir pra senhora me dizer como que é esse lugar? O que a senhora vê desse lugar? O que senhora diria pra mim? O que que eu diria... O que a senhora vê assim, se tivesse que me mostrar pra eu imaginar. É verde, é... É, é verde né... Sempre foi verde... Sempre... O que que eu tenho a falar também... Não tem outra coisa, é verde. O que que é? O lugar da agricultura. É... Sei lá, se posso falar isso, também não sei... A senhora mudaria alguma coisa nesse lugar? Tem alguma coisa que a senhora mudaria? Ai, eu acho que por enquanto... Eu acho que... Acho que tá bom também assim né. Pouca coisa tem né... Mas é sempre, vai fazer o que? Não tem muita coisa a se fazer também aqui, né... Por causa do lugar não tem muita coisa a se fazer... Porque assim ó, pra agricultura tá ruim. É? Pro nosso lugar assim, pra agricultura... O jovem, a maioria tão saindo porque não tem coisa assim que serve pra eles. Agricultura dá pouco... Dai tem que sair, trabalhar fora. Tão sumindo quase tudo, porque... Por exemplo, internet... A gente não tem internet, só via rádio, aqui botaram. Porque... Celular não pega... No caso assim... Nem em Azambuja e na sede? Lá pega, lá tem. A senhora diz no interior, nessas localidades rurais. Aqui não. Aqui não pega. No caso assim, o mais difícil que tem aqui pra nós é isso ali. Que a gente não tem acesso disso ali... Alguma coisa que estraga a linha do telefone... A gente ficou esses dias aqui de sexta feira passada até quinta feira ficamos sem telefone. E assim, daí não tem acesso ao celular, não tem acesso a nada... Se a gente tivesse um celular teria acesso a alguma coisa... É saco. Não tem como ligar. Tem que as vezes sair pra fora, ir pra Urussanga pra ligar de lá. E assim, porque aqui é um lugar que isso ali precisaria. Só que não alcança aqui. A banda larga via telefone aqui não vem... Só a discada, mas a discada... Muito lenta... Muito lenta não dá. Isso ali teria que mudar. Uma das coisas... A questão de comunicação. A questão de comunicação tem que mudar. Aqui tá difícil. A gente no caso tá aqui porque gosta daqui... A gente tem... Ali eles conseguiram a via rádio, botar uma antena. Lá pra cima, ali botaram outra que ali consegue mas tão mais nem pegando porque tem árvore na frente. Esses dias aqui, tava ruim ali também. Que tem filho que estuda... Precisa, né? Precisa! Aí, eles saem porque não tem nada também. Então é... O mais difícil que tem aqui é isso aí. Tão tentando... Por querer botar. Mas não vem, não sei... O que falta pra vim não sei o que que é... No caso podiam ter acesso a uma antena de televisão assim, de de de, digo assim, de celular... Mas não tem... A gente tem o celular mas só leva pra praça porque aqui não adianta. Na praça funciona? Já me disseram isso também... É! Na praça funciona, mas aqui... E a senhora acha importante preservar as edificações históricas que existem aqui em Azambuja,

Pedras Grandes... Tem uma série de edificações, engenho funcionando aí pra dentro... Ah, isso aí eu acho importante. É importante, tanto que tão preservando... Antigamente não preservavam mas agora o que tem, o que sobrou, só que sobrou pouco também. Engenho coisa assim, sobrou pouco... Porque a senhora acha importante preservar? Pra ter a coisa pros mais novo ver o que tinha, né? O meu próprio pai tinha, destruiu... Porque na época não fazia mais engenho de açúcar, coisa assim... Mas eles deixaram cair, tiraram tudo... Porque daí deixaram de... Tinha engenho de farinha também... Não preservaram, caiu... E tem gente que já preservou... Quem preservou tá gostando agora... Muita gente não preservou, daí agora não tem. E o que é esse lugar pra senhora? Esse lugar é... Vou dizer o que? Pra mim é um lugar bom... Mas assim, se for pra depender... É por causa da idade. Assim... Mas se não, que eu fosse mais nova eu sairia daqui. Ah é? Por causa da comunicação, por causa dos borrachudo. Os borrachudos? Ninguém lhe falou isso ali? Já! Olha, isso ali não é mais fácil da gente suportar... Eu tenho alergia a borrachuado, tô sentindo já... É porque a gente ta acostumada e a idade já não adianta mais pegar e dizer 'Não vou sair daqui, vou num outro lugar...' Porque não compensa mais assim pra mim. Penso assim... Se fosse mais nova eu saia... Por causa dos borrachudos? É que agora nada mais adianta...


Entrevistado 06 – Morador de Azambuja


Quer saber o teu nome? Meu nome é (...). Quando anos tu tem? 37. Tu sempre morou aqui em Azambuja? Não, faz 20 anos que eu to morando aqui. Mas tu nasceu em Pedras Grandes? Nasci no município de Pedras Grandes, é. Dessa região aqui, independente de ser Azambuja, qual o teu local favorito? Pedras Grandes. A sede mesmo? A Sede mesmo, é. Por que? Porque... Começou tudo daqui também, né de Azambuja, começou Pedras Grandes... Só a gente se localiza mais em Pedras Grandes né? Porque mas ali é geral, entende como que é? Não é porque a imigração começou aqui mas a gente se baseia pelo município, né. Ali é o centro no caso... O centro, isso, é. Como tu descreveria essa paisagem? Por exemplo, se eu fosse cega e eu diria pra... Como que é esse lugar que tu vive. Como tu descreveria? Quais elementos tu destacaria? Ao teu redor é tudo verde e o centro do verde é tudo material de construção. É isso que eu me basearia, não tem? Aham! Ai tu, na tua realidade, tu te forma o que tu quer pensar, né? Tu mudaria alguma coisa desse verde, dessas construções, teria alguma coisa que tu mudaria? Não, eu acho que eu não mudaria nada não... Porque o mundo tá muito em decadência, né. O homem tá se destruindo por si só, né. Então, eu ficaria como tava, aqui. Onde moro eu ficaria como tava. É um lugar muito bom, tranquilo. Não tem poluição, muito bom de se morar... Tu tá sabendo de alguma coisa que possa ameaçar essa tranquilidade, ou o verde, algum desmatamento, a violência,


enfim? Aqui perto não... Aqui as pessoas são mais é... Mais consciente disso, então o pessoal tem agricultura, que é como é normal como antigamente se plantava na agricultura. Todo mundo vive da agricultura, né? Mas desmatamento grande assim é... Não, não. Não tem não... Qual a sua visual favorita? Assim, andando pela estrada. Alguma coisa que tu... Ai, isso aqui é muito bonito... Eu gosto muito. A paisagem, né? A paisagem, as casas antiga, a colonização, pessoas antiga. É isso que faz do município uma colonização italiana, né? A gente tem que se basear pelos italianos que imigraram aqui, né. Que vieram de lá. Que desmataram, que progrediram, né? É isso que eu acho. Tu acha importante preservar essas edificações, a igreja, a casa? É importante, porque é nossa história, né? A nossa história da imigração. A nossa descendência, da onde veio, quem fez, quem produziu e tamo aqui é até hoje, né? É por causa dessa descendência, né? Tu conhece ou pratica algum prato típico, um ritual religioso, alguma cantoria... A minha cultura é italiana, né. Então, meus pais são italiano, meu tataravô veio de lá, da Itália... E a gente é é ultua essa, como é que eu vou dizer, essa origem, essa comida típica que veio de lá. A gente... Desde os antigos a gente vem cultuando isso, não tem? Em questão de religião... Meus tataravô era tudo católico... Hoje eu sou evangélica porque o mundo mudou muita coisa, né? Mas a gente respeita muito a religião aqui. Aqui, a maioria a maioria do comunidade é tudo católico, né? Uma porque vieram de lá, cultuaram isso, deram origem a isso também... Então a gente respeita todas as religiões, né? Mas em questão da comida típica, isso já vem desde lá da Itália, vem vindo pra cá. E a gente... Eu acho que é uma comida saudável também, né? É uma comida saudável. É uma comida que... Como diz o outro, quem já é descendente já gosta mesmo, né? Mas eu gosto, gosto bastante... Não tem porque... Não troco. O que é esse lugar pra ti? O que que é? É um lugar de respeito, de origem e é um lugar humilde, não tem? Assim, um lugar... Bom de se morar. Calmo, tranqüilo... As pessoas são muito respeitosas aqui... Não tem pessoas é... Como é que vou dizer pra ti, pessoas que dá gosto de conversar. Pessoas que tem respeito pelo vizinho, tem respeito pelas origens, tem respeito pelas religiões. Eu gosto, gosto muito daqui. Lugar calmo, não tem? Mas assim ó, eu não trocaria... Se eu tenho meu serviço aqui eu não troco pela cidade. Não troco porque... Aqui é um lugar muito assim, como é que eu vou dizer pra ti, é um lugar muito bom de se morar, não tem? Quem vive é que sabe... Só troca mesmo quem tem filho que estuda fora... Por que assim ó, o interior ele é lugar mais de agricultura e os filhos vão crescendo, vão estudando, vão saindo fora... Não são os filhos assim que querem mais a agricultura, porque a agricultura ultimamente tá meio em decadência, né... Mas é um lugar muito bom. Eu gosto... E vocês trabalham com agricultura? A gente trabalha com batata, né. A gente compra e vende. Aham! Mas a gente compra tudo dos colono daqui perto, né? Que planta e vende também... Aham!



CÓD. PEG001	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Torres Propriet.atual: Marta Torres Matiola Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1960 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira tipo paulistinha. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Assoalho em madeira e divisórias originais. Cozinha e serviços em madeira unida a edificação principal por passagem coberta.			
Observações: A propriedade possui engenho de farinha desativado que funcionava através de roda d'água (não existe mais) e estrebaria.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

CÓD. PEG002	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Zandomênic Propriet.atual: Oto Pedro Zandomênic Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1920 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de 4 águas de telha do tipo capa-canal e beira-seveira com frisos acima das aberturas. Aberturas de vergas retas e molduras em argamassa. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Assoalho em madeira e divisórias originais. Cozinha, serviços e quartos de empregados também em alvenaria de tijolos maciços unida a edificação principal por passagem em madeira com cobertura de duas águas de telhas de mesmo tipo.			
Observações: A propriedade possui serraria e as edificações possuem alguns móveis originais.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN



CÓD. PEG003	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Debona Propriet.atual: Jacó Debona Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1900 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cachorrada c/ guarda-pó de madeira junta seca. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas. Assoalho em madeira e divisórias não originais. Cozinha e serviços em madeira unida a edificação com prolongamento da cobertura original.			
Observações: A edificação encontra-se abandonada e com problemas de infiltração e goteiras danificando a cobertura e o taboado do assoalho			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN



CÓD. PEG004	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Bita Propriet.atual: Rosa Bita Medeiros Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1900 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e guarda pó em madeira junta seca. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça encantilhadas. Assoalho em madeira e divisórias originais. Cozinha em alvenaria de tijolos maciços unida a edificação com cobertura original de duas águas.			
Observações: A edificação possui acréscimo lateral, uma varanda em madeira com prolongamento da cobertura original.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN



CÓD. PEG005	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Nono Pedro Genovês Propriet.atual: Marco Bussolo Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1898 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria autoportante em dois pavimentos de tijolos maciços aparentes, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e guarda pó em madeira junta seca. Presença de sótão e água furtada para os fundos. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas. Assoalho em taboado de madeira e divisórias originais. Forro de um dos quartos em estuque, os demais de madeira saia-camisa. A propriedade possui uma marcenaria.			
Observações: A edificação funcionava originalmente como comércio e residência no térreo e residência no 2º pvto. A faixa de reboco que compreende acima das aberturas do 2º pavt. até a cobertura justifica-se para o não pagamento de impostos prediais que na época eram cobrados apenas de edificações rebocadas.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

CÓD. PEG006	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Genovês Propriet.atual: Genovês Egídio Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas Endereço: Estrada Geral Pedrinhas Ano construção: 1927 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			 
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados e embasamento em pedra corrida regular com porão alto. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira tipo paulistinha. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Janelas do porão alto apresentam gradil metálico. Assoalho em taboado de madeira junta seca e divisórias não originais.			
Observações: Construída originalmente em 1927 para ser escola, hoje, trata-se de uma residência com o porão alto sem uso.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

<p>CÓD. PEG007 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Igreja São Pedro e Santo Antônio</p> <p>Propriet.atual: Mitra</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Pedrinhas</p> <p>Endereço: Estrada Geral Pedrinhas</p> <p>Ano construção: 1908/27/58 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Possui uma única torre sineira central. Nave com cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa. Apresenta ainda, dois altares laterais com cobertura de duas águas e telhas do mesmo tipo. Aberturas em arco pleno. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas.</p> <p>Observações: A edificação foi construída em três etapas a 1ª em 1908 (atual nave), 2ª em 1927 e por fim a torre central em 1958.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG008 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Tartari</p> <p>Propriet.atual: Pedro Zanelatto</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Ilhota</p> <p>Endereço: Estrada Geral Ilhota</p> <p>Ano construção: 1958 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira junta seca . Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Assoalho em madeira e divisórias não originais. Acréscimo lateral para criação de varanda coberta com prolongamento da cobertura original.</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG009 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Abandonada</p> <p>Propriet.atual: Não identificado</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Ilhota</p> <p>Endereço: Rodovia SC 440</p> <p>Ano construção: Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira junta seca e cimalha em argamassa. Aberturas de vergas retas com molduras lisas em argamassa. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Assoalho em madeira e divisórias não originais. Cozinha original em alvenaria autoportante junto ao corpo principal.</p> <p>Observações: Propriedade abandonada com sérios problemas de umidade e telhado prestes a ruir.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>

CÓD. PEG010	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Zanelatto Propriet.atual: Lúcio Zanelatto Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Ilhota Endereço: Estrada Geral Ilhota Ano construção: 1960 Técnica constr.: madeira			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira sem pintura com embasamento em pilares de pedras de granito cortadas. Cobertura de seis águas de telha cerâmica do tipo francesa com adorno na cumeeira e guarda pó em madeira tipo paulistinha. Acréscimo de banheiro junto ao corpo principal. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Presença de alpendre com guarda corpo balaustrado em madeira. Forro e assoalho em madeira e divisórias originais.			
Observações:			




CÓD. PEG011	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa dos Arcos Propriet.atual: Não identificado Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Ilhota Endereço: Estrada Geral Ilhota Ano construção: 1884 Técnica constr.: alvenaria autoportante			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante, com planta retangular e circulação central. Cozinha da residência pertence ao corpo principal, assim como o banheiro. Presença de sótão e óculo nas empenas. Cobertura de duas águas de telhas do tipo francesa e conjunto de cimalha, lacrimal, solfite e cunhais decorados. Aberturas em arco pleno emolduradas e decoradas. Esquadrias de bandeiras fixas envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas.			
Observações: Edificação construída pela rede ferroviária em 1884 para abrigar seus engenheiros.			




CÓD. PEG012	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Proprietário não encontrado Propriet.atual: Não identificado Bairro/Estrada/Caminho: Bairro Ilhota Endereço: Estrada Geral Ilhota Ano construção: 1948 Técnica constr.: alvenaria autoportante			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de seis águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira junta seca e cimalha em argamassa. Aberturas de vergas retas com molduras decoradas em argamassa. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Cozinha original, em mesmo sistema construtivo, junto ao corpo principal.			
Observações:			






CÓD. PEG013 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Casa Marcon Propriet.atual: Paulo Marcon Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Rua principal (praça) Ano construção: 1925 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha do tipo francesa e guarda pó em madeira tipo paulistinha e friso em argamassa. Aberturas de vergas retas . Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas. Cozinha original em alvenaria autoportante, de mesmo sistema construtivo, junto ao corpo principal. Acréscimo de alpendre na fachada lateral. Presença de sótão c/ janela de verga reta na fachada principal. Observações: Janela do sótão com balcão de madeira balaustrada.	
CÓD. PEG014 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Casa Família marcon Propriet.atual: Família marcon Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Rua principal (praça) Ano construção: 1920 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação geminada em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas tipo capa-canal e cimalha em argamassa. Aberturas de vergas retas . Esquadrias de madeira envidraçadas tipo guilhotina, venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas, marco das aberturas em madeira. Acréscimo de cozinha em alvenaria autoportante junto ao corpo principal com prolongamento da cobertura original. Paredes divisórias de alvenaria de tijolos maciços e piso cerâmico não originais. Observações: Atualmente funciona comércio local (agropecuária, farmácia e bar)	
CÓD. PEG015 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Casa Família Antunes Propriet.atual: José Antunes Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Rua principal (praça) Ano construção: 1934 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo capa-canal, cimalha e friso em argamassa. Presença de sótão com janela de verga reta. Aberturas de vergas retas . Esquadrias de madeira alteradas com aberturas de novos vãos. Cozinha em alvenaria autoportante junto ao corpo principal com prolongamento da cobertura original. Paredes divisórias de alvenaria de tijolos maciços e piso cerâmico não originais. Observações: Atualmente funciona comércio local (bar) e residência da família.	


<p>CÓD. PEG016 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Clube 12 de Outubro</p> <p>Propriet.atual: Sociedade Clube 12 de Outubro</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Rua principal</p> <p>Ano construção: 1907 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa, platibanda e frontão decorados com cimalha, belas inscrições do clube e data de fundação. Aberturas de vergas retas decoradas e molduras retas em argamassa. Esquadrias com bandeiras fixas de madeira envidraçadas e venezianas, folhas de madeira maciça almofadadas. Cozinha e bar junto ao corpo principal.</p> <p>Observações:</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>  <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG017 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Estação Ferroviária</p> <p>Propriet.atual: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Rua principal</p> <p>Ano construção: 1884 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input checked="" type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços rebocados, embasamento de pedra regular. Acréscimo lateral de banheiros. Presença de sótão e óculo nas empenas. Cobertura de duas águas de telhas cerâmicas do tipo capa-canal substituídas. Aberturas em vergas retas emolduradas em argamassa. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça almofadadas.</p> <p>Observações: Antiga Estação Ferroviária, atualmente funciona a Casa da Cultura do município.</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>  <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG018 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Enxaimel</p> <p>Propriet.atual: Família Fontanella/Piúco</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Ilhota (margem esquerda)</p> <p>Endereço: Estrada Geral Ilhota (margem esquerda)</p> <p>Ano construção: 1900 Técnica constr.: enxaimel</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input checked="" type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria de tijolos maciços aparentes e enxaimel, com bela implantação sob a sombra de uma figueira centenária. Planta tradicional de circulação central. Acréscimo de cozinha na fachada lateral junto ao corpo principal com cobertura de telha cerâmica tipo capa-canal e alpendre com cobertura de telha francesa. Aberturas em vergas retas e marco de madeira. Esquadrias em madeira de folhas maciças. Lembrequim em madeira natural. Forro em madeira tipo saia-camisinha e assoalho de taboas em junta seca.</p> <p>Observações: A edificação ainda mantém algumas características originais apesar dos acréscimos sofridos ao passar dos anos. A propriedade possui estrebaria e galpão de madeira.</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>   <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>


CÓD. PEG022 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Casa Taquini Propriet.atual: Romano Taquini Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Estrada Geral Azambuja Ano construção: 1898 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de dois pavimentos em tijolos maciços rebocados, embasamento de pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telhas do tipo francesa e conjunto de platibanda vazada e cimalha. Aberturas em arco pleno emolduradas e decoradas. Esquadrias de bandeiras fixas envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas. Presença de balcão metálico na porta central do segundo pavimento.	
Observações: A edificação funcionou como comércio no térreo e residência da família Taquini no segundo pavimento, atualmente encontra-se sem uso.	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG023 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Proprietário não encontrado Propriet.atual: Não identificado Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Estrada Geral Azambuja Ano construção: 1924 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa e cimalha em argamassa. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça encantilhadas tipo "espinha de peixe". Acréscimo de varanda na fachada lateral e alterações em vãos de aberturas (garagem).	
Observações:	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG024 informações inventário 2008	Imagens 
Denominação: Igreja do Arcanjo São Gabriel Propriet.atual: Mitra Diocesana de Tubarão Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Praça Principal Ano construção: 1944 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Possui uma única torre sineira central. Nave com cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa. Apresenta ainda, um altar lateral com cobertura de três águas e telhas do tipo francesa. Aberturas em arco pleno. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas.	
Observações:	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN


<p>CÓD. PEG025 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Junta de Serviço Militar</p> <p>Propriet.atual: Prefeitura Municipal de Pedras Grandes</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Praça Principal</p> <p>Ano construção: 1949 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas e água furçada de telha cerâmica do tipo francesa e cimalha em argamassa. Aberturas em arco abatido com marco de madeira. Esquadrias de madeira com bandeiras fixas envidraçadas e guilhotinas. Acesso principal central com vãos em arco pleno. Frontão com balcão de alvenaria de tijolos maciços rebocados. Piso de ladrilho hidráulico.</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">2008</p> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG026 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa abandonada</p> <p>Propriet.atual: Não identificado</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Estrada Geral Azambuja</p> <p>Ano construção: 1918 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços rebocados, embasamento de pedra corrida irregular com porão alto. Cobertura de quatro águas de telhas cerâmicas do tipo capa-canal e conjunto de beira-seveira e cimalha. Aberturas em arco abatido. Esquadrias de guilhotinas e folhas de madeira maciça encantilhadas. Cozinha e serviços incorporado ao corpo principal com prolongamento do telhado. Alguns vãos alterados (garagem).</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">2008</p> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG027 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa sem acesso</p> <p>Propriet.atual: Não identificado</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Pedras Grandes/Azambuja</p> <p>Endereço: Estrada Geral Azambuja</p> <p>Ano construção: 1944 Técnica constr.: madeira</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira pintada com embasamento em pilares de pedras de granito cortadas. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira tipo paulistinha. Acréscimo de banheiro junto ao corpo principal. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior. Presença de varanda com guarda corpo treliçado em madeira.</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;">2008</p> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>

CÓD. PEG028 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa Mazieiro (madeira) Propriet.atual: Luiz Mazieiro Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Pedras Grandes Ano construção: 1918 Técnica constr.: Madeira Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Exemplar em madeira sem pintura de dois pavimentos com embasamento em pedras corridas regulares, em terreno com desnível e conseqüente formação de porão baixo. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e guarda pó em madeira junta seca, possui adornos nas cumeeiras. Esquadrias de madeira maciças encanilhadas.	
Observações: A propriedade possui ainda galpão e estrebaria em madeira. No porão há alguns utensílios para produção de vinho, queijos e salame, atualmente sem uso. O proprietário pretende pintar a casa por ser de difícil manutenção.	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG029 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa sem acesso Propriet.atual: Não identificado Bairro/Estrada/Caminho: Pedras Grandes/Azambuja Endereço: Estrada Geral Azambuja Ano construção: 1944 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira sem pintura com embasamento em pilares de pedras de granito cortadas, terreno com desnível e conseqüente formação de porão baixo. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo francesa e guarda pó em madeira junta seca com mata junta. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior. Presença de alpendre com guarda corpo em madeira tipo "espinha de peixe".	
Observações:	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG030 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa Demo Propriet.atual: Antônio Demo Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Pedras Grandes Ano construção: 1947 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira envidraçadas e venezianas na parte inferior e folhas de madeira maciça encanilhadas. Cozinha de mesmo sistema construtivo unida a edificação principal. Sofreu alguns acréscimos como varanda e uma proteção para a porta principal com cobertura na fachada principal.	
Observações: A edificação passou por restauro, sem critérios de intervenção, em 2001. A propriedade possui estufa de fumo e paiol em madeira.	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

<p>CÓD. PEG031 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Della Vedova Propriet.atual: João Della Vedova Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Pedras Grandes Ano construção: 1884 Técnica constr.: tijolos maciços/madeira</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação com sistema construtivo misto tijolos maciços rebocados e madeira sem pintura com embasamento em pedras corridas irregulares e presença de nabos e burros, possui porão baixo com fechamento em pedras irregulares. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira maciças encantilhadas tipo "espinha de peixe". Cozinha em alvenaria de tijolos maciços e corpo principal em madeira.</p> <p>Observações: A edificação guarda as características originais e equipamentos utilizados pela família para cultivar o solo.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG032 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Felipe (fecularia) Propriet.atual: Alísio Felipe Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Pedras Grandes Ano construção: 1918 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular aparente, terreno c/ desnível e formação de porão alto. Cobertura de duas águas de telha capa-canal plana (alteração), cimalha de argamassa na fachada principal, lambrequim em madeira e óculo nas fachadas laterais. Aberturas de vergas retas c/ marco de madeira. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações: A edificação sofreu vários acréscimos, cozinha, varanda e garagem, tornando quase imperceptível a sua importância arquitetônica. A propriedade possui uma fecularia que produz polvilho em escala industrial.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG033 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Fretta Propriet.atual: Família Fretta Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Azambuja Ano construção: 1900 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de quatro águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cimalha em argamassa. Cozinha unida ao corpo principal da edificação que servia de comércio e residência. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhada tipo "espinha de peixe". Assoalho em taboado de madeira forro saia-camisa e divisórias originais.</p> <p>Observações: A edificação foi o primeiro comércio da família Fretta, construída em 1900. A propriedade possui galpão e estrebaria.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>




CÓD. PEG034	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Agência dos Correios Propriet.atual: Humberto Felipe Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Azambuja Ano construção: 1904 Técnica constr.: alvenaria autoportante			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços rebocados e embasamento de pedras corridas regulares. Cozinha da residência pertence ao corpo principal. Cobertura de quatro águas de telhas do tipo capa-canal e conjunto de cimalha, solfito, lacrimal e cunhais decorados. Aberturas em arco pleno emolduradas e decoradas. Esquadrias de bandeiras fixas envidraçadas e folhas de madeira maciça encantilhadas tipo "espinha de peixe".			2008
Observações: Uso original da edificação como residência e comércio, atualmente funciona uma agência dos correios e residência da família.			




CÓD. PEG035	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Indústria de Melado Propriet.atual: Júlio Traldi Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Azambuja Ano construção: 1929 Técnica constr.: alvenaria autoportante			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida irregular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cachorrada com guarda pó em madeira junta seca. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas. O interior da edificação não possui divisórias e conta com piso cerâmico (alterações).			2008
Observações: Edificação de uso original como fábrica de melado, atualmente funciona como depósito.			


CÓD. PEG036	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Igreja de São Marcos Propriet.atual: Mitra Diocesana de Tubarão Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Azambuja Ano construção: 1914 Técnica constr.: alvenaria autoportante			
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Possui uma única torre sineira central. Nave com cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo francesa. Apresenta ainda transepto. Cobertura de duas águas e telhas do tipo francesa. Aberturas em arco pleno. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça almofadadas.			2008
Observações:			





<p>CÓD. PEG037 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa do Padre</p> <p>Propriet.atual: Mitra Diocesana de Tubarão</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1944 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação de dois pavimentos em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedras corridas regulares aparentes, terreno com desnível e formação de porão baixo. Cobertura de quatro águas de telhas cerâmicas do tipo francesa e com guarda pó em madeira tipo paulistinha. Aberturas de vergas retas com peitoril decorado. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações: Na edificação funcionava originalmente um convento que foi construído em cima do antigo cemitério.</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>  <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG038 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Felipe</p> <p>Propriet.atual: Sílvio Felipe</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1920 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal totalmente refeito e telhas substituídas. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas. A planta original foi alterada, o anexo da cozinha se perdeu.</p> <p>Observações:</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>  <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG039 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Garbelotto</p> <p>Propriet.atual: Arnaldo Felipe</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Centro</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1924 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de tijolos maciços rebocados, embasamento em pedra corrida regular. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas. A planta original foi alterada, o anexo da cozinha se perdeu e foi substituído por um prolongamento da cobertura que atualmente abriga esse uso. O uso atual da edificação é mista, residência nos fundos e comércio na frente.</p> <p>Observações:</p>	<p>Imagens</p> <p>2008</p>  <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>

CÓD. PEG040	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Vinícola Felipe Propriet.atual: Germano Felipe Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Azambuja Ano construção: 1953 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria de pedras regulares aparentes, com implantação estratégica em declive formando níveis que facilitam a carga e descarga da uva e o processo de fabricação de vinho. Apresenta planta original com paredes internas também em pedras aparentes, possui piso de cimento alisado e telha vã. Cobertura de uma água com desníveis para a rua de telha capa-canal com guarda-pó em madeira paulistinha. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciças nas portas de acesso.			
Observações: A família ainda produz vinho na propriedade e está em pleno funcionamento, conta ainda com depósito, utensílios e veículos de transporte da uva no início da atividade.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG041	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Felipe Propriet.atual: Sílvio Felipe Bairro/Estrada/Caminho: Centro Endereço: Azambuja Ano construção: 1896 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria e embasamento de pedras irregulares rebocadas. Cobertura de duas águas de telha do tipo capa-canal e conjunto de cimalha, lacrimal e sófrito em argamassa. Presença de sótão com janela na fachada lateral. Cozinha em mesmo sistema construtivo unida a edificação principal. Possui lambrequin de madeira e inscrição na fachada principal da data de construção. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciça encantilhadas.			
Observações: A edificação conta ainda com porão alto onde abriga uma cantina com todos os utensílios usados para a fabricação do vinho.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG042	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Mazieiro Propriet.atual: Isaltino Mazieiro Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja (margem esquerda) Endereço: Azambuja Ano construção: 1890 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria mista, pedras irregulares e tijolos maciços aparentes, com bela implantação. Cobertura de 2 águas de telha capa-canal (já substituídas) com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Presença de sótão com janelas nas fachadas laterais. Cozinha incorporada a edificação. Possui assoalho em madeira junta seca e telha vã. Aberturas de vergas retas e marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas. Entre os vãos das aberturas aparece a alvenaria de tijolos maciços.			
Observações: As divisórias internas da edificação são de madeira junta seca e mata junta, porém, não se trata da planta original.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

<p>CÓD. PEG043 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Felipe (de pedra)</p> <p>Propriet.atual: Antônio Felipe</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja (margem esquerda)</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1870 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria de pedras irregulares rebocadas. A planta original não existe mais, a edificação não possui divisórias. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal (já substituídas) com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Presença de sótão com janelas nas fachadas laterais. Cozinha incorporada a edificação. Possui assoalho e forro em taboado de madeira junta seca. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias em folhas de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações: Edificação com reboco retirado pelo atual proprietário. A propriedade possui estufa de fumo e galpão de madeira. Acréscimos de varandas e banheiros foram feitos na fachada dos fundos e estão incorporados ao corpo principal da edificação através de cobertura de telha cerâmica.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG044 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Molon</p> <p>Propriet.atual: Lurdes Vitorino da Silva</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Rio Cintra</p> <p>Endereço: Estrada Geral Rio Cintra</p> <p>Ano construção: 1878 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de pedras irregulares rebocada com ótima implantação. Cobertura de duas águas de telha capa-canal (já substituídas) com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Presença de sótão com janela em uma das fachadas laterais. Anexo de cozinha em madeira separada do corpo principal da edificação, porém, ligadas por circulação coberta com acréscimo de um banheiro e alpendre. Possui assoalho e forro em taboado de madeira junta seca. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias em folhas de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações: A edificação possuía originalmente paredes rebocadas, atualmente apenas pequenas partes ainda possuem reboco. A propriedade possui galpão e estrebaria em madeira.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG045 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Marcon</p> <p>Propriet.atual: Antônio Marcon</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Rio Cintra</p> <p>Endereço: Estrada Geral Rio Cintra</p> <p>Ano construção: 1868 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de pedras irregulares originalmente rebocadas. Atualmente grande parte das paredes de pedra encontram-se sem reboco. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal com cachorrada. Anexo de cobertura cerâmica para abrigo do gado. Não possui mais assoalho, divisórias e forro. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias em folhas de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações: A edificação serviu de moradia para a família no início do século XX, atualmente encontra-se abandonada. A propriedade possui galpão em madeira e estufa de fumo.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>




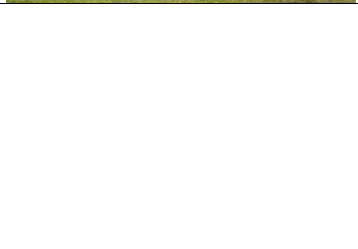


CÓD. PEG046	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Dellabruna Propriet.atual: Teereza Marcon Mandrin Bairro/Estrada/Caminho: Rio Cintra Endereço: Estrada Geral Rio Cintra Ano construção: 1880 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de pedras irregulares rebocadas. Cobertura de duas águas de telha capa-canal com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Estrutura do telhado (linhas) aparentes e decoradas. Presença de sótão com janela nas fachadas laterais. Cozinha integrada ao corpo principal da edificação. Possui assoalho e forro em taboado de madeira junta seca. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias em folhas de madeira maciça encantilhadas.			
Observações: A edificação serve de moradia para a família Dellabruna de geração em geração.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN




CÓD. PEG047	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Freccia Propriet.atual: Ozório Freccia Bairro/Estrada/Caminho: Rio Cintra Endereço: Estrada Geral Rio Cintra Ano construção: 1908 Técnica constr.: madeira Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira sem pintura com embasamento em pilares de pedras de granito cortadas e porão baixo. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cachorrada com guarda-pó em madeira maciça junta seca. Cozinha em madeira junta ao corpo principal da casa e coberta pelo prolongamento da cobertura original. Esquadrias de madeira de folhas maciças. Forro, assoalho e divisórias em madeira originais.			
Observações: No porão encontram-se equipamentos antigos em desuso para o cultivo da terra. A casa está a venda para dar lugar a uma granja de aves.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN





CÓD. PEG048	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Manarin Propriet.atual: Egílio Manarin Bairro/Estrada/Caminho: Rio Cintra Endereço: Estrada Geral Rio Cintra Ano construção: 1945 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços, com planta de circulação central. Cobertura de seis águas de telha cerâmica tipo francesa, com cimbalha lisa de tijolos maciços rebocados. Cozinha em volume lateral unida ao corpo principal da edificação. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciças encantilhadas.			
Observações:			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN



<p>CÓD. PEG049 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Straus Propriet.atual: Alcides José straus Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Azambuja Ano construção: 1895 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria mista, pedras regulares e tijolos maciços aparentes, com bela implantação. Cobertura de duas águas de telha capa-canal com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Presença de sótão com janelas nas fachadas laterais, frontão, onde aparece a alvenaria de tijolos maciços. Cozinha separada do corpo principal da casa, porém, ligadas por circulação coberta com acréscimo de banheiro. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça almofadadas não originais.</p> <p>Observações: A edificação sofreu processo de restauro e ampliação.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG050 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa straus Propriet.atual: Família straus Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Azambuja Ano construção: 1950 Técnica constr.: madeira</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação de madeira com varanda frontal, embasamento em pilares de pedras de granito cortadas. Cozinha incorporada ao corpo principal da casa. Cobertura de duas águas de telhas do tipo capa-canal. Fachada lateral com lambrequim de madeira. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira tipo venezianas.</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG051 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Quarezemim Propriet.atual: Ângelo Quarezemim Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja Endereço: Azambuja Ano construção: 1924 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços rebocada. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal. Presença de sótão com janela na fachada lateral. Cozinha em mesmo sistema construtivo unida a edificação principal com prolongamento da cobertura original. Acréscimo de varanda na fachada principal. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas.</p> <p>Observações:</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>

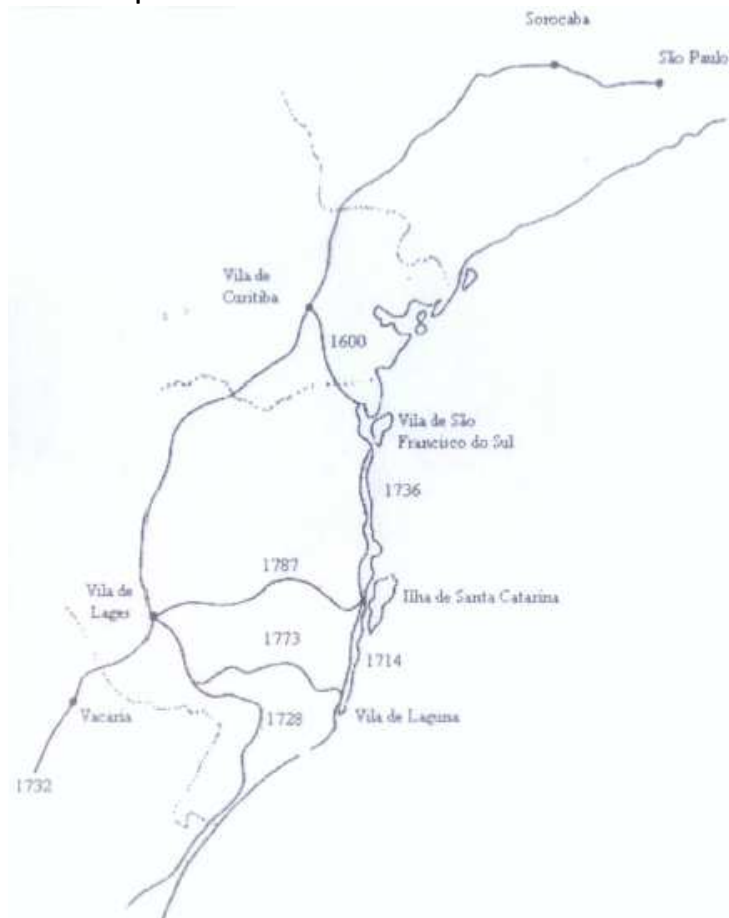
CÓD. PEG052 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa Freccia (madeira)	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Propriet.atual: Família Quarezemim	
Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja	
Endereço: Azambuja	
Ano construção: 1894 Técnica constr.: madeira	
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum	
Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira sem pintura com embasamento em pedras corridas irregulares, nabos e burros e porão baixo. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cachorrada com guarda-pó em madeira maciça junta seca. Cozinha incorporada ao corpo principal da casa. Esquadrias de madeira de folhas maciças. Forro, assoalho e divisórias em madeira originais.	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
Observações: A edificação construída em 1894 pela família Freccia Mantém suas características originais. No porão baixo pode-se encontrar utensílios domésticos e implementos agrícolas da época.	
CÓD. PEG053 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa Folchini	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Propriet.atual: Magnus Kucera	
Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja	
Endereço: Azambuja	
Ano construção: 1894 Técnica constr.: alvenaria autoportante	
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum	
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria de pedras irregulares aparentes. Cobertura de duas águas de telha capa-canal com cachorrada e guarda-pó em madeira junta seca. Estrutura do telhado (cumeeira) aparente e decorada. Presença de sótão com janela na fachada lateral. Cozinha em volume lateral unida ao corpo principal da edificação. Não possui assoalho e forro. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias em folhas de madeira maciça encantilhadas tipo "espinha de peixe".	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
Observações: Edificação em estado crítico de conservação, parte da cobertura da cozinha desabou.	
CÓD. PEG054 informações inventário 2008	Imagens
Denominação: Casa de Estuque	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Propriet.atual: Família Quarezemim	
Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja	
Endereço: Azambuja	
Ano construção: 1882 Técnica constr.: Estuque Externo	
Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum	<div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div>
Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input checked="" type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum	
Descrição Imóvel: Exemplar de Estuque externo rebocado com cozinha de madeira deslocada do corpo principal da casa, porém, ligadas por circulação coberta. Paredes internas de mesmo sistema construtivo. Presença de porão baixo com acesso interno. Cobertura de quatro águas de telha capa-canal e cachorrada com guarda-pó de madeira maciça junta seca. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas tipo guilhotina e folhas de madeira maciças encantilhadas.	Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
Observações: Segundo relatos da família, trata-se da primeira edificação erguida pelos imigrantes na rota da imigração (Laguna/Urussanga). A edificação possui mobiliário e fotos de época.	

<p>CÓD. PEG055 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Propriedade Mazieiro</p> <p>Propriet.atual: Isaltino Mazieiro</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1905 Técnica constr.: madeira</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Edificação térrea em madeira sem pintura com embasamento em nabos e burros com bela localização em colina entre coqueiros. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal e cachorrada com guarda-pó em madeira maciça junta seca. Cozinha em volume lateral unida ao corpo principal da edificação com cobertura cerâmica. Esquadrias de madeira de folhas maciças. Forro, assoalho e divisórias em madeira junta seca c/ mata junta (originais).</p> <p>Observações: A propriedade possui galpão e estrebaria em madeira, também da mesma época da construção da edificação principal.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG056 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Vinícola</p> <p>Propriet.atual: Família Quarezemim</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Azambuja</p> <p>Endereço: Azambuja</p> <p>Ano construção: 1949 Técnica constr.: alvenaria autoportante</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Exemplar em alvenaria autoportante em pedras regulares aparentes, com implantação estratégica em declive formando níveis internos que facilitam a carga e descarga da uva e o processo de fabricação de vinho. Apresenta planta original com paredes internas também em pedra aparente, possui piso de cimento alisado e telha vã. Cobertura em vários níveis de telha do tipo francesa com guarda-pó em madeira tipo paulistinha. Aberturas de vergas retas. Esquadrias de madeira envidraçadas e folhas de madeira maciças nas portas de acesso.</p> <p>Observações: A edificação possui acréscimo de escritório em tijolos maciços. A família usa o local como depósito de vinho, já que possui todos os reservatórios ainda preservados.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>
<p>CÓD. PEG057 informações inventário 2008</p> <p>Denominação: Casa Scremim</p> <p>Propriet.atual: Zelindro Scremim</p> <p>Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Pedras Grandes</p> <p>Endereço: Bairro São João</p> <p>Ano construção: 1938 Técnica constr.: madeira</p> <p>Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input checked="" type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum</p> <p>Descrição Imóvel: Exemplar em madeira com porão alto de pedra regular e tijolos maciços aparentes. Planta tradicional de circulação central e cantina desativada no porão (hoje garagem do trator). Cozinha original em madeira junto ao corpo principal da casa. Cobertura de telha tipo capa-canal com lambrequim de madeira. As esquadrias são de madeiras maciças tipo "espinha de peixe". As aberturas da cantina são gradeadas de madeira na vertical e porta de madeira maciça. Assoalho de tabuado corrido e divisórias de madeira junta seca com mata junta .</p> <p>Observações: A edificação se mantém original. As esquadrias foram reaproveitadas de um comércio que existia anteriormente no mesmo lugar.</p>	<p style="text-align: center;">Imagens</p> <div style="display: flex; align-items: center;"> <div style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg); font-weight: bold; margin-right: 5px;">2008</div>  </div> <p>Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN</p>

CÓD. PEG058	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Sorato Propriet.atual: Edson Sorato Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Ribeirão da Areia Endereço: Ribeirão da Areia Ano construção: 1938 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria autoportante de tijolos maciços rebocada, com embasamento de pedras irregulares. Cobertura de duas águas de telha cerâmica do tipo capa-canal. Cozinha em mesmo sistema construtivo unida a edificação principal não original. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira envidraçadas não originais. Forro e paredes de madeira tipo saia-camisa e assoalho de madeira junta seca originais. Cunhais decorados e cimalha de tijolos maciços na diagonal.			
Observações: Edificação construída em 1932 conforme inscrição na fachada principal. A propriedade possui ainda a edificação original em madeira com cantina desativada em pedra regular aparente.			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG059	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Simon Propriet.atual: Família Simon Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Ribeirão da Areia Endereço: Ribeirão da Areia Ano construção: 1928 Técnica constr.: alvenaria autoportante Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			
Descrição Imóvel: Edificação em alvenaria e embasamento de pedra irregular aparente c/ porão alto. Cobertura de duas águas de telha tipo capa-canal e cimalha de tijolos maciços na diagonal. Presença de sótão com janela nas fachadas laterais. Cozinha em mesmo sistema construtivo unida a edificação principal com desnível entre as duas. Possui forro e divisórias de madeira saia-camisa e assoalho em madeira junta seca. Aberturas de vergas retas com marco de madeira. Esquadrias de madeira maciça encantilhadas.			
Observações:			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN
CÓD. PEG060	informações inventário	2008	Imagens
Denominação: Casa Scremin Propriet.atual: Dante Scremin Bairro/Estrada/Caminho: Estrada Geral Ribeirão da Areia Endereço: Ribeirão da Areia Ano construção: 1946 Técnica constr.: madeira Tombamento existente <input type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input checked="" type="checkbox"/> nenhum Tombamento proposto <input checked="" type="checkbox"/> MUN. <input type="checkbox"/> EST. <input type="checkbox"/> FED. <input type="checkbox"/> nenhum			 
Descrição Imóvel: Edificação em madeira com porão alto de pedra regular. Construção posterior de cozinha em alvenaria separada do corpo principal, porém, unida à casa por circulação coberta. Cobertura de duas águas com telha capa-canal. Esquadrias de madeiras maciças encantilhadas. Aberturas do porão com gradeado metálico na vertical. Presença de edificação onde funcionava atafona e ferraria. Duas rodas d'águas que movimentavam a serraria e atafona foram desativadas em 2000. Existência dos mecanismos que movimentavam os equipamentos.			
Observações:			Existência de levantamento cadastral <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não acervo IPHAN

ANEXO 02: CAMINHOS DE SANTA CATARINA NO PERÍODO COLONIAL⁶⁵

Figura 145: Mapa dos caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina no período colonial.



FONTE: Bruggemann, 2008, p. 169.

Quadro 49: Caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina no período colonial.

Caminhos	Ano de abertura
Piabiru (ramal São Francisco do Sul)	1600 (data não é precisa)
Caminho dos Conventos	1728
Lages – Laguna	1771 – 1773
Ilha de Santa Catarina – Lages	1787
São Francisco do Sul – Ilha de Santa Catarina	1736
Ilha de Santa Catarina – Laguna	1714 (notícia da primeira vez que o trajeto foi utilizado)
Sorocaba – Viamão	1732 – 1733

FONTE: Bruggemann, 2008, p. 168.

De São Francisco do Sul para Curitiba: do sítio chamado Tres–Barras, segundo um documento que temos presente (inedito e m.s); foi aberta esta comunicação pelos annos de 1600. Achava–se quasiintransitavel quando a Assembléa Legislativa da Provincia, pela sua Lei nº146 de 1840, a mandou reparar. **Estrada do litoral (na terra firme) desde S. Francisco do Sul até a Ilha de Santa Catharina:** Foi mandada abrir pelo Dr. Ouvidor de Paranaguá Manoel dos Santos Lobato, como se vê d’uma carta que dirigio à Camara da Laguna em 24 de outubro de 1736. Parte desta estrada, isto é, desde o lugar denominada– Inferninho – na Freguezia de S. Miguel, até S. Francisco, foi reparada (pelos moradores sem estipendo algum) pelo Governador o Brigadeiro Francisco de Barros de Moraes Araujo Teixeira Homem, no anno de 1785, como consta d’um officio que dirigio à Camara da Capital em 5 de Julho desse anno; sendo aprovado este trabalho pelo Vice–Rei do Estado Luiz de Vasconcellos e Souza, por officio que diriggio ao mesmo Governador em 28 do mezreferido. **Dos Conventos para cima da Serra:** No anno de 1727 o Governador General de S. Paulo Antonio da Silveira Caldeira Pimentel, mandou Francisco de Souza de Faria (a quem nomeou ‘Sargento–mór das vizinhanças do Rio Grande do Sul e seus sertões, dando–lhe instrucções a 19 de Setembro d’esse anno) abrir uma estrada ou comunicação da costa do mar, ou poronde conviesse, e conduzir gados e cavalgaduras para os campos Geraes e Curitiba; ordenando a todas as autoridades, Camaras e Justiças lhes prestassem auxilio de gente, ferramenta e quanto precisasse. Na volta do Sul foi que o dito Faria Abrio a comunicação chamada hoje Estrada dos Conventos – e por ellaintroduzzio gados e cavalgaduras para os campos Geraes e Curitiba. Esta estrada tornou–se logo de muito transito de gente, commercio, animaes, etc (...) até que se abriu outra de mais fácil comunicação com o Sul, por cima da Serra. **De Tubarão a Lages:** Não sabemos a época em que os primeiros exploradores atravessarão os sertões do Tubarão a Lages, ou os campos chamados de cima da Serra; mas é certo que, governando a Provincia Francisco de Souza Menezes, no anno de 1771, foi aberta esta estrada pela Camara de Laguna, como se vê no officio que lhe dirigio o mesmo Governador em 5 de Janeiro desse anno. Para abertura desta estrada se offerceco e muito concorreo o Capitão–mór da Villa de Lages Antonio Correia Pinto, mandnado ajudar no trabalho homens de districto de sua jurisdicção (...). Em Janeiro de 1773 ainda se trabalhava nessa estrada. **De S. José à Lages:** Posto que por uma carta do Capitão General de S. Paulo, D. Luiz Antonio de Souza, de 24 de Julho de 1772, dirigida ao Governador de Santa Catharina Francisco de Souza Menezes, exigisse a abertura de ‘uma via de comunicação pela Serra com o continente do Sul e S. Paulo, afim de poder tomar medidas e providencias a tempo contra os castelhanos no caso de alguma invasão’ todavia, nem um efeito teve essa exigência. A abertura pois da estrada de Lages deve–se ao esclarecido governo do Vice–Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, que ordenou ao Governador José Pereira Pinto ‘a abertura pelo sertão de uma comunicação com a Villa de Lages a S. Paulo’.

⁶⁵COELHO, Manoel Joaquim D Almeida. **Memoria historica da Provincia de Santa Catharina.** Santa Catharina: Typ. Desterrense de J. J. Lopes, 1856. 216 p. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/projeto_obras_raras/82096.pdf>. Acesso em: 03 de abr. 2012.

ANEXO 03: RELAÇÃO DE INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS AGROPECUÁRIAS BRASILEIRAS REGISTRADAS ATÉ 21 DE JULHO DE 2016.

Denominação de Origem			
Nome	Produto/ Serviço	Ano	UF
Costa Negra	Camarões	2011	CE
Litoral Norte Gaúcho	Arroz	2010	RS
Manguezais de Alagoas	Própolis vermelha e extrato de própolis vermelha	2012	AL
Região do Cerrado Mineiro	Café	2014	MG
Vale dos Vinhedos	Vinho: tinto, branco e espumante	2012	RS
Indicação de Procedência			
Nome	Produto/ Serviço	Ano	UF
Alta Mogiana	Café	2013	SP
Altos Montes	Vinhos e espumantes	2012	RS
Canastra	Queijo	2012	MG
Carlópolis	Goiaba	2016	PR
Farroupilha	Vinho Fino Branco Moscatel; Vinho Moscatel Espumante; Vinho Frisante Moscatel; Vinho Licoroso Moscatel; Mistela Simples Moscatel; Brandy de Vinho Moscatel	2015	RS
Linhares	Cacau em amêndoas	2012	ES
Mara Rosa	Açafrão	2016	GO
Maracaju	Linguiça	2015	MS
Microrregião de Abaíra	Aguardente de cana tipo cachaça	2014	BA
Monte Belo	Vinhos	2013	RS
Mossoró	Melão	2013	RN
Norte Pioneiro do Paraná	Café verde em grão e industrializado torrado em grão e ou moído	2012	PR
Norte Pioneiro do Paraná	Café verde em grão e industrializado torrado em grão e/ou moído	2012	PR
Pampa Gaúcho da Campanha Meridional	Carne bovina e seus derivados	2006	RS
Pantanal	Mel	2015	MS/ MT
Paraty	Aguardente: tipo cachaça e aguardente composta azulada	2007	RJ

Piauí	Cajuína	2014	PI
Pinto Bandeira	Vinhos: tinto, branco e espumante	2010	RS
Região da Serra da Mantiqueira	Café	2011	MG
Região do Cerrado Mineiro (*)	Café	2005	MG
Região da Pinhal	Café verde e café torrado e moído	2016	SP
Região de Salinas	Aguardente de cana tipo cachaça	2012	MG
Serro	Queijo Minas artesanal do Serro	2011	MG
Vale do submédio do São Francisco	Uvas de mesa e manga	2009	PE
Vale dos Sinos	Couro acabado	2009	RS
Vale dos Vinhedos (*)	Vinhos: tinto, branco e espumante	2002	RS
Vale da Uva Goethe	Vinho de uva Goethe	2012	SC

(*) As IG Vale dos Vinhedos e Região do Cerrado Mineiro eram, originalmente, Indicações de Procedência. Posteriormente, obtiveram o registro de Denominação de Origem, constando, portanto, 2 vezes na tabela acima.

Fonte: INPI, 2016.